



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO - CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO - PGET

FERNANDO DE CARVALHO PARENTE JUNIOR

**COMPETÊNCIA À PROVA DE DESASTRES:
AS HABILIDADES DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS-PORTUGUÊS
EM ATUAÇÃO REMOTA PRÉ E PÓS-PANDEMIA**

FLORIANÓPOLIS - SC

2024

FERNANDO DE CARVALHO PARENTE JUNIOR

COMPETÊNCIA À PROVA DE DESASTRES:
AS HABILIDADES DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS-PORTUGUÊS
EM ATUAÇÃO REMOTA PRÉ E PÓS-PANDEMIA

Tese de Doutorado em Estudos da Tradução,
área de Concentração: Processos de
retextualização. Apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de Doutor pelo
Programa de Pós-Graduação em Estudos da
Tradução – PGET, da Universidade Federal de
Santa Catarina – UFSC.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique
Rodrigues

FLORIANÓPOLIS - SC

2024

Parente Jr, Fernando de Carvalho

Competência à prova de desastres : As habilidades dos intérpretes de Libras-português em atuação remota pré e pós pandemia / Fernando de Carvalho Parente Jr ; orientador, Carlos Henrique Rodrigues, 2024.

344 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Interpretação Remota. 3. Competência do Intérprete. 4. Intérprete de Libras. 5. Estudos da Interpretação. I. Rodrigues, Carlos Henrique. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

FERNANDO DE CARVALHO PARENTE JUNIOR

COMPETÊNCIA À PROVA DE DESASTRES:
AS HABILIDADES DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS-PORTUGUÊS
EM ATUAÇÃO REMOTA PRÉ E PÓS-PANDEMIA

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado em
23 de fevereiro de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Marcus Vinicius Batista Nascimento
(PGET/UFSCar) | Examinador

Profa. Dra. Patrícia Tuxi dos Santos
(POSTRAD/UnB) | Examinadora

Prof. Dr. Diego Maurício Barbosa
(POSTRAD-UnB/UFG) | Examinador

Profa. Dra. Patrizia Cavallo
(APULIA Traduções e Interpretações/UFRGS) | Examinadora

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado
adequado para obtenção do título de Doutor em Estudos da Tradução.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues
(PGET/UFSC) | Orientador

Florianópolis, 2024

Dedico este trabalho a todos os intérpretes que nunca terão a oportunidade de refletir e (re)significar suas competências profissionais, pois na injusta batalha pela sobrevivência frente a um vírus mortal, infelizmente, vieram a perder seu bem mais valioso: a vida...

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, por cuidar de mim em todos os aspectos;

À minha esposa, Magally, pelo amor, companheirismo, suporte e encorajamento de todo dia;

Ao meu filho, Gael, por me (re)ensinar o sentido da vida;

Aos meus pais, pela educação que me propiciaram;

Aos meus irmãos, Marcello e Nathalia, pelo apoio e amor incondicional;

Aos amigos, em especial, Sonia Marta, Mariana Farias, Tiago Coimbra, Vinicius Nascimento, Carlos Rodrigues, Renata Vilaça, Tiago Sampaio, Ramon Pessoa, Hanna Beer, Wharley Santos e Fernando Fogaça pelas contribuições, conversas, ideias, e acompanharem minha trajetória;

Ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Rodrigues, pelas orientações, as conversas, e as vivências que perpassaram os muros do meio acadêmico;

Aos professores da PGET/UFSC, por serem fontes de conhecimento e inspiração, na vida acadêmica e na vida pessoal;

À banca do Exame de Qualificação, nas pessoas dos Intérpretes-Professores Vinicius Nascimento, Guilherme Lourenço, Patrícia Tuxi e Patrizia Cavallo, pelas valiosas contribuições ao trabalho;

À banca de Defesa da Tese, nas pessoas dos Intérpretes-Professores Vinicius Nascimento, Patrícia Tuxi, Diego Barbosa, e Patrizia Cavallo, pela leitura cuidadosa e sugestões de melhoria;

Aos intérpretes que atuaram na sessão de defesa final da tese: Tiago Coimbra, Vânia Santiago, Carol Fomin, Fernando Guedes e Jade Moia.

Aos intérpretes participantes desta pesquisa, sem os quais não poderia realiza-la. Nosso tempo e nosso conhecimento são nossos bens mais valiosos, obrigado por compartilha-los comigo;

À UFC, por propiciar incentivo à nossa qualificação como docente e por ser um espaço acolhedor e plural;

Ao DELLES, pela oportunidade de dedicação à minha formação, em especial aos colegas do setor de Linguística: Mariana Farias, Patrícia Viera e Rodrigo Machado;

À Febrapils e ao movimento associativo brasileiro, lugar de desafios e muito aprendizado;

À comunidade Surda e todos os TILS do Brasil, sempre os terei no meu *coração de intérprete*.

No meio do Caminho

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.*

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

PARENTE JR., Fernando de Carvalho. **Competência à prova de desastres: as habilidades dos intérpretes de Libras-português em atuação remota pré e pós-pandemia**. 344 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

Essa pesquisa se insere no âmbito dos “Estudos da Interpretação” em interface com a área denominada “Estudos do Desastre”, e se configura como uma investigação das percepções de mobilização da competência do intérprete de Libras-português mediante a atuação remota provocada pela pandemia de covid-19. Desta forma, buscamos compreender como o serviço de interpretação mediado por tecnologia, implementado de forma emergencial durante a pandemia, suscitou um complexo processo de adaptação intencional. Como método, elaboramos e aplicamos um questionário de levantamento abordando as seguintes áreas: 1. o perfil demográfico dos participantes; 2. sua atuação e a percepção de efeitos relacionados à prestação de serviços remotos; e 3. a autoavaliação do conjunto de habilidades que compõem a competência do intérprete, conforme o modelo proposto por Cavallo (2022). A análise estatística adotou o teste de Wilcoxon e o teste *d* de Cohen, considerando como critério de significância $p < 0,05$. As análises foram feitas no sentido de comparar os perfis de resposta nos períodos pré e pós-pandêmicos, em uma amostra composta por 211 intérpretes de Libras-português. Os resultados apontam para um processo de adaptação e desenvolvimento de habilidades específicas, especialmente as anteriores ao processo de interpretação, como o conhecimento de tecnologia aplicada à interpretação remota e o nível de proficiência das línguas de trabalho. Outras habilidades, internas ao processo (como gestão de múltiplos estímulos e informações durante a interpretação) e habilidades extrínsecas (como o conhecimento de negócio), foram avaliadas como positivamente impactadas. Habilidades relacionadas à gestão terminológica, e à adoção de medidas de promoção da saúde física e mental se impuseram como pontos de atenção a serem melhor desenvolvidos. Conclui-se que, embora a pandemia em si não tenha sido a responsável direta pelo desenvolvimento de habilidades nos intérpretes, as condições por ela impostas – especialmente o distanciamento social – funcionaram como catalizadores para o desenvolvimento e a adaptação profissional. A evolução na oferta de serviços remotos e o aprimoramento da competência do intérprete apontam para uma transição de um modelo de interpretação remota emergencial, fortemente ligada ao contexto pandêmico, para a interpretação remota propriamente dita, com parâmetros e práticas bem estabelecidas.

Palavras-chave: Interpretação Remota; Competência do Intérprete; Intérprete de Libras; Estudos da Interpretação; Estudos do Desastre.

ABSTRACT

PARENTE JR., Fernando de Carvalho. **Disaster-proof competence: Portuguese - Libras (Brazilian Sign Language) interpreters' skills in remote performance before and after the pandemic.** 344 p. Dissertation (Ph.D.) - Postgraduate Program in Translation Studies, Center for Communication and Expression, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

This research is situated within the scope of "Interpretation Studies" in interface with the field known as "Disaster Studies", as it constitutes an investigation of Libras-Portuguese interpreters' mobilization perceptions of their professional competence in the context of remote performance prompted by the covid-19 pandemic. Thus, we aim to understand how the interpretation service, mediated by technology and implemented as an emergency measure during the pandemic, elicited a complex process of intentional adaptation. As a method, we developed and applied a survey addressing the following areas: 1. the demographic profile of the participants; 2. their performance and perception of effects related to the provision of remote services; and 3. self-assessment of the set of skills that compose the interpreter competence, according to the model proposed by Cavallo (2022). The statistical analysis involved Wilcoxon test and Cohen's *d* test, considering a significance criterion of $p < 0.05$. The analyses aimed to compare response profiles before and after the pandemic in a sample composed of 211 Libras-Portuguese interpreters. The results show a process of adaptation and development of specific skills, especially those preceding the interpretation process, namely pre-process skills, such as knowledge of technology applied to remote interpretation and the level of proficiency in working languages (Libras and Brazilian Portuguese). In-process skills (such as managing multiple stimuli and information during interpretation) and para-process skills (such as business knowledge), were assessed as positively impacted. Skills related to terminological management, and the adoption of measures to promote physical and mental health, emerged as points of attention to be further developed. It is concluded that, although the pandemic itself was not directly responsible for the development of the interpreters' skills, the conditions it imposed – especially social distancing – acted as catalysts for professional development and adaptation. The evolution in the provision of remote services and the enhancement of the interpreter's competence indicate a transition from an *emergency* remote interpretation model, strongly related to the pandemic context, to a remote interpretation model *per se*, with well-established parameters and practices.

Keywords: Remote Interpretation; Interpreter Competence; Libras Interpreter; Interpretation Studies; Disaster Studies.



RESUMO EM LIBRAS



Resumo da tese de Doutorado:

**COMPETÊNCIA À
PROVA DE DESASTRES:**

As habilidades dos intérpretes
de Libras-português em atuação
remota pré e pós-pandemia.

Fernando de Carvalho Parente Jr.
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET
Centro de Comunicação e Expressão – CCE
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC



Assista no YouTube: https://youtu.be/EProjVuP_RE

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRATES - Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes

AHC - Associação Internacional de Intérpretes de Conferência

APIC - Associação Profissional de Intérpretes de Conferência

APILCE - Associação dos Profissionais Intérpretes de Libras do Ceará

APILS - Associações de Tradutores, Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais

COVID-19 - *Coronavirus Disease 2019* (Doença do Coronavírus 2019)

DELLES - Departamento de Letras Libras e Estudos Surdos

ETILS - Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais

FEBRAPILS - Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais

GI - Guia-intérprete

IR - Interpretação remota

ISO - Organização Internacional para Padronização

LS - Língua de Sinais

ONU - Organização das Nações Unidas

PACTE - *Procés d'Adquisició de la Competència Traductora i Avaluació* (Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação)

PROLIBRAS - Exame Nacional de Proficiência no uso e no ensino de Libras e Tradução e Interpretação de Libras/Português/Libras

TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação

TILS - Tradutor/intérprete de Língua de Sinais

UFC - Universidade Federal do Ceará

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNDRR - *United Nations Office for Disaster Risk Reduction*

WASLI - *World Association of Sign Language Interpreters*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Teste de Wilcoxon.....	196
Tabela 2 - Teste de d de Cohen	198

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Matriz de Categorização Conceitual da Pesquisa	29
Quadro 2 - Conceitualizações de competência tradutória	38
Quadro 3 - Subcompetências e Componentes psicofisiológicos (PACTE).....	40
Quadro 4 - Habilidades Anteriores ao Processo	50
Quadro 5 - Habilidades Internas ao Processo	51
Quadro 6 - Habilidades Posteriores ao Processo	52
Quadro 7 - Habilidades Envolvendo o Processo	52
Quadro 8 - Habilidades Extrínsecas ao Processo	53
Quadro 9 - Elementos da comunicação oral	57
Quadro 10 - Quem está remoto?	70
Quadro 11 - Publicações na área dos Estudos do Desastre no Brasil.....	102
Quadro 12 - Pós-Graduação sobre Estudos do Desastre e correlatos no Brasil	103
Quadro 13 - As fases de um desastre.....	105
Quadro 14 - Pesquisas de levantamento em Estudos da Interpretação.....	123
Quadro 15 - Procedimentos de elaboração do questionário	124
Quadro 16 - Variáveis de dados e suas definições	125
Quadro 17 - Levantamento de itens para coleta de dados	126
Quadro 18 - Elaboração das asserções de atributo	129
Quadro 19 - Elaboração das asserções de variável comportamental.....	130
Quadro 20 - Elaboração das asserções de opinião.....	134
Quadro 21 - Elaboração das questões de fechamento	138
Quadro 22 - Escala de Likert.....	140
Quadro 23 - Recomendações para escalas Likert.....	141
Quadro 24 - Procedimentos de divulgação da pesquisa	144
Quadro 25 - Cotejo da distribuição populacional do Brasil e distribuição da pesquisa	149
Quadro 26 - Tamanho do efeito <i>d</i> de Cohen	154
Quadro 27 - Número de respondentes	159
Quadro 28 - Taxa de respostas e tempo de conclusão	160
Quadro 29 - Habilidades Anteriores ao Processo	243
Quadro 30 - Habilidades Internas ao Processo	245
Quadro 31 - Habilidades Posteriores ao Processo	247
Quadro 32 - Habilidades Envolvendo o Processo	249
Quadro 33 - Habilidades Extrínsecas ao Processo	250

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Painel de notícias sobre covid-19 do Google News	24
Figura 2 - Interseção dos campos disciplinares e a localização dos ETILS	32
Figura 3 - Enquadramento teórico desta pesquisa	33
Figura 4 - Modelo de competência tradutória proposto pelo Grupo PACTE.....	39
Figura 5 - O modelo de competência do intérprete resultante da perspectiva didática e a baseada no processo e experiência	47
Figura 6 - Modelo de Competência do Intérprete de Conferências.....	48
Figura 7 - Modelo de competência tradutória intermodal	56
Figura 9 - Trecho do documentário <i>The Interpreters: A Historical Perspective</i>	65
Figura 10 - Classificações da Interpretação Remota	67
Figura 11 - Sinais de Interpretação Remota em Libras	71
Figura 12 - Substituição do ponto de articulação para reduzir proximidade física	77
Figura 13 - Máscara transparente permite visualização da boca	78
Figura 14 - Publicações da Febrapils sobre o trabalho em tempos de covid-19	79
Figura 15 - Trecho da Lista de Referência da Febrapils.....	80
Figura 16 - Traduções de documentos internacionais sobre atuação do intérprete de línguas de sinais durante a pandemia.....	81
Figura 17 - <i>The Basics: Remote Interpreting in the Covid-19 World</i>	83
Figura 18 - Tradução da publicação “Comitê divulga documento com respostas às dúvidas frequentes sobre covid-19 para a população”	87
Figura 19 - Interação entre intérprete do turno e intérprete de apoio na IR	88
Figura 20 - Local de trabalho remoto de uma intérprete de Libras em contexto pandêmico ...	89
Figura 21 - Interpretação em Libras da <i>live</i> da cantora Marília Mendonça	90
Figura 22 - Tipos de apoio mapeados na interpretação remota em português-Libras.....	91
Figura 23 - Dificuldades na atuação de TILS durante o ensino remoto	92
Figura 24 - Principais temáticas abordadas: principais reflexões, desafios, ético/estético	93
Figura 25 - Conceitualização dicionarizada da palavra crise pela Infopédia	96
Figura 26 - Conceitualização dicionarizada da palavra “crise” pelo Michaelis	97
Figura 27 - <i>What Is a Disaster?: A Dozen Perspectives on the Question</i>	99
Figura 28 - Diagrama para Desastre, Crise e Emergência.....	100
Figura 29 - Publicações no âmbito dos Estudos do Desastre	101
Figura 30 - <i>Typical representation of the disaster management cycle</i>	106
Figura 31 - A tradução e interpretação no Ciclo de Gerenciamento de Desastres	107
Figura 32 - Hélice ilustra a redução de risco no decorrer do tempo.....	108
Figura 33 - <i>Mediating emergencies and conflicts: Frontline translating and Interpreting</i> ...	110
Figura 34 - <i>Translation in Cascading Crises</i>	112
Figura 35 - <i>Translating Crises</i>	113
Figura 36 - Relação entre universo de estudo e amostra segundo PACTE	116
Figura 37 - Modificação da competência do intérprete frente ao contexto de crise.....	120
Figura 38 - Questões do tipo menu suspenso	139
Figura 39 - Questões finais do questionário	139
Figura 40 - Interface do questionário de levantamento	143
Figura 41 - Alcance da pesquisa por redes sociais	147
Figura 42 - Vídeo-lembretes de convite para a pesquisa.....	148
Figura 43 - Correlação de postagem de lembretes e número de respostas	149
Figura 44 - Conversão de dados Likert	151

Figura 45 - Processo de elaboração do Mapa de Calor	158
Figura 46 - Representação quantitativa de sexo e distribuição geográfica.....	161
Figura 47 - Proporção das categorias de sexo	162
Figura 48 - Agrupamento por tempo de experiência.....	165
Figura 49 - Aquisição de tecnologias e equipamentos para atuação remota	177
Figura 50 - Ferramenta de Interpretação de Línguas de Sinais no Zoom.....	181
Figura 51 - Habilidades do processo em células individuais.....	197
Figura 52 - Exemplo de <i>lives</i> realizadas pela Febrapils	236
Figura 53 - Mapa de calor ilustrando o efeito de variação nos conjuntos de habilidades que compõem a competência do intérprete	242
Figura 54 - Mapa de Calor aplicado ao Modelo de Competência do Intérprete	253
Figura 55 - Percurso dos TILS na pandemia	258
Figura 56 - Modificação da competência do intérprete frente ao contexto de crise.....	260

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráficos de barras empilhadas divergentes.....	156
Gráfico 2 - Localização	163
Gráfico 3 - Faixa etária.....	163
Gráfico 4 - Experiência.....	164
Gráfico 5 - Nível de escolaridade	166
Gráfico 6 - Contextos de atuação	167
Gráfico 7 - Pessoa cuidadora	169
Gráfico 8 - Perfil da pessoa cuidadora Sexo.....	170
Gráfico 9 - Contextos de atuação	171
Gráfico 10 - Configuração de trabalho: Sozinho Equipe.....	173
Gráfico 11 - Demanda por atuação remota a partir da pandemia.....	175
Gráfico 12 - Valor da atuação remota presencial	176
Gráfico 13 - Aquisição de Software	179
Gráfico 14 - Conhece ou Usa Plataformas	180
Gráfico 15 - Ações e uso da tecnologia.....	182
Gráfico 16 - Apresentação visual Vestes.....	184
Gráfico 17 - Neutralidade do fundo de trabalho.....	185
Gráfico 18 - Fundo de trabalho e Percepção de Profissionalismo.....	186
Gráfico 19 - Investimento em local para atuação remota.....	187
Gráfico 20 - Ambiente x Concentração para IR.....	189
Gráfico 21 - IR contribui aos interesses profissionais.....	190
Gráfico 22 - Nível de engajamento na IR.....	191
Gráfico 23 - Estresse na Interpretação Remota	192
Gráfico 24 - Comodidade e conforto na Interpretação Remota.....	193
Gráfico 25 - Formação para atuação de forma remota	194
Gráfico 26 - Nível de Português (Gráfico de barras).....	199
Gráfico 27 - Nível de Português (Gráfico de divergência).....	200
Gráfico 28 - Nível de Libras (Gráfico de barras)	201
Gráfico 29 -Nível de Libras (Gráfico de divergência)	201
Gráfico 30 - Processo de preparação para interpretação (Gráfico de barra).....	202
Gráfico 31 - Processo de preparação para interpretação (Gráfico de divergência).....	203
Gráfico 32- Uso da tecnologia na preparação enquanto intérpretes (Gráfico de barra).....	203
Gráfico 33 - Uso da tecnologia na preparação (Gráfico de divergência)	204
Gráfico 34 - Estudo de glossário [Anterior]	205
Gráfico 35 - Criação/revisão de anotações/instruções [Anterior]	205
Gráfico 36 - Reunião/conversa com colega(s), antes da interpretação.....	206
Gráfico 37 - Reunião/conversa com outros participantes, antes da interpretação.....	207
Gráfico 38 - Análise do aproveitamento otimizado do tempo [Anterior]	208
Gráfico 39- Comparação do conhecimento de tecnologia dos intérpretes [Anterior].....	209
Gráfico 40 - Nível de domínio da tecnologia na interpretação remota	210
Gráfico 41 - Compreensão, transferência e produção	211
Gráfico 42 - Gestão de múltiplos estímulos durante a interpretação.....	211
Gráfico 43 - Medidas de controle de fadiga	212
Gráfico 44 - Apoio dos intérpretes aos seus colegas em trabalhos em equipe.....	213
Gráfico 45 - Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação	214
Gráfico 46 - Criação/revisão de glossários (depois da interpretação).....	215
Gráfico 47 - Reunião/conversa com colega(s), para feedback (após a interpretação).....	216

Gráfico 48 - Reuniões/conversas com outros participantes para feedback.	217
Gráfico 49 - Autoavaliação da interpretação em busca de melhorias	218
Gráfico 50 - Relação dos intérpretes com seus colegas intérpretes.....	219
Gráfico 51 - Relação com seus clientes.....	219
Gráfico 52 - Atitude em relação à colaboração e trabalho em equipe.....	220
Gráfico 53 - Solução de conflitos para promover a comunicação.....	221
Gráfico 54 - Capacidade de resistência à pressão e tolerância à frustração	222
Gráfico 55 - Estresse e ansiedade em relação à atividade de IR (Gráfico de barra)	223
Gráfico 56 - Estresse e ansiedade em relação à atividade de IR (Gráfico de divergência)	224
Gráfico 57 - Valores éticos (Gráfico de barra).....	225
Gráfico 58 - Valores éticos (Gráfico de divergência).....	226
Gráfico 59 - Condicionamento e bem-estar geral (Gráfico de barra).....	227
Gráfico 60 - Condicionamento e bem-estar geral (Gráfico de divergência)	228
Gráfico 61 - Conhecimento de negócio (Gráfico de barras)	228
Gráfico 62 - Conhecimento de negócio.....	229
Gráfico 63 - Reflexão sobre a própria competência.....	230
Gráfico 64 - Reflexão sobre a profissão em geral	231
Gráfico 65 - Reflexão sobre a comunicação e seus diferentes objetivos.....	231
Gráfico 66 - Participação em eventos formativos de curta duração	232
Gráfico 67 - Participação em eventos formativos de média duração	233
Gráfico 68 - Participação em eventos formativos de longa duração	234
Gráfico 69 - Participação em atividades de associações profissionais.....	235
Gráfico 70 - Comparação por sexo e conhecimento de tecnologia	240
Gráfico 71 - Percepção do nível da tradução/interpretação.....	241
Gráfico 72 - Habilidades anteriores ao processo	244
Gráfico 73 - Habilidades internas ao processo	246
Gráfico 74 - Habilidades posteriores ao processo	247
Gráfico 75 - Habilidades envolvendo o processo.....	249
Gráfico 76 - Habilidades extrínsecas ao processo	251

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	23
2	ESTUDOS DA COMPETÊNCIA DO INTÉRPRETE	37
2.1	A COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA.....	38
2.2	A COMPETÊNCIA INTERPRETATIVA (<i>INTERPRETING COMPETENCE</i>)	43
2.3	A COMPETÊNCIA DO INTÉRPRETE (<i>INTERPRETER COMPETENCE</i>).....	46
2.4	A COMPETÊNCIA DO INTÉRPRETE INTERMODAL.....	54
2.5	A (AUTO)PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA.....	58
3	INTERPRETAÇÃO REMOTA.....	62
3.1	A ORIGEM DA INTERPRETAÇÃO REMOTA	64
3.2	CLASSIFICAÇÃO DA INTERPRETAÇÃO MEDIADA POR TECNOLOGIA.....	67
3.3	A INTERPRETAÇÃO REMOTA NA ATUALIDADE.....	73
3.4	A INTERPRETAÇÃO REMOTA DE/PARA LÍNGUAS DE SINAIS.....	75
3.5	O ADVENTO DA INTERPRETAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL.....	82
4	A TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE CRISES E DESASTRES	95
4.1	CONCEITUALIZAÇÃO DO TERMO “CRISE”	95
4.2	A EMERGÊNCIA DA DISCIPLINA DOS ESTUDOS DO DESASTRE	101
4.3	<i>TRANSLATING CRISES</i> : A TRADUÇÃO DE CRISES EM PAUTA	105
4.4	ESTUDOS DA TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO NA PANDEMIA DE COVID-19....	112
5	MÉTODO.....	115
5.1	TIPO DE PESQUISA	115
5.2	PARTICIPANTES.....	115
5.3	OBJETIVOS.....	117
5.3.1	Objetivo Geral.....	118
5.3.2	Objetivos Específicos.....	118
5.4	PERGUNTA DE PESQUISA	119
5.6	INSTRUMENTO.....	121
5.6.1	Questionário de levantamento.....	122
5.7	PROCEDIMENTOS DE COLETA.....	144
5.7.1	Método de recrutamento dos participantes da pesquisa.....	144
5.7.2	Aplicação do questionário de levantamento de dados.....	147
5.8	MÉTODO DE ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	150
5.8.2	Significância estatística: Teste de Wilcoxon para Amostras Pareadas	152
5.8.3	Tamanho do efeito: Teste <i>d</i> Cohen (Cohen’s <i>d</i>)	154

5.9	PRODUÇÃO DE ARTEFATOS GRÁFICOS	155
5.9.1	Gráficos de barras empilhadas divergentes	155
5.9.2	Mapa de Calor	157
5.10	PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	158
6	ANÁLISE DE DADOS	159
6.1	METADADOS	159
6.1.1	Número de respondentes.....	159
6.1.2	Taxa de respostas e tempo de conclusão.....	160
6.2	PERFIL DEMOGRÁFICO.....	161
6.2.1	Sexo	161
6.2.2	Localização	162
6.2.3	Idade	163
6.2.4	Status auditivo	164
6.2.5	Experiência.....	164
6.2.6	Escolaridade.....	166
6.2.7	Pessoa cuidadora.....	169
6.3	ATUAÇÃO PROFISSIONAL DURANTE A PANDEMIA	171
6.3.1	Contextos de Atuação	171
6.3.2	Configuração de trabalho: Sozinho Equipe	173
6.3.3	Demanda por atuação remota a partir da pandemia	175
6.3.4	Valor da atuação remota presencial	175
6.3.5	Aquisição de Equipamento Tecnológico.....	177
6.3.6	Aquisição de software.....	179
6.3.7	Conhece ou usa plataformas.....	180
6.3.8	Ações e uso da tecnologia	182
6.3.9	Apresentação visual Vestes	183
6.3.10	Neutralidade do fundo de trabalho	184
6.3.11	Fundo de trabalho e percepção de profissionalismo	185
6.3.12	Investimento em local para atuação remota	187
6.3.13	Ambiente x Concentração para IR	188
6.3.14	IR contribui aos interesses profissionais	189
6.3.15	Nível de engajamento na IR.....	190
6.3.16	Estresse na Interpretação Remota	191
6.3.17	Comodidade e conforto na Interpretação Remota	193
6.3.18	Formação para atuação de forma remota	194
6.3.19	Síntese da Atuação Profissional durante a Pandemia	195

6.4	PERCEPÇÃO DAS HABILIDADES PROFISSIONAIS PRÉ E PÓS-PANDEMIA..	196
6.4.1	Nível de Português	199
6.4.2	Nível de Libras	200
6.4.3	Processo de preparação.....	202
6.4.4	Tecnologia na preparação.....	203
6.4.5	Estudo de glossários [Anterior]	204
6.4.6	Criação/revisão de anotações/instruções [Anterior].....	205
6.4.7	Reunião/conversa com colega, quando em equipe [Anterior]	206
6.4.8	Reunião/conversa com organizadores/palestrante antes do evento [Anterior]	207
6.4.9	Aproveitamento otimizado do tempo [Anterior]	208
6.4.10	Conhecimento de tecnologia [Anterior].....	209
6.4.11	Compreensão, transferência e produção	210
6.4.12	Gestão de múltiplos estímulos	211
6.4.13	Medidas de controle de fadiga.....	212
6.4.14	Atuação de apoio.....	213
6.4.15	Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação [Posterior] ...	214
6.4.16	Criação/revisão de glossários [Posterior]	214
6.4.17	Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe, para dar/receber feedback [Posterior].....	216
6.4.18	Reunião/conversa com outros participantes/organizadores/palestrante (feedback) [Posterior].....	217
6.4.19	Autoavaliação da interpretação em busca de melhorias [Posterior]	218
6.4.20	Relação com colegas	218
6.4.21	Relação com clientes.....	219
6.4.22	Trabalho em equipe e colaboração	220
6.4.23	Mediação entre culturas.....	221
6.4.24	Resistência à pressão e tolerância à frustração.....	222
6.4.25	Estresse e ansiedade na Interpretação Remota	222
6.4.26	Responsabilidade, empatia e bom Senso	225
6.4.27	Condicionamento e bem-estar	226
6.4.28	Conhecimento de negócio.....	228
6.4.29	Reflexão sobre competência.....	230
6.4.30	Reflexão sobre a profissão	230
6.4.31	Reflexão sobre a comunicação.....	231
6.4.32	Participação em eventos formativos de curta duração	232
6.4.33	Participação em eventos formativos de média duração	233
6.4.34	Participação em eventos formativos de longa duração	234

6.4.35 Participação em atividades de associações de tradutores e intérpretes profissionais	235
6.4.36 Síntese da percepção das habilidades profissionais pré e pós-pandemia	237
7 A MOBILIZAÇÃO DA COMPETÊNCIA DO INTÉRPRETE DE LIBRAS EM ATUAÇÃO REMOTA	242
7.3 HABILIDADES ANTERIORES AO PROCESSO	243
7.4 HABILIDADES INTERNAS AO PROCESSO	245
7.5 HABILIDADES POSTERIORES AO PROCESSO	247
7.6 HABILIDADES ENVOLVENDO O PROCESSO	249
7.7 HABILIDADES EXTRÍNSECAS AO PROCESSO	250
7.8 SÍNTESE DA MOBILIZAÇÃO DA COMPETÊNCIA DO INTÉRPRETE DE LIBRAS-PORTUGUÊS NA PANDEMIA	253
8 CONCLUSÃO	255
8.1 RESPOSTAS AOS OBJETIVOS DA PESQUISA	255
8.2 SÍNTESE FINAL: MODELOS E APONTAMENTOS DA PESQUISA	259
8.3 LIMITAÇÕES DA PESQUISA	262
8.3.1 Natureza retrospectiva da investigação do contexto pandêmico	262
8.3.2 Validade Ecológica	262
8.3.3 Questões de subjetividade e vieses	263
8.3.4 Limitações metodológicas	263
8.4 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA	264
REFERÊNCIAS	267
APÊNDICES	274
APÊNDICE 01: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	274
APÊNDICE 02: QUESTIONÁRIO DE LEVANTAMENTO	278
APÊNDICE 03: TABELA DE EQUIVALÊNCIA DAS PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO E SEUS RESPECTIVOS DESCRITORES	294
APÊNDICE 04: RESULTADOS DA DETERMINAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA ESTATÍSTICA (TESTE DE WILCOXON)	299
APÊNDICE 05: RESULTADOS DA DETERMINAÇÃO DO TAMANHO DO EFEITO (TESTE D DE COHEN)	300
APÊNDICE 06: MAPA DE CALOR INDICA A VARIAÇÃO NA PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA DO INTÉRPRETE DE LIBRAS ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA	301
APÊNDICE 07: MAPEAMENTO DAS HABILIDADES EM GRÁFICOS DE DIVERGÊNCIA	302
ANEXOS	305
ANEXO 01: FEBRAPILS - CARTA ABERTA SOBRE CORONAVIRUS	305

ANEXO 02: FEBRAPILS - NOTA TÉCNICA Nº 004/2020 - SOBRE INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA REMOTA	312
ANEXO 03: FEBRAPILS - LIBRAS NA TV: CAMPANHA PELOS DIREITOS LINGUÍSTICOS DOS SURDOS NAS MÍDIAS TELEVISIVAS E VIRTUAIS	324
ANEXO 04: FEBRAPILS - AUSÊNCIA DE TILS EM AULAS EAD NAS REDES PÚBLICAS DE ENSINO	330
ANEXO 05: DIRETRIZES PARA A PROMOÇÃO DO ACESSO À INFORMAÇÃO SOBRE SAÚDE PÚBLICA NA(S) LÍNGUA(S) DE SINAIS NACIONAL(IS) DURANTE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS	335
ANEXO 06: DECLARAÇÃO CONJUNTA DA WFD E DA WASLI SOBRE O ACESSO A SERVIÇOS DE SAÚDE, E SOBRE A SAÚDE OCUPACIONAL DOS INTÉRPRETES DURANTE OS ESFORÇOS DE CONTENÇÃO DO CORONAVÍRUS	340
ANEXO 07: DIAGRAM FOR DISASTER, CRISIS AND EMERGENCY	343
ANEXO 08: SURVEYS IN INTERPRETING STUDIES.....	344

1 INTRODUÇÃO

O poema “No Meio do Caminho”, de autoria de Carlos Drummond de Andrade, inicialmente enfrentou críticas severas devido à sua estrutura caracterizada pela simplicidade e repetitividade: “no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho”; no entanto, com o decorrer do tempo, tanto o público quanto a crítica literária passaram a compreender e valorizar o significado dos versos dessa obra. Atualmente, este poema é frequentemente reconhecido como uma das obras mais icônicas do conjunto do trabalho de Drummond, nos fazendo refletir sobre os obstáculos que encontramos em nossas vidas e o impacto destes em nossa jornada. A pandemia, por exemplo, se constituiu como uma “grande pedra” no caminho da humanidade, trazendo desafios sem precedentes, afetando a vida cotidiana, a saúde mental, a economia, as relações sociais etc.

De modo semelhante, podemos dizer que o mundo que conhecíamos, pré-pandemia, já não existe mais: a identificação de diversos casos de uma doença infecciosa que ataca as vias aéreas de forma aguda e grave fez com que os termos “SARS-Cov-2”, “*Coronavirus Disease 2019*”, ou simplesmente “*covid-19*”¹ passassem a figurar cotidianamente em todos os noticiários do mundo a partir de 2019. Era o começo de uma nova era, tempo para se repensar e para ressignificar nossa vida, hábitos, e até o valor daquilo que julgávamos imprescindível.

Em 2020, no Brasil, ao mesmo tempo que tentávamos nos proteger em nossas casas do encontro de pessoas que poderiam estar potencialmente infectadas, travamos uma guerra contra um inimigo invisível e traiçoeiro, que mesmo com as medidas de prevenção adotadas por tantas famílias, ainda conseguiu adentrar nossos lares e, por vezes, até roubar a vida das pessoas que mais amamos. Foram tempos difíceis, e continuam sendo.

Esses anos também foram marcados pela instabilidade política do Brasil, principalmente no que se diz respeito à escolha do Ministro da Saúde, já que muitos foram convocados e demitidos muito rapidamente². Além disso, tivemos que travar grandes batalhas contra as *fake*

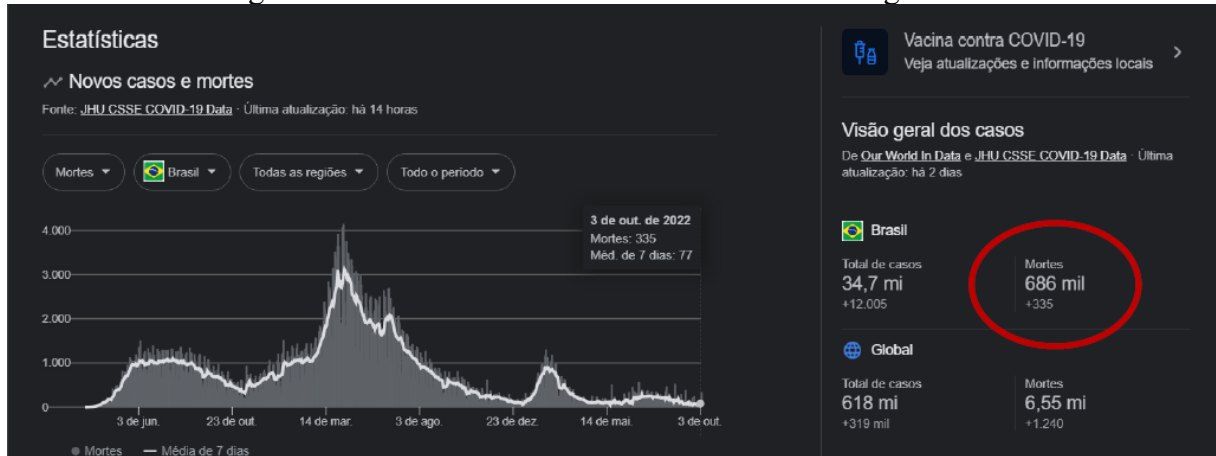
¹ A princípio, a grafia de “Covid” obedeceu à regra das siglas: “Com mais de três letras e pronunciáveis, as siglas devem ser grafadas com inicial maiúscula e o restante em minúsculo”. A partir do momento em que a sigla passou a dar nome à doença, “*covid-19*” tornou-se um substantivo comum grafado com letras minúsculas, como tantas outras doenças. Palavra feminina, “*covid-19*” deve ser antecedida do artigo definido feminino “A” (BRASIL, 2020).

² Durante a pandemia, de janeiro de 2020 até dezembro de 2022, o governo de Bolsonaro foi marcado por constantes desentendimentos, o que se refletia em mudanças frequentes de Ministros da Saúde. Primeiro, Luiz Henrique Mandetta, que permaneceu no cargo até abril de 2020. Depois, Nelson Teich atuou na frente da pasta por menos de dois meses, tendo sua gestão marcada por divergências com o governo sobre a abordagem da pandemia e o uso de cloroquina no tratamento da *covid-19*. Logo após, Eduardo Pazuello, que assumiu em maio de 2020, inicialmente como ministro interino e depois como efetivo, que também teve uma gestão foi marcada por

news (notícias falsas) espalhadas por milhares de pessoas desinformadas (de forma deliberada ou não) em suas redes sociais, círculos de convivência, amizade, trabalho etc.

No decorrer da pandemia, até o segundo semestre de 2022, só no Brasil, amargamos com profundo lamento a perda de aproximadamente 700.000 (setecentas mil) vidas, como pode-se observar no painel de notícias do Google dedicado ao acompanhamento da pandemia³.

Figura 1 - Painel de notícias sobre covid-19 do Google News



Fonte: Site Google News (2023)

No segundo semestre de 2023, a maior parte da população brasileira já possuía algum tipo de imunização através do recebimento da primeira, da segunda e até da terceira dose das versões das vacinas que foram disponibilizadas gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde – SUS. Com a vacinação em massa, observamos uma mudança no nosso modo de vida: o lazer, os estudos, o trabalho, dentre outros dos muitos aspectos impactados, começaram a retomar as atividades presenciais em diferentes ritmos.

É bem verdade que a digitalização já era uma tendência mundial, alavancada pelos processos de globalização, sendo cada dia mais comum o uso de aplicativos de celular com os mais diversos fins, redes sociais de todos os tipos, plataformas de ensino/aprendizagem, dinheiro virtual como criptomoedas e bancos que existem exclusivamente forma digital: as *fintechs*.

Contudo, considerando o cenário pandêmico responsável pela perda diária de inúmeras vidas, a transição observada não se caracterizou por sua gradualidade em direção aos meios

controvérsias, especialmente em relação à aquisição de vacinas e ao enfrentamento da pandemia. E, por fim, Marcelo Queiroga, que assumiu o ministério em março de 2021 e viabilizou o programa de vacinação contra a covid-19, atuando na gestão da crise sanitária do país.

³ [https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ccid=BR%](https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ccid=BR%20)

digitais. Pelo contrário, representou uma ruptura significativa de paradigmas. Esse processo envolveu uma desconstrução e reconstrução dos paradigmas convencionais relacionados aos fazeres, saberes e poderes, substituindo-os por uma nova configuração de relações e serviços executados predominantemente em um ambiente remoto.

Especialmente no âmbito econômico, houve uma demanda abrupta (mas extremamente necessária) para que os profissionais, tanto quanto possível, deixassem de prestar seus serviços presencialmente e passassem a prestá-los exclusivamente a distância, de forma remota, sem que houvesse tempo hábil para ressignificar esta nova realidade. No caso dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais, o trabalho remoto se configurou como ferramenta de fundamental importância a fim de garantir a efetivação de um direito básico humano: o direito à língua.

Atentando-se ao contexto de pandemia, algumas instituições que reúnem tradutores e intérpretes (como a Febrapils,⁴ Abrates,⁵ APIC,⁶ AIIC⁷ etc.) produziram documentos que pudessem guiar, orientar ou, minimamente, parametrizar a prática profissional da categoria frente à transição, por vezes compulsória, ao trabalho remoto de forma emergencial.

No contexto deste estudo, destaco o trabalho realizado pela Febrapils por três motivos em particular:

1. trata-se da única instituição de nível nacional dedicada aos tradutores, intérpretes e guia-intérpretes de Línguas de Sinais, e que congrega as entidades estaduais representativas desses profissionais;
2. os documentos produzidos refletem diretamente as demandas e a atuação específica da interpretação intermodal; e
3. estive diretamente envolvido na construção destes documentos, como consultor e presidente da Febrapils na gestão de 2019-2023.

Além disso, a Febrapils, no exercício de representação do conjunto das Associações filiadas, desempenha um trabalho de liderança na articulação política com diversas instâncias governamentais nos assuntos que tratam sobre os tradutores e intérpretes de línguas de sinais (TILS) e guia-intérpretes (GIs), e na produção de documentos de ampla circulação acadêmica e profissional, tais como as Notas Técnicas, Notas Públicas, Cartas Abertas, Guias,

⁴ Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais

⁵ Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes

⁶ Associação Profissional de Intérpretes de Conferência

⁷ Associação Internacional de Intérpretes de Conferência

Declarações, Lista de Referência de Honorários e o próprio Código de Conduta e Ética, documentos que são, frequentemente, referenciados em artigos, dissertações, teses, além de se constituírem como artefatos que balizam a prática profissional de TILS e GIs em todo o país, sendo, reiteradamente, objetos de estudos e conteúdo programático de concursos e seleções na área.

Como ex-presidente da Febrapils,⁸ pessoalmente, posso dizer que me sinto bastante privilegiado em ter a oportunidade de estar em constante contato com vários TILS e GIs de todo o país, encontrá-los em eventos da área, poder contribuir em fóruns, palestras, mesas-redondas, e participar das conquistas e dores de toda a categoria – o que me oportunizou uma visão ampla de um vasto horizonte que é a atuação profissional de TILS em diversas esferas, contextos e aspectos. E é exatamente a partir deste ponto de vista bastante singular que lanço um olhar sobre o trabalho de intérpretes em atuação remota no contexto emergencial da pandemia.

Esta pesquisa pretende contribuir com os Estudos da Interpretação no Brasil (mais especificamente, aos Estudos da Interpretação de Línguas de Sinais) ao investigar o construto da competência do intérprete frente à demanda de serviços de interpretação remota de Libras-português. A concepção deste estudo teve origem tendo em vista minha atuação profissional como tradutor e intérprete,⁹ professor universitário da área da Libras, bem como a emergência do contexto de pandemia causado pela covid-19, quando grande parte dos profissionais que prestavam seus serviços presencialmente se depararam com medidas de isolamento social, fazendo com que fossem adotadas formas alternativas de prestação de serviço, como a atuação remota. Portanto, como um profissional que não só pesquisa, mas vivencia a interpretação simultânea, a proposta desta tese surge de observações e vivências da atividade interpretativa, além de um interesse em compreender mais profundamente o impacto que o isolamento social e o consequente trabalho remoto impuseram aos profissionais da área.

⁸ A Febrapils foi fundada em 22 de setembro de 2008 como uma entidade profissional autônoma, sem fins lucrativos ou econômicos. Filiada à WASLI – *World Association of Sign Language Interpreters* –, a federação tem como objetivo orientar, apoiar e consolidar as Associações de Tradutores, Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (APILS), visando a defesa dos interesses dessas categorias de tradutores e intérpretes e de guia-intérpretes de línguas de sinais, comumente referenciadas como TILS e GIs, respectivamente. Para atingir esse objetivo, a Febrapils trabalha em três pilares principais: formação inicial e continuada dos TILS e GIs, profissionalização em consonância com o código de conduta e ética e engajamento político para construir uma consciência coletiva. A Febrapils valoriza a parceria e proximidade com as comunidades surdas para garantir serviços de qualidade em tradução, interpretação e guia-interpretação de língua de sinais para pessoas surdas e surdocegas. Por esta razão, a Febrapils também mantém uma parceria com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) para promover, esclarecer e defender ações de acessibilidade linguística e cultural às pessoas surdas e surdocegas (FEBRAPILS, 2022).

⁹ No meu contexto específico, utilizo o termo intérprete de Libras sem indicar as outras línguas que compõem o par linguístico de trabalho, pois atuo com diferentes combinações de pares, dentre minhas línguas de trabalho, a saber: o português, a Libras e o inglês.

Considerando a interpretação remota não meramente como uma variante ou modalidade interpretativa, acreditamos que os resultados desta pesquisa oferecem contribuições significativas para os debates contemporâneos, especialmente os intérpretes em formação, e os que já atuam na área, que, após vivenciarem o contexto pandêmico, ressignificaram as possibilidades de prestação de serviços remotos.

Portanto, esta pesquisa tem por finalidade investigar, a partir do ponto de vista dos próprios profissionais, como se deu o processo de mobilização da competência do intérprete naqueles que atuaram em interpretação remota no par linguístico Libras-português, durante um contexto de crise: a pandemia da covid-19 (especificamente, no recorte temporal de março de 2020 a março de 2023).

Neste contexto, a tese será organizada em oito seções: nesta primeira parte, apresentamos uma breve contextualização preliminar dos tópicos que embasam as discussões presentes neste trabalho, dos quais destacamos: os Estudos da Interpretação, a competência do intérprete, os Estudos do Desastre, e a tradução e interpretação em contexto de crises, demonstrando ainda os fatores que sustentam a relevância e justificativa da pesquisa.

Na segunda seção, denominada “Estudos da Competência do Intérprete”, expomos algumas conceitualizações do termo “competência”, além de como o termo se relaciona com a área da tradução e da interpretação; mais especificamente, no conceito de “competência do intérprete”, em consonância com Cavallo (2022). Abordamos ainda as especificidades da competência do intérprete intermodal e de questões referentes aos estudos que investigam a (auto)percepção da competência em diversas áreas, inclusive nos Estudos da Interpretação.

Na terceira seção, na qual abordamos “A Interpretação Remota”, realizamos um breve resgate histórico do surgimento deste meio de atuação, as classificações na literatura pertinentes à interpretação mediada por tecnologia, o *status* da interpretação remota na atualidade, inclusive em contextos intermodais envolvendo línguas vocais-auditivas (tradicionalmente chamadas de “línguas orais”), e línguas gestuais-visuais (conhecidas também como “línguas de sinais” ou, ainda, “línguas sinalizadas”), e o surgimento da interpretação remota emergencial.

No quarto capítulo “A Tradução e Interpretação de Crises e Desastres”, tratamos da conceituação do termo “crise”, a emergência dos Estudos do Desastre, a Tradução de crises, e os Estudos da Tradução e da Interpretação específicos ao contexto da pandemia de covid-19, destacando o caráter de essencialidade destes serviços no sentido de possibilitar a comunicação e o acesso a informações essenciais em situações problemáticas de incerteza, escassez, adversidade e/ou perigo.

O quinto capítulo é destinado ao “Método”, sendo que nesta seção descrevemos a natureza da pesquisa, perfil dos participantes, objetivos, perguntas, instrumento, além dos procedimentos realizados, como o recrutamento dos participantes, a aplicação do questionário de levantamento, análise e discussão dos dados, e a produção de artefatos gráficos para visualização e sintetização dos dados. Também são abordados os procedimentos éticos seguidos ao longo da pesquisa.

Em seguida, no sexto capítulo denominado “Análise de dados”, apresentamos e analisamos detalhadamente os dados coletados através do questionário de levantamento. Primeiramente, apresentamos os metadados da pesquisa e, em seguida, dividimos os dados em três categorias de análise: 1. Perfil demográfico dos participantes; 2. Atuação profissional durante a pandemia; e 3. A percepção das habilidades profissionais pré e pós-pandemia.

No sétimo capítulo, intitulado “A mobilização da competência do intérprete de Libras em atuação remota”, abordaremos os conjuntos de habilidades que compõem a competência do intérprete: 1. Habilidades anteriores ao processo; 2. Habilidades internas ao processo; 3. Habilidades posteriores ao processo; 4. Habilidades envolvendo o processo; e 5. Habilidades extrínsecas ao processo. Ao final do capítulo, apresentamos uma síntese da mobilização da competência do intérprete de Libras-português na pandemia, respondemos aos objetivos da pesquisa, e verificamos as hipóteses levantadas.

Finalmente, no oitavo e último capítulo, apresentamos as “Considerações Finais”, onde revisitamos os resultados mais significativos encontrados durante o estudo. Nesta seção, também discutimos as limitações do trabalho e outros aspectos técnicos relevantes, culminando com a conclusão da pesquisa.

Com objetivo de síntese, introduzimos subsequentemente a “Matriz de Categorização Conceitual”, alternativamente denominada “Quadro de Análise Conceitual”, ou ainda, Matriz “É, Não é; Faz, Não faz”. Esta ferramenta representa um instrumento eficaz na descrição e análise sistemática de construtos ou conceitos, sintetizando e explicitando as características intrínsecas e as ações correlatas ao objeto em análise.

Quadro 1 - Matriz de Categorização Conceitual da Pesquisa

É:	NÃO É:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Uma pesquisa situada numa interface ainda pouco explorada: Este estudo se insere na interseção dos Estudos da Interpretação e Estudos do Desastre, explorando um campo de pesquisa emergente. 2. Autorrelato de experiências e percepção de habilidades: Centraliza a voz dos profissionais, utilizando autorrelatos para capturar experiências e percepções sobre habilidades desenvolvidas ou adaptadas durante a pandemia. 3. De natureza retrospectiva tendo em vista o caráter de imprevisibilidade da pandemia: O estudo adota uma abordagem de relato retrospectivo, para investigar as dinâmicas e adaptações ocorridas durante o contexto de um desastre imprevisível. 4. Delimitada ao contexto específico da pandemia: Foca especificamente no período da pandemia de covid-19, refletindo um recorte temporal e contextual específico. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estudo longitudinal: A pesquisa não se propôs a acompanhar os participantes ao longo do tempo para observar mudanças contínuas ou tendências de longo prazo. 2. Experimental: Não utiliza um design experimental para testar hipóteses sob condições controladas. 3. Exaustiva: Reconhece que, apesar de abrangente, pode não cobrir todas as possíveis variações e experiências no campo da interpretação Libras-português.
FAZ:	NÃO FAZ:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Descrição do perfil demográfico de intérpretes de Libras-português: Analisa e apresenta o perfil demográfico dos intérpretes que atuaram durante a pandemia. 2. Resgate retrospectivo de experiências, comportamentos e percepções: Coleta e analisa dados sobre as experiências vividas, comportamentos adotados e percepções dos intérpretes durante a pandemia. 3. Percepções sobre a aquisição e/ou desenvolvimento de habilidades: Explora como os intérpretes percebem a aquisição e o desenvolvimento de habilidades específicas no contexto pandêmico. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Validação de algum modelo específico de competência do intérprete: Não se propõe a validar um modelo teórico específico de competência interpretativa. 2. Aplicação de testes ou exames para verificação cruzada das respostas: Não utiliza métodos de validação cruzada, como testes ou exames, para corroborar ou invalidar as respostas dos participantes. 3. Prescrições de como adquirir habilidades ou a competência do intérprete em si: Não oferece prescrições específicas ou diretas sobre como desenvolver a competência interpretativa.

Fonte: Elaboração do autor

Localização epistemológica da pesquisa:

A seguir, discorreremos sobre como os campos disciplinares dos Estudos da Interpretação, e dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) apresentam os conceitos importantes para elaboração do quadro teórico desta pesquisa.

De modo geral, as definições de tradução reúnem “ingredientes” conceituais básicos, tais como: “uma **atividade** que consiste (principalmente) na **produção** de **enunciados (textos)** que presumidamente, têm **significado e/ou efeito similar** a enunciados **previamente existentes** em outra **língua e cultura**”¹⁰ (Pöchhacker, 2004, p. 12, tradução nossa, grifos do autor).

Segundo Pöchhacker (2004), os termos em destaque podem ser adaptados e refinados em várias e diferentes formas: a noção de “atividade” poderia ser especificada como um “serviço”, que possivelmente poderia ser caracterizada como “profissional”, com o propósito de “possibilitar a comunicação” e em benefício de “clientes” ou “usuários”. De forma similar, outros termos/conceitos como “cultura”, “língua”, “enunciado” e “significado” podem ser elaborados e diferenciados – o que denota também um arcabouço conceitual específico (além de controvérsias) de diferentes perspectivas.

Pöchhacker (2004) afirma que uma visão retrospectiva do desenvolvimento da pesquisa no campo da interpretação, desde meados do século XX, demonstra sua expansão em diversas formas e o estabelecimento de uma identidade mais amplamente reconhecida. Especificamente, desde o início dos anos 1990, o campo tem assistido a uma tendência geral de crescimento e convergência que se materializou nos níveis institucional e internacional, bem como nas áreas de teoria e metodologia, com um número crescente de pessoas que contribuem para o estudo sistemático da interpretação, com a abertura de cursos de formação, com a criação de periódicos especializados e com a produção acadêmica de dissertações e teses (principalmente se levadas em conta as produções que são concebidas em outras áreas acadêmicas correlatas).

Na última década, os Estudos da Tradução no Brasil têm experimentado um aumento considerável, devido à instituição de programas de Pós-graduação em Estudos da Tradução em Universidades brasileiras, como:

- a) PGET: Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina;
- b) PPG-LETRA: Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução, da USP, Universidade de São Paulo;¹¹

¹⁰ “[...] an **activity** consisting (mainly) in the **production** of **utterances (texts)** which are presumed to have a **similar meaning and/or effect** as **previously existing utterances** in **another language and culture**” (PÖCHHACKER, 2004, p. 12).

¹¹ O PPG-LETRA foi criado em 2017, em substituição ao TRADUSP, no sentido de unificar alguns programas do DLM (Departamento de Letras Modernas) e do Departamento de Letras Orientais (DLO) para a formação de um novo programa de pós-graduação com uma única área de concentração: os Estudos da Tradução. (USP, 2022) <https://dlm.fflch.usp.br/apresentacao-6>

- c) POSTRAD: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UNB, Universidade de Brasília, no Distrito Federal;
- d) POET: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da UFC, Universidade Federal do Ceará.

Reiteramos que, no contexto brasileiro, muitas das pesquisas que são realizados em Programas de Pós-graduação (*stricto sensu*) que levam o nome de Estudos da Tradução — como esta própria pesquisa e tantas outras —, na verdade, se debruçam sobre questões que são mais especificamente situadas no âmbito dos Estudos da Interpretação. Já em alguns programas de Especialização (Pós-graduação *lato sensu*), o termo Interpretação pode ser observado, como no caso do Curso de Formação de Intérpretes de Conferências da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio.¹²

Como podemos observar, as atividades de tradução e de interpretação têm sido cada vez mais objeto de investigação. Mais especificamente, os estudos da área de tradução e de interpretação de línguas de sinais têm se demonstrado um campo acadêmico fértil, ao proporcionar uma vasta área de pesquisa que necessita de mais estudos que lancem luz sobre as questões que tangenciam a atividade dos TILS e GIs.

Nos últimos anos, houve uma reivindicação dos teóricos dos Estudos da Interpretação para que esta área fosse reconhecida como um campo disciplinar específico com o mesmo *status* dos Estudos da Tradução. Segundo Venuti (2000), a interpretação é uma área que demanda uma cobertura própria devido ao seu volume e grau de especialização (Rodrigues; Beer, 2015).

Especificamente, os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) são uma área de pesquisa interdisciplinar que se concentra na análise e na compreensão da interpretação e da tradução envolvendo línguas de sinais.

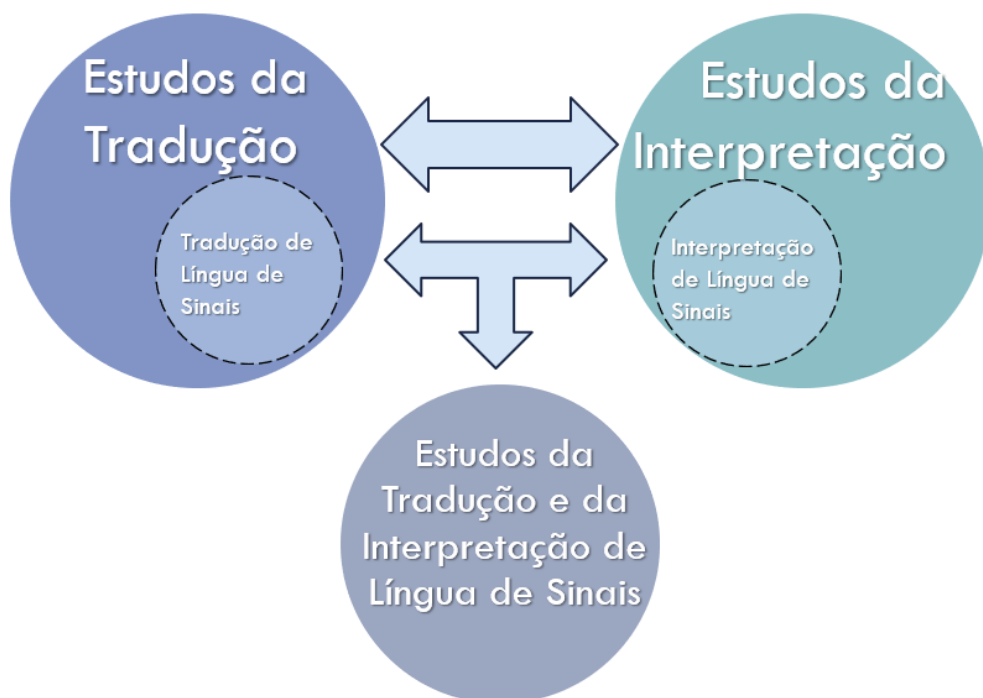
Santos (2013) realiza uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010 que envolvem as temáticas da tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil. A metodologia adotada envolveu uma análise detalhada, fundamentada nos pressupostos teóricos de autores que realizam levantamentos envolvendo a tradução e interpretação de línguas de sinais – como Metzger (2010), Napier (2010), Grbic (2007), para citar alguns deles – com base nas categorias apresentadas por Pöchhacker (2004): assuntos, metodologias e paradigmas. A autora, então, identifica as palavras-chave recorrentes nos documentos analisados. Dentre as descobertas mais

¹² O Curso de Complementação de Estudos em Nível Superior: Intérprete em Língua Inglesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) foi descontinuado em 2018.

relevantes, destaca-se a caracterização da função do intérprete de línguas de sinais em ambiente educacional, a problemática do conflito de identidades entre o intérprete e o educador, e as trajetórias de formação desses profissionais. A investigação revelou que a Educação é a esfera mais proeminente de estudo, seguida pela área da Linguística, o que explicita a natureza interdisciplinar do campo dos ETILS.

Rodrigues e Beer (2015) argumentam que, embora os processos de tradução e interpretação sejam alicerçados na translação de material linguístico-cultural, estas atividades diferem no modo pelo qual acontecem cognitivamente e operacionalmente. Desta forma, ao mesmo tempo que explicitam as distinções e singularidades em relação à especificidade do foco de estudos das duas áreas, também reiteram que “esses campos disciplinares são justapostos e interdependentes, já que sua coexistência é inevitável” (p. 19). Os autores argumentam em favor da importância de reconhecer e celebrar “os ETILS como um campo específico de conhecimento que congrega perspectivas dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Interpretação como base para a investigação da tradução e da interpretação envolvendo línguas gesto-visuais” (p. 43) pois ao mesmo tempo em que os ETILS emergem como uma área interdisciplinar fértil, ao investigar os processos tradutórios e interpretativos intermodais, projetam uma existência para além dos campos que lhe servem como base.

Figura 2 - Interseção dos campos disciplinares e a localização dos ETILS



Fonte: Reprodução baseada em Rodrigues e Beer (2015, p. 23)

Assim como Franz Pöchhacker (2004) faz em relação à área dos Estudos da Interpretação em *Introducing Interpreting Studies*, Rodrigues e Beer (2015) apontam indicadores da vitalidade epistemológica e da produtividade da área, tais como o aumento da oferta de cursos de formação, a crescente dimensão dos eventos na área, a elaboração de periódicos, livros, artigos, dissertações e teses. Como resultado, já seria possível mapear as temáticas centrais e representativas dos ETILS no Brasil, bem como identificar os teóricos brasileiros que se destacam nesse campo emergente.

Finalmente, tendo em vista esta breve contextualização, apresentamos a seguir uma representação visual do enquadramento desta pesquisa. Na imagem, alguns círculos em diferentes tons de azul e verde, nos quais são nomeadas as áreas que embasam esta pesquisa teórica e metodologicamente e suas respectivas interrelações de interseção e contiguidade.

Figura 3 - Enquadramento teórico desta pesquisa



Fonte: Elaboração do autor

Na imagem apresentada, os círculos não representam uma relação de dominância ou prevalência entre as áreas: mas antes, servem tão somente para demonstrar a interseccionalidade em que a pesquisa se situa: em uma interface dos Estudos da Tradução (considerando a “tradução” no sentido mais amplo do fenômeno de translação linguístico-cultural); os Estudos da Interpretação (nos quais encontramos embasamento para discutir o construto da competência do intérprete, inclusive sob a perspectiva das línguas de sinais); e os Estudos do Desastre (que

nos fornecem um entendimento mais aprofundado dos impactos de uma crise vivenciada a nível mundial: a pandemia da covid-19).

Além disso, há uma série de atravessamentos que perpassam a produção desta pesquisa, pois se configuraram como pontos de bastante relevância ao próprio pesquisador, dos quais destaco:

1. sou professor universitário do curso de Letras-Libras, desde 2017, na Universidade Federal do Ceará (UFC), onde também atuei como TILS de 2014 a 2017 e desenvolvi minha pesquisa de mestrado, igualmente no âmbito da interpretação simultânea da Libras-português;¹³
2. atuo como intérprete aliado das Comunidades Surdas, filiado à Associação dos Profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras do Ceará (APILCE), desde 2011, tendo atuado na diretoria, como Vice-presidente em duas gestões contíguas, nos anos de 2014 a 2019;
3. fui presidente da Febrapils, no quadriênio 2019 a 2023: a única entidade de nível nacional dedicada aos assuntos relativos aos TILS e GIs, no Brasil, um país de tamanho continental que, por uma série de razões sociais, políticas, históricas e culturais, demanda uma postura de constante acompanhamento de casos, situações, decisões que afetam direta ou indiretamente a categoria citada, ou as comunidades surdas existentes no país;
4. integro de um grupo de risco por doença respiratória crônica, a asma: caracterizada por ser uma doença inflamatória das vias aéreas inferiores, especificamente, pelo estreitamento dos brônquios, esta doença dificulta a respiração ao obstruir, em algum nível, a passagem do ar provocando contrações ou broncoespasmos, apesar de seus sintomas poderem ser controlados através de medicação, pode durar anos ou a vida inteira e, em alguns casos, em caso de crise, podendo se apresentar como um risco de vida às pessoas que a possuem;
5. sou pai de um bebê nascido na primeira grande onda da pandemia de covid-19: como qualquer pessoa pode imaginar, ter um filho, por si, já é um evento que modifica a vida, rotina, afazeres e prioridades dos cuidadores desta nova vida. Neste período (maio de 2020), o mundo enfrentava a incerteza e o temor diante de um

¹³ PARENTE JR., Fernando de C. Cognição e desempenho na interpretação simultânea da Libras: Um estudo sobre a memória de trabalho e a produção de semelhança interpretativa por intérpretes expertos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

vírus letal e então pouco compreendido tanto pela população quanto pela comunidade científica. A ausência de vacinas e a vulnerabilidade inerente ao sistema imunológico em desenvolvimento de um recém-nascido, somadas à sua própria condição de predisposição genética à asma, intensificaram as preocupações e os cuidados necessários neste cenário sem precedente.

6. lido com Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG): um quadro clínico diagnosticado durante o transcurso da pandemia. Em meu caso, essa condição possivelmente se deu tendo em vista o contexto de emergência e de crise que vivenciamos, marcada por um temor contínuo pela própria vida e pela segurança de familiares e amigos. Durante um período de isolamento social absoluto, testemunhei as repercussões da pandemia, manifestadas diariamente em estatísticas de mortes e hospitalizações. Apesar do final da emergência da pandemia, esse cenário continua a influenciar significativamente o comportamento e a saúde mental de muitos indivíduos.

Levanto estas questões por considerar importante não só uma localização epistemológica da pesquisa, mas, também, a possibilidade de uma contextualização dos recortes e interseções que me situam em lugar bastante específico. Ao me localizar diante dos diversos prismas que me atravessam como professor, tradutor, intérprete, militante, pai, e até paciente, pretendo com isto também contextualizar o leitor acerca do tempo-espaço que compõem a perspectiva pela qual esta tese foi concebida.

Retomando a questão do perfil do TILS no Brasil: estes profissionais, além de conhecer e dominar muito bem o português, devem ter uma vasta experiência social com as comunidades surdas, com a Libras no seu modo corrente e atualizado e conhecimento dos artefatos culturais que permeiam o povo surdo, principalmente da “experiência visual” ou “visualidade”, uma das características que marcam e significam a experiência surda e seu modo de interação.

Neste ponto, também é importante ressaltar que eu, como pesquisador e intérprete, membro de comunidades surdas, e falante de uma língua gestual-visual, me sinto compelido a trazer elementos de um dos aspectos fundamentais da Cultura Surda na feitura deste trabalho: a Visualidade, que marca e significa a experiência surda e seu modo de interação, e a partir da qual a pessoa surda se constitui e constrói seu “ser”:

Visualidade é a relação entre a percepção e a imagem que é modelizada pelas qualidades do signo visual. A segunda categoria, denominada como visibilidade, não está diretamente relacionada com a imagem, mas se constrói a partir dela, isto porque, por meio da iconicidade do signo visual, são construídas relações prováveis através de “descrições imagéticas” que permitem o surgimento de signos mais elaborados, a partir das representações das informações registradas e visuais e da construção mental da imagem (Campello, 2008. p. 21).

Neste sentido, ao mesmo tempo que reconheço que o texto escrito em si seja o principal meio de veiculação das ideias e argumentos do trabalho acadêmico, corroboro com a visão de Ana Regina Campello (2008), pesquisadora surda, que relata que os surdos percebem e concebem o mundo diferentemente da sociedade majoritariamente ouvinte,¹⁴ através dos signos visuais e de sua língua gestual. Desta forma, no decorrer deste trabalho, é frequente o uso de recursos visuais – como imagens, fotografias, gráficos, tabelas e esquemas – em consideração tanto às comunidades surdas da qual participo, quanto da minha própria identidade e modo de expressão, que me constituem como pesquisador, intérprete e aliado.

¹⁴ “Ouvinte” é o termo empregado para designar pessoas “não surdas” ou “capazes de ouvir”.

2 ESTUDOS DA COMPETÊNCIA DO INTÉRPRETE

Quem não pode com o pote, não pega na rudia.

Provérbio popular

Provérbios populares geralmente são transmitidos como expressões cristalizadas, que transmitem um conhecimento de geração em geração. No caso do provérbio brasileiro “Quem não pode com o pote, não pega na *rudia*”, ou melhor, na “rodilha”, que se refere a um pedaço de corda ou pano torcido e enrolado em forma espiralada, de modo a formar um círculo, usado para forrar a cabeça e equilibrar grandes potes, geralmente de barro, que levariam água para as casas, numa época em que não se tinha água encanada. Esse ditado, especificamente, é comumente utilizado para dizer que “se alguém não tem capacidade para realizar uma tarefa por completo, também não deveria se envolver em suas partes menores”, ou que “não se deve se propor a realizar uma tarefa para qual não se tem inteira capacidade”. No entanto, é óbvio que todas as nossas habilidades e competências foram adquiridas de forma gradual, ao longo da vida, na prática e experiência – com tradutores e intérpretes, isso não é diferente, a aquisição da competência profissional requer tempo, estudo, prática e aprimoramento constante.

A seguir, discutiremos algumas definições do termo “competência”, assim como sua relação com as áreas de tradução e interpretação. Primeiramente, à guisa de contextualização, discorreremos sobre algumas conceitualizações de “competência tradutória” (*translation competence*) e em seguida, em consonância com a perspectiva de Cavallo (2019; 2022), nos concentramos nos termos “competência do intérprete” (*interpreter competence*), que se refere ao papel profissional do intérprete, em vez dos termos “competência interpretativa” ou “competência em interpretação” (*interpreting competence*), que tendem a enfatizar a competência de transferência linguística e cultural, em detrimento de uma competência profissional mais ampla.

2.1 A COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA

Na área dos Estudos da Tradução, Rodrigues (2018) realiza um mapeamento de diferentes visões sobre a competência tradutória sob a ótica de diferentes autores, dentre os quais podemos destacar as seguintes conceitualizações:

Quadro 2 - Conceitualizações de competência tradutória

Algumas conceitualizações da competência tradutória	
[...] os conhecimentos e habilidades necessários ao tradutor para que seja capaz de traduzir.	Bell (1991, p. 76)
[...] todos aqueles conhecimentos, habilidades e estratégias que o tradutor bem-sucedido possui e que conduzem a um exercício adequado da tarefa tradutória.	Alves, Magalhães, Pagano (2000, p. 13)
[...] a macrocompetência que constitui o conjunto de capacidades, habilidades, conhecimentos e também atitudes que os tradutores profissionais possuem e que intervêm na tradução como atividade especializada, a qual se desmembra em subcompetências [...], todas necessárias ao êxito da macrocompetência.	Kelly (2002, p. 14)
[...] a habilidade para gerar uma sequência com mais de um texto alvo viável (TA1, TA2... TAn) para um texto fonte pertinente (TF); a habilidade para selecionar apenas um TA viável dessa sequência, rapidamente e com confiança justificada.	Pym (2003, p. 489)
[...] um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores [...] que consiste em um sistema subjacente de conhecimentos declarativos e, em maior proporção, operacionais, necessários para saber traduzir [...]	Hurtado Albir (2005, p. 19, 28)
[...] capacidades, habilidades e conhecimentos de diferentes domínios, apresentando interfaces múltiplas entre linguagem, competência textual, conhecimentos técnicos, conhecimentos culturais, capacidades motoras etc.	Gonçalves (2005, p. 66)
[...] habilidades de tradução expressas por meio da capacidade crescente do tradutor em dar conta de malabarismos com as três formas de suas línguas para produzir os tipos de tradução que as normas contemporâneas requerem — ou, é claro, transgredindo as normas, se esse é o seu desejo.	Malmkjær (2009, p. 132)

Fonte: Baseado em Rodrigues (2018, p. 290 e 291)

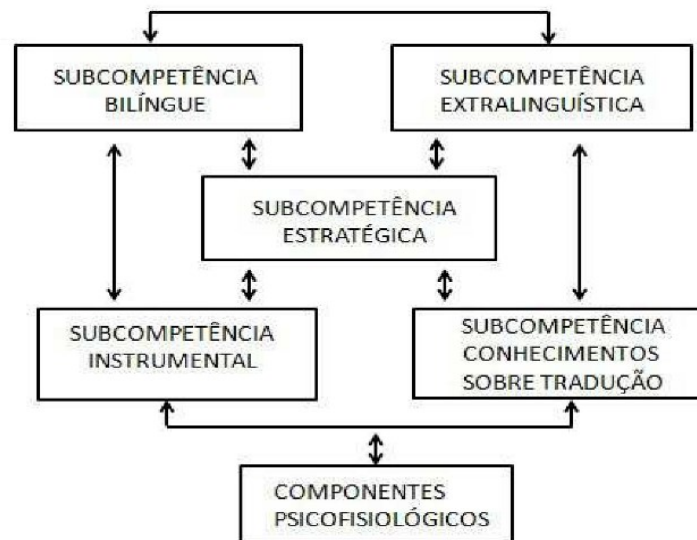
As diferentes conceitualizações de competência tradutória apresentadas enfatizam a importância de conhecimentos, habilidades e estratégias necessárias para realizar com sucesso a tarefa da tradução. Algumas das definições destacam a importância da habilidade de produzir uma sequência viável de traduções e selecionar a melhor opção (Pym, 2003). Outras ressaltam

a natureza especializada e integrada do conhecimento do tradutor, envolvendo conhecimentos declarativos e operacionais (Hurtado Albir, 2005), bem como competências em vários domínios, incluindo linguagem, competência textual, capacidades motoras e conhecimentos culturais e técnicos (Gonçalves, 2005). Por fim, algumas conceitualizações enfatizam a importância da capacidade do tradutor de lidar com as normas contemporâneas de tradução, seja seguindo-as ou transgredindo-as (Malmkjær, 2009).

Embora haja uma certa variação nas ênfases dadas em cada definição, todas elas compartilham a ideia de que a competência tradutória é multifacetada e complexa, envolvendo habilidades cognitivas, conhecimentos linguísticos e culturais e uma compreensão dos contextos social e cultural.

Dentre os conceitos apresentados acima, um modelo que possui grande proeminência é proposto pelo Grupo PACTE,¹⁵ liderado pela professora Amparo Hurtado Albir, que elaborou um modelo componencial que ilustra didaticamente a competência tradutória, destacando as características que diferenciam os tradutores dos demais *bilíngues não tradutores* (Hurtado Albir, 2005; 2015). Na concepção do grupo, a competência tradutória é o conjunto de subcompetências que são acionadas durante a tarefa tradutória para que ela seja realizada, podendo variar conforme o par linguístico, a situação, o texto, a experiência do profissional etc.

Figura 4 - Modelo de competência tradutória proposto pelo Grupo PACTE



Fonte: PACTE (2003)

¹⁵ A sigla PACTE se refere a um grupo de pesquisa espanhol que estuda a competência tradutória e a aquisição da competência tradutória. O grupo é composto por pesquisadores de várias universidades espanholas e tem publicado diversos estudos sobre o tema. O principal objetivo é construir um modelo de competência tradutória e avaliação que possa ser aplicado em diferentes contextos e situações de tradução.

Hurtado Albir (2015, p. 259) apresenta a definição de competência tradutória proposta pelo PACTE como um sistema subjacente de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para ser capaz de traduzir [...] “compreendendo cinco subcompetências que ativam uma série de componentes psicofisiológicos”:

Quadro 3 - Subcompetências e Componentes psicofisiológicos (PACTE)

Subcompetência	Descrição
Subcompetência bilíngue	conhecimentos predominantemente processuais para comunicação entre duas línguas;
Subcompetência extralingüística	conhecimento predominantemente declarativo, implícito e explícito, sobre o mundo em geral e específico do campo;
Subcompetência sobre conhecimentos em tradução	conhecimento predominantemente declarativo, implícito e explícito, sobre tradução e aspectos da profissão;
Subcompetência instrumental	conhecimento predominantemente procedimental relacionado ao uso de recursos de documentação e tecnologias de informação e comunicação aplicadas à tradução;
Subcompetência estratégica	conhecimento procedimental necessário para garantir a eficácia do processo de tradução e para resolver problemas que surjam. A competência estratégica é um componente essencial da CT, pois controla o processo de tradução, ativando e criando vínculos entre todas as outras subcompetências necessárias;
Componentes psicofisiológicos	diferentes tipos de componentes cognitivos e atitudinais e mecanismos psicomotores.

Fonte: Elaboração baseada em Hurtado Albir (2015, p. 259)

A partir disso, o PACTE propõe sete hipóteses teóricas que servem como base para as pesquisas que têm como alicerce o modelo holístico de competência tradutória do grupo. A saber:

1. competência tradutória é o sistema subjacente de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para traduzir.
2. competência tradutória é conhecimento especializado.
3. competência tradutória é composto por conhecimento declarativo e procedimental, mas é essencialmente procedimental.
4. competência tradutória é composto por um conjunto de subcompetências e componentes psicofisiológicos que são ativados em cada ato de tradução; existem relações e hierarquias entre eles que estão sujeitas a variação.
5. As subcompetências da competência tradutória são: Bilinguismo, Extralinguística, Conhecimento sobre Tradução, Instrumental e Estratégica.
6. As subcompetências específicas da competência tradutória são: Conhecimento sobre Tradução, Instrumental e Estratégica.
7. A competência estratégica ocupa um papel central nas relações e hierarquias. (PACTE, 2017, p. 82)

Portanto, o tradutor é o profissional, bilíngue, que tendo desenvolvido a competência tradutória (composta pelas subcompetências bilíngue, extralinguística, de conhecimento sobre tradução, instrumental e estratégica – em interface com os componentes psicofisiológicos que ocorrem durante o exercício de sua atividade), realiza o trabalho de tradução em diferentes modalidades, esferas e contextos.

Daniel Gile, em *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*, publicação revisada de 2009, discorre sobre os componentes da competência tradutória como um termo guarda-chuva que abrange requisitos tanto para tradutores quanto para intérpretes. Segundo o autor (p. 8-10):

1. **intérpretes e tradutores precisam ter um bom conhecimento das línguas de trabalho passivas:** inicialmente, pode parecer óbvio e até trivial que tradutores e intérpretes precisam compreender textos e discursos nas línguas com as quais trabalham. No entanto, a complexidade desse conhecimento passivo nem sempre é evidente para quem não é especialista na área. Na interpretação de conferências, os profissionais devem ser capazes de responder rapidamente à linguagem falada, uma habilidade que vai além dos estudos de línguas estrangeiras. Além disso, é essencial entender os diferentes registros linguísticos utilizados em organizações

internacionais, no direito, na política, na ciência, em diversas áreas tecnológicas, assim como nos círculos literários, musicais e outros artísticos e culturais. Tradutores literários devem captar não só o significado básico informativo dos textos, mas também nuances sutis expressas através da escolha de palavras e expressões, bem como pelo ritmo, musicalidade e imagens – tendo uma profunda consciência de fatos culturais, normas, tendências e atmosferas.

2. **intérpretes e tradutores precisam ter domínio das línguas de trabalho ativas:** na interpretação e tradução de alto nível, os padrões são extremamente elevados. Tradutores especializados devem dominar habilidades de redação e edição a um nível profissional, capazes de criar textos aptos para publicação, além de sua habilidade em comunicar-se entre diferentes idiomas. Tradutores de obras literárias necessitam de capacidades de escrita ao nível de autores literários. Igualmente, intérpretes de conferências necessitam da habilidade de produzir discursos com uma qualidade linguística que corresponda à das figuras que representam, como diplomatas, cientistas, políticos, artistas e intelectuais, em variados cenários, incluindo conferências de imprensa, discursos políticos, apresentações científicas e debates intelectuais. Esta exigência supera em muito o domínio linguístico adquirido de forma natural na língua materna durante a infância e juventude.
3. **intérpretes e tradutores precisam ter um conhecimento suficiente dos temas e assuntos abordados pelas falas ou textos que traduzem:** este requisito, embora apresentado de maneira geral e um tanto indeterminada, destaca que as necessidades de tradução variam amplamente. Elas dependem do nível de especialização requerido, do assunto em pauta e das condições de trabalho, o que torna a ideia de “conhecimento suficiente” menos concreta. Tradutores podem lidar com temas mais ou menos especializados, dependendo de seu conhecimento temático existente, da disponibilidade de documentos e do apoio humano. Além disso, a importância do conhecimento extralinguístico ou conhecimento do mundo é fundamental para a tradução, especialmente no que diz respeito à compreensão de discursos especializados e à aquisição de conhecimento específico para determinadas tarefas.
4. **tradutores devem possuir conhecimento declarativo e procedimental sobre tradução:** os tradutores devem possuir conhecimento declarativo (informações sobre o mercado, clientes, normas comportamentais, ferramentas de tradução etc.) e conhecimento procedimental (habilidades técnicas para a tomada de decisões,

aquisição de conhecimento *ad hoc*, manutenção da linguagem, solução de problemas etc.).

Gile destaca que, além da competência em tradução em si, intérpretes e tradutores também precisam possuir certas características intelectuais e traços de personalidade. Estas características, frequentemente listadas e discutidas de forma intuitiva por formadores de tradução e interpretação, “ainda não foram definidas de maneira científica” (p. 10), apesar de reconhecer algumas iniciativas de pesquisas neste sentido. Segundo o autor, embora algumas vezes consideradas como pré-requisitos para a entrada em escolas de tradução, elas não são o foco principal da formação. No entanto, espera-se que a formação possa auxiliar os profissionais a utilizar essas características de forma mais eficaz (Gile, 2009, p. 9-10).

Já no âmbito específico dos Estudos da Interpretação, também existem diferentes conceituações do termo “competência”, sendo os mais comuns: competência em interpretação, competência interpretativa e, por fim, competência do intérprete. Iremos tratar desses termos nas seções a seguir.

2.2 A COMPETÊNCIA INTERPRETATIVA (*INTERPRETING COMPETENCE*)

Em sua tese de doutorado, Cavallo (2019) realiza uma análise crítica do emprego da terminologia associada à competência tradutória e a competência do intérprete, citando obras escritas em inglês, espanhol, alemão, chinês etc. Após apresentar as abordagens e modelos de *competência em tradução*, a autora faz o mesmo com as *competências em interpretação*, ressaltando o fato de que termos como *competência interpretativa* e *competência do intérprete*, tão frequentemente empregados de maneira intercambiável em algumas obras, demandam cautela por parte do leitor, o que evidencia a necessidade de uma delimitação conceitual mais explícita a fim de promover uma compreensão mais precisa e aprofundada no âmbito dos Estudos da Interpretação. A autora apresenta algumas reflexões desenvolvidas por teóricos da área. A seguir, uma breve contextualização:

Pöchhacker (2000) defende que a essência da qualificação em interpretação reside na *competência translatória*, fundamentada na competência linguística e cultural. Essa competência abarca a interação cognitiva e linguística com o campo específico de conhecimento e o objeto de comunicação. Além da habilidade de transferir conteúdo comunicacional, a competência translatória inclui a capacidade de agir profissionalmente

durante a interpretação, bem como nas fases pré e pós-interação. Pöchhacker distingue ainda entre *competência interpretativa*, relacionada à transferência de conteúdos comunicacionais com base em conhecimentos linguísticos e culturais específicos e *competência do intérprete*, que se refere ao perfil profissional e ao *ethos* do intérprete, ou seja, sua conduta ética e profissional como um todo.

Pöchhacker (2004) divide o conceito da competência em duas subseções: habilidades e qualidades pessoais e expertise e habilidades especiais¹⁶, afirmando que a competência em interpretação pode ser definida como “a congruência entre as exigências da tarefa (padrões de desempenho) e as qualificações, sendo a compreensão destas últimas crucial para a profissionalização em geral e para a formação de intérpretes em particular” (Pöchhacker, 2004, p. 166, tradução de Cavallo, 2019, p. 65).¹⁷ Pöchhacker define a competência em interpretação como a congruência entre as exigências da tarefa e as qualificações do intérprete e discute a importância da habilidade bilíngue e da capacidade rudimentar como ponto de partida para o desenvolvimento da proficiência em interpretação. Ainda segundo o autor, estudos em psicologia cognitiva diferenciam o desempenho de profissionais e novatos, ressaltando a existência de “uma diferença entre os dois grupos, não somente no que diz respeito às capacidades de memória, fluência verbal e processos básicos da linguagem” bem como nas “habilidades interacionais características do encargo e das estratégias para aquisição do conhecimento”, dentre outras (Cavallo, 2019, p. 66).

Cavallo (2019) observa que, assim como Pöchhacker, Kalina (2000) também utiliza o termo *competence of a professional interpreter* (competência do intérprete profissional), embora em outras partes do artigo, incluindo o título e várias seções, ela empregue *interpreting competence* (competência interpretativa ou em/de interpretação). Cavallo sugere que essa variação terminológica pode indicar uma ênfase na competência pertencente ao intérprete já inserido no mercado profissional, focando nas reflexões sobre a interpretação profissional em contraste com o processo de aquisição dessa competência. Além disso, ao referir-se à competência do intérprete em vez de competência em interpretação, destaca-se, de maneira explícita e abrangente, a competência necessária ao ser humano. Cavallo destaca a definição de Kalina como particularmente interessante, pois ela integra tanto uma competência mais interna, relacionada ao processo de compreensão e produção de textos orais, quanto uma competência

¹⁶ Do inglês: “*Personal qualities and abilities*” e “*Special skills and expertise*”

¹⁷ Do inglês: “*the congruence between task demands (performance standards) and qualifications, and an understanding of the latter is crucial to professionalization in general and interpreter training in particular*”.

voltada para o manejo de fatores externos, como limitações de tempo, falta de autonomia semântica (no sentido de que o intérprete não decide o conteúdo daquilo que vai falar) e interferências entre os processos de compreensão e produção (causados por falhas de equipamento, por exemplo). Para uma leitura mais detalhada acerca da literatura envolvendo a competência em interpretação, recomendamos a leitura do capítulo 3 da tese de Cavallo (2019).

Além desta obra, há ainda autores que defendem que a competência tradutória também seria útil para descrever, até certo ponto, a competência interpretativa.¹⁸ No artigo “Competência em Interpretação: um breve estudo da interpretação em língua B”, Camargo (2014) trata justamente dessa possibilidade. Na publicação, a autora fala sobre alguns aspectos e apresenta uma reflexão inicial sobre essa aplicação das competências do PACTE para a atividade de interpretação em conferência na atuação com línguas vocais-auditivas.

Camargo (2014) analisa a interpretação na língua B a partir do modelo de competência tradutória do PACTE (2003) e do Modelo dos Esforços de Gile (1995), com o propósito de investigar se as competências empregadas nos processos de tradução e de interpretação possuem a mesma natureza. O estudo busca examinar se as subcompetências utilizadas na tradução e na interpretação são as mesmas e se desempenham de maneira similar em ambos os processos. Por fim, o estudo conclui que cada atividade se constitui como um processo complexo de produção de linguagem, mas que, mesmo assim, o modelo de competência tradutória pode servir de ponto de partida ao entendimento dos processos de interpretação.

“A interpretação, especialmente a simultânea, devido às suas características, e em língua B, devido à discussão de sua aplicabilidade, é um processo complexo de produção da linguagem que suscita uma grande demanda de pesquisa em relação às competências a serem desenvolvidas na formação de intérpretes. É possível, no entanto, utilizar o modelo de competência tradutória como ponto de partida para aprofundar tal estudo comparativo” (Camargo, 2014, p.31).

Nogueira (2022), que investiga a prática da interpretação de conferências na atuação de intérpretes de Libras-português, atuando em equipe e em cabine (2016; 2019), destaca a importância do tempo e da prontidão de resposta como exigências específicas para os intérpretes, diferentemente das demandas impostas aos tradutores, e argumenta que, de modo geral, todas as cinco subcompetências descritas pelo PACTE são ativadas durante a prática de interpretação, porém, há refinamentos e momentos distintos, especialmente na fase de preparação anterior ao evento e na fase de interpretação durante o evento.

¹⁸ Aqui o termo “competência interpretativa” é utilizado como sinônimo de “competência do intérprete”, e não como a capacidade cognitiva mais abrangente, inerente ao ser humano.

“A busca por materiais está relacionada à subcompetência instrumental, que será ativada junto com a subcompetência extralinguística, referente ao histórico e ao conhecimento anterior que o intérprete possui, além dos conhecimentos teóricos e práticos que o intérprete deve ter sobre interpretação para que possa se localizar e realizar um trabalho como esperam que ele faça. Todas essas subcompetências nos parecem ser mobilizadas também na interpretação para línguas de sinais” (Nogueira, 2022, p. 207).

Segundo o autor, a “subcompetência estratégica, por ter a função de planejar o processo, elaborar e identificar problemas de interpretação para que se apliquem procedimentos para sua resolução, acaba também tendo um protagonismo na interpretação” (Nogueira, 2022, p. 206-207). É provável que a mobilização da competência interpretativa exija o uso de recursos associados à subcompetência estratégica, que são igualmente importantes na tradução, para gerenciar e maximizar a eficácia do processo interpretativo.

Nesta pesquisa, em consonância com a perspectiva de Cavallo (2019; 2022), optamos por utilizar a expressão “competência do intérprete” (*interpreter competence*), para nos referenciar ao papel profissional do intérprete, em vez dos termos “competência interpretativa” ou “competência em interpretação” (*interpreting competence*), que tendem a enfatizar a competência de transferência linguística e cultural, em detrimento de uma competência profissional mais ampla. Discorreremos um pouco mais sobre esta distinção a seguir.

2.3 A COMPETÊNCIA DO INTÉRPRETE (*INTERPRETER COMPETENCE*)

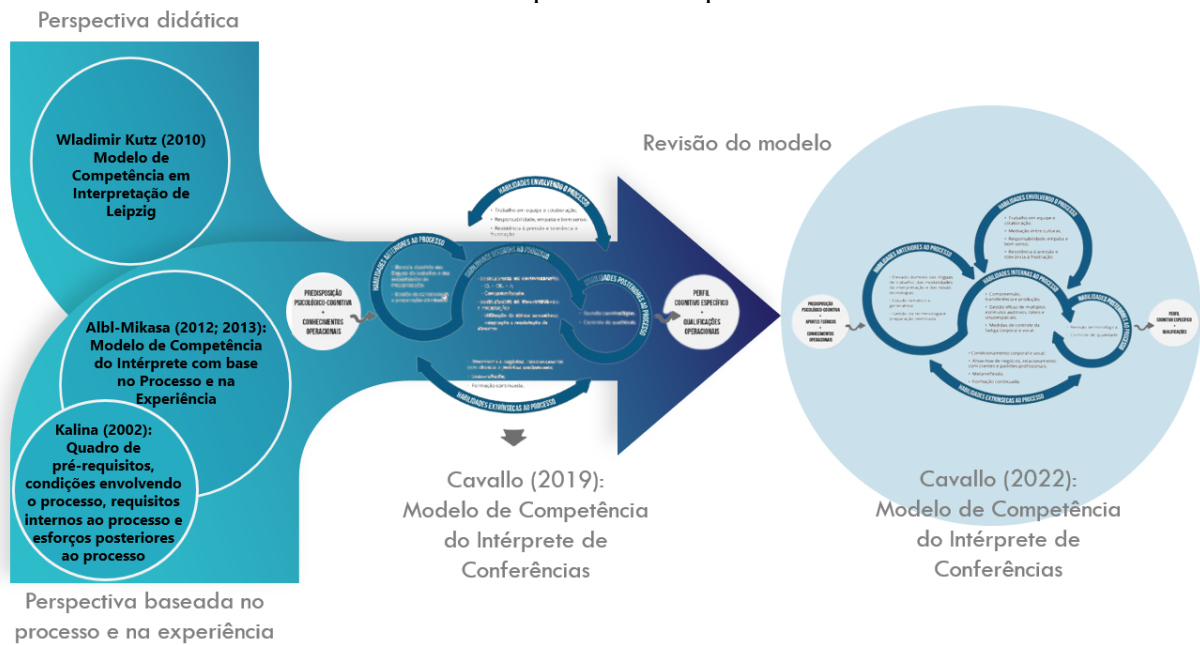
Desenvolvido em 2019 e atualizado em 2022,¹⁹ o modelo de competência do intérprete de conferências proposto por Cavallo ilustra, por meio de um diagrama visual, o processo de transformação ou aprendizagem de diferentes habilidades ao longo da formação profissional. Segundo a autora, a competência do intérprete “envolve tudo aquilo que um intérprete precisa saber e ser capaz de fazer para realizar com ótima qualidade a sua atividade profissional, conhecendo a si mesmo e às razões pelas quais cumpre as suas funções” (Cavallo, 2022, p. 21).

Neste sentido, Cavallo (2019) apresenta um modelo de competência do intérprete de conferências que busca conciliar a abordagem didática proposta por Kutz (2010) com aquela

¹⁹ “A revisão do Modelo torna-se necessária para especificar noções que não foram suficientemente abordadas em Cavallo (2019), além de realizar algumas alterações devido às novas modalidades de trabalho impostas pela pandemia da Covid-19”, pois embora “tenha sido destacada a importância dos aportes teóricos para a formação de intérpretes [...], o fato de eles não estarem visualmente presentes no Modelo poderia ser um empecilho para a sua maior compreensão e utilização em âmbito didático (CAVALLO, 2022, p. 26-27).

fundamentada no processo e na experiência sugerida por Albl-Mikasa (2012; 2013), esta última baseada em Kalina (2002). Segundo Kutz (2010), o intérprete precisa dispor de um “perfil cognitivo específico”, ou seja, uma predisposição psicológico-cognitiva, emocional e motivacional, característica parcialmente inata, também estimulada e treinada ao longo da formação e o conceito de competência está baseado no conhecimento e centrado na operação. A competência seria, assim, a soma de conhecimento, e como resultado máximo dele, a habilidade (Cavallo, 2022, p. 25).

Figura 5 - O modelo de competência do intérprete resultante da perspectiva didática e a baseada no processo e experiência



Fonte: Elaboração do autor

Assim, Cavallo (2022) apresenta um modelo descritivo (e não prescritivo), como um instrumento didático para demonstrar as habilidades (ou seja, as capacidades aprendidas e aprimoradas ao longo da formação) que dizem respeito às dimensões de trabalho do intérprete. O modelo possui uma estrutura que deve ser interpretada da esquerda para a direita, evidenciando a transformação dos conhecimentos operacionais em habilidades e, posteriormente, em qualificações. O referido modelo é composto de diferentes grupos de habilidades organizados em listas e contornados por setas que formam círculos semiabertos azuis parcialmente intercruzados e aproximados, expressando melhor a interrelação entre as diversas esferas.

Figura 6 - Modelo de Competência do Intérprete de Conferências



Fonte: Cavallo (2022, p.29)

Conforme exposto por Cavallo (2019, 2022), há um consenso na área de Educação e Psicologia de que o termo “habilidade” é usado como tradução para “*skill*”, pois se entende que habilidade se refere à capacidade adquirida para desempenhar uma atividade específica, enquanto “aptidão” se refere à predisposição natural de uma pessoa para uma determinada atividade ou trabalho, representando um potencial que é influenciado pelo exercício, prática e formação. Por outro lado, a competência, de acordo com Hurtado Albir (2020), seria um saber-agir, e não apenas um saber-fazer, pois implica não somente a aplicação destes saberes, mas também a aplicação destes saberes com eficácia (Cavallo, 2022, p. 22).

Segundo Cavallo (2022), os conhecimentos operacionais (ou procedimentais) são aqueles relacionados ao saber-como fazer algo. Eles se referem às habilidades práticas que uma pessoa precisa ter para realizar uma tarefa específica, como, por exemplo, as técnicas de interpretação utilizadas por um intérprete de conferências. Esses conhecimentos são diferentes dos conhecimentos declarativos (ou teóricos), que se referem ao saber-o-quê ou saber-sobre algo. Juntos, os conhecimentos operacionais e declarativos compõem a competência do intérprete de conferências.

As diferentes esferas no centro dele referem-se a conjuntos específicos de habilidades (ALBL-MIKASA, 2012). As *habilidades anteriores ao processo* (*pre-process skills*) precisam estar bem consolidadas antes de realizar o processo interpretativo em si, tendo, portanto, um impacto direto nas *habilidades internas ao processo* (*in-process skills*), isto é, aquelas necessárias para lidar propriamente com a fase de interpretação. As *habilidades posteriores ao processo* (*post-process skills*) ligam-se à fase seguinte ao trabalho de interpretação e também impactam as habilidades internas. Por sua vez, as *habilidades envolvendo o processo* (*peri-process skills*) estão situadas acima das habilidades internas ao processo, por estarem estritamente ligadas a elas e por se referirem ao processo de interpretação em si, ao passo que, na parte inferior da figura, encontram-se as *habilidades extrínsecas ao processo* (*para-process skills*), as quais abraçam todas as fases do trabalho do intérprete (Cavallo, 2022, p. 28-29).²⁰

É importante ressaltar que a referida distinção terminológica entre “competência do intérprete” e “competência em interpretação” é utilizada principalmente com propósitos didáticos e para a organização conceitual desse construto, sem necessariamente implicar que, sempre que se mencionar a *interpreting competence* na literatura ou nos currículos, devamos adotar uma interpretação restrita dessa expressão; assim, não podemos ignorar que em alguns

²⁰ Uma ressalva: no trecho em que a autora menciona que as habilidades envolvendo o processo (*peri-process skills*) como “estritamente ligadas” às habilidades internas “por se referirem ao processo de interpretação em si”, ponderamos que a expressão “estritamente ligadas” denota a ideia de “exclusividade”, e deveria ser substituída por “estritamente ligadas”, ou “intimamente ligadas”. A sugestão se dá em vista de que muitas das habilidades citadas no conjunto “envolvendo o processo”, apesar de serem fortemente ligadas ao processo, podem ser aplicadas fora do contexto de interpretação simultânea: como as habilidades de mediação entre culturas, responsabilidade, empatia, bom senso, tolerância à pressão, etc.

casos, a “competência em interpretação” pode abarcar habilidades além daquelas estritamente ligadas ao processo de transferência e àquela linguístico-cultural em si (Cavallo, 2022).

Corroboramos com a visão da autora que, embora reconheça que o modelo tenha sido concebido a partir da atuação do intérprete de línguas orais em um contexto de conferências, tendo em vista os trabalhos que o fundamentam (Kalina, 2002; Kutz, 2010; Albl-Mikasa, 2012; 2013), também possa descrever adequadamente a atuação do intérprete de línguas de sinais. E que, por isso, estudos específicos precisariam ser realizados para analisar e eventualmente revisar/adaptar o modelo, o que não é o objetivo da presente pesquisa, cujo foco é o entendimento de como a atuação remota em contexto pandêmico afetou a mobilização das habilidades de intérpretes de Libras-português, e não a revisão/adaptação do modelo em si.

Em suma, o modelo de competência do intérprete de conferências proposto por Cavallo (2022) apresenta a habilidade como uma capacidade adquirida que deriva de um conhecimento operacional (prático). Essa habilidade, por sua vez, evolui para uma qualificação operacional ao final do processo de formação ou no início da atuação profissional como intérprete.

Para fins de melhor visualização do modelo de competência do intérprete, elaboramos um conjunto de quadros que apresentam as habilidades, que dizem respeito às dimensões de trabalho do intérprete e seus respectivos escopos. Seguimos a mesma ordem de apresentação da autora, a saber: 1. habilidades **anteriores** ao processo; 2. habilidades **internas** ao processo; 3. habilidades **posteriores** ao processo; 4. habilidades **envolvendo** ao processo; e 5. habilidades **extrínsecas** ao processo.

O primeiro quadro apresenta habilidades anteriores ao processo de interpretação incluindo os itens: elevado domínio das línguas de trabalho, das modalidades da interpretação e das novas tecnologias; estudo temático e generalista; gestão da terminologia; e preparação otimizada.

Quadro 4 - Habilidades Anteriores ao Processo

HABILIDADES ANTERIORES AO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO	
Habilidade	Definição
Elevado domínio das línguas de trabalho, das modalidades da interpretação e das novas tecnologias	Envolve conhecimentos implícitos e explícitos sobre os sistemas linguísticos das línguas de trabalho, além dos gêneros, tipos textuais, marcas discursivas de textos e interações nas línguas de trabalho; conhecimento das diferentes modalidades de interpretação (como interpretação consecutiva, simultânea etc.); e domínio de ferramentas de tecnologia, como equipamento, programas e aplicativos inerentes ou auxiliares ao serviço de interpretação.

Estudo temático e generalista	Estudar em profundidade a temática específica do evento, além de saber pesquisar e se atualizar sobre questões de cunho generalista, como geografia e acontecimentos sociopolíticos.
Gestão da terminologia	Construção de glossários, busca de equivalentes, memorização e consulta durante o trabalho, entre outras atividades relativas à gestão terminológica (uso do computador sendo imprescindível, ou de outros dispositivos como tablet e celular).
Preparação otimizada	Realizar o estudo do material que foi enviado pelo cliente/palestrantes no tempo que o intérprete tem à sua disposição.

Fonte: Elaboração do autor, com base em Cavallo (2019; 2022)

O segundo quadro apresenta habilidades internas ao processo de interpretação *simultânea*, incluindo a compreensão, transferência e produção; gestão eficaz de múltiplos estímulos auditivos, táteis e visuoespaciais; e medidas de controle da fadiga corporal e vocal.

Quadro 5 - Habilidades Internas ao Processo
**HABILIDADES INTERNAS AO PROCESSO
DE INTERPRETAÇÃO**

Habilidade	Definição
Compreensão, transferência e produção	Não detalha as habilidades específicas necessárias para compreensão, transferência e produção, uma vez que são inúmeras (análise deliberada, contextualização, concentração, desverbalização, utilização de táticas específicas [GILE, 2009, p. 200-201], adaptação e modulação do discurso etc.).
Gestão eficaz de múltiplos estímulos auditivos, táteis e visuoespaciais	Alguns exemplos desses estímulos são: o feedback vindo do público, do técnico, do coordenador do evento ou do cliente; o toque no braço ou no ombro do colega na cabine, no palco ou em outro lugar dependendo do contexto da interpretação; o ruído do ambiente etc.
Medidas de controle da fadiga corporal e vocal	A prática de uma série de ações voltadas a não sobrecarregar as suas capacidades físicas e cognitivas. Exercícios de alongamento e relaxamento nos intervalos, hidratação, trabalho com a respiração, regulação da intensidade e frequência vocais, entre outros.

Fonte: Elaboração do autor, com base em Cavallo (2019; 2022)

O próximo quadro apresenta habilidades posteriores ao processo de interpretação, incluindo revisão terminológica e controle de qualidade.

Quadro 6 - Habilidades Posteriores ao Processo

HABILIDADES POSTERIORES AO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO	
Habilidade	Definição
Revisão terminológica	Atualização de glossários com base no uso específico de alguns termos feito por especialistas durante o evento ou, ainda, organização gráfica, entre outros.
Controle de qualidade	Senso crítico, medidas de correção de vícios da fala ou de problemas técnicos, após ter ouvido, por exemplo, a própria interpretação gravada; o controle de qualidade também inclui o feedback, vindo tanto de colegas quanto de clientes, organizadores do evento etc.

Fonte: Elaboração do autor, com base em Cavallo (2019; 2022)

O penúltimo quadro apresenta habilidades envolvendo o processo de interpretação, incluindo o trabalho em equipe e colaboração; mediação entre culturas; responsabilidade, empatia e bom senso; resistência à pressão e tolerância à frustração.

Quadro 7 - Habilidades Envolvendo o Processo

HABILIDADES ENVOLVENDO O PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA	
Habilidade	Definição
Trabalho em equipe e colaboração	Atitude colaborativa em relação aos colegas e aos clientes em todos os aspectos, desde os técnicos até os terminológicos, como troca de glossários etc.
Mediação entre culturas	Conhecimento profundo do universo sociocultural dos países cujas línguas fazem parte da combinação linguística do intérprete, sabendo mediar e solucionar eventuais conflitos, se necessário, entre diversas partes cujas práticas socioculturais específicas poderiam obstaculizar a comunicação sem uma mediação eficaz.
Responsabilidade, empatia e bom senso	Responsabilidade: conhecimento de si mesmo e das funções que deve cumprir. Empatia: sensibilidade e entendimento das “vozes” e dos posicionamentos dos outros. Bom senso: capacidade de avaliar realisticamente a situação comunicativa e o próprio desempenho.
Resistência à pressão e tolerância à frustração	Gestão eficaz do estresse e da ansiedade, enfocando os meios de preveni-los e combatê-los; capacidade de lidar com a frustração que pode derivar, por exemplo, da consciência de eventuais erros cometidos.

Fonte: Elaboração do autor, com base em Cavallo (2019; 2022)

O último quadro apresenta habilidades extrínsecas ao processo de interpretação, incluindo condicionamento corporal e vocal; *know-how* de negócios, relacionamento com clientes e padrões profissionais; metarreflexão e formação continuada.

Quadro 8 - Habilidades Extrínsecas ao Processo

HABILIDADES EXTRÍNSECAS AO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO	
Habilidade	Definição
Condicionamento corporal e vocal	Inclui, entre outros, trabalho com a respiração, hidratação e descanso adequados, aquecimento e desaquecimento da voz, e provavelmente outros aspectos específicos no caso de quem trabalha com línguas de sinais.
<i>Know-how</i> de negócios, relacionamento com clientes e padrões profissionais	Elaborar orçamentos, planejar viagens, estar em contato com os clientes, conhecer e respeitar padrões éticos sugeridos pelas associações profissionais, entre outros.
Metarreflexão	Saber refletir sobre a comunicação e seus escopos, bem como acerca da própria competência e da profissão em geral.
Formação continuada	Todas as iniciativas concretamente tomadas para a atualização e aprimoramento das próprias habilidades.

Fonte: Elaboração do autor, com base em Cavallo (2019; 2022)

Cada uma dessas habilidades desempenha um papel fundamental para o sucesso da interpretação simultânea e os intérpretes devem estar cientes delas e trabalhar ativamente para aprimorá-las. Desta forma, corroboramos o posicionamento de Cavallo (2022) e adotamos o uso do termo “competência do intérprete” (*interpreter competence*), e não “competência interpretativa” ou “competência em interpretação” (*interpreting competence*), por considerarmos o primeiro termo mais abrangente no que diz respeito ao papel profissional do intérprete, tratando-se de um construto mais amplo de competência, baseada em um conjunto de habilidades e experiências, assim como propõe Albl-Mikasa (2012).

É importante frisar que esta pesquisa não se propõe a avaliar, aplicar, ou testar o modelo de competência do intérprete junto a um grupo específico como os profissionais intérpretes de Libras-português, mas antes, utilizá-lo como ponto de partida para descrição e análise das percepções que os próprios profissionais têm de como suas habilidades foram mobilizados no processo, tendo em vista o contexto emergencial de pandemia.

2.4 A COMPETÊNCIA DO INTÉRPRETE INTERMODAL

Segundo Meier (2004), as línguas humanas podem ser expressas em pelo menos duas²¹ modalidades distintas: sendo uma modalidade vocal-auditiva (das línguas orais, como o português, inglês e espanhol) e outra de modalidade gesto-visual (das línguas de sinais, como a Libras, ASL ou Auslan²²). Segundo o autor, o reconhecimento do *status* linguístico das línguas de sinais amplia a própria conceituação de língua/fala e, por conseguinte, a organização epistemológica dos Estudos Linguísticos, já que não podemos mais pensar em língua/fala com produção de sinais sonoros, considerando que as línguas de sinais também apresentam propriedades linguísticas que independem da modalidade; isto significa dizer que tais propriedades são características da produção humana.

De acordo com o linguista Roman Jakobson (1959), existem três tipos de tradução. Sendo:

1. **Tradução intralingual:** também conhecida como reinterpretação ou *parafraseamento*, esta forma de tradução ocorre dentro da mesma língua. Envolve a interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. Por exemplo, reescrever um texto em um estilo diferente ou simplificar a linguagem técnica para um público leigo;
2. **Tradução interlingual:** esta é a forma mais comum de tradução, onde ocorre a transferência de significado de uma língua para outra. Envolve a interpretação de signos verbais de uma língua por meio de signos verbais de outra língua. Por exemplo, traduzir um texto do inglês para o português;
3. **Tradução intersemiótica:** também conhecida como transmutação, é a interpretação de signos verbais por meio de signos não verbais. Envolve a tradução de um texto para outra forma de arte, como a adaptação de um romance para um filme ou a representação de um poema em uma pintura.

Para além da categorização de Jakobson (1959), temos também os conceitos de tradução intramodal e intermodal, introduzidos por Jemina Napier (2002). Esses conceitos são particularmente relevantes no contexto da interpretação e tradução de línguas de sinais. Napier

²¹ Meier (2004) também cita a possibilidade de uma terceira modalidade: a “tátil-gestual”, usada especialmente por surdocegos, e questiona se haveriam línguas naturais desta modalidade.

²² *Australian Sign Language* - Língua de Sinais Australiana.

expandiu a compreensão das dinâmicas envolvidas na tradução e interpretação, especialmente no que diz respeito às línguas de sinais. Assim, concebemos:

1. **Tradução intramodal:** refere-se à tradução ou interpretação dentro da mesma modalidade de língua. Por exemplo, isso pode envolver a interpretação de uma língua de sinais (de modalidade gesto-visual, como a Libras), para outra da mesma modalidade (como a ASL²³); ou ainda, a tradução de um texto em uma língua oral (de modalidade vocal-auditiva, como o português) para outra língua da mesma modalidade, como o inglês;
2. **Tradução intermodal:** refere-se à tradução ou interpretação entre diferentes modalidades de língua (sendo uma de modalidade gesto-visual e a outra, de modalidade vocal-auditiva).

Tecnicamente, além da alocação de uma série de recursos cognitivos, a interpretação simultânea de línguas vocais-auditivas exige, na maioria das vezes, equipamento próprio que a torne possível, cabines fixas ou móveis, com janelas de vidro e que obedeçam às normas ISO de isolamento acústico, dimensão, qualidade do ar, acessibilidade, equipadas de microfones, fones de ouvido, controladores de áudio etc. Não raramente, as cabines de interpretação de línguas vocais-auditivas se situam em lugares de difícil visualização, fazendo com que o intérprete assuma uma condição relativa de invisibilidade em relação ao seu público.

Na interpretação para línguas de sinais, apesar da possibilidade de que a interpretação seja realizada em cabines ou estúdios próprios, é bastante comum que o intérprete seja posicionado à vista do público, ou ainda, tenha sua imagem projetada em tela, para visualização coletiva. Tais características se dão a partir da qualidade das línguas de sinais serem de modalidade gestual-visual, o que reverbera numa série de aspectos linguísticos, culturais, tradutórios, interpretativos, cognitivos, operacionais etc.

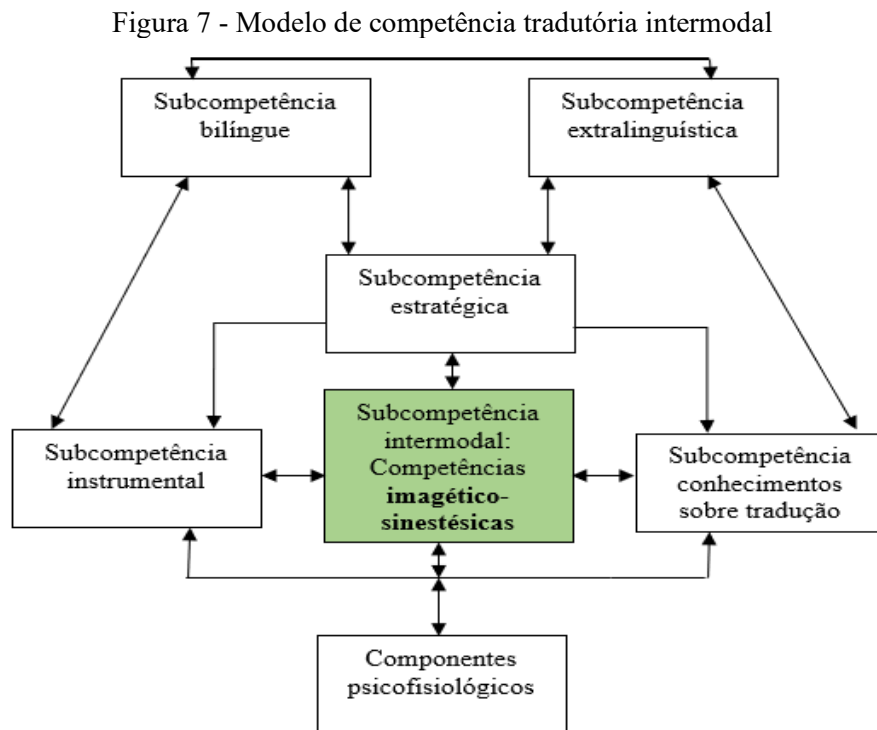
Como mencionamos anteriormente, a interpretação intermodal (envolvendo uma língua de modalidade gestual-visual e outra de modalidade uma vocal-auditiva) suscita diversos efeitos de modalidade específicos. Rodrigues (2018) elenca alguns deles, tais como diferenças na produção das línguas: localização, tamanho e fisiologia dos articuladores (internos ou

²³ *American Sign Language* - Língua Americana de Sinais, utilizada nos Estados Unidos e no Canadá.

externos, visíveis ou praticamente invisíveis), meio de propagação física (acústica ou visual), a relação das dimensionalidades tempo-espaço, dentre outros.

Tendo em vista todas estas questões, Rodrigues (2018) discute os modelos de competência tradutória e argumenta sobre a possibilidade destes tradutores possuírem um componente específico: a subcompetência intermodal. Resumidamente, a subcompetência intermodal relaciona-se ao “desenvolvimento de conhecimentos e habilidades necessários tanto à exploração corporal dos dispositivos linguísticos específicos das línguas de sinais”, bem como à “capacidade visual-cognitiva de ler a totalidade das informações gestuais e espaciais, durante a vocalização, [...] ambas vinculadas à habilidade de se administrar a possibilidade de sobreposição das línguas de maneira vantajosa” (Rodrigues, 2018, p. 310).

A imagem a seguir demonstra, simbolicamente, a interação da competência intermodal com as outras subcompetências do modelo do PACTE (2017):



Fonte: Rodrigues (não publicado)

Mesmo em línguas de modalidade vocal-auditiva, a comunicação oral transcende a mera utilização de elementos linguísticos e prosódicos, englobando também uma gama de signos não linguísticos que são codificados e reconhecidos convencionalmente como indicativos de significados específicos ou demonstrativos de certas atitudes. Esta compreensão é corroborada por Dolz, Schneuwly e Haller (2004), que ressaltam a presença de múltiplos canais de

significação atuantes durante o ato comunicativo (no caso, se referindo à fala produzida em línguas orais). Nessa perspectiva, os autores destacam outros meios presentes no momento de uma enunciação vocal, os categorizando como meios paralinguísticos, meios cinésicos e meios extralinguísticos:

Quadro 9 - Elementos da comunicação oral

Meios	Elementos passíveis de significação
Meios paralinguísticos	Qualidade da voz, melodia, ritmo, risos, sussurros, respiração etc.
Meios cinésicos	Postura física, movimentos de braços ou pernas, gestos, olhares, mímicas faciais etc.
Meios extralinguísticos	A posição dos locutores: ocupação de lugares, espaço pessoal, distâncias, contato físico etc.; aspecto exterior: roupas, disfarces, penteado, óculos, limpeza etc.; a disposição dos lugares: lugares, disposição, iluminação, disposição das cadeiras, ordem, ventilação, decoração etc.

Fonte: Elaborado com base em Dolz, Schneuwly e Haller (2004)

Com isso, compreendemos que, a partir de uma produção em língua de sinais, o intérprete tem à sua disposição uma grande quantidade de *inputs* visuais – linguísticos, paralinguísticos, cinésicos (que podem vir a se tornar linguísticos por conta da própria modalidade de expressão gestual-visual das línguas de sinais) – e, por fim, os meios extralinguísticos. Todos estes elementos precisam ser selecionados ou suprimidos, a depender da sua relevância ao processo comunicativo em questão. A soma destes fatores contribui para que a atividade de interpretação simultânea se configure como uma atividade complexa e cognitivamente exigente.

Nesse contexto, Aguayo (2021) explora as habilidades essenciais para a competência dos intérpretes de Libras-português (intermodais) tendo como ponto de partida o modelo de competência do intérprete proposto por Cavallo (2019), complementado por contribuições de outros acadêmicos nos Estudos da Interpretação. O estudo em questão investiga especificamente a competência dos intérpretes de Libras que trabalham na Tv Câmara, uma instância do poder legislativo federal responsável por televisionar os eventos e discussões do âmbito político e governamental.

Aguayo (2021) adota uma abordagem quali-quantitativa, investigando as particularidades profissionais e técnicas dessa função, em contraponto aos critérios de

contratação estipulados pela Câmara dos Deputados do Brasil e outros documentos reguladores e de recomendação, como os emitidos pela Febrapils. Por fim, após verificar a consistência entre esses documentos e as habilidades requeridas na prática profissional, o autor propõe um modelo específico de competência para intérpretes de Libras-português no contexto da Tv Câmara, que possa não só orientar os intérpretes atuais da Tv Câmara, mas também servir como referência para futuras gerações que ocuparão essas funções.

Um dos pontos importantes deste trabalho é o fato de que, embora se baseie nos aspectos técnicos e práticos do intérprete de conferência e ter sido concebido a partir da perspectiva das línguas orais (ou vocais-auditivas) de Cavallo (2019), Aguayo (2021) argumenta que a natureza do serviço prestado pelos intérpretes de Libras-português possui também aspectos da interpretação comunitária, no sentido de que este serviço de interpretação viabiliza o acesso a um direito básico das comunidades surdas do Brasil: o direito de uso e expressão em sua própria língua, além do direito ao acesso às informações públicas.

2.5 A (AUTO)PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA

De forma geral, a “percepção de competência” é um tema amplamente discutido em diversas áreas acadêmicas, incluindo psicologia, educação etc. Essa percepção refere-se à maneira como indivíduos avaliam suas próprias habilidades e competências em diferentes contextos. A título de exemplificação, podemos citar os seguintes estudos:

1. **Psicologia da Autoeficácia:** Albert Bandura, um renomado psicólogo, desenvolveu a teoria da autoeficácia, que é central para entender a percepção de competência. Sua obra *Self-Efficacy: The Exercise of Control* (1997) investiga como as crenças individuais sobre as próprias capacidades afetam o comportamento e a motivação em diversos aspectos da vida, inclusive com o intuito de fortalecer a autoeficácia para melhorar o desempenho e o bem-estar em indivíduos e em grupo.
2. **Formação e Desenvolvimento de Competências:** em *The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance* (1993), Ericsson, Krampe, e Tesch-Römer discutem como a prática deliberada contribui para o desenvolvimento de competências e a percepção de habilidade em diversos campos, como música, esporte, ciência etc. Segundo os autores, o desenvolvimento de competências é dramaticamente influenciado pela prática deliberada. Os autores ressaltam que a

proposição de que a prática por si só, independentemente de sua estrutura, leva ao desempenho máximo é contestada há muito e cita estudos que relatam adultos atuando em um nível muito abaixo do seu nível máximo, mesmo em tarefas que realizam frequentemente, como em atividades cotidianas como escrever de forma inteligível, ou especializadas como comunicação em código Morse, ou ainda digitação de números (em caso de caixas de supermercado profissionais). A melhoria, no entanto, pode ser encorajada a partir de um conjunto de fatores: como incentivos por promoções ou recompensas; ou pela própria motivação interna, como o interesse ou não em melhorar, priorizando os pontos de atenção e direcionando esforços de forma intencional.

No âmbito da Linguística, a percepção de competência é um tema relevante. Reconhecidamente, os estudos na área relatam que a percepção do indivíduo sobre sua própria competência linguística pode influenciar a aprendizagem, a comunicação intercultural e a autoconfiança em contextos de uso da língua. Alguns teóricos nesta área incluem:

1. **Stephen Krashen e a Hipótese do Filtro Afetivo:** Krashen, em sua teoria de aquisição de segunda língua, propõe que a motivação, a autoconfiança e a ansiedade são fatores críticos que influenciam a aprendizagem de uma língua. A percepção de competência linguística é um componente fundamental do *filtro afetivo* que é um conceito chave desta teoria (Krashen, 1982).
2. **Noam Chomsky e a Competência Linguística:** Em sua teoria, Chomsky usa o termo “competência” de uma forma bastante específica, diferentemente do uso comum da palavra. Em suma, o autor distingue entre “competência” (o conhecimento inconsciente da língua) e “performance” (o uso real da língua em situações concretas). Assim, a percepção de “competência” linguística está relacionada a como os falantes percebem seu próprio conhecimento linguístico (Chomsky, 1965).

No âmbito dos Estudos da Interpretação, apesar de um considerável uso de pesquisas de levantamento em que os intérpretes avaliam sua própria competência, as discussões sobre (auto)percepção da competência interpretativa em si ainda são escassas. Assim, a literatura

acadêmica revela uma carência de discussões aprofundadas acerca da percepção da competência interpretativa propriamente dita. Esta lacuna na pesquisa sugere a necessidade de uma investigação mais detalhada e sistemática sobre como os intérpretes percebem e avaliam suas próprias habilidades no âmbito da interpretação.

Na obra *Aptitude for Interpreting*, Franz Pöchhacker e Minhua Liu (2015) trazem reflexões sobre o conceito de aptidão para a interpretação, que se refere às habilidades, características e competências que tornariam alguém particularmente adequado para a tarefa de interpretação interlingual. Esta obra explora diversos aspectos relacionados à identificação, avaliação e desenvolvimento dessas habilidades em intérpretes, tanto em nível iniciante quanto avançado. Em um dos capítulos desta publicação, Karen Bontempo e Jemina Napier (2015) investigam a estabilidade emocional em um estudo de intérpretes de língua de sinais profissionais na Austrália. Elas utilizaram um questionário para medir construtos considerados preditivos de desempenho em uma variedade de contextos, como:

1. **a orientação para objetivos** (*goal orientation*), caracteriza-se por um desejo de desenvolver-se, adquirir novas habilidades, melhorar a competência ou dominar novas situações ou contextos;
2. **a autoeficácia** (*self-efficacy*), que se refere à confiança que uma pessoa tem em sua capacidade de realizar tarefas, enfrentar desafios, ser bem-sucedida e atingir metas em uma variedade de situações de modo geral;
3. **a afetividade negativa** (*negative affectivity*), como um traço de personalidade intimamente ligado à ansiedade debilitante e ao neuroticismo (tendência a experimentar emoções negativas, como estresse, irritabilidade, tristeza etc.).

As autoras argumentam que ensinar estudantes de interpretação e intérpretes já formados a gerenciar melhor a ansiedade e o estresse ocupacional pode ser benéfico para melhorar o desempenho deles na interpretação. Ademais, proporcionar estruturas de apoio formais no ambiente de trabalho, como *debriefing*, supervisão e mentoria, pode promover o bem-estar emocional e levar a uma melhor competência e desempenho.

Cavallo (2022) defende que, pelo ponto de vista da formação de intérpretes, “acreditamos que seja necessário estabelecer uma avaliação mais objetiva, com base nos progressos realizados pelo(a) aluno(a) e no aprimoramento das habilidades de realizar certas tarefas e de refletir sobre elas” (p. 24). Além disso, como já mencionamos, a autora reitera a importância de refletir no entendimento do termo “competência”, isto é, de como esta

competência é percebida por diferentes atores (ou seja, os participantes da interação comunicativa sendo interpretada) e diferentes autores (teóricos que investigam o fenômeno).

A reflexão proposta por Kaczmarek (2010) sobre a aplicação do termo “competência” nos Estudos da Interpretação é de grande relevância. Ele adverte contra a simplificação do conceito de “competência” como uma lista estática de habilidades. Esta preocupação é fundamentada na observação de que as expectativas dos clientes e usuários estão em constante evolução e que a definição das habilidades consideradas como relevantes é altamente dependente da perspectiva teórica adotada. Kaczmarek (2010) destaca ainda um aspecto que, segundo ele, foi frequentemente negligenciado em pesquisas anteriores: a distinção e interação entre “competência” e “desempenho”. Segundo o autor, historicamente, esses conceitos foram interpretados de maneira equivocada, ora como sinônimos, ora como entidades completamente independentes, desde as primeiras discussões sobre a relação entre “competência” e “desempenho”, situando-as no contexto dos estudos de compreensão e produção da linguagem, particularmente com as contribuições de Noam Chomsky (1965) que propunha a ideia de que um desempenho insatisfatório não implica necessariamente uma falta de competência, uma visão que, embora inovadora, foi criticada por seu foco limitado ao aspecto gramatical da linguagem. Essa crítica levou a importantes desenvolvimentos teóricos, como a noção de “competência comunicativa” formulada por Dell Hymes (1972), expandindo o conceito de competência para além do conhecimento gramatical e incluindo a habilidade de usar a língua de forma eficaz em contextos sociais específicos.

Assim, como Cavallo (2022), corroboramos com a visão de Kaczmarek (2010) que questiona a ideia de que as habilidades de tradução e interpretação possam ser avaliadas de maneira objetiva e binária, isto é, como algo que se possui ou não, de forma dicotômica. Esta visão simplista ignora a complexidade e a natureza dinâmica da competência do intérprete. Por fim, baseado na noção de competência comunicativa, o autor argumenta que a “competência deve ser vista como uma questão de julgamento subjetivo desencadeado pela percepção individual do desempenho em uma situação específica” (Kaczmarek, 2010, p. 52, traduzido por Cavallo, 2022, p. 71).²⁴

²⁴ “[...] competence tends to be a question of subjective judgement triggered by an individual perception of performance occurring in a specific situation” (Kaczmarek, 2010, p. 52).

3 INTERPRETAÇÃO REMOTA

Há males que vêm para bem.
Provérbio popular

Nesta seção, discorreremos sobre conceitos importantes que serviram como ponto de partida para realização desta pesquisa, tais como o surgimento e conceitualização da interpretação remota, questões pertinentes à interpretação remota intermodal, além da revisão de estudos que abordam a interpretação remota em diversas partes do mundo.

Por interpretação remota, ou ainda, teleinterpretação, entendemos o serviço prestado por intérpretes que não estão situados nas mesmas instalações que os palestrantes e/ou o público, o que implica no uso de tecnologia para transmissão audiovisual em uma ou mais telas (AIIC Taskforce on Distance Interpreting, 2019).

De acordo com Braun (2015), a “interpretação remota” se constitui como uma modalidade ou método de entrega de serviços de interpretação que pode ser utilizada para diferentes tipos de interpretação, tais como simultânea, consecutiva e diálogo. Assim, o termo “interpretação remota” também implica na utilização de tecnologias de comunicação para se obter acesso a um intérprete que se encontra em outra sala, edifício, cidade ou país e que esteja conectado aos participantes principais por meio de telefone ou videoconferência. Em relação à interpretação de línguas de sinais, o termo “interpretação remota de vídeo” (*Video Remote Interpreting*) tem se consolidado no exterior.

Interpretação remota (também chamada de tele interpretação) é o termo usado para descrever uma videoconferência bilíngue ou multilíngue, na qual os intérpretes estão fisicamente distantes da sala de reuniões e, portanto, não têm uma visão direta dos palestrantes e representantes. [...] O termo “interpretação remota” também abrange a interpretação por telefone, onde o intérprete está conectado ao provedor de serviços por meio de uma linha telefônica conectada a um telefone com alto-falante e então trabalha no modo consecutivo. As tecnologias de videoconferência são usadas em uma variedade de contextos interpretativos: conferência, tribunal, serviço público, assistência médica e educação e envolvem línguas faladas e sinalizadas (Moser-Mercer, 2011, p. 131, tradução nossa).²⁵

²⁵ “Remote interpreting (also called tele-interpreting) is the term used to describe a bi- or multilingual video-conference where interpreters are physically remote from the meeting room and thus do not have a direct view of speakers and delegates. [...] The term remote interpreting also covers telephone interpreting, where the interpreter is connected to the service provider via a standard phone line attached to a speaker phone and works in the consecutive mode. Video-conference technologies are used in a variety of interpreted settings: conference, court, public service, healthcare, and education, and involve both spoken and signed languages” (Moser-Mercer, 2011, p. 131).

Portanto, no termo teleinterpretação (*tele-interpreting, teleconference interpreting*), o prefixo “tele” não se refere apenas à interpretação realizada através do telefone. Na verdade, este prefixo vem do grego antigo τῆλε (têle) que significa “à distância” ou “longe de”, assim como nas palavras “televisão” (o aparelho que permite que possamos assistir algo que se passa à distância), ou teleguiado (que descreve algo que pode ser controlado de longe, de maneira remota).

Segundo Franz Pöchhacker (2004), a interpretação remota traz desafios específicos, como a gestão da fadiga causada pela tela, questões de confidencialidade e segurança de dados e a necessidade de competências técnicas adicionais, incorporando elementos tecnológicos e adaptando-se a diversos contextos. Assim, a interpretação remota se encaixa principalmente sob duas dimensões:

1. **Modalidade de Interpretação:** tradicionalmente, a interpretação é categorizada em simultânea, consecutiva etc. A interpretação remota pode ocorrer em qualquer uma dessas modalidades, mas é realizada à distância, utilizando tecnologias de comunicação; neste sentido, a palavra modalidade é acompanhada pelo termo desambiguador (*medium*), entre parênteses, ou seja, “modalidade (meio de comunicação)” (p. 24);
2. **Uso de tecnologia:** Pöchhacker também considera a tecnologia como um fator importante na interpretação. A interpretação remota envolve o uso de plataformas digitais, software de videoconferência e equipamentos de áudio. Essa configuração tecnológica altera a dinâmica da interpretação, afetando aspectos como a qualidade do som, a interação entre os participantes e o manejo de turnos de fala. O fato de se usar tecnologia na interpretação remota não deve confundir-se com o conceito de *machine interpreting*, ou interpretação automática, aquela realizadas por softwares ou aplicativos que (até certo ponto) independem de supervisão humana a cada uso.

Além disso, Pöchhacker explora diferentes contextos em que a interpretação remota pode ocorrer, como conferências internacionais, ambientes médicos ou jurídicos. A interpretação remota se expandiu para quase todos esses contextos, oferecendo uma alternativa viável quando a presença física não é possível ou desejável.

3.1 A ORIGEM DA INTERPRETAÇÃO REMOTA

A interpretação remota tem sido amplamente discutida devido ao seu potencial de redução de custos. Países e instituições de grande porte estão investindo em pesquisas para avaliar a viabilidade e o impacto da ausência do intérprete presencial no local habitual. Com o avanço tecnológico, a comunicação à distância teve um grande impacto na prática da interpretação, surgindo assim a interpretação remota como uma modalidade alternativa à interpretação tradicional presencial.

O desenvolvimento da interpretação remota foi impulsionado por instituições multilíngues supranacionais que buscavam superar desafios linguísticos e logísticos. De acordo com Braun (2015), o primeiro registro de interpretação via telefone é atribuído ao serviço de imigração australiano em 1973, por meio do *Telephone Interpreting Service*. Serviços semelhantes de interpretação surgiram nos Estados Unidos e no norte europeu a partir da década de 1980. A interpretação por videoconferência foi testada pela primeira vez em 1976, em um experimento realizado na sede da UNESCO em Paris, capital da França, na Europa, conectando-a a um centro de conferências em Nairóbi, capital do Quênia, na África. O evento contou tanto com a interpretação remota via telefone, quanto com a interpretação remota por vídeo.

Além disso, no ano de 1978, as Nações Unidas realizaram uma nova tentativa de interpretação remota, desta vez entre as cidades de Nova Iorque e Buenos Aires. Esses primeiros experimentos pavimentaram o caminho para uma série de testes subsequentes, nos quais novos equipamentos foram utilizados para viabilizar a comunicação entre locais geograficamente distantes por meio de áudio, vídeo ou ambos (BRAUN, 2015).

Num documentário produzido pela AIIC com os intérpretes da ONU (Organização das Nações Unidas), alguns dos profissionais relatam o processo de testes e implementação da interpretação remota, no início realizada majoritariamente pelo telefone e, posteriormente, com o uso de som e imagem transmitidos por satélites. No entanto, há relatos que expressaram receio e descontentamento com a introdução da interpretação remota em contextos em que, antes, a presença física do intérprete se constituía imprescindível à comunicação entre as partes envolvidas:

Figura 8 - Trecho do documentário *The Interpreters: A Historical Perspective*



Fonte: AIIC Interpreters (1995)²⁶

Agora, nós podemos fazer interpretação à distância. Videoconferência, visoconferência, teleconferência. Eles ainda não se decidiram no termo ainda. Isso permite que, por exemplo, intérpretes que estão em Nova York interpretem uma conferência que está acontecendo em Buenos Aires. [...] Com o tempo, descobrimos que houve uma diminuição na interação entre o intérprete e os participantes da reunião. Primeiro, fazíamos a interpretação consecutiva, face-a-face, e o intérprete estava na mesma sala. Depois, com a interpretação simultânea, o intérprete estava em uma cabine de vidro. Então, se presta cada vez menos atenção à organização dos assentos no ambiente, de forma que, às vezes, o intérprete não pode ver orador, nem pode mais ver as pessoas que o escutam. Agora, estamos indo em direção a uma era em que o intérprete sequer estará no mesmo ambiente, o intérprete será posto de lado. Estou dizendo que, tecnicamente, é possível. Mas humanamente, tenho minhas dúvidas (AIIC INTERPRETERS, 1995, tradução nossa).

Assim, à medida que se deu o surgimento da interpretação remota, muitos profissionais observaram com cautela as implicações advindas da diminuição na interação entre o intérprete e os participantes das reuniões, especialmente levando em consideração a preocupação sobre a perda da comunicação presencial, e uma possível diminuição da percepção da relevância do papel do intérprete em um contexto remoto. Citando as palavras da intérprete entrevistada: “agora, estamos indo em direção a uma era em que o intérprete sequer estará no mesmo ambiente, o intérprete será posto de lado” (AIIC INTERPRETERS, 1995, tradução nossa).

Embora tenha sido alvo de debates e questionamentos sobre a viabilidade e as condições de trabalho dos intérpretes, a interpretação remota também tem sido associada à eficiência e

²⁶ Evelyn Moggio-Ortiz (AIIC) produziu este documentário por ocasião do 50º aniversário da ONU em 1995. Mais de 60 intérpretes de todas as gerações, além de embaixadores e outros usuários dos serviços de interpretação, foram entrevistados em Nova York, Paris e Genebra. O resultado de dois anos de trabalho foi "The Interpreters: A Historical Perspective" ("Os Intérpretes: Uma Perspectiva Histórica"). [...] O filme foi produzido nos seis idiomas oficiais da ONU. [...] E. Moggio Ortiz generosamente cedeu os direitos autorais para a AIIC e as Nações Unidas. A AIIC tem orgulho de incluí-lo agora em seu canal do YouTube. Disponível em <https://youtu.be/2bsjZQU9nuI>

sustentabilidade. Assim, ainda que a adoção em instituições supranacionais tenha sido relativamente lenta, existe uma crescente demanda pela interpretação remota em ambientes jurídicos e de saúde (Braun, 2015).

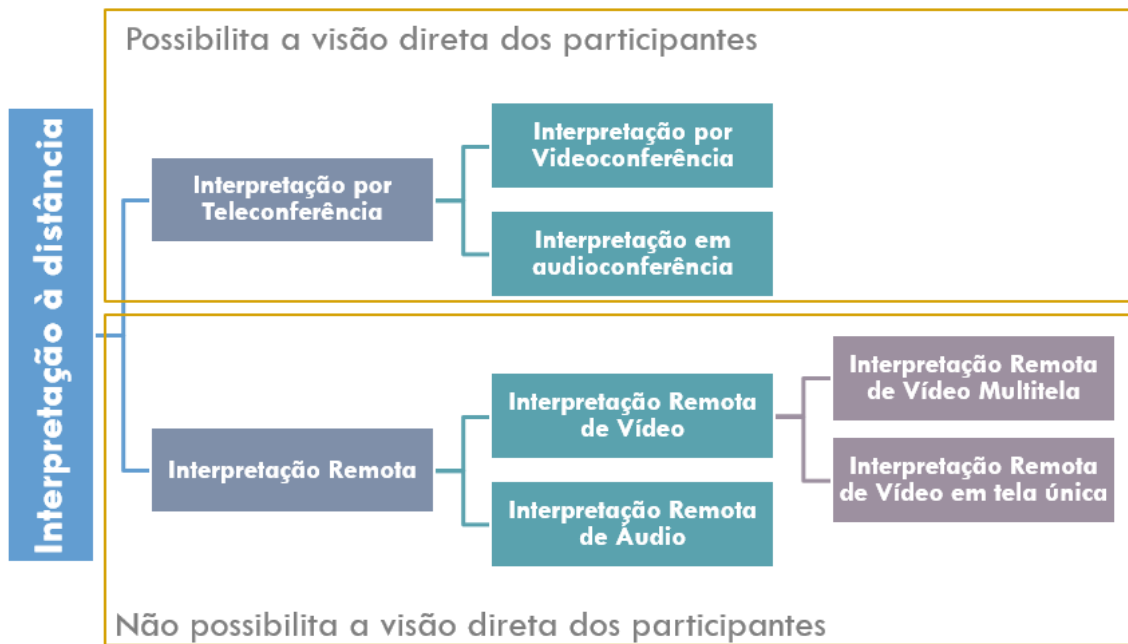
Segundo Furtado (2014), a partir da década de 1990, ocorreram avanços significativos na área da interpretação remota. Em 1993, um Estudo Piloto de videotelefonia despertou o interesse dos tradutores de conferência, seguido por testes realizados pela Comissão Europeia em 1995. Durante essa década, a *École de Traduction et d'Interpretation* (Escola de Tradução e Interpretação) em colaboração com a *International Telecommunication Union* (União Internacional de Telecomunicações) realizaram um projeto para avaliar os custos e a qualidade da interpretação remota.

Com o avanço da tecnologia, a interpretação remota tem ganhado cada vez mais popularidade e seu uso não se restringe mais aos espaços de instituições supranacionais. Atualmente, o uso das TIC, Tecnologias da Informação e Comunicação, possibilita a comunicação em tempo real entre pessoas de diferentes localizações e os aplicativos e *softwares* de mensagem e videochamada foram incorporadas ao nosso cotidiano, ao passo que a tecnologia proporciona conexão de som e imagem ao toque de um clique.

3.2 CLASSIFICAÇÃO DA INTERPRETAÇÃO MEDIADA POR TECNOLOGIA

De acordo com Constable (2015), há uma grande variedade de termos utilizados no âmbito da Interpretação à Distância (*Distance Interpreting*), definições, por vezes, até contraditórias. No entanto, segundo o autor, o que se configura como ponto fundamental para a classificação dos tipos de serviço é o grau de *input* sensorial que será disponibilizado ao intérprete a fim de que se possam criar condições de trabalho apropriadas. Como ponto em comum, pode-se observar que todos os tipos de interpretação são mediados pelo uso de tecnologia (áudio e/ou vídeo). Baseado nisso, Constable propõe a seguinte classificação:

Figura 9 - Classificações da Interpretação Remota



Fonte: Constable (2015, p. 13, tradução e adaptação nossa)

Seguindo a definição apresentada por Constable (2015), observamos:

Termo	Definição
Interpretação à Distância	Interpretação mediada por tecnologias da informação e comunicação (TIC) de um orador à distância em um determinado evento.
Interpretação por Teleconferência	Interpretação à distância, mediada por TIC, de um orador remoto, em que o intérprete disponha de uma visão direta de alguns ou de todos os outros participantes de um determinado evento.
Interpretação por Videoconferência	Interpretação habilitada por TIC de um orador distante, em que o intérprete tenha uma visão mediada por vídeo desse orador e uma visão direta de alguns ou de todos os outros participantes em um determinado evento.
Interpretação em Audioconferência	Interpretação habilitada por TIC de um orador distante, em que o intérprete tem uma visão direta de alguns ou de todos os outros participantes num determinado evento, mas nenhuma visão desse orador.
Interpretação Remota	Interpretação à distância de um orador remoto, mediada por TIC, em que o intérprete não tenha visão direta dos participantes de um determinado evento.
Interpretação Remota de Vídeo	Interpretação de um orador à distância, mediada por TIC, em que o intérprete tenha uma visão mediada por vídeo desse orador, mas nenhuma visão direta dos participantes em um dado evento.
Interpretação Remota de Vídeo Multitela	Interpretação, mediada por TIC, de um falante distante, quando o intérprete tiver uma visão mediada por vídeo desse orador e de alguns ou de todos os outros participantes de um determinado evento.
Interpretação Remota de Vídeo em Tela Única	Interpretação, mediada por TIC, de um orador à distância, quando o intérprete tiver uma visão mediada por vídeo desse orador, mas nenhuma visão do outro participantes de um determinado evento.
Interpretação Remota de Áudio	Interpretação, mediada por TIC, de um orador à distância, onde o intérprete não tem uma visão mediada por vídeo tampouco direta, nem do orador nem de qualquer outro participante de um determinado evento.

Fonte: Elaborado a partir de Constable (2015, p. 6).

Além disso, quando se trata de interpretação à distância, Constable (2015) defende que é imprescindível levar em conta os diferentes níveis de entrada sensorial recebidos pelos intérpretes em cada modo, de forma que qualquer regra estabelecida deve levar em consideração essa realidade. Se classificarmos os modos de interpretação em termos de entrada sensorial máxima, uma hierarquia possível seria:

1. interpretação presencial (face a face);
2. interpretação por videoconferência;
3. interpretação remota de vídeo em tela múltipla (multitela);
4. interpretação remota de vídeo em tela única;
5. interpretação por audioconferência;
6. interpretação remota de áudio.

Essa hierarquia leva em consideração o fato de que a interpretação presencial, que inclui entrada visual, auditiva e tátil, está no topo da hierarquia, como a modalidade com a entrada sensorial máxima.

No meio da hierarquia, figuram as modalidades de interpretação que incluem a entrada visual, como a interpretação por videoconferência (quando somente o orador está distante do local do evento); a interpretação remota de vídeo em multitela (quando o intérprete pode ver o orador e os participantes por meio de vídeo); e tela única (quando o intérprete pode ver somente o orador por vídeo, mas não os participantes).

Por fim, a interpretação por audioconferência (quando o intérprete está presente junto ao público, mas não junto ao orador — do qual somente tem áudio); e interpretação remota de áudio (quando o intérprete está distante tanto do orador quanto do público, tendo acesso tão somente ao áudio), que envolvem apenas a entrada auditiva, estão na parte inferior da hierarquia, sendo a interpretação remota de áudio a modalidade com a menor entrada sensorial.

Segundo Constable (2015), outra forma de classificar o tipo de interpretação seria quem estaria “fora” do local do evento, o que hoje em dia seria problemático, pois cada vez mais, tanto o orador, quanto o intérprete e até mesmo o público não compartilham mais do mesmo espaço físico. A seguir, um quadro com a proposição de Constable (2015):

Quadro 10 - Quem está remoto?

Quem está “remoto”?	
Orador	Intérprete
Interpretação por teleconferência	Interpretação remota
Interpretação por videoconferência	Interpretação remota de vídeo
Interpretação por audioconferência	Interpretação remota de áudio

Fonte: Constable (2015, p. 15, tradução nossa)

A distinção entre os diferentes modos de interpretação à distância é de extrema importância e requer clareza, especialmente considerando-se os diferentes níveis de entrada sensorial que os intérpretes recebem em cada modalidade. Embora a interpretação remota de vídeo em várias telas possa ser vista como semelhante à interpretação de videoconferência, a única diferença é a visão mediada por vídeo dos participantes em oposição à visão direta. No entanto, a realidade é que as câmeras não funcionam da mesma forma que o olho humano e os operadores de câmera fazem suas próprias escolhas, não as de cada intérprete individual, o que pode levar a diferenças na percepção da situação por parte dos intérpretes. De fato, os intérpretes podem considerar que esse modo de interpretação é mais cansativo e pode causar fadiga ocular, além de distrair a atenção, enquanto os rostos dos participantes individuais não são vistos com a mesma clareza que na visão direta (Constable, 2015). Portanto, é importante levar em consideração essas diferenças ao avaliar as demandas e os desafios que cada modalidade de interpretação à distância impõe aos intérpretes.

Nesta pesquisa, considerando a classificação feita por Constable (2015) discutiremos a modalidade de interpretação remota que é realizada em local diferente tanto do orador como do seu público, tendo em vista as demandas associadas ao isolamento social imposto pela pandemia da covid-19, contexto em que a atuação de intérpretes profissionais se deu principalmente em meio virtual, mediada por tecnologias de telecomunicação.

É interessante notar que esta discussão sobre qual seria o termo mais apropriado para se designar a interpretação remota também aconteceu nas comunidades falantes da Libras. Com o impulsionamento do termo em português, observou-se o surgimento de diversas variantes para o sinal [REMOTO], cada um com referência ou etimologia distinta, refletindo diferentes perspectivas sobre a atividade.

Figura 10 - Sinais de Interpretação Remota em Libras



Fonte: Elaboração do autor²⁷

A variação 1, hoje potencialmente o termo com mais aderência pelas comunidades surdas e de intérpretes, faz um recorte morfológico do sinal glosado como [CENTRO], [POLO], [LOCAL] e os distancia de forma simultânea, uma mão se aproximando do falante enquanto a outra mão se distancia.

A variação 2 se refere ao distanciamento de duas pessoas, através do uso do classificador do dedo indicador, de forma semelhante ao sinal anterior, as mãos se afastam simultaneamente.

A variação 3 é comumente glosada pela palavra [VIRTUAL], que pode ter sua origem num processo de inicialização (a incorporação da primeira letra no sinal, no caso, a letra V), ou ainda, em uma abordagem proveniente do léxico nativo da Libras, pode ter surgido a partir do classificador V para olhos, suscitando o significado de que são pessoas que se veem reciprocamente, mas estão distantes uma da outra.

²⁷ Vídeo em Libras acessível em <https://youtube.com/shorts/R8QWGd7twBs>



(cont.) Vídeo em Libras acessível em:

A variação 4 remonta ao sinal de [LONGÍNQUO], [DISTANTE], através da configuração de mão que parece incorporar a medição com uma fita métrica. Novamente, as mãos se iniciam em um ponto central e se distanciam em direções opostas.

A variação 5 advém do empréstimo de [ENSINO-A-DISTÂNCIA]. Há um recorte morfológico do sinal de [ENSINAR], em que as mãos abrem e fecham repetidas vezes, no entanto, diferentemente do sinal base onde as duas mãos se direcionam ao objeto (quem está sendo ensinado), no sinal proposto para [REMOTO], uma das mãos é direcionada ao falante e a outra, ao interlocutor, elas se afastam enquanto abrem e fecham repetidamente. Este sinal parece não ter tido muita adesão, talvez pela dificuldade em sua articulação, ou talvez pelo fato de que incorreria em um problema conceitual pungente, tendo em vista que o Ensino a Distância já é um conceito amplamente estabelecido na área da educação e difere do conceito de Ensino Remoto.²⁸

²⁸ Convencionalmente, para fins de análise e pesquisa, utilizamos um sistema de notação de palavras também conhecido por “glosa”. A glosa não é uma tradução direta ou literal das línguas de sinais, mas sim uma forma de representar sinais usando palavras ou símbolos de uma língua oral, por aproximação semântica. Glosas são geralmente escritos em letras maiúsculas para diferenciar do uso comum das palavras em português. O uso do hífen indica que um único sinal é representado por mais de uma palavra, como no caso de [LETRAS-LIBRAS] ou [ENSINO-A-DISTÂNCIA]: sinais morfológicamente compostos que são articulados em um único léxico sinalizado. Mais informações sobre a escrita em glosa podem ser encontradas em publicações como a de Felipe e Monteiro (2001).

3.3 A INTERPRETAÇÃO REMOTA NA ATUALIDADE

Na publicação denominada *Handbook of Remote Interpreting*, Amato *et al.* (2018) relatam, anteriormente à pandemia de covid-19, que a demanda pela interpretação remota tem se expandido e aumentado rapidamente, o que tem sido evidenciado por pesquisadas como a de Kelly *et al.* (2008) e Kelly (2008), sobre a interpretação telefônica nos Estados Unidos, a de Spinolo (2014), sobre interpretação remota no norte da Itália e a pesquisa de âmbito internacional de Veasyt (2018)²⁹, que integra o Projeto Shift³⁰ (*SHaping the Interpreters of the Future and of Today*), realizada no Reino Unido, Espanha e Itália.

Na pesquisa realizada por Spinolo (2014), com a participação de 22 empresas do ramo, indicou-se uma preferência da interpretação por telefone em comparação aos serviços de vídeo-interpretação e que a demanda se dava especialmente de outras empresas, cidadãos em geral e, em menor escala, de serviços públicos. Uma grande quantidade dos intérpretes *freelancers* prestava seus serviços se deslocando para o espaço do cliente, mediante o agendamento prévio, ou, ainda, trabalhavam de casa por meio de seus computadores ou telefones. Poucos intérpretes relataram ter de se deslocar para agências de tradução e interpretação para prestar serviços, ou ainda usarem equipamento fornecido por estas agências.

Amato *et al.* (2018) relatam uma pesquisa realizada também em 2018 pela Veasyt, uma empresa fundada pela Universidade de Veneza, envolvendo 270 clientes/usuários de serviços de tradução e interpretação, além de 262 intérpretes e provedores desse tipo de serviço. Pode-se observar as demandas da época, bem como as tendências do ramo, como, por exemplo, de que metade dos clientes dos serviços de tradução e interpretação trabalham no setor público e dão preferência à interpretação remota pelos seguintes motivos: resposta imediata, serviços curtos de interpretação, questões de confidencialidade e segurança, questões de custo-benefício, indisponibilidade de um intérprete no local ou dos idiomas necessários (geralmente idiomas de menor difusão).

Ainda de acordo com a pesquisa realizada pela Veasyt (2018), 95% dos intérpretes que trabalham no modo remoto são *freelancers* e trabalham para área comercial, contextos de saúde,

²⁹ <http://www.veasyt.com/> Veasyt é uma instituição de pesquisa 'spin-off' da Universidade Ca' Foscari de Veneza, fundada na Itália em 2012, baseada no conhecimento do Departamento de Linguística e Estudos Culturais Comparados para desenvolver habilidades no campo da acessibilidade linguística e sensorial. A empresa oferece serviços digitais para criar acesso completo a conteúdos e informações, de acordo com as diretrizes da Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006).

³⁰ www.shiftnorality.eu

serviço social e, mais raramente, em conferências. A seguir, uma lista dos contextos de atuação mais comuns identificados:

Assistência médica:

- Farmácias
- Serviços de reserva para consulta médica
- Hospitais
- Centros médicos

Contextos jurídicos:

- Agências de aplicação da lei
- Estações de polícia
- Centros de detenção
- Tribunais
- Pontos de acesso para refugiados
- Centros de acomodação para requerentes de asilo

Contextos sociais e educacionais:

- Centros de serviço social
- Pontos de informação
- Centros de recreação
- Escolas

Outros:

- Operações ligadas a números de telefone de emergência administrativos e escritórios do setor público
- Consultas telefônicas (turismo e entretenimento, serviços públicos, centrais de atendimento etc.)
- Companhias de seguros
- Bancos

Fonte: Amato *et al.* (2018, p. 50, tradução nossa).³¹

Como relatado por Veasyt (2018), a maior parte das demandas de interpretação simultânea se dão no contexto de serviços públicos, que englobam desde atendimento médico, até agências bancárias. Quando se trata de línguas sinalizadas, como a Libras, durante a pandemia de covid-19, observamos uma crescente demanda em diversos gêneros, inclusive com os shows *on-line*, também conhecidos como *lives* em redes sociais, no entanto, o contexto educacional é, de longe, a maior fonte de demanda para profissionais que têm a Libras-português como par linguístico.

³¹ “**Healthcare:** chemist’s shops, booking services for medical consultation, hospitals, medical centres. **Law and order:** law-enforcement agencies, police stations, detention centres, courts, hotspots for refugees, accommodation centres for asylum seekers. **Social and educational settings:** social service centres, info points, recreation centres, schools. **Other:** operations connected to emergency telephone numbers, administrative and public-sector offices, telephone enquiries (tourism and entertainment, utilities, call centres etc.), insurance companies, banks” (Amato *et al.*, 2018 p. 50).

3.4 A INTERPRETAÇÃO REMOTA DE/PARA LÍNGUAS DE SINAIS

A partir da minha posição como pesquisador, professor universitário, tradutor, intérprete e presidente da Febrapils (gestão de 2019-2023), levanto algumas reflexões que considero pertinentes à atuação do TILS na atuação remota, especificamente, impulsionada pela pandemia da covid-19.

Neste novo contexto de atuação, muitos TILS se viram confrontados com a necessidade de possuir uma estrutura física, minimamente, adequada à realização do trabalho de interpretação em sua própria casa. Segundo a nota técnica nº 04/2020 da Febrapils: “mesmo trabalhando de casa (*home office*), é necessário escolher um ambiente mais reservado, se possível um cômodo que não transite pessoas ou animais de estimação”. Nesse ambiente “é necessária uma parede ou fundo de, no mínimo, 2 (dois) metros de largura, de cor neutra/lisa, sem móveis, plantas ou materiais de decoração” (Febrapils, 2020).

É importante notarmos que, neste trecho, se reitera a importância que o profissional esteja *isolado* dos outros membros de sua casa, se possível, em um ambiente sem a presença de pessoas ou animais de estimação, o que para muitos profissionais é um grande desafio, principalmente para profissionais que possuem filhos pequenos – especialmente as mulheres – a demanda de atenção por parte dos filhos pode ser um fator que gera sentimentos de ansiedade, tanto por não poder dar a atenção necessária às crianças, quanto devido ao receio de que, ao ser interpelada por uma criança durante o trabalho, possa ser julgada como “menos profissional” do que aqueles que conseguem ter maior controle do ambiente residencial/ocupacional.

Nesta perspectiva, do trabalho remoto emergencial, além dos aspectos técnicos e procedimentais mencionados nas Notas Técnicas citadas, podemos observar que a identidade profissional é posta à prova: o intérprete deixa de ser alguém supostamente neutro, como um mediador indiferente ao que comunica e passa a figurar como um profissional, que como qualquer outro, mora, consome, tem preferências, horários, rotinas, tem uma família, animais de estimação etc.

É importante enfatizar que a interpretação remota de línguas sinalizadas não foi introduzida apenas devido ao contexto pandêmico atual, mas remonta a quase 50 anos atrás, na década de 1970, com o uso de dispositivos telefônicos (Moser-Mecer, 2005; Braun, 2015). No entanto, como destacado por Nascimento *et al.* (2020), embora essa prática seja uma realidade nos Estados Unidos e na Europa, a pandemia do novo coronavírus funcionou como um forte catalizador das tendências a adotar atividades remotas em diversos contextos e esferas sociais,

impulsionado pelas restrições sanitárias impostas, tendo em vista a grande capacidade de transmissibilidade da doença e o elevado número de mortes diárias que o vírus tem causado. Assim, dado o paradoxo de distanciamento social em plena era da globalização, a inovação tecnológica faz com tenhamos uma constante atualização do *modus operandi* de vários nichos profissionais, revolucionando o modo em que usamos a tecnologia, os meios de comunicação e a própria natureza da interação humana.

Como mencionamos anteriormente, a Febrapils, no exercício de representação do conjunto das associações filiadas, desempenha um trabalho de liderança na articulação política com diversas instâncias governamentais e na produção de documentos de ampla circulação acadêmica e profissional.

No que diz respeito à nova realidade imposta pelo período pandêmico, a Febrapils emitiu alguns documentos pertinentes por meio de seu *site*, dos quais destacamos:

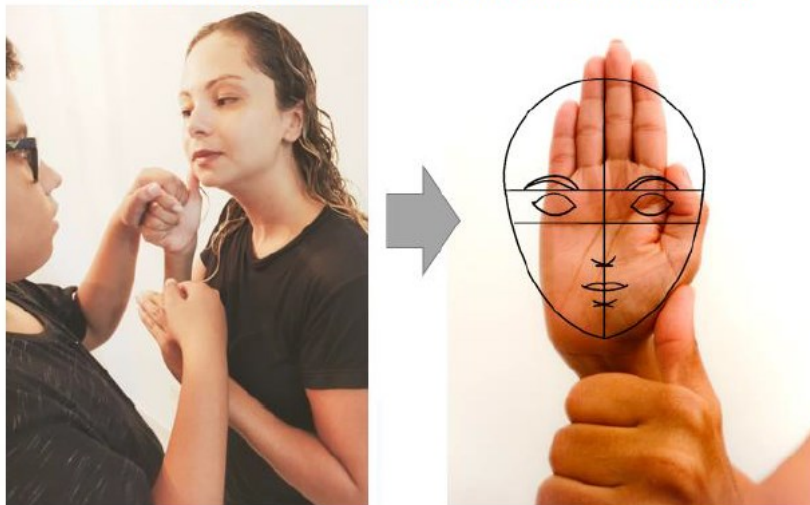
Carta Aberta aos Tradutores, Intérpretes e Guia-intérpretes de todo o país a respeito da covid-19: o novo Coronavírus,³² cujas principais recomendações eram que “os serviços de interpretação sejam prestados por videoconferência através de softwares de videochamada, ou ainda, por aplicativos de dispositivos móveis com acesso à internet”. E que, “nos casos em que o atendimento presencial for imprescindível, que haja diminuição do efetivo, através de uma escala e revezamento de pessoal, evitando a exposição desnecessária dos profissionais à ambientes/pessoas potencialmente contaminados”, pois na época da emissão desse documento, ainda não havíamos vivenciado as medidas mais restritivas, como o *lockdown*, e muitas das atividades presenciais ainda estavam sendo mantidas. A carta recomenda ainda que os profissionais que precisem prestar seus serviços presencialmente, que utilizem álcool em gel 70%, e que evitem a produção de sinais em que as mãos toquem regiões da face, deslocando o sinal para que sejam realizados em pontos de articulação próximos, mas sem o contato direto com a boca, nariz, testa ou a região dos olhos. O documento ainda procede com recomendações para profissionais da área midiática, da área da saúde, a fim de reduzir o potencial de contaminação, em especial, para os intérpretes e guia-intérpretes em ambientes hospitalares, que neste caso, deveriam utilizar os mesmos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) ofertados aos profissionais da saúde, em conformidade com a NR6: máscaras, luvas, óculos.³³ O documento destaca um cuidado especial no caso dos guias-intérpretes que utilizam métodos

³² ANEXO 01: FEBRAPILS - CARTA ABERTA SOBRE CORONAVIRUS

³³ NR6.1: Para os fins de aplicação desta Norma Regulamentadora - NR, considera-se Equipamento de Proteção Individual - EPI, todo dispositivo ou produto, de uso individual utilizado pelo trabalhador, destinado à proteção de riscos suscetíveis de ameaçar a segurança e a saúde no trabalho.

de comunicação cujo contato físico é fator imprescindível. Nestes casos, o profissional deve sempre utilizar máscaras e luvas, além de adotar estratégias de comunicação que evitem o toque no braço, antebraços e mãos da pessoa surdocega. Se possível, que substituam pontos de articulação da cabeça do sinalizante pela mão em configuração semelhante à letra “B”, e/ou a redução articulatória, como se pode observar no exemplo a seguir, em que os sinais de [MULHER] e [MENTIRA], originalmente produzidos próximo ao rosto, são deslocados para pontos de articulação da “mão de apoio”, passando a funcionar como uma base referencial ao movimento da “mão dominante”³⁴, que se configura um impacto linguístico muito nítido na produção usual da Libras.

Figura 11 - Substituição do ponto de articulação para reduzir proximidade física
Sinal de MULHER com substituição do ponto de articulação



Sinal de MENTIRA com redução articulatória



Fonte: Febrapils (2020, p. 3)

³⁴ Ressaltamos que a terminologia “mão de apoio” e “mão dominante” é debatível nos estudos linguísticos das línguas de sinais em geral, podendo ser referenciada de outras formas, a depender da perspectiva do autor.

A Federação finaliza o documento se posicionando a favor da responsabilidade social das instituições representativas e do resguardo ao direito à vida. Neste sentido, a Febrapils considerou reiteradamente que a produção de diretrizes para atuação frente ao vírus não fosse utilizada como meio de pressionar a realização de atividades presenciais como de costume, principalmente no caso dos guias-intérpretes, em que a proximidade e o contato físico são inerentes à realização do trabalho, como nos casos em que a pessoa surdocega apoia as próprias mãos nas mãos do guia-intérprete, tendo acesso a produção sinalizada através do tato.

Observou-se, ainda, a produção de máscaras de proteção que possibilitariam a visualização da boca, o que beneficiaria especialmente pessoas que dependem de leitura labial (reprodução articulatória orofacial total ou parcial da língua vocalizada) e/ou a visualização dos morfemas-boca, parte integrante da gramática da Libras. Diante das diversas propostas de “máscaras inclusivas” e tendo em vista um forte debate científico sobre a eficiência (ou não) de alguns modelos, a federação seguiu indicando os pareceres, recomendações e protocolos emitidos pelas instituições de saúde competentes, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz).

Figura 12 - Máscara transparente permite visualização da boca



Fonte: Site oficial da FioCruz³⁵

Posteriormente, ao avançar do contexto pandêmico, em que as medidas de isolamento social se intensificaram e o trabalho remoto se impôs como uma necessidade indiscutível, a Febrapils emitiu a Nota Técnica Nº 04 /2020, que trata sobre Interpretação Simultânea Remota para Língua Brasileira de Sinais,³⁶ abordando questões pertinentes ao exercício da profissão em

³⁵ <https://portal.fiocruz.br/noticia/inclusao-nos-cuidados-contra-covid-19> acessado em 20 de abril de 2022.

³⁶ ANEXO 02: FEBRAPILS - NOTA TÉCNICA Nº 004/2020 - SOBRE INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA REMOTA

contexto remoto, ao mesmo tempo que salienta que o documento não deve ser utilizado como forma de pressionar ou exigir uma estrutura ou equipamentos específicos de profissionais contratados originalmente para o trabalho presencial, tais como:

- a) local para a realização do trabalho;
- b) conectividade e equipamentos;
- c) enquadramento e interpretação;
- d) trabalho em equipe;
- e) confidencialidade, dentre outros.

Figura 13 - Publicações da Febrapils sobre o trabalho em tempos de covid-19



Fonte: Febrapils (2020)


Ainda em decorrência da pandemia, a Febrapils, no entendimento que o acesso à informação é para todos e que a não garantia dos Direitos Linguísticos dos surdos pode acarretar prejuízos e danos irreparáveis para toda a sociedade, produziu uma série de documentos, cartas e ofícios, dentre os quais destacamos as denúncias sobre a ausência de TILS em pronunciamentos oficiais por parte de diversas instâncias governamentais, na transmissão de

informações e programas televisivos pela mídia em geral, bem como nas plataformas de ensino a distância (EAD):

“Nesse contexto inicia-se assim uma ação voluntária da comunidade surda brasileira e da categoria de profissionais em reivindicar o acesso à informação e demais conteúdos nas redes televisivas e na mídia, por meio da campanha #LibrasnaTv que tem sido protagonizada por surdos, surdas e intérpretes de todas as regiões do país. A campanha consiste em tirar uma foto com a #LibrasnaTv questionando a falta de acessibilidade por parte das emissoras e demais produtores de conteúdo. Informações salvam vidas! Onde está o direito dos surdos? Intérpretes voluntários que traduzem vídeos e reportagens, como o grupo Central em Libras Covid-19, tem forte atuação na tradução e disseminação de informação sobre a pandemia em Libras, um trabalho essencial que nasce do compromisso ético em contribuir com conteúdos de fontes seguras” (FEBRAPILS, 2020).

Acompanhando a crescente demanda por prestação de serviços remotos, a Febrapils realizou em 17 de outubro 2020 uma Assembleia Geral Ordinária Virtual (AGOV), amparada pela legislação que permitiu a realização virtual de atividades que eram permitidas somente presencialmente, como a Assembleia Geral desta Federação. Dentre outras pautas, como as apresentações de relatórios de atividades e planos de ação, foi realizada também a apreciação da atualização da Lista de Valores de Referência da Febrapils, como materialização de um trabalho de pesquisa e interlocução com as APILS do Brasil, e levando em conta, pela primeira vez, contextos de atuação popularizados durante a pandemia (como a interpretação ao vivo para TV e Internet – as *lives*) e as condições, investimentos, e despesas envolvidas na prestação de serviços *on-line*, que se traduziu na orientação de acréscimo de 30% no valor da atividade de acordo com a lista.

Figura 14 - Trecho da Lista de Referência da Febrapils



SERVIÇO	VALOR	OBSERVAÇÃO
Interpretação de um orador em local diferente do intérprete, viabilizada por tecnologias da informação e da comunicação	Acréscimo de 30% sobre o valor da atividade de acordo com a lista	Mínimo dois intérpretes

Fonte: Febrapils (2020)

Além disso, a Federação produziu ofícios que reivindicaram pontos essenciais, como o direito à informação, especialmente sobre a pandemia, com a campanha pelos direitos linguísticos dos surdos nas mídias televisivas e virtuais, denominada “Libras na TV”,³⁷ e denúncia em relação à falta de acessibilidade linguística em aulas a distância nas redes públicas de ensino.³⁸ A Febrapils também traduziu e disponibilizou em português dois documentos de referência produzidos por instituições internacionais: a WFD (*World Federation of the Deaf*) e a WASLI (*World Association of Sign Language Interpreters*):

Figura 15 - Traduções de documentos internacionais sobre atuação do intérprete de línguas de sinais durante a pandemia

The image shows a screenshot of the Febrapils website. At the top left is the Febrapils logo. To its right is a green menu icon and a search bar with the text 'npartilhar'. Below the header, there are two document cards. Each card features a small thumbnail of the document on the left and text on the right. The first card is for 'Diretrizes para a promoção do acesso à informação sobre saúde pública na(s) língua(s) de sinais nacional(is) durante a Pandemia do Coronavírus', published in August 2020, with 'Download' and 'Compartilhar' buttons. The second card is for 'O Acesso a Serviços de Saúde e Sobre a Saúde Ocupacional dos Intérpretes durante os Esforços de Contenção do Coronavírus (Covid-19)', published in April 2020, also with 'Download' and 'Compartilhar' buttons. A small green arrow icon is visible in the bottom right corner of the page.

Fonte: Febrapils (2020)

³⁷ ANEXO 03: FEBRAPILS - LIBRAS NA TV: CAMPANHA PELOS DIREITOS LINGUÍSTICOS DOS SURDOS NAS MÍDIAS TELEVISIVAS E VIRTUAIS

³⁸ ANEXO 04: FEBRAPILS - AUSÊNCIA DE TILS EM AULAS EAD NAS REDES PÚBLICAS DE ENSINO

1. Diretrizes para a promoção do acesso à informação sobre saúde pública na(s) língua(s) de sinais nacional(is) durante a Pandemia do Coronavírus;³⁹
2. Declaração conjunta da WFD e da WASLI sobre o acesso a serviços de Saúde, e sobre a Saúde Ocupacional dos intérpretes durante os esforços de contenção do Coronavírus (covid-19).⁴⁰

3.5 O ADVENTO DA INTERPRETAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL

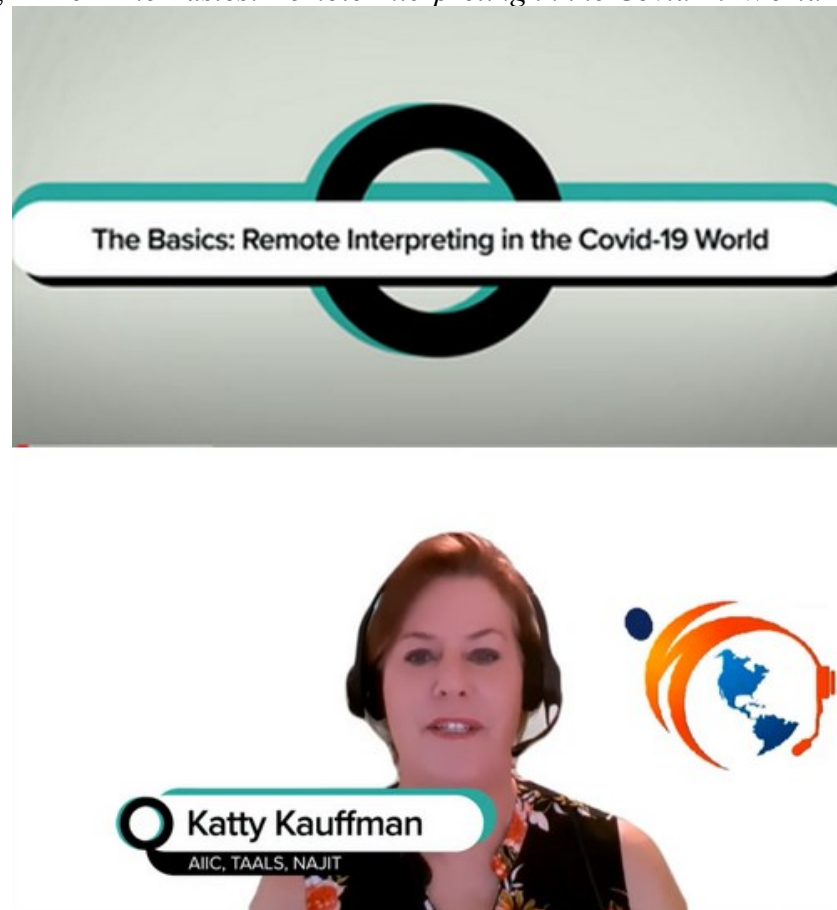
A interpretação remota, embora já existisse antes da pandemia, ganhou uma nova dimensão de relevância e urgência, adaptando-se rapidamente às necessidades de um mundo que precisou migrar, muitas vezes de forma abrupta para o digital. O cenário de crise trouxe à tona tanto as potencialidades quanto os desafios inerentes a essa prática, exigindo dos profissionais da área uma rápida adaptação às novas tecnologias e métodos de trabalho.

Tendo em vista o contexto de impulsionamento da interpretação remota em contexto pandêmico, um grupo de intérpretes de conferência experientes produziram um vídeo denominado “Interpretação remota no mundo da covid 19” (“*Remote Interpreting in the Covid-19 World*”), postado em um canal de nome @Remote_Simul_Interpreting na plataforma de vídeo YouTube, no qual discorrem brevemente sobre o conceito de interpretação remota e sobre práticas que devem ser adotadas ou desencorajadas no contexto de atuação remota.

³⁹ ANEXO 05: DIRETRIZES PARA A PROMOÇÃO DO ACESSO À INFORMAÇÃO SOBRE SAÚDE PÚBLICA NA(S) LÍNGUA(S) DE SINAIS NACIONAL(IS) DURANTE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

⁴⁰ ANEXO 06: DECLARAÇÃO CONJUNTA DA WFD E DA WASLI SOBRE O ACESSO A SERVIÇOS DE SAÚDE, E SOBRE A SAÚDE OCUPACIONAL DOS INTÉRPRETES DURANTE OS ESFORÇOS DE CONTENÇÃO DO CORONAVÍRUS

Figura 16 - *The Basics: Remote Interpreting in the Covid-19 World*



Fonte: Canal “Remote_Simul_Interpreting”, YouTube (2020) ⁴¹

Apesar do canal não ser específico de uma instituição formal, a relevância do vídeo se dá não só pelo conteúdo que é apresentado por intérpretes experientes (alguns são referenciados como filiados à AIIC, Associação Internacional de Intérpretes de Conferência), mas também pela data de sua publicação, em 07 de abril de 2020, isto é, em meio à primeira onda mundial de covid-19, num momento em que muitos profissionais se encontravam cheios de incertezas sobre o impulsionamento da interpretação remota, dado esse contexto específico de pandemia. Apesar de acreditarem que o trabalho remoto feito separadamente até mesmo do colega intérprete, é algo temporário, que logo dará espaço ao trabalho em equipe tradicional, o vídeo traz uma série de recomendações sobre diversos tópicos: comportamentos profissionais, plataformas, carga mental, equipamentos e modalidades de interpretação. De forma resumida, as orientações contidas no vídeo são as seguintes:

⁴¹ Remote Interpreting in the Covid-19 World no Canal: Remote Simul Interpreting – Link: https://www.youtube.com/watch?v=7ty7_09rb5c

1. conheça as várias plataformas e certifique-se de seguir as instruções de configuração de cada uma delas;
2. use um bom fone de ouvido com especificações técnicas cuidadosamente lidas. Não use os fones de ouvido de *smartphone*;
3. certifique-se de que seu *headset* envie/receba som de banda larga, e possua um microfone de cancelamento de ruído. Verifique também se seu *headset* ou seu computador tenha configurações para proteger seus ouvidos de sons altos repentinos (choque acústico);
4. use uma conexão *Ethernet* com seu computador com um adaptador USB, se necessário. O Wi-Fi não é suficiente para uma conexão estável;
5. considere as plataformas de interpretação simultânea como uma forma de aumentar o acesso à comunicação e a participação multilíngue, especialmente para organizações que não podem se reunir de forma presencial;
6. certifique-se de que um teste técnico aconteça antes da reunião e não tente lidar com a tecnologia e interpretar um evento *on-line* ao mesmo tempo. Eventos *on-line* exigem suporte técnico dedicado, assim como eventos presenciais;
7. encontre uma forma de fazer uma passagem de turno mesmo que você não esteja na mesma sala que seu parceiro ou colega de equipe;
8. use um plano de fundo neutro se você for aparecer por vídeo;
9. considere as implicações de saúde de ser um intérprete remoto, já que a carga cognitiva será maior agora que você tem mais responsabilidades, ajuste seus preços ou tarifas de acordo com a nova carga de trabalho;
10. não venda a interpretação simultânea remota como a “solução perfeita” ou uma medida de economia de custos. Seja honesto sobre a realidade da interpretação remota, suas habilidades, seu equipamento e, principalmente, mantenha sua segurança e saúde.

Segundo Leonor da Conceição Van Niekerk (2023), em maio e outubro de 2022, a AIIC África realizou treinamentos *on-line* sobre Interpretação Remota Simultânea para seus membros e não membros. O objetivo era conscientizar os intérpretes sobre as “Diretrizes para Interpretação à Distância” da AIIC e os efeitos fisiológicos e psicológicos potenciais da interpretação remota, além de estratégias de mitigação (AIIC, 2022). Assim, a autora realizou uma pesquisa de mestrado investigando como os intérpretes de conferências de línguas faladas

em toda a África experimentaram a interpretação simultânea remota durante a pandemia de covid-19⁴². Segundo ela, ainda não havia estudos publicados na África sobre este assunto até aquele momento. A pesquisa mostrou que, antes da pandemia, 80% dos intérpretes tinham pouca ou nenhuma experiência com interpretação remota, apenas 4% dos entrevistados atuavam frequentemente e 15% o faziam ocasionalmente, totalizando 20%.

Sobre a questão da percepção de viabilidade da interpretação remota na África, Van Niekerk (2023) ressalta que, antes da pandemia, apenas um quarto dos participantes já considerava que a interpretação remota poderia ser uma opção viável, outros 25% dos respondentes nunca sequer a haviam considerado como possibilidade e 20% acreditava que a interpretação remota era completamente inviável no contexto africano. No entanto, após a pandemia, a maioria dos intérpretes acredita que a interpretação remota é uma tendência promissora, especialmente com o advento da tecnologia 5G na África e as melhorias constantes nas plataformas virtuais.

A pesquisa de Van Niekerk (2023) demonstra uma mudança na percepção dos intérpretes em relação à interpretação remota. Antes da pandemia, mais do que a metade dos participantes (63%) tinham uma visão ambivalente (nem boa nem ruim) ou percepção negativa da interpretação remota. No entanto, até a data da coleta de dados (novembro de 2022) menos de 1% dos intérpretes ainda eram totalmente avessos à ideia de trabalhar remotamente. Apesar dos desafios técnicos (como a baixa qualidade do som) e comportamentais (como algumas atitudes não-colaborativas dos participantes a serem interpretados), a maioria dos 140 respondentes da pesquisa acreditava que a interpretação remota continuaria sendo usada após a pandemia. 77% dos participantes declararam que gostariam de fornecer uma combinação de serviços de interpretação presenciais e remotos.

Um fator importante citado pelos participantes desta pesquisa sobre a viabilidade (ou não) de uma interpretação remota é a natureza e duração do evento: os intérpretes consideram que a interpretação remota é viável principalmente em cenários em que o evento não ultrapassa 4 horas de duração e pode ser especialmente útil em contextos como conferência, reuniões de diretoria, reuniões de negócios, treinamentos e até reuniões técnicas, desde que as falas sejam manejadas de forma adequada. No entanto, em contextos de negociações mais complexas ou resolução de conflitos, a interpretação presencial seria mais indicada (Van Niekerk, 2023).

⁴² *“Perception vs Reality: How has first-hand experience during the Covid-19 pandemic influenced spoken-language conference interpreters’ attitudes towards Remote Simultaneous Interpreting in Africa?”*

No Brasil, a interpretação remota de línguas de sinais ganhou visibilidade em diversas pesquisas, pelas quais diferentes aspectos são discutidos, desde o direito à informação por parte dos surdos, até a saúde mental do intérprete de Libras-português no contexto pandêmico. Seguindo uma ordem cronológica de publicação, destacamos alguns estudos a seguir.

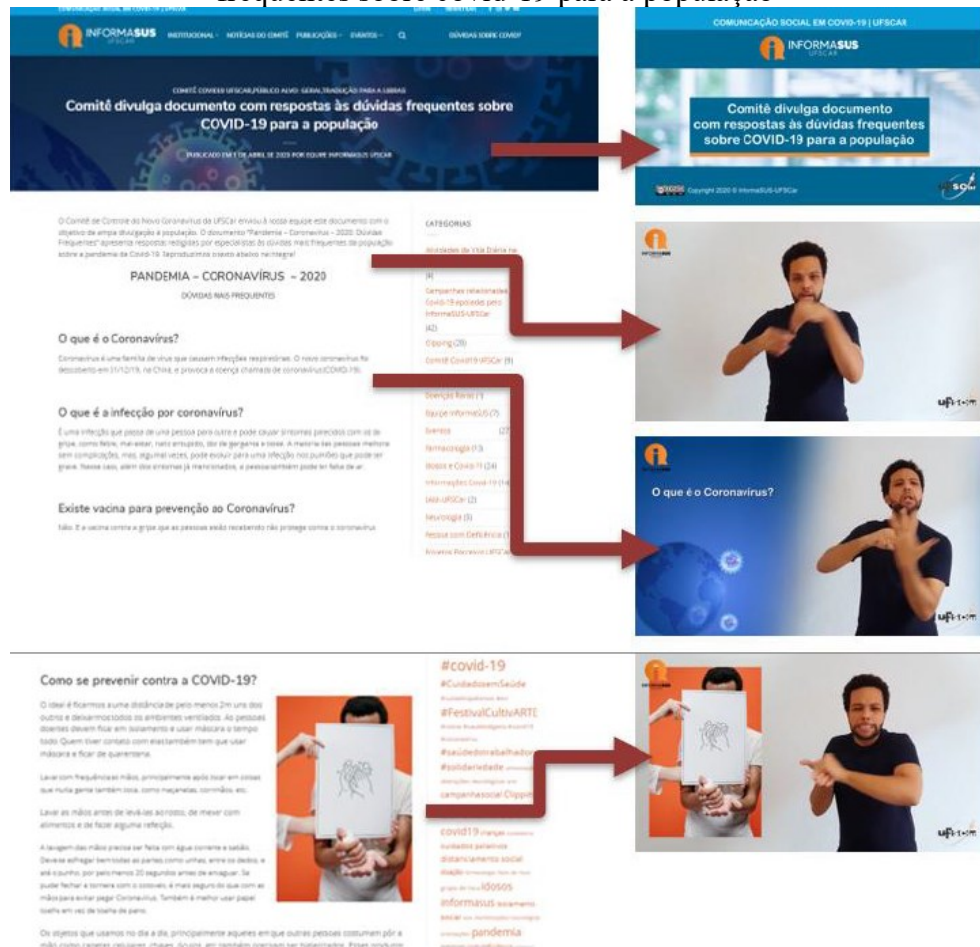
Nascimento e Nogueira (2019), no artigo “Tradução audiovisual e o direito à cultura: O caso da comunidade surda”, discutem a tradução e interpretação da língua de sinais em meios audiovisuais como direito social e linguístico das comunidades surdas. Para tanto, analisa-se como o tema aparece em duas esferas: na legislativa, a partir da análise dos documentos no contexto brasileiro que determinam a inserção das “janelas de Libras” em algumas produções audiovisuais; e na acadêmico-científica, verificando a escassez de pesquisas e a imprecisão terminológico-conceitual no campo da Tradução Audiovisual (TAV) e da Tradução Audiovisual Acessível (TAVa). Com base nas análises, os autores elaboram uma proposta de mudança de termos – de janela de Libras para tradução audiovisual da língua de sinais (TALS), com o objetivo de iniciar o debate sobre a importância dessa modalidade tradutória para a inclusão das comunidades surdas no contexto cultural brasileiro, não só no acesso aos seus deveres, como o voto obrigatório, mas também, aos seus direitos, como ao lazer e ao entretenimento.

Marques (2020) relata sua própria experiência através do registro de suas atividades cotidianas em diários de campo, enquanto reflete sobre aspectos relevantes ao processo de tradução e interpretação. O pesquisador relata ainda como a atuação em *home office* altera a dinâmica familiar, especialmente em seu caso, sendo pai de uma criança autista que demanda atenção constantemente, seja na aplicação de terapias, pelo fato de ter uma inquietação motora, ou ainda, a sua hiporreatividade, o que faz com que a criança busque constantemente estímulos sensoriais como seja levando a mão à boca, fazendo gritinhos para que possa se ouvir, correndo pela casa, os abraçando, ou esfregando seu rosto na barba do pai, o que pode se apresentar como um desafio à concentração do intérprete e sua interação com os outros colegas e participantes em geral.

Nascimento *et al.* (2020), no artigo intitulado “Tradução e interpretação de português-Libras na rede InformaSUS-UFSCar: Direito à informação para surdos em tempos de covid-19”, suscitam o debate sobre o fato de que as comunidades surdas, historicamente marginalizada no que diz respeito à comunicação, tem direito a receber informações confiáveis em sua língua de uso cotidiano, no sentido de evitar a propagação de notícias falsas, garantindo o acesso ao saber científico produzido para os cuidados básicos e proteção da vida; para isso,

criaram o “InformaSUS-UFSCar””: uma rede de trabalho envolvendo diferentes profissionais, setores e unidades da universidade e da sociedade civil a fim de promover e divulgar informações científicas e de qualidade para a população sobre a pandemia de Covid-19, operacionalizando inclusive processos de tradução e interpretação para a Libras.

Figura 17 - Tradução da publicação “Comitê divulga documento com respostas às dúvidas frequentes sobre covid-19 para a população”

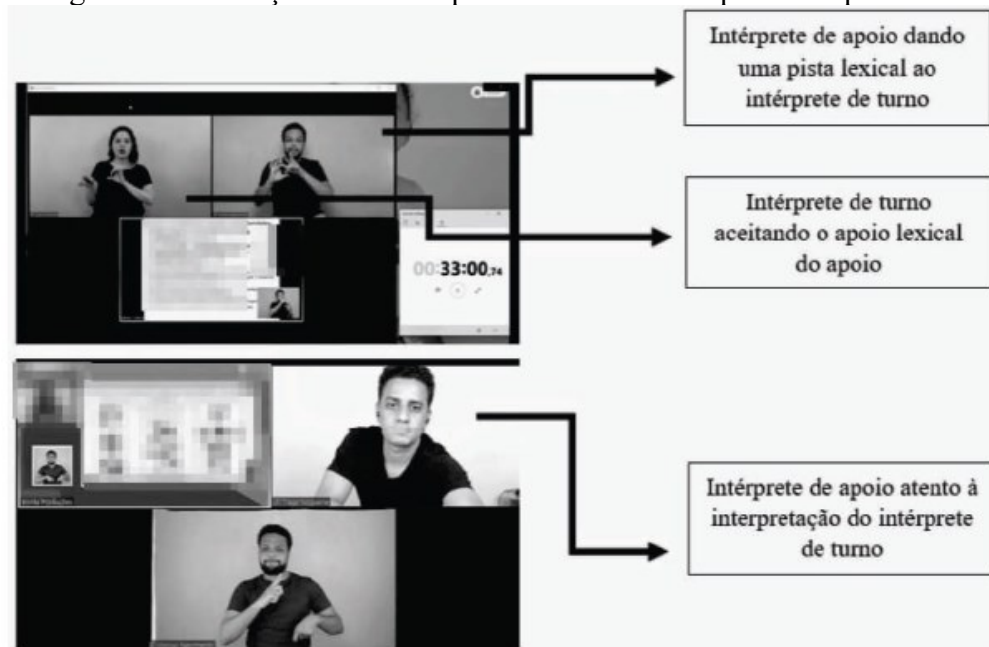


Fonte: Nascimento *et al.* (2020, p. 76)

Nascimento e Nogueira (2021), no artigo “Interpretação simultânea remota de libras-português em conferências durante a pandemia de Covid-19: dimensões de uma prática emergente”, apresentam uma análise descritiva de estratégias de interação utilizadas por equipes na interpretação simultânea remota de conferências durante a pandemia. Em suma, a análise mostra a mobilização de estratégias específicas em relação à preparação, quando os profissionais precisam adequar estruturas para atuar de suas residências e dar instruções às equipes de apoio técnico de transmissão sobre as janelas de Libras e as formas de revezamento

dos intérpretes; interpretação, quando uma equipe de intérpretes precisa se comunicar sem prejudicar a transmissão; e avaliação, quando os intérpretes buscam sistematizar as experiências de interpretação em comunidades de práticas a fim de garantir a construção de normas e orientações coletivas para esse tipo de atuação.

Figura 18 - Interação entre intérprete do turno e intérprete de apoio na IR



Fonte: Nascimento e Nogueira (2021, p. 7022)

Galdino (2020), em seu trabalho de conclusão no curso de Letras Libras, denominado “Interpretação Intermodal Remota: configurações e desafios atuais para intérpretes de línguas de sinais”, apresenta um estudo de caso que descreve e categoriza as atividades interpretativas que ocorreram no Programa de Educação Tutorial dos Cursos de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina (PET Letras UFSC), no contexto da pandemia. A pesquisa se dá a partir da análise dos vídeos disponíveis na página do programa mencionado, os quais registram as atividades *on-line*, bem como a partir das experiências vivenciadas pela própria pesquisadora e suas notas pessoais; as categorias de análise foram elencadas seguindo a estrutura da Nota Técnica N° 04/2020 da Febrapils, que trata sobre a Interpretação Simultânea Remota para Língua Brasileira de Sinais, abordando os seguintes tópicos: I - Local para realização do trabalho; II – Conectividade e equipamentos; III – Enquadramento e Interpretação; IV – Trabalho em equipe; e V – Confidencialidade. A partir da sua própria perspectiva de intérprete, a autora ainda levanta questionamentos como “quais os conhecimentos e as habilidades se fazem necessários para interpretação remota?” que pretendemos investigar nesta pesquisa.

Figura 19 - Local de trabalho remoto de uma intérprete de Libras em contexto pandêmico



Fonte: Galdino (2020, p. 59)

Brito (2021), no trabalho “A atuação do intérprete de Libras em *lives* musicais durante a pandemia de covid-19: realidades e perspectivas”, explora um contexto recente e emergente: as *lives* musicais. A autora busca compreender as práticas de interpretação do português para a Libras nesse contexto, examinar as questões valorativas relacionadas à atuação do intérprete e discutir as perspectivas futuras nesse campo. Para isso, entrevista dois intérpretes que atuaram nesse contexto. A autora também argumenta que é de extrema importância uma formação específica na área artístico-cultural, juntamente com o desenvolvimento da competência e do conhecimento de negociação, a fim de estabelecer padrões de atuação de qualidade. Isso inclui o acesso prévio ao repertório musical e a contratação de uma equipe de intérpretes capacitados. Além disso, destaca-se a importância do trabalho em equipe e do processo de tradução das letras das músicas, permitindo ao intérprete ter a possibilidade de co-criação durante sua atuação.

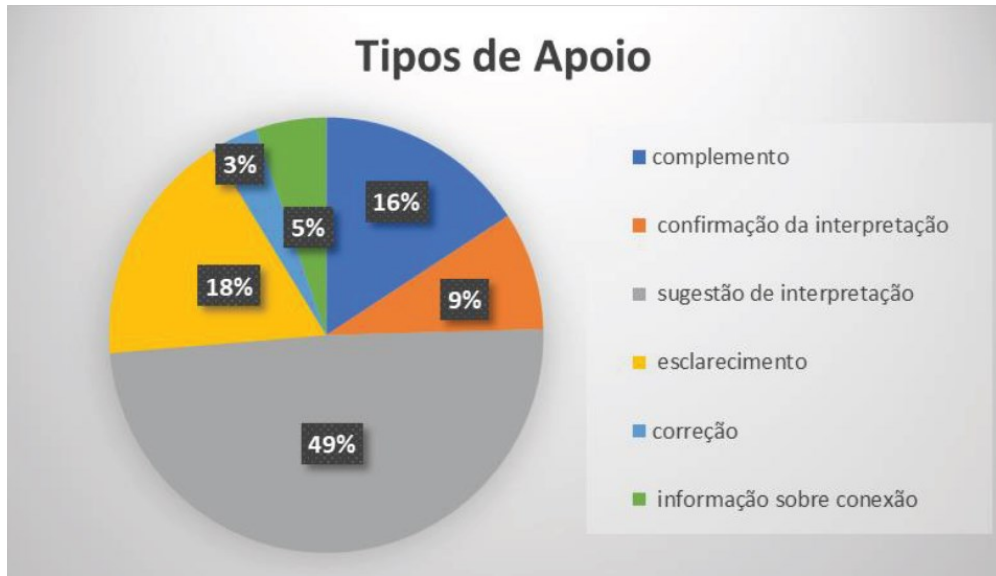
Figura 20 - Interpretação em Libras da *live* da cantora Marília Mendonça



Fonte: Brito (2021, p. 18)

Nogueira e Nascimento (2022), no artigo “Formas de apoio no trabalho em equipe durante a interpretação remota de português-libras em conferências”, exploram as concepções sobre o trabalho em equipe e a construção de papéis durante o trabalho e realizam um estudo analítico-descritivo sobre o trabalho de equipes de intérpretes atuando em conferências de forma remota, que busca explorar estratégias de apoio empregadas por eles durante a interpretação da língua portuguesa para Libras tomando por base o trabalho de Nogueira (2016), que já havia investigado a atuação em equipe na cabine, mas na direcionalidade contrária: Libras para português. O estudo dos autores constata de que maneira algumas formas de apoio são reproduzidas em contexto remoto, como apoios de complemento, confirmação da interpretação, sugestão de interpretação, esclarecimento específico e correção, adicionados pelo apoio que informa o intérprete do turno sobre a qualidade da transmissão de som/imagem, que é nomeado como apoio “informação sobre conexão”.

Figura 21 - Tipos de apoio mapeados na interpretação remota em português-
Libras



Fonte: Nogueira e Nascimento (2022, p. 132)

Sansão e Cruz-Santos (2022), no artigo “Análise das percepções de TILS quanto à atuação no ensino remoto”, realizam uma pesquisa com uso de questionário de levantamento, que obteve respostas de 58 participantes. Os autores atestam a existência de transformações drásticas que refletem na atuação dos intérpretes de Libras-português que, de forma súbita, necessitaram atender às demandas em modalidade remota. Os relatos reiteram que a atuação neste contexto remoto e emergencial vai muito além da simples transposição do espaço físico para o virtual e que tem impacto em aspectos estruturais, perpassando pelas questões linguísticas, elementos socioeconômicos e, ainda, pela saúde física e mental dos profissionais.

Figura 22 - Dificuldades na atuação de TILS durante o ensino remoto

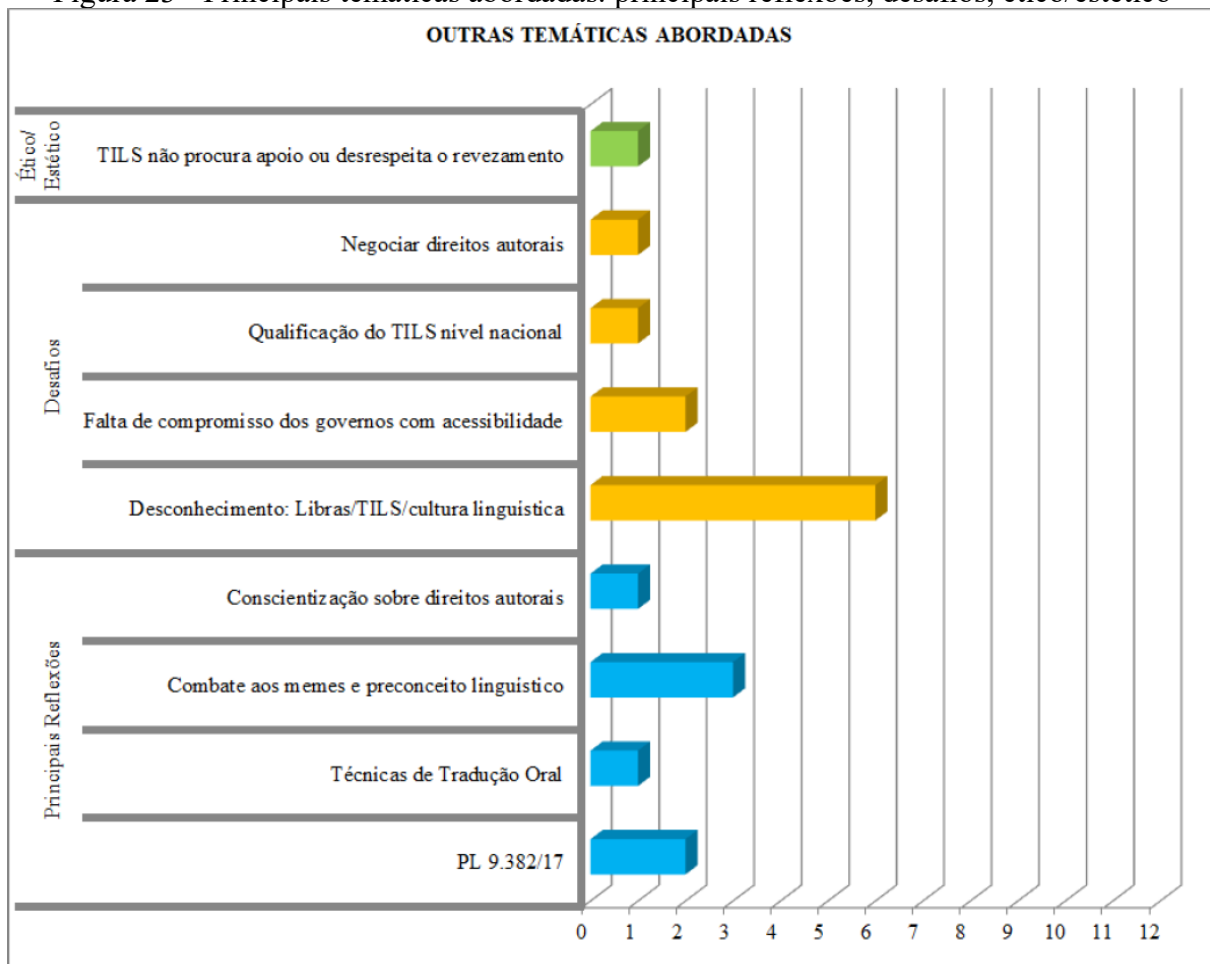


Fonte: Sansão e Cruz-Santos (2022, p. 16)

Sanchez (2022), em seu trabalho de conclusão de curso intitulado “A atuação do TILS na pandemia: levantamento e análise de *lives* sobre interpretação remota”, realiza uma investigação sobre as reflexões e discussões promovidas pelos TILS em *lives* durante o primeiro ano da pandemia, abordando a interpretação simultânea remota. A autora analisa a atuação dos TILS nessas *lives*, bem como as estratégias adotadas para superar os desafios encontrados. Além disso, o estudo identifica os componentes éticos e estéticos que contribuem para qualificar a atuação dos TILS nesse contexto. Para realizar essa pesquisa, a autora realizou um levantamento de *lives* na plataforma YouTube, utilizando uma *string* de busca específica, aplicando critérios de inclusão e exclusão, o que resultou na seleção de 12 *lives* para a extração de dados, análise e discussão. As análises foram organizadas em seis grupos temáticos, que abrangem os seguintes tópicos: 1) Local para a realização do trabalho; 2) Conectividade e

equipamentos; 3) Enquadramento e interpretação; 4) Trabalho em equipe; 5) TILS educacional; 6) Outras temáticas abordadas, como tradução oral e o Projeto de Lei 9.382/17, que trata sobre a nova regulamentação da profissão do tradutor, intérprete e guia-intérprete de Libras-português.

Figura 23 - Principais temáticas abordadas: principais reflexões, desafios, ético/estético



Fonte: Sanchez (2022, p. 73)

Silva (2022), em seu trabalho de conclusão no curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras-Língua portuguesa, intitulado “A Saúde Mental do Intérprete de Libras em sua atuação no Contexto Remoto em tempos de pandemia” discorre sobre sua própria experiência como intérprete em formação e a atuação no contexto remoto iniciado no período de pandemia. Para isso, a autora registra, num diário de campo, o processo de adaptação ao novo ambiente de trabalho, seus pensamentos e sentimentos (tanto positivos, quanto negativos, como a ansiedade de estresse), bem como as estratégias utilizadas para regular as emoções na atuação remota, durante o período de estágio do curso de graduação.

Nogueira (no prelo), no artigo intitulado: “*Remote interpreting: a study on how Libras interpreters perceive teamwork during the covid-19 pandemic*” investiga como intérpretes de Libras perceberam o trabalho em equipe durante o período pandêmico. O artigo integra uma obra internacional: “*Accessible Communication for Deaf and Hard of Hearing People during the COVID-19 Pandemic - Studies in Interpretation*” (Comunicação Acessível para Surdos e Ensurdecidos durante a pandemia de covid-19 - Estudos em Interpretação), que reúne trabalhos de diferentes regiões do mundo e se divide em 5 tópicos principais: 1. O papel de intérpretes surdos; 2. O impacto em consumidores surdos; 3. Impacto em consumidores surdocegos; 4. Impacto nos intérpretes; e 5. Impacto da Tecnologia. Apesar de, na época de escrita deste trabalho, não termos acesso à obra completa, que ainda se encontra no prelo, o autor do artigo em questão nos concedeu acesso aos dados preliminares de sua pesquisa.

A pesquisa de Nogueira se situa na categoria 4 do livro, ou seja, na seção que trata sobre “O impacto nos intérpretes”. Para realizar a pesquisa, o autor coletou dados através de questionário de levantamento, com abertura no final do mês de janeiro e fechamento no início do mês de março de 2022. No início do artigo, de forma semelhante aos procedimentos adotados neste trabalho, o pesquisador realiza um delineamento do perfil demográfico, experiência e campos de atuação dos participantes da pesquisa. Apesar do foco principal do estudo ser sobre a percepção do trabalho em equipe, Nogueira também investiga o posicionamento profissional dos intérpretes frente à pandemia, como sentimentos de motivação, interesses profissionais, participação de cursos de formação e a aquisição de serviços e equipamentos para prestação de serviços de interpretação remota, alguns dos quais serviram de ponto de partida para elaboração desta pesquisa, aos quais retornaremos à medida em que tais pontos forem discutidos no decorrer do trabalho.

Como se pode notar, a súbita demanda pela interpretação remota suscitou uma grande quantidade de questionamentos nos profissionais que, até então, prestavam seus serviços somente em interações presenciais. Essa mudança, por sua vez, impulsionou a produção de conhecimento advindo da própria categoria, ao passo que registra e teoriza sobre sua práxis.

A seguir, discutiremos sobre um campo de estudo que, consolidado internacionalmente, se estabelece também em contexto brasileiro: nomeadamente, as pesquisas de *Disaster Studies*, ou Estudos do Desastre. Eles investigam questões de grande importância, como o impacto de crises e desastres de todos os tipos, não só com o objetivo de descrever estes fenômenos, mas, principalmente, de fornecer conhecimento teórico e prático quanto à prevenção, gerenciamento, planejamento e recuperação destes tipos de eventos.

4 A TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE CRISES E DESASTRES

Em situações de desastre, tradutores interpretam, e intérpretes, traduzem (O'Brien, 2022).

Como mencionamos anteriormente, esta pesquisa tem por finalidade investigar, a partir do ponto de vista dos próprios profissionais, como se deu o processo de mobilização da competência do intérprete naqueles que atuaram em interpretação simultânea remota com o par linguístico Libras-português, durante a pandemia da covid-19. A seguir, trataremos de algumas questões relativas à função e operacionalização dos serviços de tradução e interpretação em contextos de crises e desastres, destacando o caráter de essencialidade destes serviços, no sentido de possibilitar a comunicação e o acesso às informações essenciais em situações problemáticas de incerteza, confusão, escassez, adversidade e/ou perigo.

Apesar de, aparentemente, não existir um termo bem estabelecido para a área em português, decidimos traduzir o termo, cunhado originalmente em inglês, *Disaster Studies* para português como Estudos do Desastre (em contraposição a outras opções como Estudos de Desastres, ou ainda, Estudos dos Desastres, em semelhança à tradução do termo *Translation Studies*, que é bem estabelecido e reconhecido em português como “Estudos da Tradução” (e não Estudos de Tradução ou Estudos das Traduções), tanto para manter o paralelismo existente entre os nomes das disciplinas em inglês, quanto para os referenciarmos em português, levando em consideração que os termos “Desastre” e “Tradução” devem ser compreendidos no seu sentido mais amplo, como um fenômeno que pode ser estudado e não somente “um desastre”, ou “uma tradução”, em específico.

4.1 CONCEITUALIZAÇÃO DO TERMO “CRISE”

Em primeiro lugar, precisamos entender que as definições de termos como crise, desastre, catástrofe, emergência e similares, apesar de suscitarem ideias e significados semelhantes em suas bases, podem ser compreendidos de diferentes formas e perspectivas; assim, primeiramente, apresentaremos a palavra dicionarizada “crise” tendo em vista algumas das conceituações mais gerais advindos do uso cotidiano da língua e, posteriormente, trataremos especificamente do termo “crise” em uso especializado em obras que tratam sobre os Estudos do Desastre.

Em relação ao uso cotidiano da língua, a palavra “crise” apresenta variações e nuances que podem ser encontradas em diferentes fontes, inclusive em dicionários gerais e não-especializados. Para fins de exemplificação, a palavra “crise” é definida pelo dicionário Infopédia em relação a âmbitos específicos, como Medicina e Economia, bem como em termos mais gerais, como um fenômeno natural, psicológico, ou ainda em termos de problema, carência, escassez de algo.

Figura 24 - Conceitualização dicionarizada da palavra crise pela Infopédia

crise



cri.se • 'kriz(ə)

nome feminino

1. **MEDICINA** alteração repentina no estado de saúde de alguém aparentemente saudável ou agravamento súbito de uma doença crónica
2. manifestação súbita e intensa de natureza emocional ou nervosa; acesso; ataque
3. **ECONOMIA** redução do crescimento de uma economia, geralmente conduzindo a aumento do desemprego, desequilíbrio da balança comercial, empobrecimento, etc.
4. momento de impasse ou de perturbação na evolução de um fenómeno ou de uma situação
5. contexto de perigo, tensão ou conflito
6. fase de rutura em relação a hábitos ou crenças até aí adotados
7. carência de algo; escassez
8. problema

Fonte: Dicionário On-line Infopédia (2022)

Em outro tradicional dicionário de português brasileiro, o Michaelis, o termo é expandido ainda mais, levando em conta as áreas da medicina e economia, mas também a aplicação do termo em contexto da Sociologia, Política, Teatro e Psicologia.

Figura 25 - Conceitualização dicionarizada da palavra “crise” pelo Michaelis

crise

cri·se

sf

- 1 **MED** Momento decisivo em uma doença, quando esta toma o rumo da melhora ou do desenlace fatal.
- 2 **MED** Alteração súbita, geralmente para melhora, que se verifica no curso de uma doença aguda.
- 3 Momento em que se deve decidir se um assunto ou o seguimento de uma ação deve ser levado adiante, alterado ou interrompido; momento crítico ou decisivo.
- 4 Momento de maior intensidade de uma dor em um órgão ou parte circunscrita do corpo: *Crise de artrite. Crise renal.*
- 5 Estado emocional de súbito desequilíbrio em que os sintomas de um sofrimento ou angústia mental se manifestam com maior intensidade: *Crise emocional. Crise de nervos.*
- 6 Estado em que a dúvida, a incerteza e o declínio se sobrepõem, temporariamente ou não, ao que estava estabelecido como ordem econômica, ideológica, política etc.: *Crise religiosa. Crise moral. Crise dos costumes.*
- 7 Ausência ou deficiência de algo; carência, escassez, falta: *Crise de mão de obra. Crise de matéria-prima.*
- 8 **SOCIOL** Conjuntura desfavorável; situação anormal e grave; conflito, tensão, transtorno: *Crise internacional. Crise do sistema monetário.*
- 9 Episódio que se caracteriza pela presença de circunstâncias de difícil superação; lance embaraçoso que tende a ser duradouro; adversidade, agrura, apuro: *Está mergulhada em profunda crise amorosa.*
- 10 **ECON** Momento de transição entre uma fase de prosperidade e outra de depressão, ou vice-versa: *A crise de 1929 acabou com a economia paulistana sustentada pelo café.*
- 11 **POLÍT** Situação de conflito de extrema intensidade em que estão presentes altas expectativas de uso da violência: *A crise dos mísseis cubanos de 1962.*

12 **TEAT** Momento em que, em uma peça de teatro, as forças em conflito atingem seu grau máximo de tensão, levando ao desfecho ou à resolução (em algumas peças, sobretudo naquelas mais radicalmente experimentais, nas quais há desestruturação da cena teatral, ausência de enredo a unir os blocos narrativos, distúrbios de contiguidade, anticlímax etc., a crise pode não ter as características que tradicionalmente se lhe atribuem, ou pode estar ausente).

EXPRESSÕES

Crise adolescente, **PSICOL** : conjunto de mudanças emocionais que se verificam durante a adolescência, período em que, devido a grandes mudanças qualitativas e quantitativas no desenvolvimento biológico, o adolescente começa a abandonar os antigos vínculos emocionais e a estabelecer novas relações com as pessoas, com o ambiente em que vive, com o mundo que o cerca etc.

Crise convulsiva, **MED** : V [crise epiléptica](#).

Crise epiléptica, **MED** : distúrbio súbito e transitório que se caracteriza por convulsões generalizadas ou focais, fenômenos motores anormais, crises momentâneas de distúrbios da consciência etc.; crise convulsiva.

Crise social, **SOCIOL** : processo de ruptura conjuntural ou estrutural no funcionamento e na organização de uma sociedade, com a concomitante perturbação das normas e dos padrões que regem essa sociedade e a introdução de importantes mudanças nos setores cultural e religioso, podendo, inclusive, afetar o ordenamento socioeconômico, as relações sociais de produção, a estrutura da família etc., o que exige do sistema político o enfrentamento de novos questionamentos e novas necessidades.

ETIMOLOGIA

gr krisis.

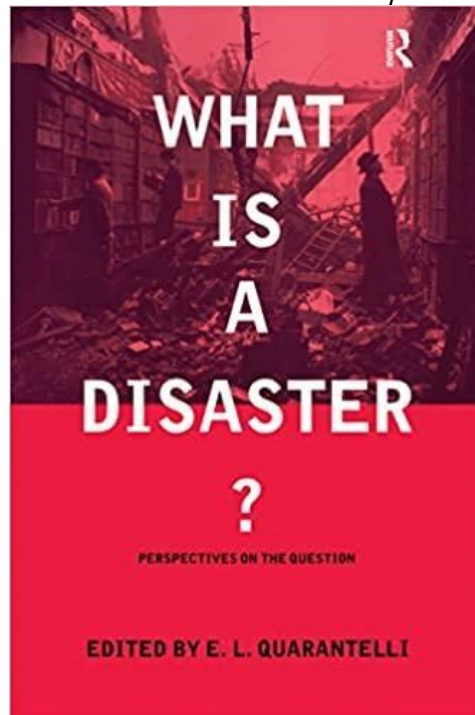
Fonte: Dicionário Michaelis on-line (2022)

Em linhas gerais, as conceitualizações da palavra “crise” remetem a significados de desequilíbrio, instabilidade, vacilação, incerteza, queda, colapso, declínio, paralisação, confusão, comoção, falta, escassez, carência, dificuldade, adversidade, apuro, perigo, problema, dentre outros.

Mas qual seria a definição acadêmica do termo “crise” no âmbito dos Estudos do Desastre? Um autor amplamente citado nesta área é Charles E. Fritz. Em seu trabalho seminal intitulado *Disaster*, publicado em 1961, Fritz fornece uma definição que tem sido amplamente referenciada. Segundo ele, a palavra “crise” pode ser entendida como um estado agudo de perigo e incerteza que ameaça a existência, a integridade ou os valores básicos de um indivíduo, um grupo, uma comunidade ou uma sociedade (Fritz, 1961).

No livro *What is a Disaster?: A Dozen Perspectives on the Question*, publicada pela editora Routledge, em 1998, o sociólogo Enrico Quarantelli compila publicações de diferentes autores sobre o tema, demonstrando a perspectiva de seis disciplinas diferentes, suas semelhanças e divergências, além de apresentar implicações pertinentes à teoria, ao estudo e ao manejo de diversos tipos de desastres.

Figura 26 - *What Is a Disaster?: A Dozen Perspectives on the Question*



Fonte: Editora Routledge (1998)

De acordo com a conceitualização elaborada por Quarantelli (1998), cinco pontos são importantes na identificação de um evento como um “desastre”: (1) São eventos de início súbito; (2) causam a disrupção grave de rotinas coletivas; (3) demandam a adoção de ações não planejadas de mitigação do impacto; (4) ocasionam um delineamento inesperado em histórias de vida no espaço e tempo sociais; e (5) representam perigo para objetos sociais valiosos.

Figura 27 - Diagrama para Desastre, Crise e Emergência



Fonte: Tradução e reprodução baseada em Al-Dahash *et al.* (2016, p. 1197)⁴³

Neste contexto, embora a pandemia de covid-19 tenha características diferentes de outros tipos de desastres, tendo em vista a definição de Quarantelli (1998), também pode ser considerada como tal, pois além de satisfazer os critérios apontados pelo autor, ainda ocasionou um impacto global prolongado na saúde, economia e sociedade como um todo, levando à perda de vidas, empregos e bem-estar geral.

⁴³ Figura original no ANEXO 05: DIAGRAM FOR DISASTER, CRISIS AND EMERGENCY

4.2 A EMERGÊNCIA DA DISCIPLINA DOS ESTUDOS DO DESASTRE

Tendo suas primeiras publicações nas décadas de 1940 e 1950, seu plano de fundo sendo o período pós-Segunda Guerra Mundial, denominado Guerra Fria, e investigando, principalmente, os aspectos sociopsicológicos do desastre, como o impacto de desastres no comportamento humano, atualmente, a disciplina de Estudos do Desastre é uma área de pesquisa bem estabelecida e documentada internacionalmente em diferentes conjunturas teóricas, políticas, geográficas, históricas etc., como se pode observar nas publicações a seguir, selecionadas a título de exemplificação:

Figura 28 - Publicações no âmbito dos Estudos do Desastre



Fonte: Editoras Springer, World Scientific, Palgrave Macmillan

1. *Disaster Studies – Exploring Intersectionalities in Disaster Discourse*
2. *Handbook of Disaster Risk Reduction & Management*
3. *Handbook of Disaster Research*
4. *International Handbook of Disaster Research (Living Edition)*
5. *Managing Urbanization, Climate Change and Disasters in South Asia*
6. *People’s Response to Disasters in the Philippines*

Embora as primeiras publicações internacionais sobre Estudos do Desastre tenham cerca de 80 anos, podemos afirmar que essa área ainda se configura como uma área incipiente no Brasil. Em uma pesquisa realizada em alguns dos buscadores acadêmicos mais utilizados (a saber, Scielo: *Scientific Electronic Library Online*, Academia e Google Scholar), inserindo os termos exatos, pelo uso de aspas, em inglês: *Disaster Studies* e em português: Estudos do Desastre, obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 11 - Publicações na área dos Estudos do Desastre no Brasil

Plataforma	Endereço eletrônico	“Disaster Studies”	“Estudos do Desastre”
Scielo: Scientific Electronic Library Online	https://search.scielo.org/	30 resultados	23 resultados
Academia	https://www.academia.edu/	238 resultados	3 resultados
Google Scholar	https://scholar.google.com.br/	19.400 resultados	7 resultados

Fonte: Scielo, Academia e Google Scholar

Realizada uma busca sobre possíveis Programas de Pós-Graduação no país que tratassem dos Estudos do Desastre, em plataformas como Google e no portal da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, não podemos encontrar nenhum curso que contivesse especificamente o termo “Estudos do Desastre” em seu título; no entanto, observamos a existência de alguns termos que se relacionam diretamente com essa área epistemológica, a saber:

Quadro 12 - Pós-Graduação sobre Estudos do Desastre e correlatos no Brasil

Programa	Endereço eletrônico	Instituição	Tipo
Programa de Pós-Graduação em Desastres Naturais	https://www.ict.unesp.br/#!/ensino/pos-graduacao/desastres-naturais/	Unesp – Universidade Estadual Paulista	Mestrado e Doutorado Acadêmicos
Programa de Pós-Graduação em Desastres Naturais	https://ppgdn.ufsc.br/	UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina	Mestrado Profissional
PPGGRD - Programa de Pós-Graduação em Gestão de Risco e Desastre na Amazônia	http://ppggrd.propesp.ufpa.br/index.php/br/	UFPA – Universidade Federal do Pará	Mestrado Profissional
Mestrado em Defesa e Segurança Civil	https://defesacivil.uff.br/neped-uff/	UFF – Universidade Federal Fluminense	Mestrado Profissional
Especialização em Gestão de Riscos e Desastres	https://www.cursosefaculdades.com.br/especializacao-em-gestao-de-riscos-e-desastres-parana-curitiba-utp-FO-36682	UTP - Universidade Tuiuti do Paraná	Especialização
Pós-Graduação em Gestão de Emergências e Desastres	https://unyleya.edu.br/pos-graduacao-ead/curso/gestao-de-emergencias-e-desastres/	Faculdade Unyleya	Especialização
Pós-Graduação em Medicina de Desastre	https://unyleyamed.com.br/pos-graduacao/curso/medicina-de-desastre/	Faculdade Unyleya	Especialização
Pós-graduação em Gestão de Emergências e Desastres	https://www.facuminasead.com.br/pos-graduacao/gestao/gestao-de-emergencias-e-desastres	Instituto Facuminas	Especialização
Pós-graduação em Gestão de Riscos e Desastres Naturais	https://faculadadedombosco.net/p/cursos/gestao-de-riscos-e-desastres-naturais/	Faculdade Dom Bosco – Porto Alegre-RS	Especialização

Fonte: Elaboração do autor a partir de motores de busca e do site da Capes

Este quadro apresenta um levantamento dos programas de pós-graduação e especialização oferecidos no Brasil, voltados para a temática de Estudos do Desastre e Gestão de Riscos e Desastres. A Universidade Estadual Paulista (Unesp) oferece um Programa de Pós-Graduação em Desastres Naturais, em nível de mestrado e doutorado acadêmicos. Já a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) possui um Programa de Pós-Graduação em Desastres Naturais, em nível de mestrado profissional. A Universidade Federal do Pará (UFPA) oferece o PPGGRD - Programa de Pós-Graduação em Gestão de Risco e Desastre na Amazônia, também em nível de mestrado profissional. A Universidade Federal Fluminense (UFF) oferece

o Mestrado em Defesa e Segurança Civil, em nível de mestrado profissional. Além disso, há diversas opções de especialização em gestão de riscos e desastres, tais como: Especialização em Gestão de Riscos e Desastres, oferecida pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP); Pós-Graduação em Gestão de Emergências e Desastres, oferecida pela Faculdade Unyleya; Pós-Graduação em Medicina de Desastre, também oferecida pela Faculdade Unyleya; Pós-graduação em Gestão de Emergências e Desastres, oferecida pelo Instituto Facuminas; e Pós-graduação em Gestão de Riscos e Desastres Naturais, oferecida pela Faculdade Dom Bosco, em Porto Alegre-RS.

Além dos diversos programas de pós-graduação que abrigam pesquisas sobre Estudos do Desastre, dentre os quais alguns foram citados acima a nível de exemplificação, há também o Centro de Estudos e Pesquisas sobre Desastres de São Paulo, que se define como um grupo de pesquisa cuja finalidade é congregar, integrar, organizar e consolidar diferentes estudos sobre a temática de desastres, tendo sido criado por uma iniciativa entre a Superintendência de Relações Institucionais da Universidade de São Paulo, em parceria com o Grupo de Estudo em Segurança Pública, Ministério da Integração Nacional e a Defesa Civil de São Paulo, Casa Militar. O Centro conta com um grupo amplo de pesquisadores e docentes de diversas áreas. Tais profissionais estudam as etapas de preparação, mitigação e reconstrução em um desastre, atuando junto à sociedade em prol do desenvolvimento das comunidades (USP, 2022).⁴⁴

Evidentemente, para fins deste estudo, não pretendemos realizar um levantamento bibliográfico extensivo da área, mas antes, introduzir o leitor ao campo disciplinar dos Estudos do Desastre. Assim, a exposição dos títulos selecionados como exemplos nesta pesquisa se dá devido à importância das discussões levantadas, mas que não pretendem exaurir a totalidade de tópicos e discussões da área como um todo.

⁴⁴ <http://www.usp.br/ceped/>

4.3 TRANSLATING CRISES: A TRADUÇÃO DE CRISES EM PAUTA

Na área de Estudos do Desastre, é comum encontrar uma imagem que apresenta os desastres como eventos cíclicos compostos pelas fases de resposta, recuperação, mitigação e preparação. Esses termos são amplamente utilizados por estudiosos e profissionais da área para se referirem às diferentes etapas de um desastre.

Quadro 13 - As fases de um desastre

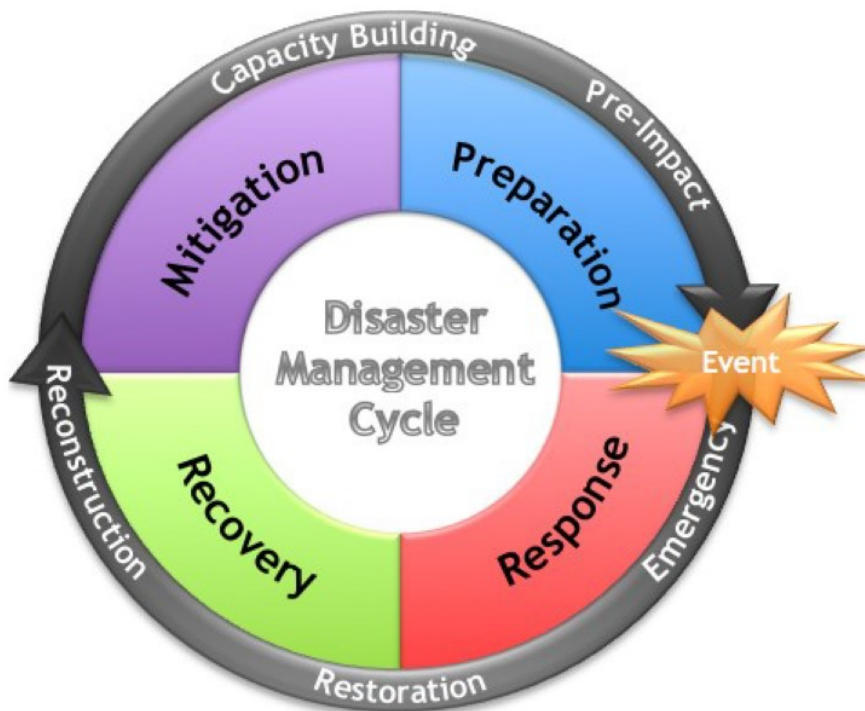
As fases de um desastre	
Fases pré-desastre	Adaptações Mitigativas (Preventivas): Medidas estruturais e não estruturais tomadas para limitar o impacto adverso de perigos/ameaças. Idealmente, isso inclui a identificação de danos em potencial aos processos físicos, fenômenos, ou atividades humanas (Bosher; Chmutina, 2017).
	Preparação: O conhecimento e as capacidades desenvolvidas por governos, organizações de resposta e recuperação, comunidades e indivíduos para antecipar, responder e se recuperar de forma eficaz dos impactos de desastres prováveis, iminentes ou atuais (UNDRR, 2020). ⁴⁵
Fases pós-desastre	Resposta/Socorro: Ações tomadas diretamente antes, durante ou imediatamente após um desastre para salvar vidas, reduzir os impactos na saúde, garantir a segurança pública e atender às necessidades básicas de subsistência das pessoas afetadas (UNDRR, 2020).
	Recuperação (às vezes chamada de “recuperação e reabilitação”): Decisões e ações normalmente tomadas após um desastre com o objetivo de restaurar ou melhorar as condições de vida pré-desastre da comunidade atingida (Bosher; Chmutina, 2017).

Fonte: Elaboração baseada em Bosher, Chmutina e Van Niekerk (2021)

Reconhecidamente, a tradução e a interpretação são vistas como ferramentas essenciais durante a “fase de resposta”, no sentido de garantir que as pessoas estejam seguras e tenham acesso a informações vitais: onde encontrar abrigo, água e comida, além de informações atuais se devem evacuar ou não o local do desastre etc.

⁴⁵ <https://www.undrr.org/terminology> UNDRR: *United Nations Office for Disaster Risk Reduction*

Figura 29 - Typical representation of the disaster management cycle



Fonte: Boshier, Chmutina e Van Niekerk (2021, p. 2)

No entanto, O'Brien e Federici (2022) argumentam que a tradução, assim como a interpretação, também desempenha um papel fundamental nas fases do “ciclo do desastre”: recuperação, mitigação e preparação, as quais têm sido amplamente negligenciadas. Segundo os autores, em todas essas fases, é preciso comunicar informações importantes para as pessoas, a fim de garantir, por exemplo, que elas façam as coisas certas em termos de recuperação ou estejam preparadas para o próximo desastre. A próxima ilustração traz este modelo traduzido, e enfatiza a importância da tradução e interpretação em todas as fases do ciclo.

Figura 30 - A tradução e interpretação no Ciclo de Gerenciamento de Desastres

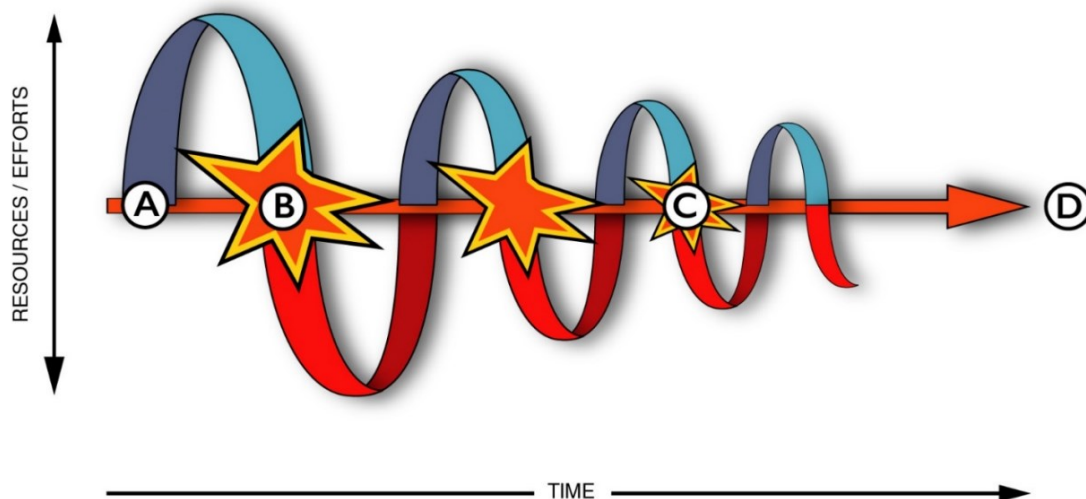


Fonte: Elaboração do autor com base em Boshier, Chmutina e Van Niekerk (2021) e O'Brien e Federici (2022)

Além disso, é importante destacar que, dentro dos Estudos do Desastre, há um debate sobre a noção de desastres como um “ciclo”. Boshier, Chmutina e Van Niekerk (2021), no artigo *Stop going around in circles: towards a reconceptualisation of disaster risk management phases* (Pare de Andar em Círculos: Rumo a uma Reconceituação das Fases de Gerenciamento de Riscos de Desastres), propõem a ideia de uma hélice,⁴⁶ em que um evento desencadeia uma resposta, aprendemos com ele e, quando ocorre algo semelhante, nossa resposta é mais rápida porque aprendemos com o que fizemos anteriormente. A seguinte imagem ilustra desastres como tentativas de reduzir o risco e os impactos negativos ao longo do tempo, por meio de intervenções de redução de risco.

⁴⁶ Na Geometria, hélice é uma curva tridimensional formada pelo movimento de uma linha reta ao longo de uma superfície cilíndrica ou cônica, enquanto gira em torno do eixo central da superfície. Hélices são comuns em muitos objetos e sistemas naturais, incluindo a forma das moléculas de DNA.

Figura 31 - Hélice ilustra a redução de risco no decorrer do tempo



Fonte: Boshier, Chmutina e Van Niekerk (2021, p. 7)

1. as setas azuis (A) representam tentativas proativas para reduzir o impacto e a ocorrência de ameaças identificadas;
2. o ponto (B) representa um “evento” desastroso, cujos impactos foram minimizados devido a atividades anteriores de redução do risco de desastres;
3. as setas vermelhas representam medidas e atividades de recuperação/reabilitação pós-desastre que, por sua vez, fundem-se novamente nas atividades de preparação e redução de riscos de desastres (setas azuis);
4. com o resultado final de que o impacto do próximo desastre é (idealmente) significativamente reduzido no ponto (C) e possivelmente neutralizando futuros eventos (D);
5. um eixo vertical para “Recursos/Esforço” é incluído para ilustrar que menos recursos podem ser necessários no futuro (como um período não especificado) e o período entre cada desastre significativamente estendidos;
6. um eixo horizontal representa a passagem do tempo como um componente “relativo” e não uma medida absoluta (ou seja, tempo cronométrico de intervalos ou momentos específicos medidos em dias, meses, anos etc.). O objetivo principal é representar no diagrama que se os desastres ocorrerem novamente, seus impactos podem aumentar ou diminuir ao longo do tempo.

A concepção de representar as fases da gestão de desastres como uma hélice não é excepcional. Aubrecht *et al.* (2013) propuseram uma abordagem helicoidal distinta da gestão de desastres, que enfatizava principalmente a comunicação de riscos e crises por meio do uso de redes participativas de comunicação das partes interessadas. Walsh, Adamson e Kelman (2020) investigaram o papel da memória de desastres nas Ilhas Maurício e como ela molda as percepções de perigo e risco; assim, os autores defendem que os padrões de memória podem ser teoricamente mapeados como uma hélice tridimensional, ao mesmo tempo que enfatizam que uma concepção helicoidal tridimensional permite padrões parcialmente repetitivos, sem apresentar um falso retorno a um estado original (Bosher, Chmutina e Van Niekerk, 2021).

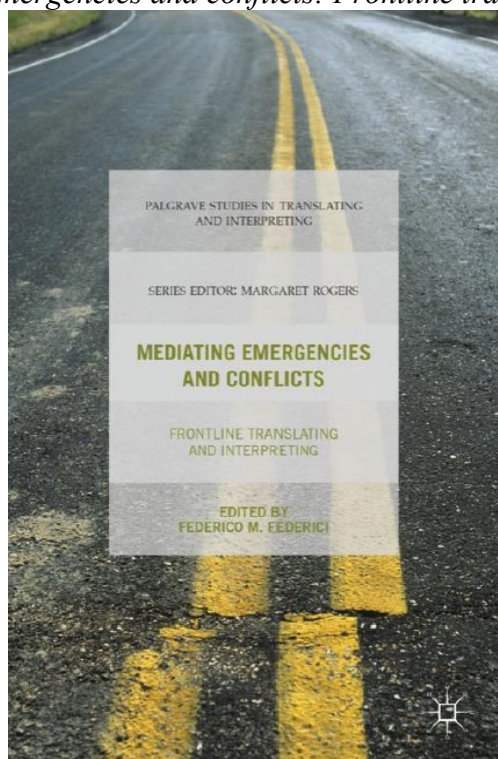
Um exemplo da importância da tradução na prevenção de crises pode ser visto nas relações internacionais entre países que falam diferentes línguas. A tradução de documentos e discursos oficiais pode ajudar a evitar mal-entendidos e promover a compreensão mútua, reduzindo o risco de conflitos entre as partes envolvidas. Na gestão de crises, a tradução pode ajudar na coordenação de esforços e na comunicação de informações importantes. Por exemplo, durante desastres naturais como terremotos ou furacões, a tradução e a interpretação de informações sobre rotas de evacuação, abrigos e recursos disponíveis pode ser crucial para garantir a segurança das pessoas afetadas. Na resposta às crises, a tradução e a interpretação podem oportunizar o acesso às informações e aos recursos, para que sejam distribuídos de forma mais justa e equitativa. Por exemplo, a tradução de informações sobre como acessar serviços de saúde ou recursos financeiros pode garantir que as pessoas afetadas recebam a ajuda necessária.

Outro exemplo da importância da tradução em situações de crise é a pandemia de covid-19. A tradução de informações sobre prevenção, tratamento e vacinação é fundamental para garantir que todas as comunidades entendam a gravidade da pandemia e possam tomar medidas para proteger a si mesmas e aos outros. A tradução de informações sobre a pandemia também é importante para garantir que as pessoas afetadas tenham acesso a recursos e serviços de saúde, independentemente de sua língua ou origem cultural. Além disso, a tradução e a interpretação de informações sobre políticas de distanciamento social, fechamento de escolas e outras medidas restritivas pode contribuir para adesão e a cooperação das comunidades afetadas.

Em 2016, houve a publicação do livro *Mediating emergencies and conflicts: Frontline translating and Interpreting* pela Editora Springer, compondo uma série de publicações

denominada *Palgrave Studies in Translating and Interpreting*⁴⁷ que aborda questões específicas tanto na tradução quanto na interpretação, tendo em vista que apesar do crescente reconhecimento em alguns setores (por exemplo, por meio da legislação da União Europeia), em outros, ainda permanece controverso por razões econômicas, políticas e sociais.

Figura 32 - *Mediating emergencies and conflicts: Frontline translating and Interpreting*



Fonte: Editora Springer (2016)

Assim, esta série de publicações objetivam não apenas traçar, mas também moldar a disciplina em relação à prática e pesquisa contemporânea, abordando temas como:

- a) interpretação no departamento de emergência;
- b) treinamento para intérpretes que trabalham em resposta a emergências;
- c) interpretação militar;
- d) treinamento de tradutores para resposta ao ebola no Quênia.

Numa interface entre os Estudos do Desastre e os Estudos da Tradução, na obra *Translation in Cascading Crises* (Tradução em Crises em Cascata), publicada, em 2020, pela

⁴⁷ <https://link.springer.com/series/14574>

editora Routledge, o Prof. Dr. Federico M. Federici⁴⁸ e a Profa. Dra. Sharon O'Brien⁴⁹ reúnem uma série de artigos que tratam de tópicos relevantes, dos quais se destacam os seguintes:

- a) mediação da violência de gênero nos fluxos migratórios;
- b) tráfico de pessoas e comunicação policial;
- c) uso de tecnologia de tradução em ONGs;
- d) acessibilidade de informações multilíngues em crises em cascata;
- e) integração das necessidades de linguagem em pesquisas de desastres;
- f) tradução intralingual para legibilidade e compreensão na comunicação de crise.

Neste contexto, surge o conceito de *Crisis Translation* (Tradução de Crises, em português) que se define como “qualquer forma de transmissão linguística e cultural de mensagens que possibilite o acesso à informação durante uma emergência, independentemente do meio” (Federici *et al.*, 2019, p. 247, tradução nossa).⁵⁰

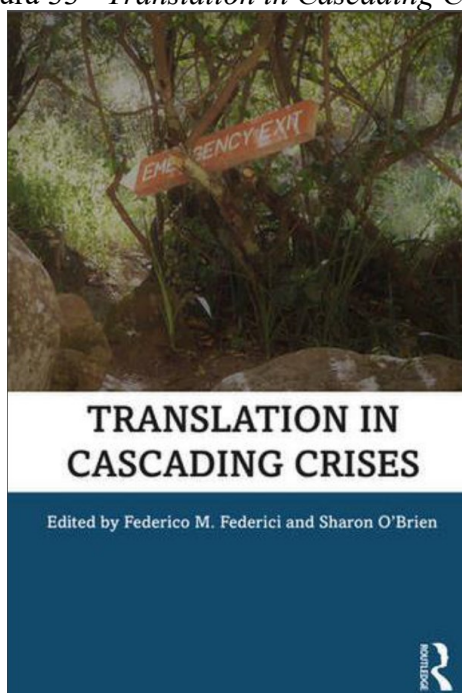
O livro *Translation in Cascading Crises*, apesar de ter sido lançado no auge da pandemia, no ano de 2020, naturalmente não traz estudos que tratam da tradução e interpretação no contexto da própria pandemia da covid-19 em si, o que se deve, naturalmente, ao tempo demandado pelo processo de edição, revisão e publicação de um livro: processos típicos no mundo acadêmico.

⁴⁸ Dr. Federico M. Federici é professor de Comunicação Intercultural de Crise, no Centro de Estudos da Tradução na Universidade de Durham, Reino Unido, bem como no Centro de Mediação Intercultural.

⁴⁹ Dra. Sharon O'Brien é professora da Escola de Linguística Aplicada da Universidade da Cidade de Dublin, na Irlanda.

⁵⁰ [...] any form of linguistic and cultural transmission of messages that enable access to information during an emergency, regardless of the medium (Federici *et al.*, 2019, p. 247).

Figura 33 - *Translation in Cascading Crises*



Fonte: Editora Routledge (2020)

Depois de alguns anos de pesquisa continuada, e agora levando em conta o contexto de uma crise de nível mundial, espera-se que haja a publicação de mais estudos que tragam contribuições no sentido de melhorar o manejo dessas crises em situações futuras.

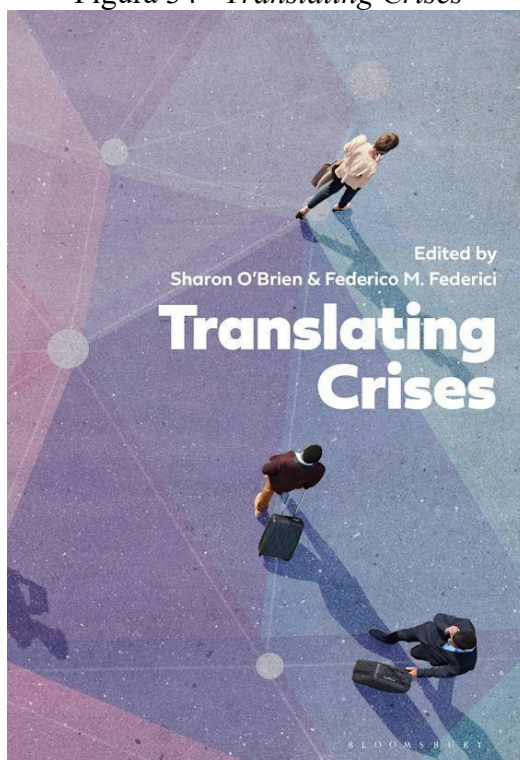
4.4 ESTUDOS DA TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO NA PANDEMIA DE COVID-19

Dois anos após a publicação do primeiro volume, uma nova obra é publicada, em novembro de 2022, com o título de *Translating Crises* (em português, Traduzindo Crises). Novamente, a Professora Dra. O'Brien e o Professor Dr. Federici abordam questões que envolvem os Estudos da Tradução e os Estudos do Desastre. Dessa vez, a publicação apresenta uma série de artigos que investigam o impacto da pandemia de covid-19 em diversos contextos e países, como é possível observar nos títulos dos capítulos a seguir:

- a) “Extending the Value of Crisis Translation in Crisis Communication” (Timothy W. Coombs and Eliana R. Tachkova);
- b) “A Multiparty Perspective on the Provision of Signed Language Interpreters during the COVID-19 Press Briefings in Belgium” (Karolien Gebruers, Lien Vermeire and Jaron Garitte);

- c) “Language and Literacy Brokering in the COVID-19 Emergency” (Rachele Antonini and Claudia Suprani);
- d) “Universal Access through Mobile Devices in Multilingual Websites on the COVID-19 Pandemic” (Lucía Morado Vázquez and Jesús Torres-del-Rey);
- e) “India’s Frontline Health Response to COVID-19: Language and Culture in Pandemics” (Sneha Krishnan, Rohini Menon and Deepshikha Purwar);
- f) “Language, Culture and Access to Healthcare during the COVID-19 Outbreak in Italy” (Eleonora Del Gaudio and David Lloyd Webber);
- g) “Communicating with England’s Homeless during the COVID-19 Pandemic Lockdown” (Aisha Maniar).

Figura 34 - *Translating Crises*



Fonte: Editora Bloomsbury (2022)

Segundo os editores, esta nova publicação vem para fortalecer os trabalhos realizados junto a outros pesquisadores, internacionalmente.

É importante ressaltar que nos trabalhos de Federici *et al.*, (2019), O'Brien e Federici, (2022), dentre outros, o termo *Crisis Translation* (ou Tradução de Crises, em português) tem sido usado como um termo guarda-chuva com o objetivo de fomentar e intensificar as

discussões e debates sobre o caráter essencial da tradução (e da interpretação) nos campos mais gerais das áreas que, por vezes são denominadas como:

- a) **Comunicação de Crise** (*Crisis communication*) de Cooms e Holladay, (2012); Reynolds e Seeger (2005); Schwarz, Seeger e Auer (2016);
- b) **Comunicação de Risco de Emergência e Crise** (*Crisis and Emergency Risk Communication*) de Reynolds e Lufty (2018);
- c) **Setores de Gerenciamento de Crise/desastres** (*Crisis/disaster management sectors*) de Coppola (2020).

Apesar do uso de diferentes terminologias, a depender da variação das dimensões que são levadas em consideração, sejam elas de cunho temporal (considerando as fases de uma crise, o tempo de duração de um ciclo de desastre), geográfico (que leva em conta a relação com o local, região, nacionalidade ou internacionalidade, ou globalidade em que a crise acontece), ou ainda modal (que considera os modos de comunicação utilizados), todos estes estudos têm como objetivo comum a tentativa de melhorar a situação, tanto numa perspectiva prática como acadêmica (O'Brien; Federici, 2022).

Algumas das ideias presentes na obra *Crisis Translation* são bastante propícias para a fundamentação e o desenvolvimento desta tese, a saber:

- a) na atual era da globalização, aumento da urbanização e migração, a comunicação antes, durante e depois de uma crise deve ser multilíngue e multicultural e essa comunicação é possibilitada por meio de tradução e/ou interpretação;
- b) embora o trabalho pertinente à tradução e interpretação em contextos de crise tenha começado bem antes da covid-19, a pandemia reforçou a necessidade de atenção, bem como o importante papel da tradução na redução de riscos: “ninguém está seguro, até que todos estejam” (ONU);
- c) os próprios tradutores e intérpretes profissionais experienciam as crises de diferentes formas.

De posse de conceitos-chave que servirão de ponto de partida para as nossas discussões no decorrer desta pesquisa, nomeadamente: (a) competência do intérprete; (b) interpretação remota; e (c) tradução/interpretação de crises, discutiremos a seguir sobre o método elaborado e que será aplicado a fim de atingir o objetivo desta pesquisa.

5 MÉTODO

Pra tudo, um jeito.

Provérbio popular

O provérbio “pra tudo, [há] um jeito” pode ser interpretado como a afirmação de que, para cada problema, existe uma solução ou método específico – frequentemente, há até múltiplas formas de se resolver uma questão, a depender do contexto e nível de aplicabilidade.

Como mencionamos anteriormente, esta pesquisa tem por finalidade investigar, a partir do ponto de vista dos próprios profissionais, como se deu o processo de mobilização da competência do intérprete naqueles que atuaram em interpretação remota emergencial do par linguístico Libras-português, durante um contexto de crise: a pandemia da covid-19 (especificamente, no recorte temporal de março de 2020 a março de 2023). Para tanto, neste capítulo, discorreremos sobre o método aplicado nesta pesquisa. Primeiramente, apresentamos a tipologia da pesquisa, seus participantes, objetivos, perguntas de pesquisa, os instrumentos e procedimentos necessários para sua condução.

5.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa é de caráter exploratório e descritivo, com uso de questionário de levantamento, seguido de análises quantitativas dos dados. Conforme o modelo proposto por Cavallo (2022), a competência do intérprete é constituída a partir de um conjunto de habilidades, a saber: habilidades anteriores ao processo, habilidades internas ao processo, habilidades posteriores ao processo, habilidades envolvendo o processo e, por fim, as habilidades extrínsecas ao processo.

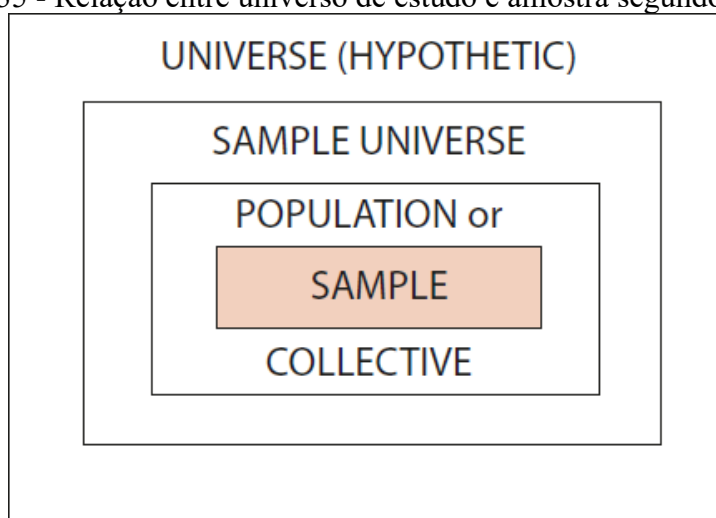
Para fins desta pesquisa, elaboramos e aplicamos um questionário que investigam as questões pertinentes à mobilização da competência do intérprete em atuação remota antes e depois da pandemia de covid-19. A seguir, discorreremos sobre os participantes, materiais e procedimentos necessários à realização da pesquisa.

5.2 PARTICIPANTES

Como mencionamos anteriormente, o grupo PACTE apresenta um modelo de competência tradutória e, para tanto, também suscita discussões sobre os desafios de definir e

estudar a competência tradutória em pesquisas empíricas, apresentando a relação entre o universo de estudo e a sua respectiva amostra. O termo “universo hipotético” refere-se ao conjunto de elementos de referência que serão observados. A “população” ou “coletivo” que são o foco específico é em tradutores profissionais, definidos por características comuns relevantes para o estudo. No entanto, não existem critérios externos claros para delimitação da definição desse universo de “tradutores profissionais”, diferentemente de outros campos como materiais radioativos (definidos pela realidade física), médicos ginecologistas (definidos por títulos acadêmicos) ou tradutores juramentados (definidos por exames), o que torna esta tarefa especialmente complexa (PACTE, 2017).

Figura 35 - Relação entre universo de estudo e amostra segundo PACTE



Fonte: PACTE (2017, p. 55)⁵¹

Assim, a definição de competência tradutória como a competência demonstrada por tradutores profissionais implica em selecionar uma amostra representativa de todos os tradutores profissionais, o que, ainda assim, é problemático devido à diversidade do grupo. No caso do grupo, para definir o universo de tradutores profissionais “critérios arbitrários baseados na experiência dos pesquisadores foram utilizados, como tradutores com certa experiência, sem especialidade exclusiva, que vivem principalmente de sua tradução” (PACTE, 2017, p. 56).⁵²

⁵¹ *Universe (hypothetic)*: Universo (hipotético); *Sample Universe* (Universo de Amostragem); *Population or Collective* (População ou Coletivo); *Sample* (Amostra) (PACTE, 2017, p. 55).

⁵² “[...] arbitrary criteria arrived at through our experience: translators with a certain amount of experience, but without having an exclusive speciality, who mainly live from their work as translators” (PACTE, 2017, p. 56, tradução nossa).

Além disso, como é impossível observar toda a população de interesse, uma amostra representativa foi selecionada. A validade das generalizações depende da validade e tamanho da amostra. A seleção aleatória é comum, mas não é frequente em Estudos da Tradução. Amostras por cotas também são raras. Gile sugere a amostragem por conveniência como uma alternativa, onde os sujeitos são selecionados por facilidade de acesso, mas filtrados com base no conhecimento do campo e dados empíricos (Gile, 1998).

Levando em consideração que, no que diz respeito à definição do universo do estudo e à obtenção de uma amostra da população, tanto os Estudos da Tradução quanto os da Interpretação enfrentam desafios análogos, delimitamos a seguir o perfil de nossos participantes, os quais consideramos intérpretes de Libras-português profissionais.⁵³ Os critérios de inclusão para os possíveis participantes são:

1. possuir, pelo menos, um ano de experiência prática como intérprete anteriormente à pandemia, isto é, ter se iniciado na profissão antes de março de 2019;
2. ter atuado profissionalmente com interpretação remota do par linguístico Libras-português, no período compreendido de março/2020 a março/2023;
3. aceitar espontaneamente o Termo de Consentimento para participação desta pesquisa.

No contexto desta pesquisa, não se configuraram como critérios de exclusão quaisquer dados pessoais como gênero, idade, *status* auditivo, raça, cor, etnia, religião, procedência ou local de residência.

5.3 OBJETIVOS

Conforme mencionamos anteriormente, segundo Pöchhacker (2004), desde meados do século XX, o estudo sistemático da interpretação foi impulsionado pelo aumento expressivo no número de autores que contribuem para o estabelecimento da área, bem como uma maior oferta

⁵³ Neste estudo, o termo “profissional” se refere àqueles que estão habilitados legalmente a exercer uma profissão, que, por sua vez, de acordo com o Código Brasileiro de Ocupações (CBO), refere-se a um conjunto de atividades laborais que exigem conhecimentos especializados, habilidades técnicas e formação educacional específica. Uma profissão é reconhecida e regulamentada por órgãos competentes, podendo envolver uma associação ou conselho profissional que estabelece normas de conduta, ética e qualificação para os praticantes daquela ocupação. No Brasil, a Lei 10.319/2010 regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras);

de cursos de formação, criação de periódicos especializados e produção acadêmica de dissertações e teses. No mesmo sentido, a nível nacional, Rodrigues e Beer (2015) também demonstram que os Estudos da Tradução e da Interpretação de Língua de Sinais se apresenta como um campo fértil e em rápida ascensão, ao lançar luz sobre os processos tradutórios e interpretativos intermodais que, por sua vez, retroalimentam as pesquisas nas áreas que lhe alicerçam: os Estudos da Tradução e os Estudos da Interpretação.

Neste contexto, a presente pesquisa se insere no bojo dos Estudos da Interpretação em interface com os Estudos do Desastre e se configura como uma investigação das percepções de mobilização da competência do intérprete de Libras-português mediante a atuação remota provocada pela pandemia de covid-19.

5.3.1 Objetivo Geral

Esta pesquisa tem por finalidade investigar, a partir do ponto de vista dos próprios profissionais, como se deu o processo de mobilização da competência do intérprete naqueles que atuaram em interpretação remota do par linguístico Libras-português, durante um contexto de desastre: a pandemia da covid-19 (especificamente, no recorte temporal de março de 2020 a março de 2023).

5.3.2 Objetivos Específicos

Com relação aos objetivos específicos, que conduzem ao desfecho do objetivo geral, podemos elencar:

1. identificar os atributos que compõem o perfil dos intérpretes de Libras-português que atuaram remotamente em contexto pandêmico;
2. descrever a atuação e a percepção dos efeitos da pandemia nos serviços de interpretação de Libras-português prestados de forma remota;
3. analisar as percepções que intérpretes de Libras-português possuem sobre a mobilização dos conjuntos de habilidades que compõem a competência do intérprete frente às demandas de interpretação remota associadas ao isolamento social imposto pela pandemia da covid-19.

Assim, a partir dos dados levantados, podemos:

1. descrever as atitudes tomadas pelos intérpretes de Libras-português em uma situação emergencial, que foi a interpretação remota durante a pandemia;
2. registrar, a partir da perspectiva da própria categoria profissional, uma possível mudança de paradigma no que diz respeito ao modo de interpretação remota;
3. identificar pontos a serem incorporados em futuras formações de intérpretes, a partir da identificação de habilidades específicas que foram demandadas, mas que não haviam sido desenvolvidas anteriormente.

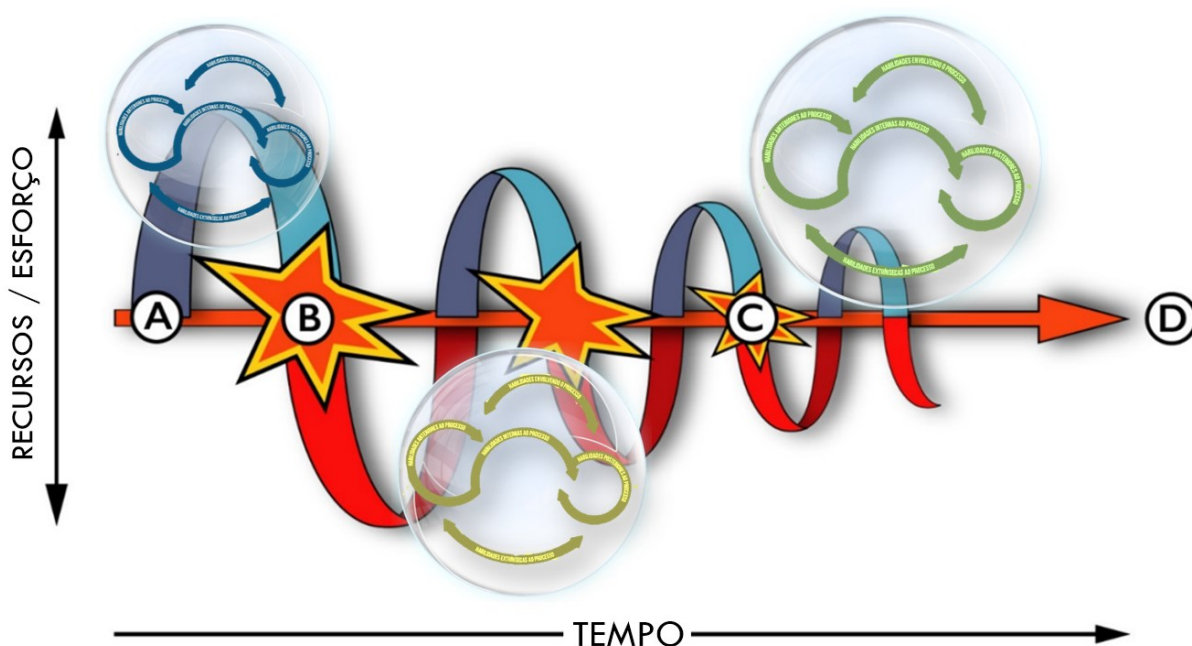
5.4 PERGUNTA DE PESQUISA

A partir do objetivo geral da pesquisa, formulamos a seguinte pergunta norteadora: “Como se deu, a partir do ponto de vista dos próprios profissionais, o processo de mobilização da competência demandada para a atuação em interpretação remota no par Libras-português durante a pandemia da covid-19?”

Em vista da literatura existente no âmbito dos Estudos da Interpretação, correlacionada com a observação da atual conjuntura de demanda e atuação profissional na área, a partir de minha experiência profissional como intérprete e pesquisador e partindo do pressuposto de que a atuação à distância do intérprete, intermediada por tecnologia de transmissão de áudio/vídeo, difere daquela realizada presencialmente, “in loco” ou “on-site”, em local do qual o orador e o/ou o público estão fisicamente. Portanto, essa tese toma como hipótese a asserção de que, motivado pelo contexto pandêmico, o construto denominado “competência do intérprete” é mobilizado de forma diferente pela atuação mediada por tecnologia em contexto emergencial, o que impactou consideravelmente algumas das habilidades que compõem a competência deste profissional.

Assim, acreditamos que, de forma semelhante a uma grande crise, nomeadamente a Segunda Guerra Mundial, que representou um marco importante no entendimento e na prática da interpretação simultânea como conhecemos hoje, devido à forma em que esta atividade foi implementada durante os Julgamentos de Nuremberg, nos anos de 1945 e 1946, atualmente, estamos vivenciando uma nova crise, de outro tipo, mas que também parece ter impactado em nível global o modo de realizar a atividade interpretativa e conseqüentemente o construto denominado competência do intérprete. Na imagem a seguir, representamos como a competência do intérprete foi modificada no transcurso do período pandêmico, tendo como referência a hélice de redução de riscos (Bosher, Chmutina e Van Niekerk, 2021) e o modelo de competência do intérprete (Cavallo, 2022).

Figura 36 - Modificação da competência do intérprete frente ao contexto de crise



Fonte: Elaboração do autor com base em Boshier, Chmutina e Van Niekerk (2021) e Cavallo (2022).

Aplicando as proposições de Boshier, Chmutina e Van Niekerk (2021) e Cavallo (2022) ao contexto desta pesquisa, destacamos:

1. em um primeiro momento, no ponto (A), que se localiza anteriormente ao evento desastroso, a competência do intérprete é representada na cor azul, como no modelo original proposto por Cavallo (2022);
2. o ponto (B) representa um evento desastroso, neste caso, a primeira onda da pandemia de covid-19 no Brasil, por volta de março de 2020. As setas vermelhas representam medidas e atividades de recuperação/reabilitação que se deram inicialmente em medidas de uso de proteção individual (em especial, o uso de máscaras e álcool 70% para higienização das mãos), já que não havia vacinas ou tratamentos cientificamente aprovados para a doença;
3. no período que se segue, após o primeiro impacto do evento desastroso, e tendo em vista o agravamento da crise, foram impostas medidas de distanciamento social, que culminaram, eventualmente, na suspensão das atividades presenciais de modo geral;
4. neste segundo momento, a competência do intérprete é representada em tons amarelados, o que sugere que, apesar de estarmos representando o transcorrer do

- “mesmo construto” por um período de crise, as instabilidades desse período implicaram modificações em relação ao primeiro estado (pré-pandêmico);
5. em um terceiro momento, ao se aproximar do fim da hélice, em que as medidas e atividades de recuperação/reabilitação pós-desastre dirimiram os impactos decorrentes da pandemia, a competência do intérprete é representada por uma terceira cor, em tons de verde, representando o resultado do transcurso da crise e da aquisição e desenvolvimento das habilidades necessárias às demandas atuais;
 6. como no modelo de redução de riscos, o eixo horizontal representa a passagem do tempo como um componente “relativo” e não uma medida absoluta, assim, a representação de cada volta da hélice não pretende refletir o período exato em que cada onda da pandemia aconteceu;
 7. o tamanho e formato de representação da competência do intérprete serve apenas para fins de ilustração, não possuindo relação direta com qualquer medida de dimensionamento objetivo do construto.

Em síntese, embora a interpretação remota já fosse uma prática estabelecida, a crise desencadeada pela pandemia de covid-19 acelerou significativamente sua adoção devido à transição súbita para essa modalidade. A rápida implementação da interpretação via plataformas digitais influenciou de modo a modificar o conjunto de habilidades previamente detidas pelos intérpretes.

Além disso, a competência do intérprete é diretamente influenciada pela natureza das crises vivenciadas por suas comunidades. Portanto, entender como essas habilidades são afetadas e adquiridas pode ajudar a lançar luz sobre o fenômeno em questão e oferecer perspectivas valiosas para a formação inicial e continuada dos profissionais.

5.6 INSTRUMENTO

Para o desenvolvimento da pesquisa, faz-se necessária a elaboração e aplicação de um questionário de levantamento (*survey*). De acordo com Fowler (2014), pesquisas que utilizam questionários de levantamento são tipicamente associadas a pesquisas quantitativas baseadas em dados numéricos e/ou quantificáveis para processamento estatístico, mas também podem ser de natureza qualitativa, gerando dados que são analisados pelo pesquisador.

5.6.1 Questionário de levantamento

De acordo com a Associação Americana de Estatística, um questionário de levantamento, *survey*, é um método de coleta de informações de uma amostra de pessoas, sendo essa amostra normalmente apenas uma fração da população estudada (SCHEUREN, 2004). Questionários de levantamento são amplamente utilizados para coletar dados empíricos nas ciências sociais e também se tornaram proeminentes na metodologia de Estudos de Interpretação (Liu, 2011).

Pöchhacker (2015) afirma que, em geral, pesquisas de levantamento podem ser realizadas de quatro formas: pelo correio, por telefone, presencialmente ou pela *internet*. A coleta de dados pela *internet*, usando arquivos enviados por e-mail ou um documento disponível na *web* tornou-se particularmente usual. A utilização da *internet* para conduzir pesquisas tem sido apontada como uma forma eficiente de economizar tempo e recursos financeiros. Esse método também é visto como conveniente devido ao uso de *software* de geração de questionários que permite o processamento automático dos dados coletados. No entanto, é importante ressaltar que os fundamentos da pesquisa, tais como cobertura, resposta, amostragem e medida, devem ser cuidadosamente considerados.

O *design* de um questionário de levantamento fornece uma descrição quantitativa das tendências, atitudes ou opiniões de uma população por meio do estudo de uma amostra dessa população (Creswell, 2003).

As vantagens da pesquisa com uso de questionário de levantamento incluem: (a) conhecimento direto da realidade; (b) possibilidade de coletar um grande volume de dados em pouco tempo; (c) os dados coletados podem ser agrupados em tabelas, possibilitando análise estatística; e (d) reconhecimento facilitado de correlação entre os dados. Dentre as desvantagens deste tipo de método, podemos citar: (a) os dados são baseados nas percepções de cada participante, estando assim sujeitos à subjetividade; (b) não permite realizar uma investigação mais profunda sobre os fenômenos investigados; (c) não possibilita conhecer aspectos psicológicos e psicossociais mais complexos; e (d) não indica variação ou possíveis mudanças, é um registro de um determinado problema em determinado tempo/contexto específicos.

Na obra *Methodology in Interpreting Studies: A methodological review of evidence-based research*, Minhua Liu (2011) elenca seis estudos na área dos Estudos da Interpretação que fazem uso de questionários de levantamento. Os temas e questões de pesquisa desses estudos dizem respeito: ao uso e *status* do serviço de interpretação (Bischoff; Loutan, 2004;

Xiao; Yu, 2009); à percepção dos participantes em interações mediadas por intérprete (Lee, 2007; Lee, 2009; Russo, 2005); e à percepção dos alunos e professores sobre o sucesso da formação de intérpretes de língua de sinais (Shaw; Hughes, 2006), como se observa no quadro a seguir:

Quadro 14 - Pesquisas de levantamento em Estudos da Interpretação

Estudo	Metodologia	Casos/Construtos	Método de coleta de dados	Forma de dados	Análise de dados
Bischoff e Loutan (2004)	<i>Survey</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação em serviços de saúde • Uso do serviço de interpretação 	<ul style="list-style-type: none"> • Amostragem: área médica, psiquiátrica • Questionário 	Pontuação de itens do questionário	Estatística descritiva
Russo (2005)	<i>Survey</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação filmica • Preferência do usuário e avaliação da interpretação 	(de 2 estudos anteriores) <ul style="list-style-type: none"> • Questionário 	Pontuação de itens do questionário	Estatística descritiva
Shaw e Hughes (2006)	<i>Survey</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação em língua de sinais • Percepções de docentes e discentes de formação de intérpretes 	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário 	Pontuação de itens do questionário	Estatística descritiva
Lee (2007)	<i>Survey</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação telefônica • Percepção dos intérpretes sobre a profissão 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas por telefone 	Anotações do pesquisador das respostas dos participantes	Estatística descritiva Codificação
Lee (2009)	<i>Survey</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação judicial • Papel do intérprete • Qualidade da interpretação 	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário 	Pontuação de itens do questionário	Estatística descritiva
Xiao e Yu (2009)	<i>Survey</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Status da interpretação em língua de sinais 	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário • Entrevistas (presenciais ou telefone) 	Pontuação de itens do questionário	Estatística descritiva

Fonte: Liu (2011, p. 116 e 117, tradução nossa).

Desta forma, podemos observar que os estudos de levantamento que fizeram uso de questionário como método de coleta de dados utilizaram estatística descritiva para realizar as análises. Para fins desta pesquisa, também realizaremos análise de dados utilizando descrições e testes estatísticos, dos quais trataremos mais adiante.

Tendo em vista a apresentação geral do instrumento de pesquisa, prosseguiremos apresentando o processo de elaboração deste instrumento: as etapas realizadas, o levantamento

de itens a serem coletados, refinamento, testagem, revisão, até termos o instrumento adequado aos objetivos desta pesquisa.

5.6.1.1 Elaboração do questionário de levantamento

Em pesquisas de levantamento, os questionários são frequentemente utilizados e, geralmente, os próprios participantes os preenchem. Devido à possibilidade do pesquisador (ou a pessoa que elaborou o questionário) não estar presente durante o preenchimento, é fundamental que o instrumento seja claro e legível. Portanto, a validação do questionário é fundamental, especialmente se ele for recém-projetado e não tiver sido utilizado em estudos anteriores (Liu, 2011).

Tomamos como referência pesquisas anteriores realizadas nos âmbitos dos Estudos da Tradução e nos Estudos da Interpretação para fundamentar o processo de elaboração do questionário. Na obra *Researching Translation Competence*, Hurtado Albir (2017) propõe uma sequência lógica para criação de um questionário.⁵⁴ Os sete passos descritos a seguir detalham a elaboração de um questionário, abordando o desenvolvimento do instrumento e a evolução da sua montagem. Um quadro que resume essa proposta é apresentado a seguir:

Quadro 15 - Procedimentos de elaboração do questionário

Passos	Descrição
Passo 1: Geração de itens para o questionário	Este passo consiste em gerar itens para compor o questionário, a partir da revisão da literatura da área.
Passo 2: Seleção e classificação dos itens	Este passo consiste em, dentre os itens gerados no Passo 1, selecionar e classificar aqueles que estão apropriados para compor o questionário e que poderão gerar dados alinhados aos objetivos da pesquisa.
Passo 3: Seleção da escala apropriada	Este passo consiste em selecionar uma escala para cada pergunta do questionário, que seja apropriada para gerar tanto dados qualitativos quanto dados quantitativos.
Passo 4: Refinamento do questionário	Este passo consiste em submeter uma primeira versão do questionário a voluntários que não precisam ter, necessariamente, o mesmo perfil dos futuros participantes da pesquisa; os voluntários não precisam responder o questionário, apenas verificar a clareza das instruções de cada questão e a

⁵⁴ Um primeiro relato de como o instrumento foi desenvolvido foi publicado em Neuzing e Kuznik (2007).

	formulação das escalas, a partir dos comentários dos voluntários.
Passo 5: Pré-testagem do questionário (piloto)	Este passo consiste em pilotar o questionário, já [na plataforma a ser utilizada], junto a voluntários cujo perfil se assemelha aos participantes reais da pesquisa; neste passo, os voluntários devem responder o questionário, simulando uma participação real.
Passo 6: Análise dos resultados do estudo piloto e revisões a partir dos comentários dos participantes.	Neste passo, o pesquisador deve analisar os resultados gerados pela plataforma para verificar se o questionário, enquanto instrumento de coleta de dados, está realmente oferecendo os dados necessários para alcançar os objetivos específicos do projeto; perguntas que não gerarem dados relevantes devem ser eliminadas; se necessário, o pesquisador poderá introduzir novas perguntas no questionário.
Passo 7: elaboração da versão final do questionário.	Nesta etapa, a partir dos procedimentos anteriores, o pesquisador elabora, então, a versão final do questionário a ser submetida aos participantes da pesquisa.

Fonte: Adaptado por PEDITRADI (2021) de Hurtado Albir (2017).⁵⁵

Primeiramente, antes de elaborar as questões do questionário, é necessário definir as variáveis que serão coletadas dos participantes de forma específica, para assegurar que as perguntas de pesquisa sejam adequadamente respondidas. De acordo com Dillman (2007), há três tipos de variáveis: de opinião, comportamental e de atributo. O quadro a seguir mostra as variáveis juntamente com suas definições.

Quadro 16 - Variáveis de dados e suas definições

Variável	Definição
Atributo	As variáveis de atributo referem-se às características demográficas, socioeconômicas e pessoais dos participantes. Elas são usadas para segmentar a amostra e examinar como diferentes grupos de pessoas podem diferir em termos de suas opiniões e comportamentos. Exemplos de variáveis de atributo podem incluir idade, gênero, nível de escolaridade, renda, estado civil, entre outras.
Comportamental	As variáveis comportamentais referem-se às ações observáveis e mensuráveis dos indivíduos. Elas são usadas para capturar o

⁵⁵ Tradução de Emily Arcego e Maria Lúcia Vasconcellos, pesquisadoras do PEDITRADI. Esse quadro foi apresentado no VII ENASEC por Nathalia Roth (2021) pesquisadora do PEDITRADI.

	comportamento real dos participantes, como suas escolhas, ações e respostas em determinadas situações. Essas variáveis podem ser medidas através de perguntas sobre comportamentos passados, intenções futuras de comportamento ou observações diretas. Exemplos de variáveis comportamentais podem incluir a frequência de compra de um determinado produto, o tempo gasto em determinadas atividades, ou a participação em eventos sociais.
Opinião	As variáveis de opinião são utilizadas para medir as atitudes, crenças, valores e preferências dos indivíduos. Elas são geralmente medidas usando escalas de resposta, nas quais os participantes indicam seu grau de concordância ou discordância em relação a determinadas afirmações. Exemplos de variáveis de opinião podem incluir a opinião sobre um determinado produto, serviço, questão política ou social.

Fonte: Elaboração baseada em Dillman (2007)

A elaboração do questionário foi guiada pela abordagem proposta por Gil (2017), com o intuito de refletir os objetivos específicos da pesquisa (nos quais o questionário é utilizado como instrumento de coleta de dados) por meio de itens bem formulados. Assim, a primeira etapa na elaboração do questionário consiste em estabelecer os itens diretamente relacionados aos objetivos específicos da pesquisa. Concomitantemente à definição dos itens, torna-se possível determinar as variáveis que se associam a esses itens. Nesse sentido, seguindo a proposta de Dillman (2007), o quadro a seguir apresenta as variáveis adotadas para a coleta de dados, sua relação com cada objetivo específico e a geração de seus respectivos itens.

Quadro 17 - Levantamento de itens para coleta de dados

Variável	Objetivos específicos	Itens
Atributo	Identificar os atributos que compõem o perfil dos intérpretes de Libras-português que atuaram remotamente em contexto pandêmico.	<ul style="list-style-type: none"> • Sexo • Localização • Idade • <i>Status</i> auditivo • Experiência • Escolaridade • Formação em interpretação • Pessoa cuidadora
Comportamental	Descrever como a pandemia de covid-19 impactou a atuação dos intérpretes de Libras-português no que diz respeito à oferta de serviços de interpretação	<ul style="list-style-type: none"> • Contextos de Atuação • Configuração de trabalho: Sozinho Equipe • Demanda por atuação remota a partir da pandemia • Valor da atuação remota presencial

	de/para Libras em interações mediadas por ambientes virtuais.	<ul style="list-style-type: none"> • Aquisição de Equipamento Tecnológico • Aquisição de software • Conhece ou usa plataformas • Ações e uso da tecnologia • Apresentação visual Vestes • Neutralidade do fundo de trabalho • Fundo de trabalho e percepção de profissionalismo • Investimento em local para atuação remota • Ambiente x Concentração para IR • IR contribui aos interesses profissionais • Nível de engajamento na IR • Estresse na Interpretação Remota • Comodidade e conforto na Interpretação Remota • Formação para atuação de forma remota
Opinião	Analisar as percepções que intérpretes de Libras-português possuem sobre a mobilização do conjunto de habilidades que compõem a competência do intérprete frente às demandas de interpretação remota associadas ao isolamento social imposto pela pandemia da covid-19.	<p>Habilidades Anteriores ao Processo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nível de Português • Nível de Libras • Processo Preparação • Tecnologia na Preparação • Estudo de glossários • Criação/revisão de anotações/instruções • Reunião/conversa com colega, quando em equipe • Reunião/conversa com organizadores/palestrante do evento • Aproveitamento otimizado do tempo • Conhecimento de tecnologia <p>Habilidades Internas ao Processo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreensão, transferência e produção • Gestão de múltiplos estímulos • Medidas de controle de Fadiga <p>Habilidades Posteriores ao Processo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação • Criação/revisão de glossários • Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe, para dar/receber feedback • Reunião/conversa com outros participantes/organizadores/palestrante (feedback) • Autoavaliação da interpretação em busca de melhorias

		<p>Habilidades Envolvendo o Processo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atuação de apoio • Trabalho em equipe e colaboração • Mediação entre culturas • Resistência à pressão e tolerância à frustração • Gestão de estresse e ansiedade na Interpretação Remota • Responsabilidade, empatia e bom senso <p>Habilidades Extrínsecas ao Processo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relação com colegas • Relação com clientes • Condicionamento e bem-estar • Conhecimento de negócio • Reflexão sobre competência • Reflexão sobre a profissão • Reflexão sobre a comunicação • Participação em eventos formativos de curta duração: lives, palestras, oficinas, mesas-redondas, workshops • Participação em eventos formativos de média duração: congressos, conferências, simpósios • Participação em eventos formativos de longa duração: cursos, disciplinas, seminários, treinamentos, fóruns. • Participação em atividades de associações de tradutores e intérpretes profissionais
--	--	---

Fonte: Elaboração do autor.

A elaboração de alguns itens e/ou asserções foi realizada tendo em vista os objetivos específicos desta pesquisa, bem como outras pesquisas no âmbito da tradução e/ou interpretação, das quais destacamos: Vilaça-Cruz (2023), Nogueira (2023), Galdino (2020) e Cavallo (2022).

Elaboração das asserções de atributo: Na primeira seção do questionário, levantamos dados sobre as características dos respondentes, que compõem o perfil dos intérpretes participantes; no formulário, a seção é denominada de “Informações Gerais”.

Quadro 18 - Elaboração das asserções de atributo

Item	Assertiva do formulário
Título da seção	Informações iniciais
Introdução da seção	Para começar, poderia nos fornecer algumas informações gerais sobre você?
Localização	<p>Em que estado brasileiro você mora? [Lista de estados brasileiros + Distrito Federal]</p> <p>Você reside:</p> <p>Na capital do estado Na região metropolitana (cidades próximas à capital) No interior do estado</p>
Experiência	<p>Há quantos anos você trabalha com interpretação de Libras-português?</p> <p>Menos de 3 anos Entre 4 e 6 anos Entre 7 e 9 anos Entre 10 e 12 anos Entre 13 e 15 anos Entre 16 e 18 anos Há mais de 18 anos</p>
Escolaridade	<p>Qual é seu nível de escolaridade?</p> <p>Ensino Médio concluído Graduação concluída Especialização concluída Mestrado concluído Doutorado concluído</p>
Formação em interpretação	<p>Qual(is) tipo(s) de curso(s) você participou nos últimos 3 anos? *Excluem-se cursos de Libras e similares que não incluam tradução e/ou interpretação.</p> <p>Cursos livres presenciais na área de Tradução ou Interpretação Cursos livres on-line na área de Tradução ou Interpretação Curso de extensão universitária na área de Tradução ou Interpretação Graduação na área de Tradução ou Interpretação Especialização na área de Tradução ou Interpretação Mestrado na área de Tradução ou Interpretação Doutorado na área de Tradução ou Interpretação Mestrado na área de Tradução ou Interpretação ou afins Doutorado na área de Tradução ou Interpretação ou afins Pós-doutorado na área de Tradução ou Interpretação ou afins Outro (especifique) Nenhuma das anteriores</p>

Fonte: Elaboração do autor.

Elaboração das asserções de variável comportamental: Na segunda seção do questionário, coletamos dados em relação às atitudes e ações tomadas pelos intérpretes frente à demanda de atuação remota. No questionário, esta seção é intitulada “Sobre sua atuação profissional durante a pandemia”:

Quadro 19 - Elaboração das asserções de variável comportamental

Título da seção	Sobre sua atuação profissional durante a pandemia
Introdução da seção	As próximas perguntas se referem à sua experiência como intérprete de Libras em relação à pandemia. Importante: Considere "ANTES da pandemia" como o período ANTES a março de 2020, e "DEPOIS da pandemia", como DEPOIS de março de 2023.
Contextos de atuação	<p>Em relação aos diferentes contextos de atuação de interpretação, indique a frequência em que você atuou DURANTE a pandemia:</p> <p> Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre </p> <p>Contextos Educacionais (ensino superior) Contextos de Saúde (consultas, hospitais etc.) Contextos Jurídicos (delegacias, e Polícias audiências etc.) Contextos Publicitários (propagandas, campanhas etc.) Contextos Artísticos (teatro, shows, eventos de arte etc.) Contextos Empresariais (entrevistas de emprego, reuniões, treinamentos etc.) Contextos de Conferências (congressos, palestras, workshops etc.) Contextos Religiosos (celebrações, reuniões etc.) Contextos Familiares (encontros de família, conversas etc.) Contextos de Lazer e Turismo (passeios, excursões, locais de visitação etc.)</p>
Configurações de trabalho: Sozinho Equipe	<p>Em relação às configurações do seu trabalho remoto com interpretação de Libras-português, indique a frequência:</p> <p> Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre </p> <p>Como intérprete individual (sozinho) Como intérprete em equipe (dois ou mais intérpretes), cada um de local DIFERENTE Como intérprete em equipe (dois ou mais intérpretes), compartilhando o MESMO local</p>
Demanda por atuação remota a partir da pandemia	<p>Comparando sua jornada de trabalho remoto anterior à pandemia com o contexto atual, a quantidade de horas em atuação REMOTA:</p> <p>Diminuiu Não diminuiu nem aumentou Aumentou</p>
Valor da atuação remota presencial	<p>Em geral, o valor cobrado para atuação remota é diferente do valor da atuação presencial?</p> <p>O valor para interpretação remota é MENOR O valor para interpretação remota NÃO É MENOR NEM MAIOR O valor para interpretação remota é MAIOR</p>

Aquisição de Equipamento Tecnológico	<p>Você adquiriu alguma tecnologia ou equipamento relacionado à sua atuação remota?</p> <p>Notebook/Computador Componente computacional (como memória, placa de vídeo, etc.) Monitor/Tela adicional Mouse Teclado Celular adicional Tablet Câmera/Webcam Microfone Fone de ouvido com cabo Fone de ouvido <i>bluetooth</i>, sem cabo Headset (conjunto de fone e microfone) Iluminação direcionada ao intérprete (<i>ring-light</i>, refletores, <i>softbox</i> ou similares) Tripé (para sustentação de câmeras, luz, etc.) Iluminação do ambiente Fundo em <i>chroma key</i> (geralmente verde ou azul) Cadeira Mesa Apoio de mãos Apoio de pés Roteador de internet Cabos de conexão à internet Serviços de internet ou aumento velocidade de acesso Outro (especifique) Nenhuma das anteriores</p>
Aquisição de software	<p>Você precisou comprar/baixar/instalar algum programa (software) ou aplicativo relacionado à sua atuação como intérprete?</p> <p>Sim Não</p>
Conhecimento ou uso plataformas	<p>Você conhece/usa as seguintes plataformas de videoconferência?</p> <p> Não conheço Conheço pouco/nunca usei Já conhecia/usava ANTES da pandemia Conheci/usei DURANTE a pandemia Passei a conhecer/usar DEPOIS da pandemia</p> <p>Zoom Microsoft Teams Google HangOut StreamYard Skype WebConf WhereBy WhatsApp</p>

<p>Ações e uso da tecnologia</p>	<p>Qual seu nível de familiaridade com as seguintes ações antes e depois da pandemia?</p> <p> Não sei fazer Já sabia fazer ANTES da pandemia Aprendi DURANTE a pandemia Aprendi DEPOIS a pandemia </p> <p>Acessar plataformas/logar Controlar/ativar/desativar áudio Controlar/ativar/desativar vídeo Ajustar enquadramento Interagir via chat Comunicação/feedback escrito durante a interpretação Comunicação/feedback visual durante a interpretação Organização/disposição dos elementos na tela Acesso à internet Captação de imagem</p>
<p>Apresentação visual Vestes</p>	<p>Em relação à apresentação visual, até que ponto é importante que o intérprete reproduza o nível de formalidade das outras pessoas que frequentam o espaço/evento a ser interpretado, mesmo que virtualmente? Isso inclui aspectos como a escolha de roupas, acessórios, cabelo, uso ou não de maquiagem etc.</p> <p>Nem um pouco importante Não muito importante Mais ou menos importante Muito importante Extremamente importante</p>
<p>Neutralidade do fundo de trabalho</p>	<p>Até que ponto é importante que o seu fundo de trabalho (parede ou chroma key) seja de cor neutra/lisa, sem móveis, objetos e/ou materiais de decoração?</p> <p>Nem um pouco importante Não muito importante Mais ou menos importante Muito importante Extremamente importante</p>
<p>Fundo de trabalho e percepção de profissionalismo</p>	<p>Até que ponto você considera que o fundo de trabalho do intérprete influencia no nível de profissionalismo percebido pelo público?</p> <p>Não influencia nada Influencia pouco Influencia razoavelmente Influencia muito Influencia extremamente</p>
<p>Investimento em local para atuação remota</p>	<p>Você precisou investir financeiramente uma quantia adicional para utilização de um local para interpretação?</p> <p>Não, interpretei no local da empresa onde trabalho. Não, interpretei do local onde moro. Não, interpretei da casa de parentes/amigos etc. Não, interpretei da casa de férias. Sim, tive gastos com compra/aluguel de um local/ escritório / estúdio. Outro (especifique)</p>

Ambiente x Concentração para IR	O ambiente em casa permite que você tenha concentração para realizar trabalhos remotos? Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre
IR contribui aos interesses profissionais	Em relação aos seus interesses profissionais, você considera a contribuição da interpretação REMOTA Extremamente ruim Muito ruim Nem boa nem ruim Muito boa Extremamente boa
Nível de engajamento na IR	Na sua experiência, a interpretação REMOTA, comparada à interpretação presencial, faz com que você se engaje: MENOS no evento/situação NEM MAIS NEM MENOS no evento/situação MAIS no evento/situação
Estresse na Interpretação Remota	Na sua experiência, a interpretação REMOTA, comparada à interpretação presencial, é: MENOS estressante NEM MAIS NEM MENOS estressante MAIS estressante
Comodidade e conforto na Interpretação Remota	Na sua experiência, a prestação de serviços de interpretação REMOTA, comparada à interpretação presencial, é: MENOS cômoda/confortável NEM MAIS NEM MENOS cômoda/confortável MAIS cômoda/confortável
Formação para atuação de forma remota	Você considera que a sua formação como intérprete, ANTES da pandemia, o preparou para atuação de forma remota: Extremamente mal Muito mal Nem bem nem mal Muito bem Extremamente bem

Fonte: Elaboração do autor

Elaboração das asserções de opinião: Foi tomado por base o Modelo de competência do intérprete proposto por Cavallo (2022) para elaborar as seguintes assertivas. No questionário, essa seção é intitulada de “Percepção do intérprete sobre suas habilidades”, seguida das asserções como demonstradas no quadro a seguir:

Quadro 20 - Elaboração das asserções de opinião

Título	Percepção do intérprete sobre suas habilidades
Introdução da seção	Nesta seção, você responderá questões a partir da sua percepção sobre suas próprias habilidades como intérprete e irá pontuar o quão forte você acha que ela está cada item. Novamente, considere "ANTES da pandemia" como o período ANTES de março de 2020, e "DEPOIS da pandemia", como DEPOIS do março de 2023.
Nível de Português	<p data-bbox="504 528 1396 584">Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, como você avaliaria o seu nível de proficiência em LÍNGUA PORTUGUESA?</p> <p data-bbox="504 618 884 674">Antes da pandemia Atualmente 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10</p>
Nível de Libras	<p data-bbox="504 712 1396 768">Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, como você avaliaria o seu nível de proficiência em LIBRAS?</p> <p data-bbox="504 801 884 857">Antes da pandemia Atualmente 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10</p>
Processo de preparação	<p data-bbox="504 898 1396 954">Você considera que seu processo de PREPARAÇÃO em relação ao estudo da temática específica do evento é:</p> <p data-bbox="504 987 884 1167">Antes da pandemia Atualmente Extremamente ruim Muito ruim Nem bom nem ruim Muito bom Extremamente bom</p>
Tecnologia na preparação	<p data-bbox="504 1202 1396 1326">Ainda durante a PREPARAÇÃO, com que frequência você usa tecnologia (computador, tablet, celular, etc.) para realizar buscas rápidas e eficientes sobre um assunto e/ou identificar soluções satisfatórias à sua atuação como intérprete?</p> <p data-bbox="504 1359 884 1538">Antes da pandemia Atualmente Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre</p>
Atividades anteriores à interpretação	<p data-bbox="504 1570 1396 1603">ANTES de interpretar, quais atividades você costuma/costumava realizar?</p> <p data-bbox="504 1637 1203 1783">Antes da pandemia Atualmente Estudo de glossários Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe Reunião/conversa com organizadores/palestrante do evento</p>

Aproveitamento otimizado do tempo [Anterior]	<p>Seu aproveitamento do tempo disponível para realizar o estudo do material quando enviado pelo cliente/facilitador/ palestrante etc. é:</p> <p>Antes da pandemia Atualmente Extremamente ruim Muito ruim Nem bom nem ruim Muito bom Extremamente bom</p>
Conhecimento de tecnologia [Anterior]	<p>Seu conhecimento para lidar com equipamentos tecnológicos para a entrega do serviço de interpretação remota é:</p> <p>Antes da pandemia Atualmente Extremamente ruim Muito ruim Nem bom nem ruim Muito bom Extremamente bom</p>
Compreensão, transferência e produção	<p>Suas habilidades específicas para interpretação simultânea/consecutiva (compreender, transferir/reformular e produzir fala) em línguas diferentes em tempo real, são:</p> <p>Antes da pandemia Atualmente Extremamente ruins Muito ruins Nem boas nem ruins Muito boas Extremamente boas</p>
Gestão de múltiplos estímulos	<p>Sua habilidade de lidar/coordenar uma variedade de estímulos (feedback vindo do colega, do público, do técnico, do cliente/coordenador do evento) durante a interpretação é:</p> <p>Antes da pandemia Atualmente Extremamente ruim Muito ruim Nem boa nem ruim Muito boa Extremamente boa</p>
Medidas de controle de fadiga	<p>Você realiza ações voltadas a otimizar sua disposição física e cognitiva, como por exemplo, exercícios de alongamento e relaxamento nos intervalos, hidratação, trabalho com a respiração, regulação da intensidade/frequência vocal etc.?</p> <p>Antes da pandemia Atualmente Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre</p>

Atuação de apoio	<p>Em trabalhos de dupla/equipe, enquanto seu colega está em atuação, você permanece atento a todo o processo, oferecendo apoio/suporte necessário?</p> <p>Antes da pandemia Atualmente Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre</p>
Atividades posteriores à interpretação	<p>DEPOIS DA INTERPRETAÇÃO, quais atividades você costuma/costumava realizar?</p> <p>[Menu suspenso com escala Likert de frequência] Antes da pandemia Atualmente</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação - Criação/revisão de glossários - Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe, para dar/receber feedback - Reunião/conversa com outros participantes/organizadores/palestrante (feedback) - Autoavaliação da interpretação em busca de pontos de melhoria
Relação com colegas	<p>Sua relação com seus colegas intérpretes é:</p> <p>Antes da pandemia Atualmente Extremamente ruim Muito ruim Nem boa, nem ruim Muito boa Extremamente boa</p>
Relação com clientes	<p>Sua relação com seus clientes é:</p> <p>Antes da pandemia Atualmente Extremamente ruim Muito ruim Nem boa, nem ruim Muito boa Extremamente boa</p>
Trabalho em equipe e colaboração	<p>Sua atitude em relação à colaboração e trabalho em equipe é:</p> <p>Antes da pandemia Atualmente Extremamente ruim Muito ruim Nem boa, nem ruim Muito boa Extremamente boa</p>
Mediação entre culturas	<p>Sua habilidade de facilitar e resolver possíveis conflitos entre diferentes grupos, considerando suas práticas culturais específicas, a fim de promover comunicação é:</p> <p>Antes da pandemia Atualmente Extremamente ruim Muito ruim Nem boa, nem ruim Muito boa Extremamente boa</p>

Resistência à pressão e tolerância à frustração	<p>Sua capacidade de resistência à pressão e sua tolerância à frustração é:</p> <p>Antes da pandemia Atualmente Extremamente baixa Muito baixa Nem alta nem baixa Muito alta Extremamente alta</p>
Gestão de estresse e ansiedade na Interpretação Remota [Envolvendo o processo]	<p>Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, como você avalia o seu nível de estresse e ansiedade em relação à atividade de interpretação? Isso pode incluir aspectos como o receio sobre a possibilidade de imprevistos, insegurança sobre suas habilidades como intérprete, ou preocupação sobre eventuais erros cometidos.</p> <p>Antes da pandemia Atualmente 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10</p>
Responsabilidade, empatia e bom Senso	<p>Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, qual seria a sua avaliação em relação ao seu comprometimento e compromisso com valores éticos, tais como responsabilidade, empatia e bom senso?</p> <p>Antes da pandemia Atualmente 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10</p>
Condicionamento e bem-estar	<p>Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, de maneira geral (FORA DO CONTEXTO DE INTERPRETAÇÃO), você cuida do seu bem-estar, incluindo aspectos como sua respiração, hidratação, descanso, preparo físico e psíquico etc.?</p> <p>Antes da pandemia Atualmente 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10</p>
Conhecimento de negócio	<p>Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, sua habilidade em negociar com o cliente em relação a valores/condições de trabalho, elaborar orçamentos/contratos etc.?</p> <p>Antes da pandemia Atualmente 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10</p>
Habilidades extrínsecas à interpretação	<p>Em geral, quais atividades você costuma/costumava realizar?</p> <p>[Menu suspenso com escala Likert de frequência] Antes da pandemia Atualmente</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reflexão sobre sua própria competência - Reflexão sobre a profissão em geral - Reflexão sobre a comunicação e seus diferentes objetivos - Participação em eventos formativos de curta duração, como lives, mesas-redondas, workshops, oficinas, etc. - Participação em eventos formativos de média duração, como conferências, simpósios, etc. - Participação em eventos formativos de longa duração, curso, disciplinas, seminários, treinamentos, grupos de estudo, fóruns de discussão, etc. - Participação em atividades de associações profissionais

Fonte: Elaboração do autor

Por último, apresentamos as questões de fechamento, isto é, alguns itens de atributo que podem se apresentar como possíveis desconfortos e/ou gatilhos emocionais ao respondente, como a sua idade, sexo e uma questão sobre ter fornecido ou não assistência ou cuidados a alguém durante a pandemia.

Quadro 21 - Elaboração das questões de fechamento

Item	Assertiva do formulário
Título	Para finalizar...
Introdução da seção	Por favor, poderia nos fornecer alguns detalhes adicionais sobre você?
Característica auditiva:	Você é? Surdo Ouvinte
Idade	Qual é a sua idade? [Lista suspensa de 18 à 60+]
Sexo	Sexo Feminino Masculino Outro (especifique)
Pessoa cuidadora	Você é/foi responsável pelos cuidados de alguém em situação de vulnerabilidade? Isto é, você fornece/forneceu assistência ou cuidados a alguém que necessita de algum grau de atenção/suporte na realização de atividades diárias (como crianças, idosos etc.)? Não, em momento nenhum Sim, desde ANTES da pandemia Sim, ocasionalmente, em algum momento DURANTE a pandemia Sim, DURANTE a pandemia até os dias de hoje Sim, mas comecei somente APÓS a pandemia
E-mail	Caso deseje, deixe seu e-mail para receber uma cópia desse estudo quando finalizado. (Opcional)

Fonte: Elaboração do autor.

Ressaltamos que a ordem das perguntas foi elaborada cuidadosamente no sentido de maximizar a taxa de adesão ao questionário. Assim, as perguntas que requerem menos elaboração na resposta, como local de residência e escolaridade, foram postas no início para que o respondente se sinta mais confiante em prosseguir com o questionário, ao mesmo tempo que aprende a usar o instrumento de pesquisa. À medida em que o respondente avança nas seções do questionário, as perguntas se tornam mais elaboradas, tanto no sentido de exigirem

uma reflexão mais aprofundada, quanto na sua forma de apresentação, com matrizes de menus suspensos, que requerem certa fluência tecnológica do participante.

Figura 37 - Questões do tipo menu suspenso

* 29. ANTES de interpretar, quais atividades você costuma/costumava realizar?

	Antes da pandemia	Atualmente
Estudo de glossários	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Reunião/conversa com organizadores/palestrante do evento	<input type="text"/>	<input type="text"/>

Fonte: Plataforma SurveyMonkey

Somente na seção final, as questões voltam a ser mais simples em estrutura, como “múltipla escolha” ou “lista suspensa”, no entanto, abordam conteúdos que podem ser mais sensíveis, como mencionamos anteriormente.

Figura 38 - Questões finais do questionário

* 47. Você é

Surdo

Ouvinte

* 48. Qual é a sua idade?

* 49. Qual é o seu sexo?

Feminino

Masculino

Outro (especifique)

Fonte: Plataforma SurveyMonkey

5.6.1.2 Escala Likert

Na área das ciências sociais, especialmente em pesquisas de opiniões, atitudes e avaliações, é comum utilizar a mensuração em escala de Likert. Nessa metodologia, os respondentes são solicitados a avaliar um fenômeno em uma escala geralmente composta por cinco alternativas, como por exemplo: “definitivamente não aplicável”, “não aplicável” “neutro”, “totalmente aplicável” e “aplicável”. As declarações podem ser autorreferentes, expressando somente o ponto de vista do próprio respondente, como por exemplo: “Eu considero importante ter uma área de lazer perto de casa”. Ou hétero-referentes, expressando somente de outros, como por exemplo: “É importante para uma comunidade ter uma área de lazer” (Günther, 2003).

Na elaboração deste questionário, utilizamos diferentes tipos de Escala Likert: Frequência, Concordância, Qualidade e Desempenho, cada uma contendo cinco itens representando a classificação do item investigado em diferentes graus.

Quadro 22 - Escala de Likert

Escala Likert	Polo negativo		Neutro	Polo positivo	
Frequência	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Concordância	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
Qualidade	Extremamente ruim	Muito ruim	Nem bom, nem ruim	Muito bom	Extremamente bom
Desempenho	Extremamente mal	Muito mal	Nem bem, nem mal	Muito bem	Extremamente bem

Fonte: Elaboração do autor

No artigo *Number of Response Options, Reliability, Validity, and Potential Bias in the Use of the Likert Scale Education and Social Science Research: A Literature Review* (Número de opções de resposta, confiabilidade, validade e potencial viés no uso da escala Likert em pesquisas na área de Educação e Ciências Sociais: uma revisão de literatura, em português), Kusmaryono *et al.* (2022) realizaram uma análise de 60 artigos que utilizam escala Likert e foram publicados entre os anos de 2012 e 2021. Em suma, os resultados indicam que apenas 10% dos estudos utilizam uma escala de medição com um número par de opções de resposta (4, 6, 8 ou 10 opções), enquanto 90% das pesquisas empregam escalas com opções de resposta de números ímpares (5, 7, 9 ou 11), sendo a escala de 5 pontos a mais popular entre os pesquisadores. Os autores sugerem que o maior número de pontos na escala, especialmente na

de 7 pontos, influenciaria positivamente em termos de coeficientes de confiabilidade e validade, no entanto, reconhecem ainda a possibilidade de vieses nas respostas e de tendência central pode afetar a validade e a confiabilidade do uso do instrumento Likert.

Quadro 23 - Recomendações para escalas Likert

Recomendações para escalas Likert	Aplicação na pesquisa
1. Pense bem ao formular um questionário de itens de escala Likert de forma balanceada, ou seja, tente ter o número de itens de pergunta positivos igual ao número de itens negativos.	Os itens do questionário foram organizados iniciando pela extremidade do polo negativo (à esquerda), passando pelo ponto de neutralidade (ao centro) até o extremo do polo positivo (à direita),
2. Use mais itens de perguntas no questionário e envolva uma escala Likert com opções de respostas ímpares (5, 7, 9 ou 11).	Dada a extensão do questionário, optamos pela suficiência da escala ímpar de 5 pontos, com um ponto central de neutralidade.
3. Apresente o questionário (escala Likert) em escala bipolar e apresentação horizontal.	Os itens do questionário foram assim dispostos, a ordem de leitura dos itens também foi projetada com a finalidade de equilibrar o efeito de primazia (tendência em se dar mais peso às opções apresentadas no início da escala) e efeito de aquiescência (tendência em concordar com afirmações sem considerar totalmente suas opiniões).
4. Quando não tiver certeza sobre a elaboração de uma escala Likert com opções de respostas ímpares, evite escolhas neutras (indecisos) e substitua-as pelas palavras: discordo, não decidi ou outras escolhas equivalentes.	Utilizamos escalas de números ímpares, no ponto central, utilizamos rótulos que não denotam indecisão, como “não sei” ou “não tenho certeza”.
5. Várias opções de escalas de 5 pontos podem ser utilizadas para determinar quais itens da escala de atitude poderiam ser definidos de forma equivalente ao (1) “nunca”, (2) “raramente”, (3) “às vezes”, (4) “frequentemente” e (5) “sempre”.	Todos os itens utilizados nas escalas Likert foram nomeados individualmente, de forma a trazer mais nitidez ao significado de cada item e dirimir possíveis incompreensões por parte dos respondentes.
6. A distribuição de questionários com sistema <i>on-line</i> deve incluir instruções claras de preenchimento para ser mais eficiente e eficaz.	Além da apresentação e do Termo de Consentimento que trazem informações detalhadas sobre o estudo, cada seção do questionário apresentava uma pequena

	introdução aos assuntos ou contexto das próximas perguntas.
7. No preenchimento do questionário através de papel e lápis, o respondente deverá estar acompanhado caso haja dúvidas que o respondente não tenha compreendido.	O questionário foi aplicado de forma <i>online</i> . Os respondentes tiveram acesso ao e-mail do pesquisador, além daqueles que tomaram conhecimento através das redes sociais. Não houve relatos de dúvidas ou intercorrências que impediram o respondimento do questionário.
8. Os resultados danificados do questionário em papel e lápis (porque há itens de perguntas sem resposta) são descartados e excluídos para análise.	Para fins de análise, foram consideradas apenas os questionários cuja todas as perguntas foram propriamente respondidas.
9. Devem ser excluídos os questionários respondidos por mais de 40% das questões respondidas como “neutras”.	A ser verificado na análise.
10. Questionários que são respondidos de forma extrema pelos respondentes com mais de 40% dos itens da questão respondidos (concordo totalmente ou discordo totalmente) devem ser excluídos.	A ser verificado na análise.
11. Realize a análise dos dados dos resultados do questionário de acordo com o tipo de dados (ordinal ou intervalar) de forma adequada e não analise os dados com média.	Os dados das escalas Likert utilizadas são de natureza ordinal, ou seja, um valor de número 5 é melhor ou mais frequente do que o valor de número 4, mas não há uma diferença definida entre cada ponto da escala, isto é, a diferença entre 4 e 5 não é necessariamente a mesma diferença entre os valores 3 e 4, por conseguinte. Nestes casos, não realizaremos análises por médias.

Fonte: Elaboração com base em Kusmaryono *et al.* (2022, p. 633 - 634)

5.6.1.3 Testagem e validação do questionário

Segundo Manzini (2020), ao formular um instrumento de pesquisa, é imprescindível evitar o uso de terminologias técnicas e ajustar o vocabulário de acordo com a população-alvo. É necessário ter cautela ao elaborar perguntas de sentido ambíguo ou que não contribuam para os objetivos da pesquisa, levando em consideração o nível de intencionalidade das perguntas.

Além disso, é recomendável evitar perguntas com múltiplas finalidades e assegurar que a primeira pergunta do roteiro seja acessível ao participante, de modo que ele seja capaz de respondê-la.

Neuzing e Kuznik (2007) e Hurtado Albir (2017) defendem a importância de que as escolhas das perguntas estejam alinhadas ao objetivo da pesquisa e que essas questões sejam avaliadas por juízes quanto à clareza no entendimento e que, então, sejam refinadas e postas à prova em sessões “piloto”, antes da aplicação com os reais participantes da pesquisa.

No caso desta pesquisa, realizamos sessões de refinamento com o professor orientador, que além de pesquisador, é intérprete de Libras-português, ajustando o tópico, estilo e estrutura de cada questão.

E, por fim, realizamos uma sessão piloto de teste do questionário já na plataforma em que seria feita a coleta de dados, com um intérprete que possui todos os critérios de inclusão para esta pesquisa, os *feedbacks* foram colhidos e incorporados à versão final do questionário.

Assim, concluímos todos os procedimentos como descritos por Hurtado Albir (2017): 1. geração de itens para o questionário; 2. seleção e classificação dos itens; 3. seleção da escala apropriada; 4. refinamento do questionário; 5. pré-testagem do questionário (piloto); 6. análise dos resultados do estudo piloto e revisões a partir dos comentários dos participantes; e finalmente; 7. elaboração da versão final do questionário.

Figura 39 - Interface do questionário de levantamento



Fonte: Site SurveyMonkey.com

5.7 PROCEDIMENTOS DE COLETA

A seguir, discorreremos sobre quais procedimentos serão adotados para a coleta de dados: método de abordagem aos participantes da pesquisa e aplicação do questionário levantamento.

5.7.1 Método de recrutamento dos participantes da pesquisa

A abordagem foi por meio eletrônico, seguindo os requisitos da Lei Geral de Proteção de Dados (Lei Nº13.709/2018), além do Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, que traz orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Reiteramos que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) da Universidade Federal de Santa Catarina sob número 63295822.8.0000.0121.

Assim, os potenciais participantes da pesquisa receberam por meio eletrônico (e-mail, redes sociais e/ou aplicativos de mensagens), um *link* direcionado a uma página web contendo a apresentação da pesquisa, a solicitação de participação daqueles que preencherem os critérios de seleção, bem como uma solicitação de aceitação do TCLE,⁵⁶ onde ratificamos nosso compromisso de sigilo quanto à personalidade dos dados obtidos na pesquisa. Ao aceitar a participação na pesquisa, os participantes foram convidados a responder um questionário de levantamento *on-line*.⁵⁷

Quadro 24 - Procedimentos de divulgação da pesquisa

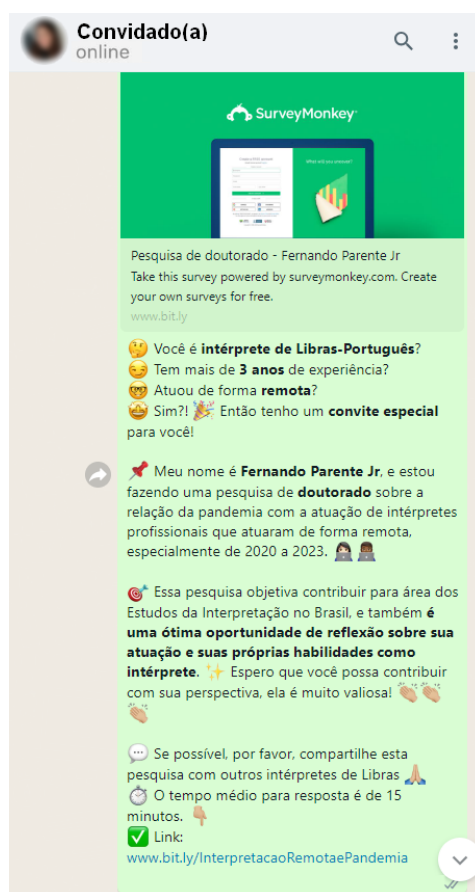
Possíveis obstáculos de divulgação da pesquisa	Procedimentos de mitigação
O link da ferramenta de pesquisa pode parecer suspeito para pessoas não familiarizadas com a plataforma “Survey Monkey”.	Criamos um link alternativo e personalizado na plataforma Bit.ly com os termos “InterpretacaoRemotaePandemia” para aumentar a confiabilidade, demonstrando que o link era coerente ao tema da pesquisa. Assim, adotamos o uso do link personalizado https://bit.ly/InterpretacaoRemotaePandemia No lugar do link gerado pela plataforma https://pt.surveymonkey.com/r/VT3TBXC

⁵⁶ APÊNDICE 01: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

⁵⁷ APÊNDICE 02: QUESTIONÁRIO DE LEVANTAMENTO

O texto-convite não se demonstra atrativo à leitura em aplicativo de mensagens curtas, como o Whatsapp.

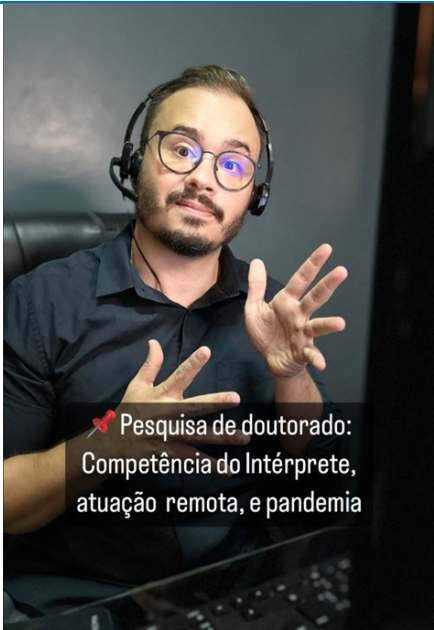

Escrevemos um breve texto-convite especificamente para circulação em aplicativos de mensagem e redes sociais, que resume as principais informações da pesquisa: perfil do participante, objetivo geral da pesquisa, benefícios e tempo média de resposta. Utilizamos elementos característicos destes meios, como emojis para chamar atenção neste primeiro contato com o possível participante, que ao clicar no link, teve acesso aos detalhes da pesquisa.



A linguagem das redes sociais, como o Instagram e Facebook, priorizam a comunicação por vídeo, em detrimento da comunicação exclusivamente escrita.

A fim de aumentar o alcance, e tirando proveito do fato de que o público da pesquisa deve ser bilíngue, produzimos uma videotradução em Libras, com tradução vocalizada e escrita (locução *voice-over* e legendagem) em língua portuguesa.⁵⁸

⁵⁸ <https://youtube.com/shorts/91aXinIb9io>

	
<p>O compartilhamento exclusivo através de e-mail pode gerar uma baixa taxa de resposta pela falta de uso frequente do e-mail, ou por mecanismos de filtragem e proteção <i>anti-spam</i>.</p>	<p>Além do envio de e-mail, publicamos o vídeo-convite nas redes sociais do pesquisador-responsável, como Instagram e Facebook, ambos com visibilidade “pública”. Além de contatos pessoais, as contas vinculadas ao perfil do pesquisador reúnem contatos de intérpretes de Libras-português de todas as regiões do país e possibilitam o acompanhamento de métricas de alcance (por visualizações, envios e salvamentos, por exemplo).</p>
<p>Não é possível adicionar um link clicável na videotradução em Libras, o que faz com o respondente tenha que copiar e escrever um endereço http extenso e forma manual.</p>	<p>A fim de diminuir o nível de esforço de acesso ao link, adicionamos ao final do vídeo imagem estática de um código QR que pode ser acessado a partir da leitura por câmera do celular. Como a seguir:</p> 

Fonte: Elaboração do autor.

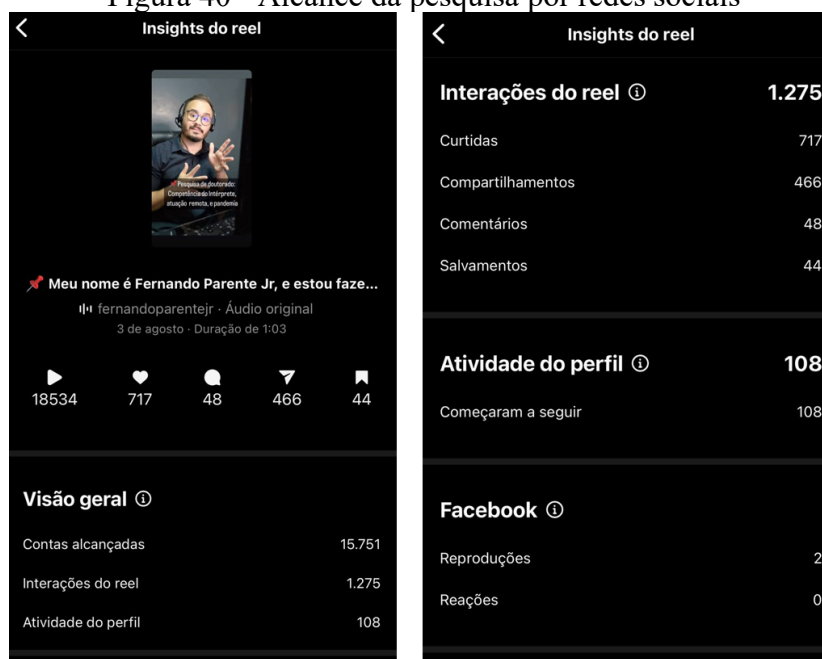
5.7.2 Aplicação do questionário de levantamento de dados

Frente às medidas de isolamento social, com o impulsionamento da virtualização das atividades cotidianas durante a pandemia, o uso das tecnologias da informação passou a integrar a vida de muitas pessoas que, até então, realizavam seus afazeres de modo “analógico” ou presencial; assim, foram levadas a adquirir novas habilidades digitais, que facilitam inclusive a participação em diversas formas de coleta de dados *on-line*.

Seguimos a técnica adotada por Bischoff e Loutan's (2004) na realização de pesquisa utilizando questionário de levantamento com intérpretes. Assim, enviamos por meio eletrônico (e-mail, redes sociais, e/ou aplicativos de mensagens) uma primeira chamada para que respondam ao questionário, acompanhada de outros disparos de mensagem e/ou postagens de lembrete a fim de aumentar a taxa de resposta (Liu, 2011).

No caso desse estudo, apesar de ser impossível de rastrear o alcance exato de envios e reencaminhamentos realizados por e-mail e aplicativos de mensagens como WhatsApp, pudemos acompanhar o alcance da postagem na rede social do pesquisador: o vídeo que apresenta e convida os intérpretes à participação obteve mais de 18 mil visualizações, sendo enviado 466 vezes (o que provavelmente funcionou como uma forma de indicação para possíveis participantes), e 44 salvamentos (quando o usuário salva o conteúdo em uma pasta de “itens salvos” para recuperação e consulta posterior (o que facilita a localização e resposta ao questionário por se tratar de um meio eletrônico).

Figura 40 - Alcance da pesquisa por redes sociais



Fonte: Elaboração do autor

Subsequentemente ao disparo inicial da pesquisa, realizamos disparos de lembrete que se deram em forma de postagens nas redes sociais do pesquisador, utilizando uma linguagem coloquial geralmente típica destes canais, com objetivo de alcançar uma distribuição da amostragem que refletisse, tanto quanto possível, a distribuição populacional do Brasil.

Figura 41 - Vídeo-lembretes de convite para a pesquisa



Fonte: Elaboração do autor⁵⁹

Os dias de postagem dos lembretes coincidiram com um aumento considerável na quantidade de respostas ao questionário. A ilustração a seguir correlaciona o número de respostas ao questionário com as datas de disparo das postagens nas redes sociais:

⁵⁹ Vídeos disponíveis em:

https://youtube.com/shorts/3Tamu5bWI_s?feature=share

https://youtube.com/shorts/Ev_U_o4ZJW0?feature=share

Figura 42 - Correlação de postagem de lembretes e número de respostas



Fonte: Elaboração do autor

É importante salientar que, apesar das plataformas de redes sociais oferecerem a opção de “impulsionamento” pago de publicações, a circulação da pesquisa se deu de forma “orgânica” de compartilhamento. No modelo de postagem “impulsionada” poderíamos delimitar o perfil do público alvo por recortes como faixa etária, gênero, localização e/ou gostos em comum, como pessoas que seguem perfis relacionados à Libras, Tradução/Interpretação de Línguas de Sinais, porém não o fizemos no sentido de diminuir o risco de incorrer em possíveis vieses na produção de dados.

Quadro 25 - Cotejo da distribuição populacional do Brasil e distribuição da pesquisa

Regiões brasileiras	Distribuição populacional do Brasil segundo IBGE (2022)	Distribuição populacional dos participantes da pesquisa
Norte	8,53%	5,15%
Nordeste	37,91%	23,26%
Centro-Oeste	9,48%	7,50%
Sudeste	31,27%	50,52%
Sul	12,80%	13,52%

Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

5.8 MÉTODO DE ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Como demonstra Liu (2011) em seu levantamento no âmbito dos Estudos da Interpretação, todas as pesquisas identificadas, que utilizaram um questionário como método de coleta de dados, utilizaram estatística descritiva como método de análise de dados: Bischoff e Loutan (2004), Russo (2005), Shaw e Hughes (2006), Lee (2009), Xiao e Yu (2009). Portanto, podemos considerar que a estatística descritiva é uma ferramenta relevante na área dos Estudos da Interpretação para analisar e descrever dados quantitativos, auxiliando na compreensão do desempenho dos intérpretes em diferentes contextos e na identificação de possíveis melhorias na prática e formação de intérpretes.

Para análise dos dados desta pesquisa, utilizamos recursos da estatística descritiva, que envolvem o cálculo de medidas como média, mediana, moda, desvio padrão, entre outras, que consequentemente, ajudam a descrever, organizar e resumir conjuntos de dados. Além disso, a partir da aplicação de estatística descritiva, é possível a geração de gráficos e tabelas para resumir visualmente os dados e identificar padrões, tendências ou pontos que requerem atenção. Apresentamos a seguir os procedimentos adotados para as análises dos dados obtidos no questionário de levantamento:

- 1. Download de dados:** neste primeiro passo, realizamos extração dos dados coletados por meio da plataforma de pesquisa *on-line*, gerando bancos de dados em diferentes formatos, como Excel, CSV, SPSS, compatíveis com programas de análise de dados;
- 2. Filtragem de respostas incompletas e/ou duplicadas:** esta etapa envolveu a verificação e tratamento de dados ausentes e/ou duplicados. No caso de respostas faltantes ou preenchimento incompleto, ocasionado pelo abandono do questionário, todas as respostas do participante foram desconsideradas. Esta medida foi adotada no sentido de dirimir a produção de vieses ou erros na análise, tendo em vista a diminuição no nível de confiabilidade de respostas incompletas, o que pode ser reflexo de um baixo engajamento na atividade de reflexão exigida pelo questionário;
- 3. Categorização de dados:** compreende uma análise inicial e a subcategorização das perguntas em grupos aos quais serão aplicados diferentes tipos de análise. Para fins deste estudo, tomaremos como referência as seguintes categorias: (i) o perfil dos

participantes; (ii) a atitude dos participantes frente à pandemia; e (iii) a mobilização da competência do intérprete em atuação mediada por plataforma digital;

- 4. Conversão de dados textuais em numéricos:** para fins de mensuração e análises estatísticas que se seguirão, faz-se necessária a conversão dos dados textuais (escalas qualitativas) em dados numéricos (escalas ordinais) nas questões de escala Likert pareadas (que refletem os períodos antes e depois da pandemia). Esta conversão é realizada através da atribuição de valores sequenciados e crescentes em cada ponto da escala. Para fins de exemplificação, a uma escala Likert de frequência seriam atribuídos os seguintes valores: Nunca = 1; Raramente = 2; Às vezes = 3; Frequentemente = 4; e Sempre = 5.

Figura 43 - Conversão de dados Likert

Questão 27		Questão 28		Questão 27		Questão 28	
Você considera que		Ainda durante a PF		Você considera que		Ainda durante a PR	
Antes	Depois	Antes	Depois	Antes	Depois	Antes	Depois
Nem bom	Muito bom	Frequente	Sempre	3	4	4	5
Extremam	Extremam	Sempre	Sempre	5	5	5	5
Muito bom	Extremam	Frequente	Frequente	4	5	4	4
Nem bom	Muito bom	Sempre	Sempre	3	4	5	5
Muito bom	Muito bom	Frequente	Frequente	4	4	4	4
Muito bom	Extremam	Frequente	Sempre	4	5	4	5
Muito ruim	Muito bom	Às vezes	Sempre	2	4	3	5
Nem bom	Nem bom	Frequente	Frequente	3	3	4	4
Nem bom	Nem bom	Sempre	Sempre	3	3	5	5
Nem bom	Nem bom	Sempre	Às vezes	3	3	5	3
Muito bom	Extremam	Sempre	Sempre	4	5	5	5
Muito bom	Extremam	Sempre	Sempre	4	5	5	5
Muito bom	Extremam	Às vezes	Sempre	4	5	3	5
Nem bom	Nem bom	Às vezes	Às vezes	3	3	3	3
Muito bom	Extremam	Raramente	Sempre	4	5	2	5

Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

- 5. Realização do Teste de Wilcoxon para determinação de significância estatística:** o teste de Wilcoxon é um método estatístico não-paramétrico usado para comparar duas amostras pareadas, no caso, os dados fornecidos por intérpretes que avaliam suas próprias habilidades em dois cenários, um anterior e outro posterior à pandemia. O teste avalia se suas medianas diferem significativamente, classificando as diferenças em magnitude, somando os postos de cada direção e utilizando essas somas para testar a hipótese de diferenças medianas.
- 6. Realização do Teste d de Cohen para determinação do tamanho do efeito:** para complementar os testes estatísticos de significância, calcula-se o tamanho do efeito,

(a diferença média padronizada) a fim de identificar a relevância da mudança observada de acordo com os níveis estabelecidos pelo teste *t* de Cohen.

7. **Análises:** as análises dos dados foram realizadas com base nas informações obtidas através do questionário de levantamento, utilizando programas de tabulação e análise de dados, como SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) e Microsoft Excel. A utilização dos softwares de análises de dados, juntamente com as ferramentas de visualização de dados da própria plataforma de coleta de dados (Survey Monkey), tornou possível que pudéssemos organizar, resumir e interpretar os dados obtidos nas respostas do questionário. Então, as informações em cada categoria foram analisadas em busca de tendências, padrões e insights relevantes para o estudo a partir dos dados codificados nas etapas anteriores.
8. **Conclusões:** realizamos uma revisão geral, explorando as conexões entre as categorias e o construto investigado: a competência do intérprete. Por fim, buscamos identificar possíveis exceções ou informações divergentes que desafiem as suposições iniciais apresentadas na pesquisa para, finalmente, apresentarmos as conclusões de modo a responder às perguntas levantadas na pesquisa.

5.8.2 Significância estatística: Teste de Wilcoxon para Amostras Pareadas

Existem duas variantes principais deste teste: o “Teste de Sinais de Wilcoxon para amostras pareadas” e o “Teste de Soma de Postos de Wilcoxon para duas amostras independentes” (não-pareadas). Em geral, testes não-paramétricos, como o de Wilcoxon, não assumem uma distribuição normal (gaussiana) dos dados. Embora mais flexíveis, os métodos não-paramétricos podem ter menos poder estatístico do que os métodos paramétricos, especialmente se os dados realmente seguirem a distribuição assumida nos métodos paramétricos (Wilcoxon, 1945).

Testes não-paramétricos, como o de Wilcoxon, são especialmente úteis quando não há certeza sobre a forma da distribuição ou quando é evidente que os dados não seguem uma distribuição normal, além disso, são mais flexíveis em termos de requisitos de dados e geralmente trabalham com medianas ou com *rankings* dos dados, o que os tornam apropriados para a análises de escalas Likert. As principais características do teste de Wilcoxon são:

1. **Distribuição dos dados:** o teste de Wilcoxon não assume que os dados sigam uma distribuição normal. É particularmente útil quando essa suposição de normalidade é violada;
2. **Dados Ordinais:** o teste de Wilcoxon pode ser aplicado a dados ordinais como no caso desta pesquisa, nas questões formuladas em escalas Likert e não apenas a dados contínuos;
3. **Rankings:** em vez de comparar médias, o teste de Wilcoxon compara as medianas das amostras, utilizando os rankings dos dados.

Para o Teste de Wilcoxon, realizamos os seguintes procedimentos:

1. **Coleta de Dados:** coletamos duas séries de dados pareados. No nosso caso, os dados fornecidos por intérpretes que avaliam suas próprias habilidades em dois cenários, um anterior e outro posterior à pandemia, respondidos pelos mesmos sujeitos;
2. **Verificação das Condições:** verificamos que os dados são pareados e que as diferenças podem ser classificadas em ordem. Os dados não precisam obrigatoriamente seguir uma distribuição normal;
3. **Cálculo das Diferenças:** para cada par, calculamos a diferença entre os dois valores;
4. **Ranking das Diferenças:** ordenamos as diferenças em valor absoluto, do menor para o maior, atribuindo postos a cada uma delas;
5. **Somas dos Ranks:** calculamos a soma dos ranks para as diferenças positivas e a soma dos ranks para as diferenças negativas;
6. **Estatística de Teste:** a estatística de teste W é o menor valor entre a soma dos ranks positivos e a soma dos ranks negativos;
7. **Valor-p:** utilizamos um software estatístico para encontrar o valor-p correspondente à estatística de teste W . O valor-p em estatística não indica diretamente a força de uma variação ou a magnitude de um efeito, mas sim a probabilidade de obter resultados tão extremos quanto os observados em um estudo, assumindo que a hipótese nula seja verdadeira;
8. **Decisão:** comparamos o valor-p com o nível de significância α (geralmente 0.05). Se o valor-p for menor que α , rejeitamos a hipótese nula de que as medianas das diferenças são iguais. Considerando:

- **Hipótese nula (H0):** As medianas das duas amostras são iguais.
- **Hipótese alternativa (H1):** As medianas das duas amostras são diferentes.

Posteriormente, para avaliar a força de uma variação ou a magnitude de um efeito, realizamos análises complementares, como o teste d de Cohen, que é indicado para verificar medidas de tamanho do efeito.

5.8.3 Tamanho do efeito: Teste d Cohen (Cohen's d)

O d de Cohen é uma medida de tamanho do efeito que compara a diferença entre duas médias em termos de desvio padrão (Cohen, 1988). Ele é calculado usando a seguinte fórmula:

$$d = \frac{M_2 - M_1}{SD_{\text{combinado}}}$$

Onde M_1 e M_2 são as médias dos grupos “Antes” e “Depois”, respectivamente e $SD_{\text{combinado}}$ é o desvio padrão combinado dos dois grupos. Para classificar o tamanho do efeito medido pelo d de Cohen, geralmente se utilizam os seguintes limiares:

Quadro 26 - Tamanho do efeito d de Cohen

Classificação	Definição	Limiares:
Pequeno	Um d de Cohen em torno de 0.2 é considerado um efeito pequeno. Isso significa que a diferença entre os grupos é sutil, não sendo muito perceptível	Mínimo: 0.01 Máximo: 0.49
Médio	Um d de Cohen em torno de 0.5 é considerado um efeito médio. Isso indica uma diferença mais notável entre os grupos.	Mínimo: 0.50 Máximo: 0.79
Grande	Um d de Cohen de 0.8 ou mais é considerado um efeito grande. Neste caso, a diferença entre os grupos é substancial.	Mínimo: 0.80 Máximo: Não há um limiar máximo específico para a categoria de efeito grande, mas valores acima de 0.80 são considerados grandes e quanto mais alto o valor, maior é o efeito percebido.

Fonte: Elaboração com base em Cohen (1988)

Adotaremos esses valores baseados em convenções, no entanto, reconhecemos que devem ser interpretados com cautela. Assim, os limiares adotados nessa pesquisa servem como pontos de referência e não como limites rígidos de classificação que desconsiderariam o todo. Ressaltamos que o contexto de cada pesquisa e a área de estudo específica podem influenciar a interpretação desses limiares.

5.9 PRODUÇÃO DE ARTEFATOS GRÁFICOS

A seguir, prosseguimos com a apresentação da produção de artefatos gráficos que serão utilizados para síntese e apresentação dos dados obtidos na pesquisa. A escolha e produção de artefatos gráficos adequados à finalidade da pesquisa oferecem *insights* valiosos em diferentes contextos, especialmente ao lidar com respostas de escalas Likert (como no caso dos Gráficos de barras empilhadas divergentes) e dados multivariados de tamanho e distribuição de um efeito (como no Mapa de Calor).

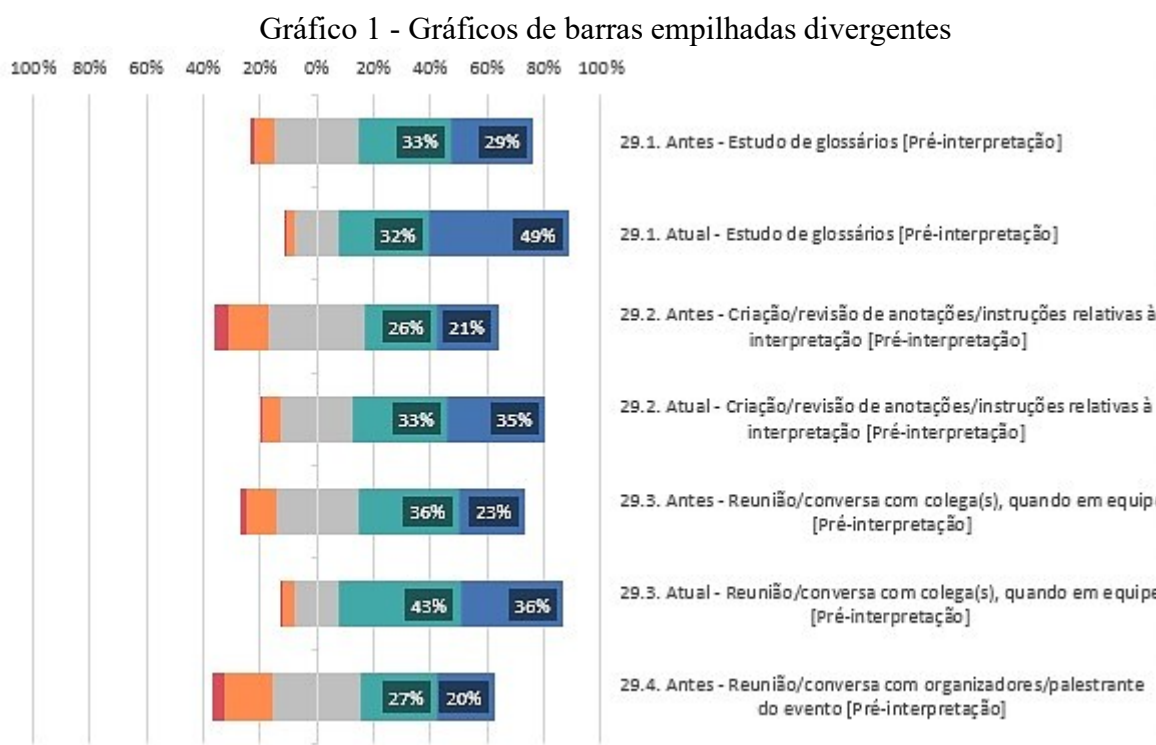
5.9.1 Gráficos de barras empilhadas divergentes

Segundo Healy (2019), os gráficos de barras empilhadas divergentes (*divergent stacked bar graphs*) são uma forma de representação visual de dados que é particularmente útil para exibir informações de escalas Likert ou outras formas de dados categóricos ordenados. Esses gráficos são eficazes para mostrar a distribuição de respostas através de várias categorias, destacando tanto a frequência quanto a polaridade das respostas. Dentre as principais características dos gráficos de barras empilhadas divergentes, podemos citar:

1. **Centro Neutro:** o ponto central do gráfico é geralmente uma categoria neutra ou um ponto de referência, a partir do qual as categorias são dispostas de forma simétrica;
2. **Divergência a partir do Centro:** as categorias são organizadas de forma que as respostas positivas e negativas divergem a partir do centro. Isso facilita a comparação visual das proporções de respostas em cada extremo da escala;

3. **Visualização de Tendências e Dispersões:** eles permitem uma visualização clara de como as respostas se distribuem ao longo da escala, destacando tendências centrais e dispersões.

Para fins de visualização dos dados das questões que investigam as habilidades dos intérpretes, produzimos uma série de Gráficos de barras empilhadas divergentes para ilustrar as variações nas avaliações dos intérpretes.



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Como mencionamos, neste tipo de gráfico, o ponto central do neutro é fixo ao meio, possibilitando uma visualização clara de tendências centrais e dispersão. No caso desta pesquisa, utilizamos estes gráficos especialmente para analisar variações nos dados relativos ao antes e depois da pandemia. Ou seja, em cada par de gráficos, o primeiro representa o ANTES da pandemia, e o segundo representa o DEPOIS. Comparativamente, o deslocamento do segundo gráfico (depois da pandemia) para direita, denota uma avaliação do tópico investigado de forma mais positiva após o período pandêmico, através das escolhas das opções do polo positivo, representadas no gráfico nas cores verde e azul.

De forma análoga, o deslocamento do segundo gráfico (depois da pandemia) para esquerda, denota uma avaliação do tópico investigado de forma mais negativa após o período

pandêmico, demonstrando um aumento das opções do polo negativo, representadas no gráfico nas cores vermelha e laranja.

Assim, os gráficos de barras empilhadas divergentes são utilizados como ferramenta de apresentação dos dados obtidos por escalas Likert, ao passo que estes gráficos propiciam uma visualização nítida e intuitiva das tendências e distribuições das respostas.

5.9.2 Mapa de Calor

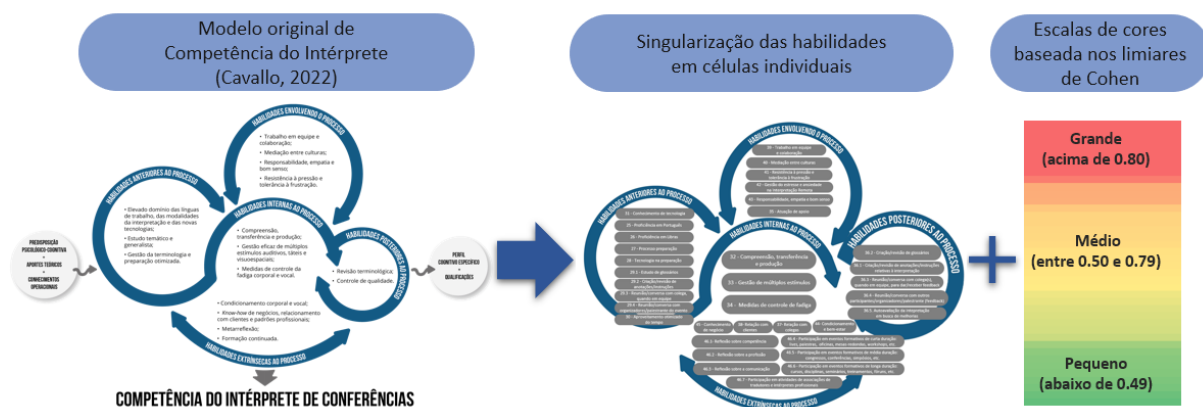
De acordo com Cleveland (1985), na obra *The Elements of Graphing Data*, Mapas de Calor, ou *heatmaps*, são uma técnica de visualização de dados que utiliza cores para representar valores numéricos em uma matriz bidimensional. Eles são particularmente úteis para exibir a intensidade, densidade ou frequência de ocorrências em grandes conjuntos de dados, facilitando a identificação de padrões, correlações e anomalias.

A técnica dos mapas de calor é empregada extensivamente em uma variedade de disciplinas acadêmicas e profissionais, incluindo biologia, meteorologia, finanças e ciências sociais. Importante ressaltar, esta metodologia não se limita exclusivamente à representação de dados térmicos ou de temperatura. Ao contrário, sua aplicabilidade estende-se à visualização de uma gama diversificada de variáveis quantitativas, permitindo a análise e interpretação eficaz de padrões complexos, correlações e distribuições em conjuntos de dados multidimensionais. No caso de uso em matrizes, cada célula é colorida de acordo com seu valor, com uma paleta de cores representando diferentes intensidades, tamanhos ou magnitudes.

Nesta pesquisa, aplicamos a técnica de visualização por mapa de calor no modelo de Competência do Intérprete proposto por Cavallo (2022). Para isso, isolamos as habilidades em células individuais⁶⁰ e posteriormente, mediante os resultados dos testes estatísticos, aplicamos uma escala de cores sequencial, do tipo verde, amarela e vermelha, para indicar intensidades pequenas, médias e grandes, respectivamente, de acordo com os limiares adotados para o teste de tamanho do efeito (d de Cohen), conforme a ilustração a seguir:

⁶⁰ A fim de “isolar as habilidades em células individuais” que compõem o mapa de calor, realizamos um trabalho de levantamento e reelaboração de itens e/ou asserções correlatas tendo em vista nossos objetivos específicos, bem como outras pesquisas no âmbito da tradução e/ou interpretação, das quais destacamos: Vilaça-Cruz (2023), Nogueira (2023), Galdino (2020) e Cavallo (2022).

Figura 44 - Processo de elaboração do Mapa de Calor



Fonte: Elaboração do autor

5.10 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

De acordo com a Resolução do CNS, Conselho Nacional de Saúde, nº466 de 2012 e a resolução de nº510 de 2016, que discutem procedimentos éticos de pesquisa com seres humanos, a proposta da presente pesquisa foi submetida à análise e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC. Após aprovação do projeto, foi encaminhado o TCLE aos intérpretes que colaborariam com a pesquisa com o propósito de explicar os objetivos e procedimentos envolvidos no estudo, bem como assegurar que sua participação seja totalmente voluntária e que lhes foi resguardado o direito de desistir da participação a qualquer tempo, sem forma alguma de penalização.

Ao final da descrição dos dados obtidos, realizamos uma análise tendo em vista as dimensões que compõem a “competência do intérprete”, propostas por Cavallo (2022), a fim de identificar características e tendências dentre os dados obtidos dos intérpretes participantes da pesquisa.

6 ANÁLISE DE DADOS

*Em Deus nós confiamos;
todos os outros devem trazer dados.*
William Edwards Deming

Neste capítulo, são apresentados os dados coletados nesta pesquisa, sendo que primeiro apresentamos os metadados e, em seguida, dividimos os dados em três categorias de análise: 1. perfil demográfico dos participantes; 2. atuação profissional durante a pandemia; e 3. a percepção das habilidades profissionais pré e pós-pandemia.

6.1 METADADOS

Metadados são dados que descrevem outras informações, neste caso, são dados gerados não só pelo conteúdo das respostas, mas pelo ato de responder o questionário em si. O *download* de dados inicial se deu no formato de um arquivo do tipo Planilha do Microsoft Excel (.xlsx), com 34.333 itens de respostas e 1.825 metadados, como o número identificador do *link* coletor, data e hora de início e término das respostas.

6.1.1 Número de respondentes

Em relação ao número total de respondentes, a pesquisa contou com o envolvimento, em algum nível, de 365 pessoas. Sendo que 222 responderam ao questionário por completo e 211 atenderam a todos os critérios de inclusão na pesquisa, como demonstra o quadro a seguir:

Quadro 27 - Número de respondentes

Etapas do questionário	Nº Respondentes
Respostas de início ao questionário	365
Consentiram com o Termo de Consentimento	351
Completaram as questões da seção “Informações Iniciais”	335
Completaram as questões da seção “Atuação profissional”	281
Completaram as questões da seção “Percepção das habilidades”	224
Responderam ao questionário por completo	222
Atenderam a todos os critérios de inclusão	211

Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

6.1.2 Taxa de respostas e tempo de conclusão

Total de respostas: Número de respostas tendo em vista a aplicação (ou não) de filtros de seleção.

Taxa de conclusão: O percentual de respondentes que concluíram o questionário inteiro.

Tempo médio: O tempo médio necessário para as pessoas que responderam ao questionário todo.

Quadro 28 - Taxa de respostas e tempo de conclusão

Total de respostas	Taxa de conclusão	Tempo médio	Tempo total
365 respostas	61%	16m:46s	102 horas e 1 minuto
222 respostas	100%	22m:21s	82 horas e 42 minutos
211 respostas	100%	22m:34s	79 horas e 22 minutos

Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Estes dados evidenciam as vantagens dos métodos de captação pela *internet*, conforme mencionado por Pöchhacker (2015) anteriormente, além da capacidade de atingir uma ampla audiência geográfica, geralmente sem a necessidade de grandes quantidades de recursos físicos ou financeiros. Assim, este tipo de pesquisa permite a coleta de uma quantidade substancial de dados em um curto espaço de tempo.

Em um caso hipotético, se fôssemos coletar os dados de todos os participantes de forma presencial, mesmo que tivéssemos todos concentrados e enfileirados sequencialmente para que respondessem as perguntas, um após o outro, de forma ininterrupta, durante 8h horas por dia, demoraríamos 13 dias úteis de trabalho para completar esta tarefa.

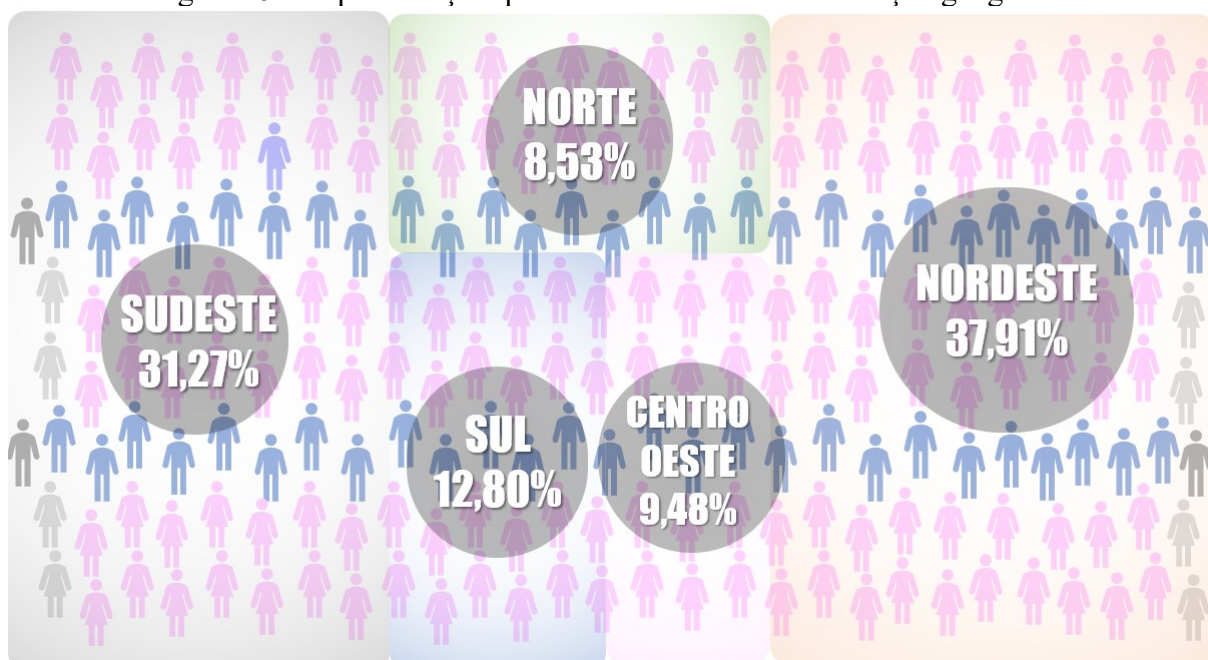
No entanto, a flexibilidade na coleta de dados permitiu que os participantes pudessem responder a pesquisa em seu próprio ritmo e conveniência, o que pode ter contribuído a uma maior taxa de adesão (e possivelmente de melhor qualidade) devido ao menor risco de fadiga dos participantes.

6.2 PERFIL DEMOGRÁFICO

6.2.1 Sexo

Dentre a totalidade de respondentes aptos, 211 participantes, a maioria identificou-se como do sexo feminino, representando 73,46% do total da amostra, equivalente a 155 pessoas. Em contrapartida, uma porcentagem significativamente menor, 26,07%, ou seja, 55 participantes, se identificaram como sendo do sexo masculino. A categoria “Outro (especifique)” foi selecionada por apenas uma pessoa (0,45% dos participantes), que especificou sua identidade de gênero como “Bigênero (ele/ela)”.

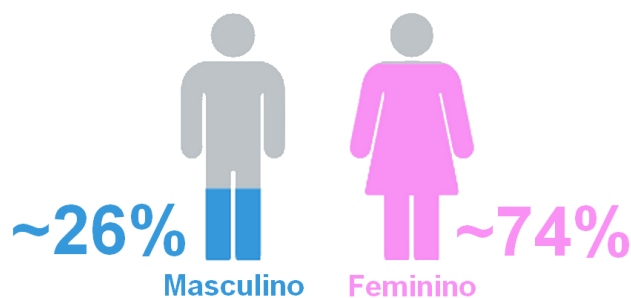
Figura 45 - Representação quantitativa de sexo e distribuição geográfica



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

A ilustração demonstra que as mulheres, representados em rosa, totalizam um grupo aproximadamente três vezes maior que o dos homens, representados em azul. Um dos ícones apresenta características de ambos os sexos, representando a pessoa bigênero na cor lilás. Há 11 ícones em tons de cinza (8 mulheres e 3 homens), que representam pessoas que, apesar de terem respondido à pesquisa integralmente, foram excluídas das análises deste estudo pois declararam possuir menos de 3 anos de experiência, o que inviabiliza os dados comparativos da atuação antes e depois da pandemia.

Figura 46 - Proporção das categorias de sexo



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

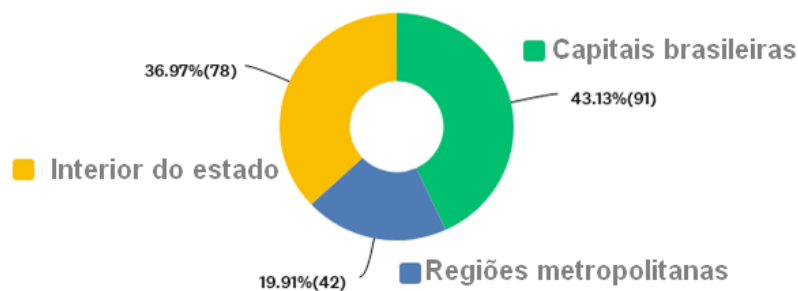
A proporção das categorias de sexo parece refletir a composição da categoria de TILS e GIs no Brasil. Uma pesquisa realizada em 2019 pela Febrapils, ainda não publicada, com a participação de 1.944 intérpretes brasileiros, apontou que aproximadamente $\frac{3}{4}$ da população são do sexo feminino, enquanto apenas $\frac{1}{4}$ são do sexo masculino, a quantidade de pessoas que se autodeclararam como não-binárias e/ou outras não chegou a 1% na pesquisa da Federação.

6.2.2 Localização

Em relação à localização, os dados revelam uma distribuição dos participantes pelas regiões brasileiras, destacando uma concentração significativa de participantes na região Nordeste, com uma parcela substancial de 37,91%. A região Sudeste também desempenha um papel proeminente, representando 31,27% dos participantes, seguida pela região Nordeste com 12,80%. As regiões Norte e Centro-Oeste contribuem com 8,53% e 9,48% dos participantes, respectivamente. Esses números fornecem uma visão sobre como a participação está geograficamente distribuída, com uma ênfase nas regiões mais populosas e urbanizadas, como Sudeste e Nordeste.

Quanto ao nível de urbanização do local de residência, as capitais do país abrigam a maioria dos intérpretes respondentes: 43,13% (equivalente a 91 pessoas), as regiões metropolitanas, próximas à capital, representam 19,91% (42 pessoas), enquanto 36,97% dos respondentes reside no interior do estado, contabilizando 78 pessoas.

Gráfico 2 - Localização



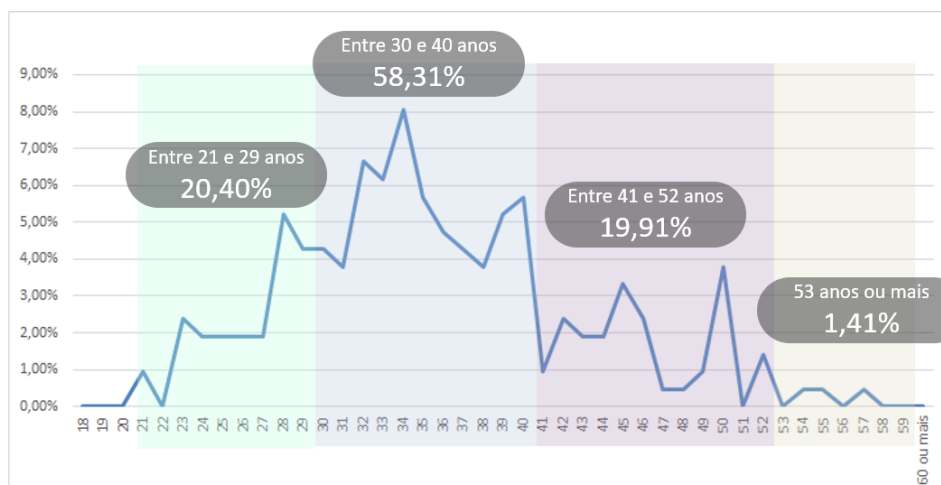
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Estes dados demonstram que mesmo enquanto a soma das áreas das capitais dos 26 estados e do Distrito Federal é relativamente pequena em comparação com o tamanho do país, representando apenas 0,5% da extensão territorial, mesmo com o aumento de possibilidades de atuação remota, a maioria dos intérpretes ainda reside nas capitais ou regiões circunvizinhas.

6.2.3 Idade

Em relação à idade, notavelmente, o grupo mais expressivo declarou ter de 30 a 40 anos de idade, totalizado 58,31% dos participantes. Dois subgrupos também apresentaram proeminência, pontuando de forma aproximada: o grupo composto de pessoas de 21-29 anos totalizou 20,40%, enquanto o grupo de pessoas entre 41-52 anos, 19,91%. Apenas 3 intérpretes declararam ter 53 anos ou mais, somando 1,41%. Não houve a participação de nenhum intérprete menor de 21 anos. A média de idade dos participantes foi calculada em 35,7 anos.

Gráfico 3 - Faixa etária



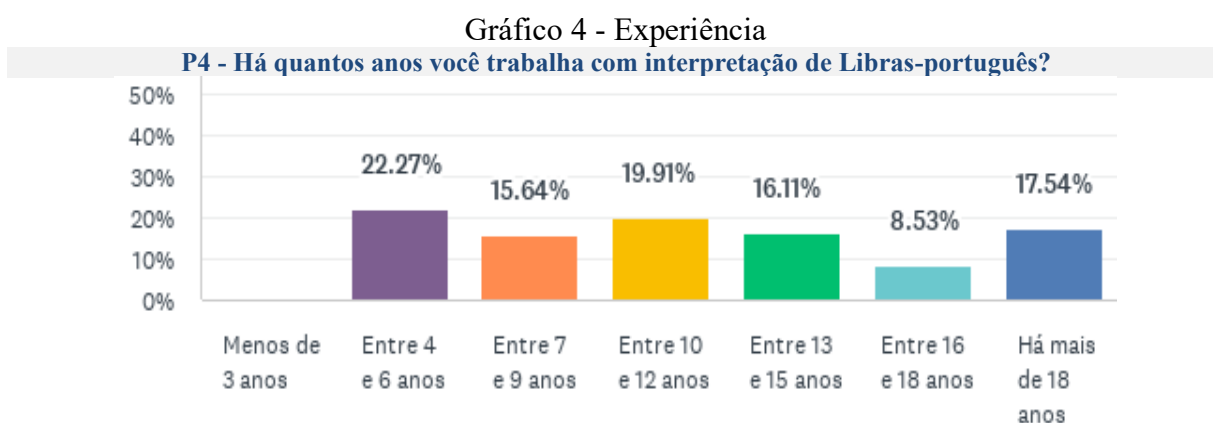
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

6.2.4 *Status* auditivo

Quanto ao *status* auditivo, todos os participantes se identificaram como pessoas ouvintes, ou seja, não-surdas. Isso se deve, provavelmente, ao recorte do público da pesquisa, pois apesar do *status* auditivo não ser um critério de participação, a pesquisa se interessa por pessoas que realizam interpretação simultânea, ou seja, uma atividade marcada essencialmente pela instantaneidade da recepção/produção do português (uma língua de modalidade vocal-auditiva) e a Libras (de modalidade gestual-visual). É provável que caso a pesquisa incluísse pessoas que são estritamente ligadas à tradução (notadamente, de textos escritos/sinalizados), seriam ampliadas as possibilidades de adesão de pessoas com diferentes *status* auditivos; no entanto, esta possibilidade fugiria ao escopo do modelo de competência em questão, que se refere especificamente ao profissional intérprete.

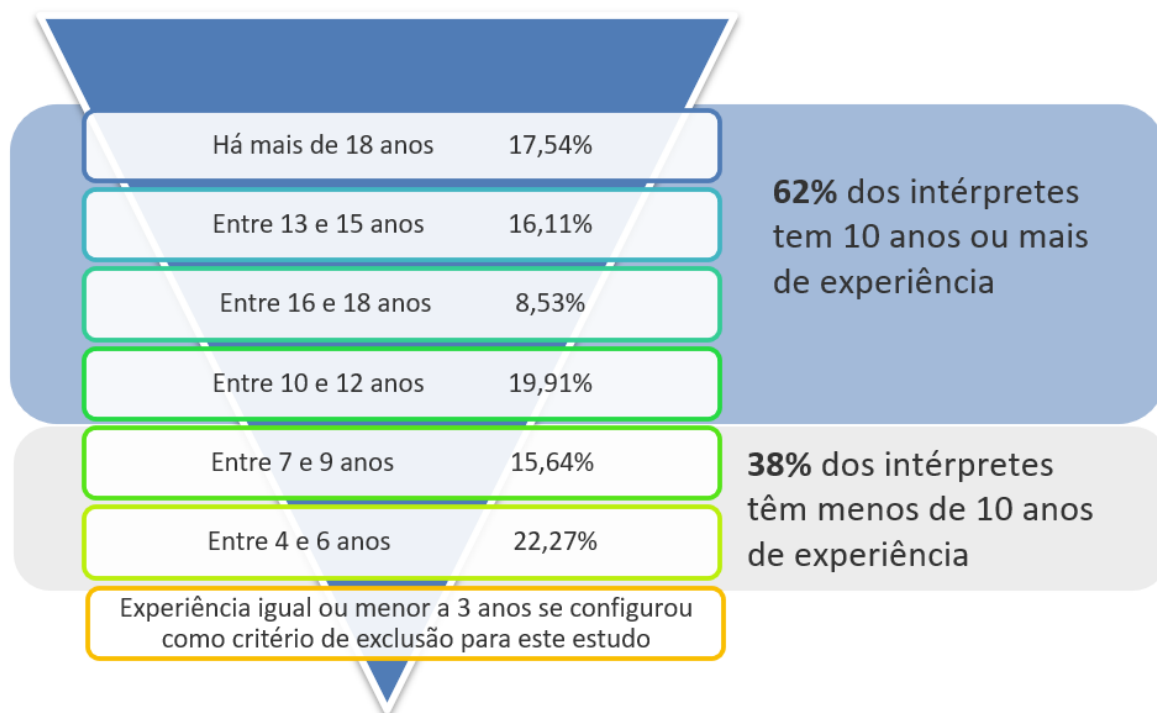
6.2.5 Experiência

Nesta questão, os participantes estimaram o tempo de experiência profissional em anos. O primeiro item compreende aqueles com menos de três anos de experiência, ou seja, sem experiência anterior à pandemia, e os itens subsequentes compreendem intervalos com acréscimos de dois anos, até a última categoria, reservada àqueles com mais de 18 anos de experiência. Os dados obtidos podem ser observados a seguir:



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Figura 47 - Agrupamento por tempo de experiência



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Notavelmente, 62% dos intérpretes tem 10 anos ou mais de experiência, o que denota que a maioria dos respondentes possui uma trajetória de longo prazo. Este grupo é composto por intérpretes que possuem entre 10 e 12 anos (19,91%), os que possuem entre 13 e 15 anos (16,11%), entre 16 e 18 anos (8,53%), e mais de 18 anos (17,54%).

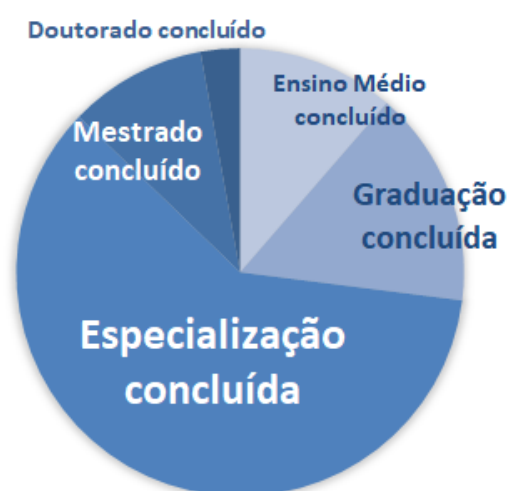
Uma parcela considerável, correspondendo a 37,91%, possui experiência de até 10 anos. Esta parcela é então composta pelos subgrupos que possuem entre 4 e 6 anos de experiência (22,27%), e o subgrupo que possui entre 7 a 9 anos de experiência (15,64%).

Os participantes que declararam possuir experiência igual ou inferior a 3 anos foram excluídos para fins deste estudo pois, devido ao recorte temporal da pandemia e à fase de coleta de dados, não apresentariam a experiência em atuação anterior à pandemia (antes de 2020) que são fundamentais para a finalidade deste estudo.

6.2.6 Escolaridade

Quanto à escolaridade dos participantes, observa-se que a maioria dos intérpretes possui especialização concluída, representando 60% do total. A graduação completa é o segundo nível de escolaridade mais reportado, com 16% dos participantes. Aqueles com ensino médio concluído compõem 11% da amostra, seguidos pelos participantes que já concluíram um mestrado, que constituem 10%. Por fim, intérpretes com doutorado concluído representam 2,84% das respostas.

Gráfico 5 - Nível de escolaridade
P5 - Qual é seu nível de escolaridade?



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Apesar de não podermos presumir que todos os intérpretes que tenham a titulação de doutor, tenham, obrigatoriamente, realizado uma especialização e/ou mestrado, os dados sugerem uma tendência significativa de intérpretes de Libras-português em buscar formação especializada.

Se considerarmos dados de 2020, quando a CAPES⁶¹ estimou que o Brasil teria cerca de 150 mil doutores e 450 mil mestres, isso resultaria em uma proporção de 2,8 doutores por mil habitantes (faixa de 25 a 64 anos). Comparativamente, tendo em vista o grupo de intérpretes participantes, a proporção de doutores é de 2,84%, o que, se convertido para a mesma base *per mil*, seria de 28,4 doutores por mil intérpretes, uma taxa significativamente mais alta do que a média nacional. Isso sugere que os intérpretes de Libras-português, como grupo, possuem um

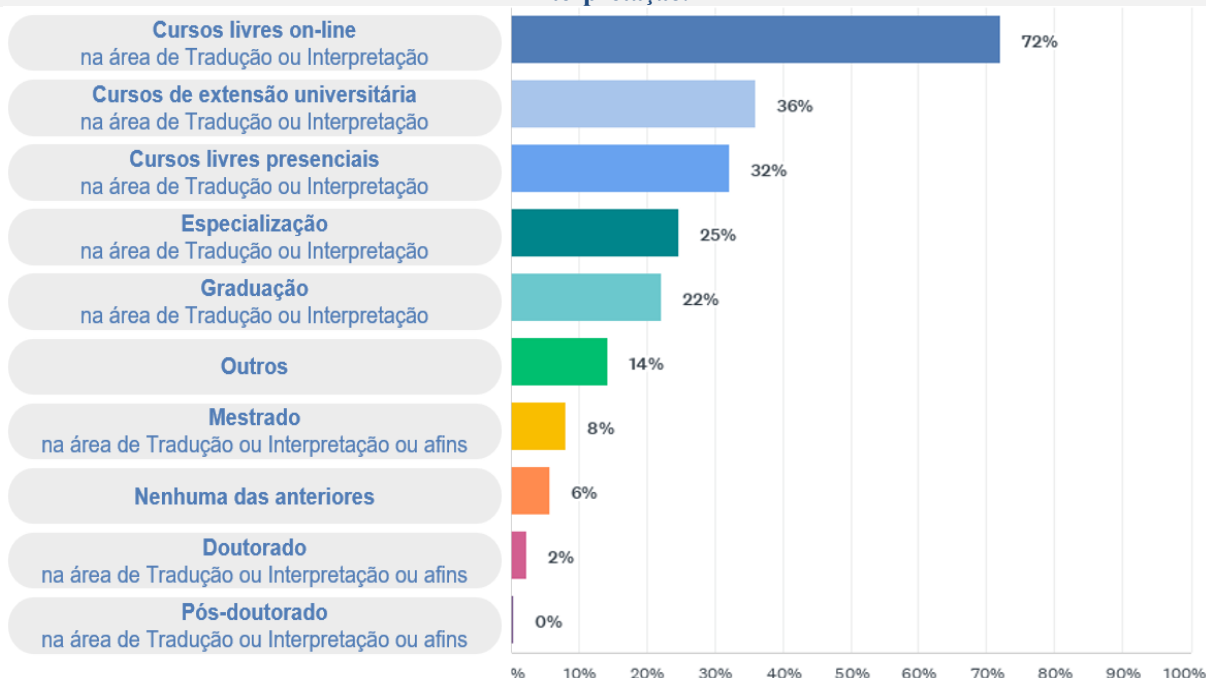
⁶¹ Fonte: <https://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/5057-brasil-tera-150-mil-doutores-e-450-mil-mestres-ate-2020>. Acesso em 01 de setembro de 2023.

nível de formação doutoral dez vezes maior do que a média da população brasileira na faixa etária considerada.

Nos últimos três anos, a preferência dos intérpretes de Libras-português por cursos livres *on-line* na área de Tradução ou Interpretação foi predominante, com 72% dos participantes engajados nessa modalidade de aprendizado. Cursos de extensão universitária na área seguiram com uma adesão de 36%, enquanto cursos livres presenciais foram escolhidos por 32% dos respondentes. A especialização na área atraiu 25% dos intérpretes e a graduação foi cursada por 22%. Mestrado na área foi realizado por 8%, enquanto o doutorado e pós-doutorado tiveram uma adesão mais baixa, com 2% e 0,5%, respectivamente. A opção “Nenhuma das anteriores” foi assinalada por 6% dos intérpretes.

Gráfico 6 - Contextos de atuação

P6 - Formação específica recente: Qual(is) tipo(s) de curso(s) você participou, mesmo que não tenha finalizado, nos últimos 3 anos? *Excluem-se cursos de Libras e similares que não incluam tradução e/ou interpretação.



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Estes dados sugerem uma forte inclinação para o aprimoramento contínuo: aproximadamente 94% dos TILS realizaram algum tipo de formação profissional específica durante a pandemia. Os dados também demonstram uma notável preferência por cursos *on-line*, o que pode refletir as necessidades de adaptação às circunstâncias impostas por eventos recentes, como a pandemia de covid-19, que impulsionou a modalidade de ensino a distância.

Além das opções pré-estabelecidas, a opção de “Outros” foi selecionada por 14% dos participantes, dentre as quais foram mencionados:

1. estudos em grupo e workshops;
2. formação técnica e especializada em tradução e interpretação de Libras;
3. cursos e oficinas:
 - a. de guia-interpretação e Libras tátil;
 - b. de orientação e mobilidade;
 - c. de leitura e transcrição;
 - d. de produção artística;
4. cursos de extensão universitária em diversas áreas;
5. formação continuada para tradutores e intérpretes de Libras;
6. licenciatura em Letras Libras;
7. pós-graduações, mestrados e doutorados em áreas como educação, educação especial, pedagogia, ensino de ciências e matemática e Estudos da Tradução.

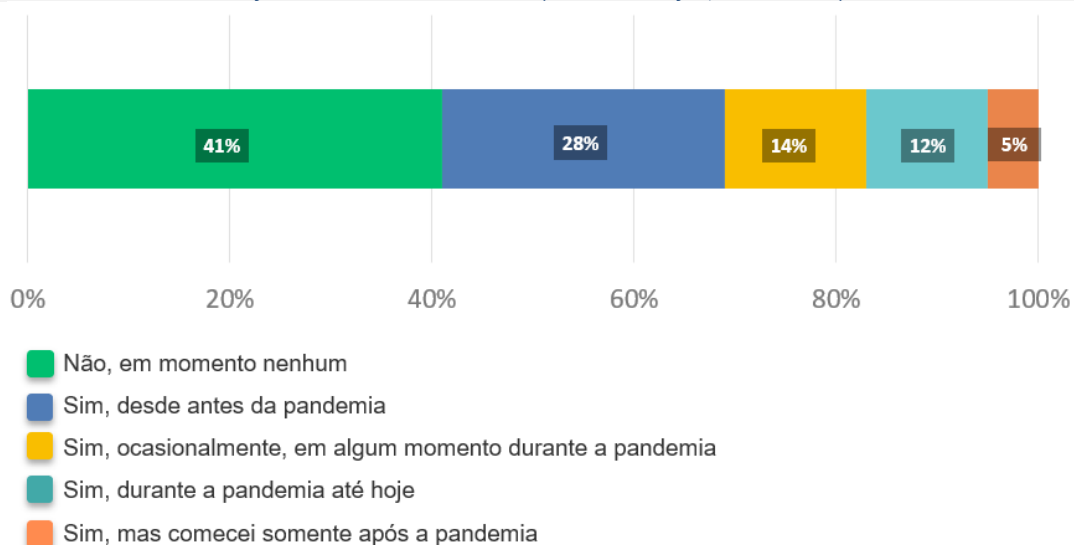
Em resumo, observa-se que os intérpretes de Libras-português estão engajados em uma ampla gama de atividades de desenvolvimento profissional, que incluem tanto a formação específica quanto a exploração de áreas interdisciplinares e complementares.

6.2.7 Pessoa cuidadora

Esta questão tem por objetivo o levantamento de dados sobre um fator de dinâmica familiar/social, a situação de pessoas cuidadoras durante o período pandêmico. Pelo termo “pessoa cuidadora” nos referimos às pessoas que são/foram responsáveis pelos cuidados de alguém em situação de vulnerabilidade. Isto é, se o profissional em questão fornece/forneceu assistência ou cuidados a alguém que necessita de algum grau de atenção/suporte na realização de atividades diárias (como crianças, idosos etc.).

Gráfico 7 - Pessoa cuidadora

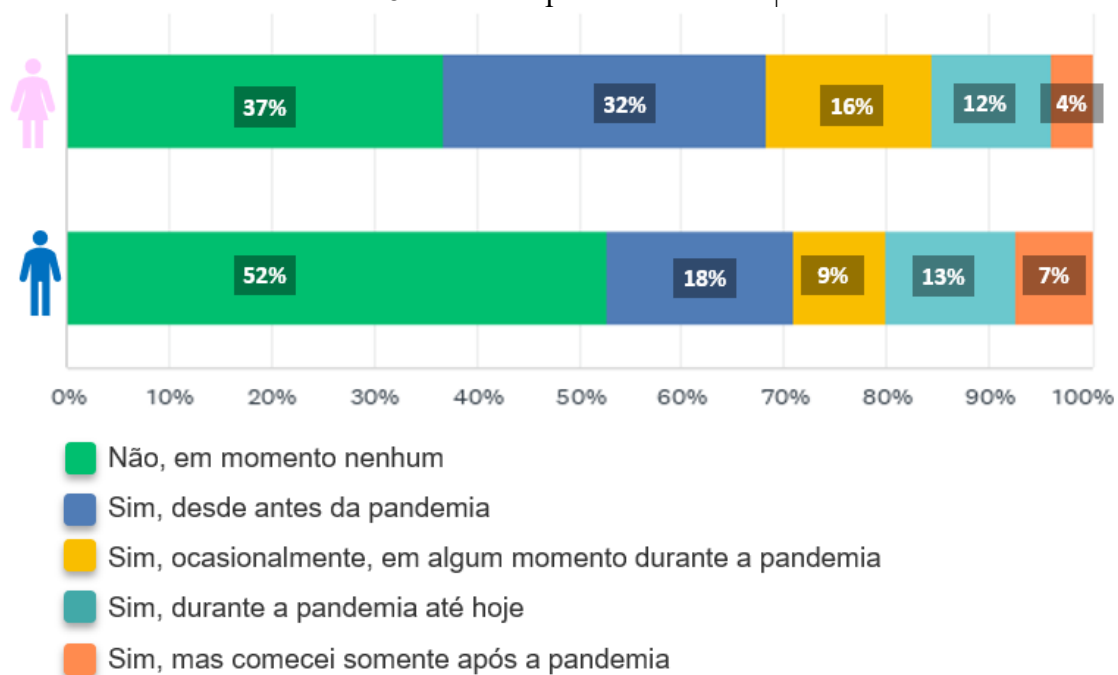
P50: Você é/foi responsável pelos cuidados de alguém em situação de vulnerabilidade? Isto é, você fornece/forneceu assistência ou cuidados a alguém que necessita de algum grau de atenção/suporte na realização de atividades diárias (como crianças, idosos etc.)?



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Em geral, os dados sugerem que a maioria dos intérpretes não se viu na posição de cuidadores durante a pandemia, mas existe uma representação significativa de profissionais que mantiveram ou assumiram essa função durante o período crítico. Quando realizamos a mesma análise sob a categorização de sexo do respondente, identificamos que as mulheres, em geral, foram mais demandadas como “pessoa cuidadora” do que os homens.

Gráfico 8 - Perfil da pessoa cuidadora | Sexo



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

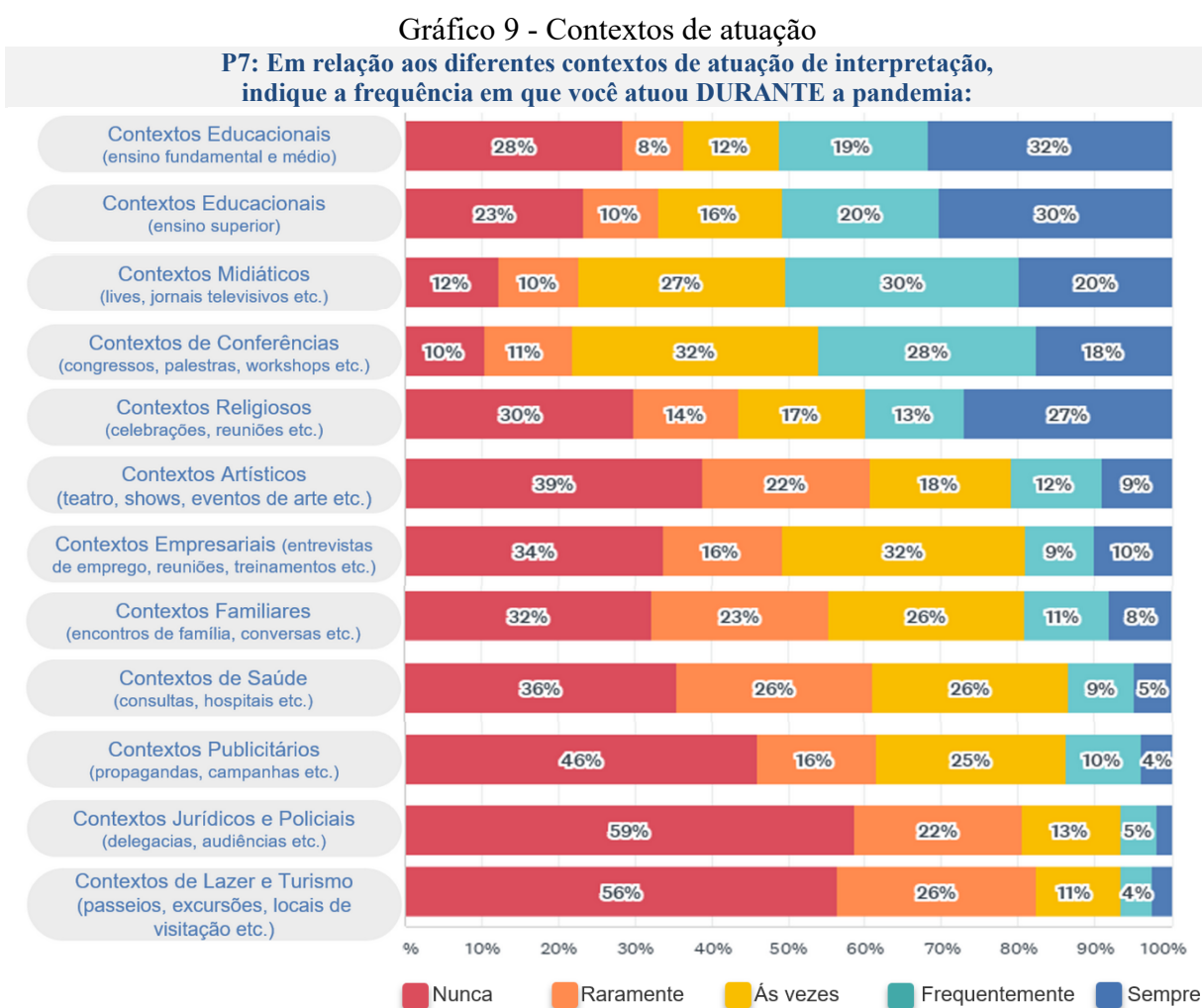
Os dados indicam uma proporção maior de mulheres sendo responsáveis pelas atividades de cuidado de outras pessoas desde antes da pandemia (14% a mais do que os homens) e durante a pandemia (7% a mais). Por outro lado, houve um pequeno aumento na proporção de homens que realizaram esta função após a pandemia (3% a mais do que as mulheres).

6.3 ATUAÇÃO PROFISSIONAL DURANTE A PANDEMIA

A seguir, analisamos cada questão relativa à atuação profissional durante a pandemia, tratando-se de uma seção cujos dados compreendem 18 tópicos: da questão 07 até a questão 24.

6.3.1 Contextos de Atuação

O primeiro tópico investigado foram os contextos de atuação profissional. Os participantes relataram sua atuação em cada uma das esferas listadas previamente e as classificaram em diferentes níveis de frequência utilizando uma escala Likert.



Somando as categorias positivas “Frequentemente” e “Sempre”, observamos o *ranking* dos seguintes contextos de atuação, por ordem de frequência:

1. Contextos Educacionais (ensino fundamental e médio) - 50,45%
2. Contextos Educacionais (ensino superior) - 49,10%
3. Contextos Midiáticos (lives, jornais televisivos etc.) - 49,10%
4. Contextos de Conferências (congressos, palestras, workshops etc.) - 45,50%
5. Contextos Religiosos (celebrações, reuniões etc.) - 39,19%
6. Contextos Artísticos (teatro, shows, eventos de arte etc.) - 20,27%
7. Contextos Empresariais (entrevistas de emprego, reuniões, treinamentos etc.) - 19,37%
8. Contextos Familiares (encontros de família, conversas etc.) - 18,02%
9. Contextos de Saúde (consultas, hospitais etc.) - 13,51%
10. Contextos Publicitários (propagandas, campanhas etc.) - 13,06%
11. Contextos Jurídicos e Policiais (delegacias, audiências etc.) - 6,75%
12. Contextos de Lazer e Turismo (passeios, excursões, locais de visitação etc.) - 6,75%

A análise dos contextos de atuação dos intérpretes de Libras-português durante a pandemia, agregando as porcentagens correspondentes às categorias “frequentemente” (em verde) e “sempre” (em azul), evidencia as demandas do mercado para a categoria, bem como a adaptação às restrições impostas pelo cenário pandêmico.

Observa-se que os contextos educacionais, tanto em níveis fundamental e médio quanto superior, mantiveram-se como os principais campos de atuação, com frequências de 50% e 49%, respectivamente. Isso reflete a importância dada à continuidade das atividades educacionais e a necessidade de garantir a acessibilidade comunicativa para estudantes surdos.

Os contextos midiáticos e de conferências também apresentaram altas taxas de atuação, com 49% e 46%, respectivamente, o que pode ser atribuído ao aumento do consumo de mídia e à transição de eventos presenciais para formatos virtuais. A presença significativa em contextos religiosos, com 39%, pode se dar pelo fato de que as primeiras atuações de intérprete de línguas de sinais se deram em meio religioso. Este âmbito é frequentemente marcado pelo voluntariado, mesmo por parte de intérpretes que se profissionalizaram formalmente.

Por outro lado, os contextos artísticos e empresariais mostraram uma menor frequência de atuação, com 20% e 19%, respectivamente, possivelmente devido ao cancelamento de eventos ao vivo e à redução de atividades empresariais presenciais. Contextos familiares e de saúde apresentaram frequências ainda menores, com 18% e 13%, o que pode indicar limitações no acesso a serviços de interpretação em ambientes privados e restrições nos estabelecimentos de saúde na pandemia.

Os contextos publicitários, jurídicos e policiais, bem como de lazer e turismo, registraram as menores frequências, com 13%, 7% e 7%, respectivamente. Isso pode ser reflexo de uma redução geral nas atividades publicitárias e turísticas e na realização de procedimentos legais e policiais que requerem a presença física, durante o período pandêmico.

Esses dados demonstram a configuração das demandas por interpretação de Libras-português durante da pandemia, com uma forte tendência na virtualização de atividades e serviços.

6.3.2 Configuração de trabalho: Sozinho | Equipe

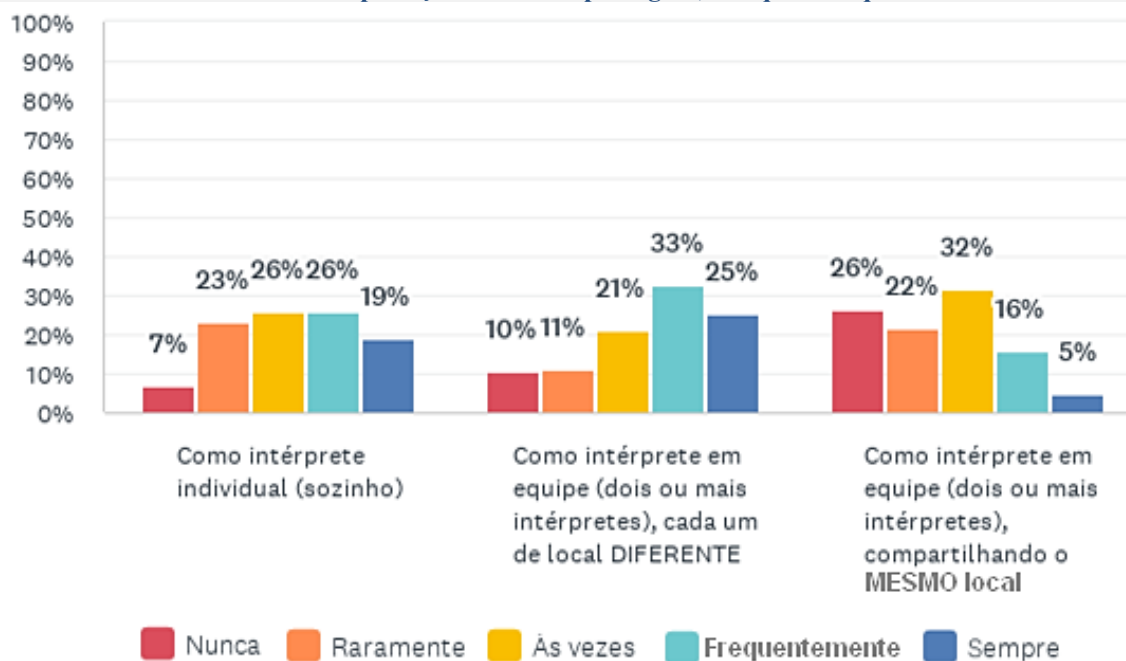
Em relação às configurações do seu trabalho remoto com interpretação, os participantes responderam a frequência de atuação, durante a pandemia, em cada uma das seguintes possibilidades de configuração:

1. como intérprete individual (sozinho);
2. como intérprete em equipe (dois ou mais intérpretes), cada um de local diferente;
3. como intérprete em equipe (dois ou mais intérpretes), compartilhando o mesmo local.

A seguir, temos o resumo dos dados obtidos:

Gráfico 10 - Configuração de trabalho: Sozinho | Equipe

P8: Em relação às configurações do seu trabalho remoto com interpretação de Libras-português, indique a frequência:



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Enquanto 7% dos intérpretes nunca atuaram sozinhos no ambiente virtual, 23% o fizeram raramente, 26% às vezes, 26% frequentemente e 19% sempre. Quando trabalhando em

equipe de locais diferentes, 10% nunca atuaram desta forma, 11% raramente, 21% às vezes, 33% frequentemente e 25% sempre. Por fim, trabalhando em equipe (dois ou mais intérpretes) compartilhando o mesmo local, 26% nunca atuaram, 22% raramente, 32% às vezes, 16% frequentemente e apenas 5% sempre.

Somadas as avaliações positivas (frequentemente e sempre) de cada configuração, podemos observar uma tendência à atuação em equipe (dois ou mais intérpretes), cada um de local diferente: 58%, o que reflete as restrições impostas pela pandemia.

Em segundo lugar, como intérprete individual (sozinho), observa-se a frequência de 45%. Este alto índice pode dever-se ao fato de que, frequentemente, intérpretes atuam sozinhos em trabalhos de até 1h (uma hora de duração). Esta já era uma prática comum na profissão que, somente recentemente, foi estabelecida por lei, deixando de ser uma recomendação e se tornando uma obrigação legal.⁶² No entanto, é interessante notar a recomendação da Febrapils, que defende que “como a interpretação remota é uma atividade que exige concentração extrema e gera grande desgaste, os intérpretes trabalham sempre em equipe”, ou seja, no mínimo dois intérpretes.⁶³

Por último, a menor incidência de trabalho em equipe a partir do mesmo local, pontuando apenas 20%, se deve possivelmente a uma série de fatores que podem estar diretamente relacionados à pandemia (como mencionamos), ou ainda, por questões técnicas e operacionais (como uma maior facilidade na composição da equipe de intérpretes, uma vez que o fator “localização geográfica” tem pouca ou nenhuma relevância na prestação de atividades remotas). Notadamente, a necessidade de que os intérpretes atuem de um mesmo local frequentemente advém do contratante, seja por questões de confiabilidade na prestação do serviço (no sentido de conhecer a estrutura e qualidade dos seus próprios equipamentos para captura e transmissão de vídeo) ou por desejar evitar possíveis problemas relacionados à alternância do intérprete em tela.

⁶² “Parágrafo único. O trabalho de tradução e interpretação superior a 1 (uma) hora de duração deverá ser realizado em regime de revezamento, com, no mínimo, 2 (dois) profissionais” (Lei nº 14.704).

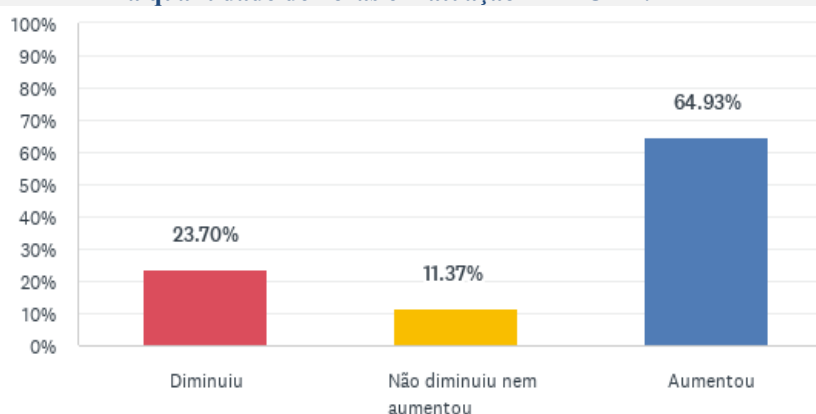
⁶³ Figura 14 - Trecho da Lista de Referência da Febrapils

6.3.3 Demanda por atuação remota a partir da pandemia

Quando questionados sobre o volume de demanda em hora para atuação remota, antes e depois da pandemia, uma maioria substancial, correspondendo a 65%, experimentou um aumento na quantidade de horas de atuação remota. Em contraste, 24% dos profissionais reportaram uma diminuição, enquanto uma minoria de 11% indicou que não houve alteração na jornada de trabalho remoto quando comparado ao período pré-pandêmico.

Gráfico 11 - Demanda por atuação remota a partir da pandemia

P9: Comparando sua jornada de trabalho remoto anterior à pandemia com o contexto atual, a quantidade de horas em atuação REMOTA:



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

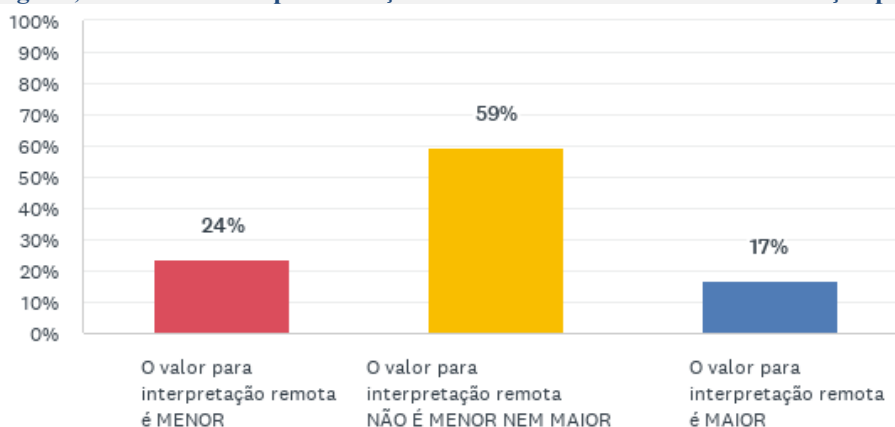
Estes dados indicam uma inclinação do mercado para um aumento da realização de atividades remotas, mesmo depois das restrições de distanciamento social impostas durante a pandemia serem suspensas.

6.3.4 Valor da atuação remota | presencial

Em relação à precificação dos serviços realizados de forma remota, observa-se que a maioria dos intérpretes, representando 59%, mantém a equivalência tarifária entre os serviços de interpretação remota e presencial, indicando uma valorização consistente do trabalho independente do formato de entrega.

Gráfico 12 - Valor da atuação remota | presencial

P10: Em geral, o valor cobrado para atuação remota é diferente do valor da atuação presencial?



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

No gráfico, observamos que 24% dos profissionais relataram que o valor para a interpretação remota é menor em comparação com a atuação presencial, enquanto 17% dos intérpretes relataram cobrar um valor adicional para atuação remota. Estes dados apontam que a modalidade de prestação do serviço (presencial ou remoto) é apenas um dos fatores que influenciam na precificação, não sendo a principal justificativa para o aumento ou decréscimo do valor cobrado.

Segundo Vilaça-Cruz (2023), 59% dos TILS precificam seus trabalhos a partir da Lista de Referência de Honorários da Febrapils,⁶⁴ que, por sua vez, recomenda que serviços de interpretação remota sejam acrescidos de 30% sobre o valor da atividade de acordo com a lista. Apesar disso, os dados obtidos na presente pesquisa revelam que 59% dos profissionais participantes precificam seu serviço de forma semelhante (nem menos, nem maior) independentemente de o serviço ser presencial ou remoto.

Reconhecemos que a aparente contradição pode ser fruto de uma série de fatores que influenciam a precificação como custos de prestação de serviço, como o deslocamento (ou não) do intérprete, investimentos em equipamento, conveniência, demanda, além de percepções subjetivas sobre a qualidade e nível de complexidade do serviço prestado em ambientes virtuais. Assim, a junção destes fatores pode se refletir numa tendência dos respondentes a uma opção mais neutra, ou central, no sentido de abranger o cenário mais comum.

⁶⁴ <https://febrapils.org.br/lista-de-referencia-de-honorarios/>

6.3.5 Aquisição de Equipamento Tecnológico

A aquisição de tecnologia e equipamentos se demonstrou uma forte característica da realização de serviços remotos durante a pandemia. 96% dos participantes relataram ter adquirido algum tipo de equipamento ou tecnologia relacionado ao seu trabalho.

A categoria mais expressiva foi a de “iluminação direcionada ao intérprete”, com 78% dos respondentes investindo em *ring-lights*, refletores, *softboxes* ou similares, seguida de perto pela aquisição de tripés (para sustentação de câmeras, luz etc.), com 75% e fundos em *chroma key*, com 65%.

É interessante notar que, neste ponto, uma eventual pesquisa com intérpretes que trabalham exclusivamente com línguas orais, provavelmente obteríamos respostas que evidenciariam tendências divergentes. Pois mesmo no caso desta pesquisa, em que os intérpretes lidam, também, com uma língua vocal-auditiva, dentre os cinco itens mais citados, quatro estão diretamente ligados à modalidade gestual-visual da Libras que, sendo uma língua de sinais, demanda a aquisição de equipamentos que priorizassem a qualidade de visualização do intérprete.

Figura 48 - Aquisição de tecnologias e equipamentos para atuação remota



Fonte: Elaboração do autor com softwares Powerpoint e Dall-e com base nos dados desta pesquisa.

Além disso, 67% dos profissionais relataram a necessidade de serviços de *internet* mais robustos ou de maior velocidade de acesso, ressaltando a importância da conectividade na prestação de serviços de interpretação remota. Equipamentos fundamentais como *notebooks* ou computadores foram adquiridos por 52% dos intérpretes, enquanto câmeras e *webcams* foram mencionadas por 54% dos participantes.

Menos prevalentes, mas ainda notáveis, foram aquisições como fones de ouvido *bluetooth*, sem fio, (46%) e microfones (33%) que facilitam a comunicação bidirecional e a audição clara dos interlocutores.

Cadeiras foram adquiridas por 41% dos intérpretes, refletindo o reconhecimento da importância do conforto ergonômico durante longas horas de trabalho. No entanto, demais itens relacionados à ergonomia como suporte de mão (3%) e apoio de pés (6%) tiveram baixa incidência, o que pode indicar uma priorização menor em acessórios ergonômicos adicionais. Na opção “Outros”, selecionado por 7% dos participantes, identificamos os seguintes investimentos:

- a) suporte para celular e tranca para porta do escritório;
- b) suporte de mesa para notebook para ajuste de altura da tela/webcam;
- c) sistema de som com caixa amplificada e tela líquida para proteção auditiva e ocular;
- d) compra de *nobreak*, *balancer* e cartões de memória para garantir a continuidade e a qualidade do serviço;
- e) aquisição de cabo HDMI e software editor de vídeo (Filmora) para edição de conteúdo;
- f) investimento em espaço/sala adequado para atuação remota;
- g) pintura de parede em cor não branca para melhorar a iluminação do vídeo;
- h) melhorias na iluminação com pintura do ambiente e lâmpadas novas;
- i) *chroma key* improvisado com canos PVC e tecido verde adquirido em lojas de tecidos;
- j) aquisição de figurino e produtos de maquiagem específicos para atuação em vídeo;
- k) maquiagem de qualidade para vídeo e óculos com lente de proteção contra luz azul.

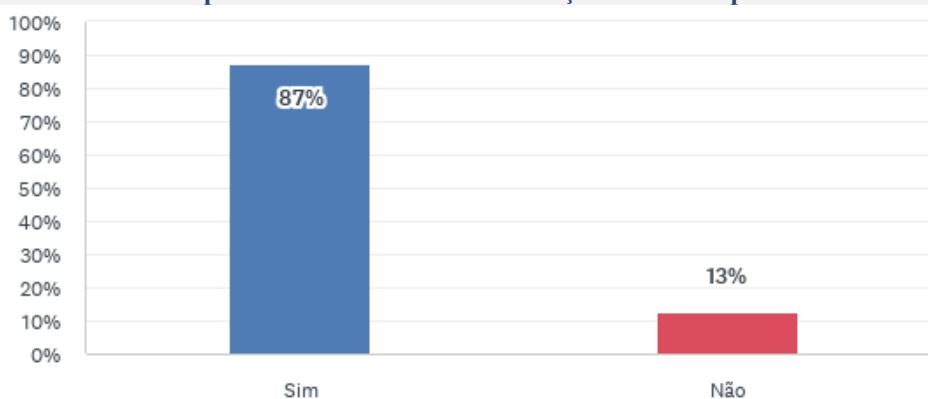
A maior parte dos profissionais investiram em equipamentos tecnológicos, como iluminação direcionada ao intérprete, tripés e ambiente visando otimizar o enquadramento e a transmissão de vídeos. A preocupação com a saúde auditiva e ocular também foi evidenciada, refletindo a conscientização sobre os riscos associados ao uso prolongado de dispositivos eletrônicos. Também foram citados os investimentos em aspectos estéticos como figurino e maquiagem.

6.3.6 Aquisição de software

Sobre a necessidade de comprar/baixar/instalar algum programa (*software*) ou aplicativo relacionado à sua atuação como intérprete, obtivemos os seguintes dados:

Gráfico 13 - Aquisição de software

P12: Você precisou comprar/baixar/instalar algum programa (software) ou aplicativo relacionado a sua atuação como intérprete?



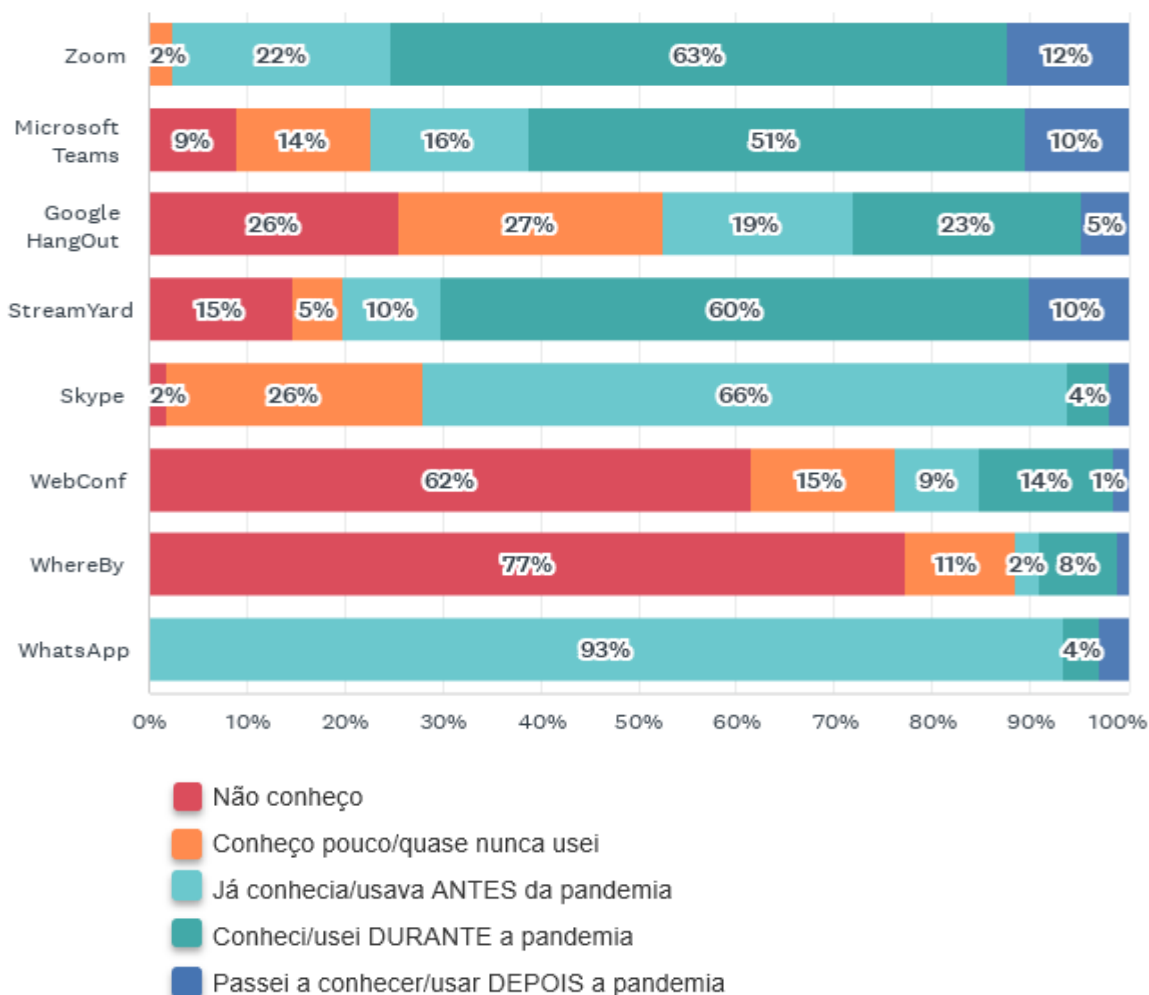
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Observa-se que 87% dos participantes indicaram a necessidade de obter tais recursos tecnológicos, denotando uma adaptação substancial às ferramentas digitais em resposta às exigências do trabalho à distância. Por outro lado, 13% dos respondentes não reportaram a aquisição de novos programas ou aplicativos, o que pode indicar a suficiência de seus recursos pré-existentes ou uma menor dependência de ferramentas digitais em suas práticas profissionais. A prevalência da aquisição de novos *softwares* entre os intérpretes destaca o impulsionamento do processo de digitalização necessário para a prestação de serviços de interpretação em ambientes virtuais.

6.3.7 Conhece ou usa plataformas

Em relação ao nível de conhecimento e uso das plataformas, as respostas evidenciam um processo de familiarização com estas ferramentas.

Gráfico 14 - Conhece ou usa plataformas
P13: Você conhece/usa as seguintes plataformas de videoconferência?



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

A análise dos dados coletados indica que a plataforma *Zoom* foi adotada ou teve seu uso intensificado durante a pandemia por 63% dos intérpretes participantes do estudo. Em segundo lugar, a plataforma de transmissão de vídeo *StreamYard* teve sua utilização amplamente impulsionada durante a pandemia, tendo 60% dos intérpretes iniciado seu uso no período pandêmico. Em terceiro lugar, a plataforma de reuniões *Microsoft Teams* registrou um aumento de uso durante o mesmo período, sendo reportada por 51% dos respondentes. O uso maciço

destas plataformas pode ser atribuído a uma combinação de fatores técnicos e funcionais específicos, principalmente em relação à qualidade de transmissão de áudio/vídeo e a possibilidade de personalização da visualização e *layout* de acordo com as necessidades de cada ocasião.

A plataforma Zoom especificamente investiu em uma série de atualizações em seu *software* durante a pandemia. Além de funcionalidades pré-existentes como de *pin* (fixação) e *spotlight* (destaque) que garantiam a imagem do intérprete de forma contínua, a plataforma ainda implementou, durante a pandemia, recursos específicos para a interpretação de línguas de sinais, que passou a figurar dentro do símbolo de interpretação da ferramenta, abrindo uma nova janela *pop-up* ao ser selecionada, o que garante que o usuário possa posicionar e dimensionar o intérprete para seu maior conforto. Segundo informações da plataforma, podem ser designados até 20 intérpretes de línguas de sinais para exibição dedicada.

Figura 49 - Ferramenta de Interpretação de Línguas de Sinais no Zoom



Fonte: Zoom Blog⁶⁵

Outras plataformas de telecomunicação, como Skype e WhatsApp, foram citados pelos intérpretes como ferramentas já conhecidas e utilizadas mesmo antes da pandemia, com 66% e 93%, respectivamente. No entanto, plataformas como *WebConf*⁶⁶ e *WhereBy* apresentaram uma

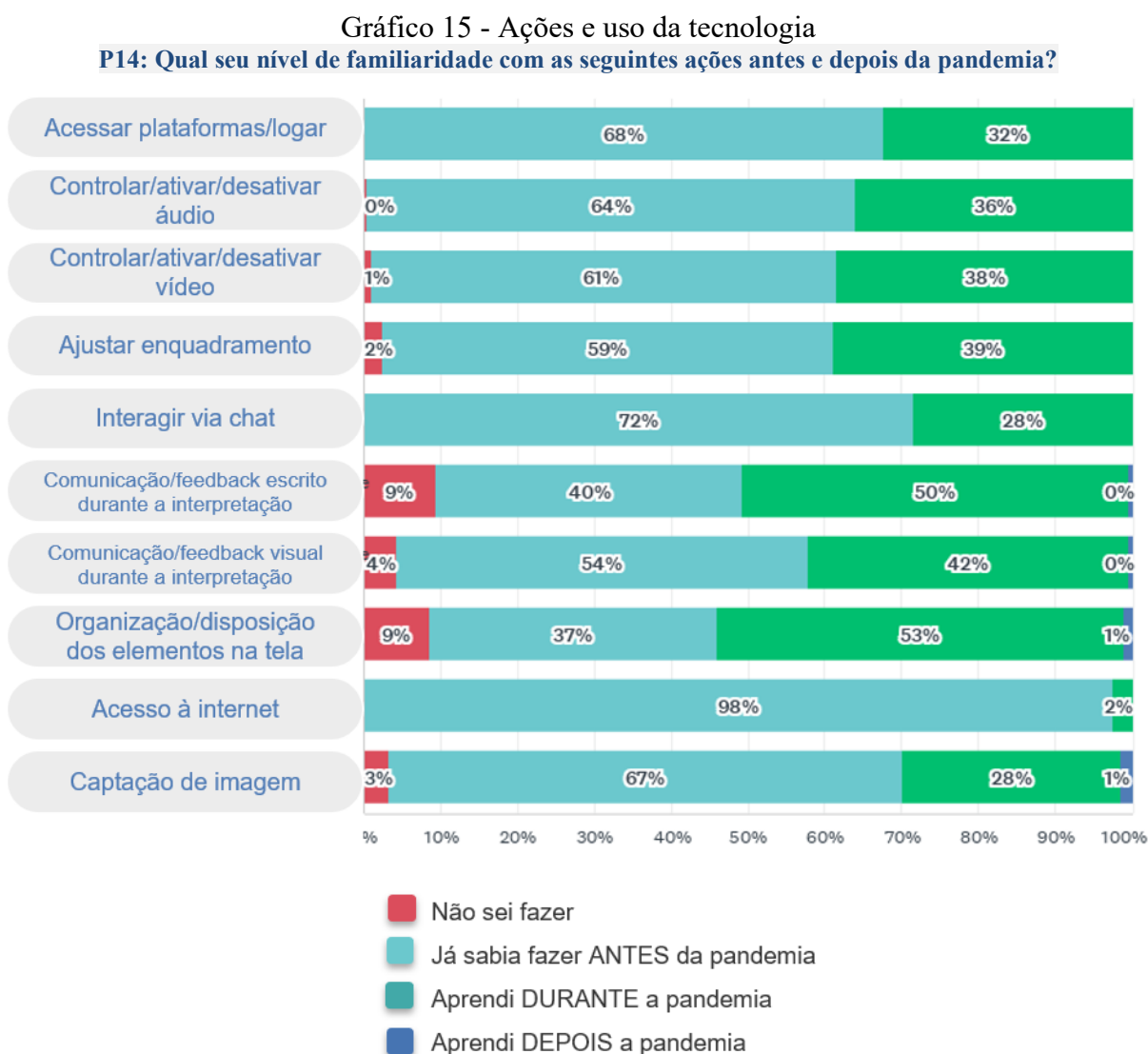
⁶⁵ <https://blog.zoom.us/pt/zoom-sign-language-interpretation-view/> acesso em 10 de outubro de 2023.

⁶⁶ O ConferênciaWeb, ou WebConf, é um serviço de videoconferência em nuvem, projetado especificamente para atender às necessidades do setor educacional e de pesquisa. Ele oferece uma plataforma robusta para aulas,

adesão baixa, com 62% e 77% dos intérpretes, respectivamente, reportando desconhecimento destas ferramentas.

6.3.8 Ações e uso da tecnologia

A questão 14 investigou o nível de familiaridade dos intérpretes com várias ações relacionadas à interpretação remota e tecnologia em geral.



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

reuniões, palestras e outras atividades colaborativas, com funcionalidades como chat, compartilhamento de notas, imagens, arquivos e tela. Este serviço é acessível para usuários do sistema RNP, incluindo professores, pesquisadores e alunos, enquanto outros usuários podem participar com limitações.

Um total de 32% dos participantes relatou aprender a *acessar plataformas e realizar login* nesse período, enquanto 36% desenvolveu habilidades de *controle de áudio* e 38% de *controle de vídeo*. No que tange ao *ajuste de enquadramento*, uma habilidade importante para a interpretação de línguas de sinais, 39% dos profissionais adquiriram essa competência durante a pandemia. A *interação via chat*, apesar de já ser uma habilidade comum, ainda apresentou um aumento, com 28% dos respondentes relatando aprendizado nesse aspecto.

As habilidades relacionadas ao *feedback escrito e visual durante a interpretação* foram adquiridas por 50% e 42%, respectivamente, indicando um engajamento significativo com a multimodalidade das plataformas digitais. A *organização dos elementos na tela*, essencial para a gestão eficaz do ambiente de trabalho virtual, foi aprimorada por 53% dos intérpretes neste intervalo de tempo. O processo de *acesso à internet* parece já ser amplamente conhecido, porém apresentou um aumento sutil de 2%.

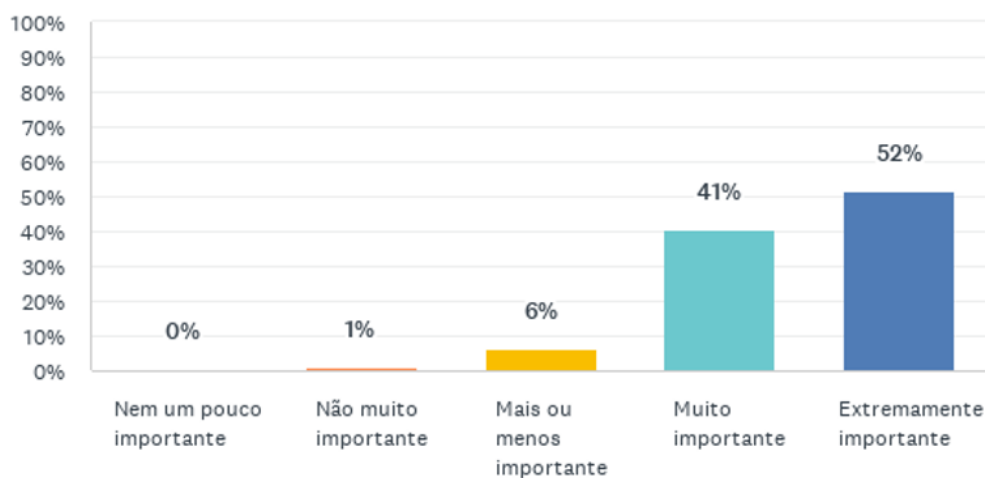
6.3.9 Apresentação visual | Vestes

As questões subsequentes investigam tópicos relacionados à apresentação visual do intérprete, que se reflete em escolhas, comportamentos e configurações especialmente ligadas à modalidade gesto-visual das línguas de sinais.

Primeiro, investigamos a importância atribuída à necessidade de adequação no nível de formalidade visual do intérprete com o dos demais participantes no contexto do espaço ou evento a ser interpretado de forma remota, levando em consideração elementos como vestimenta, acessórios, penteado, a aplicação de maquiagem etc.

Gráfico 16 - Apresentação visual | Vestes

P15: Em relação à apresentação visual, até que ponto é importante que o intérprete reproduza o nível de formalidade das outras pessoas que frequentam o espaço/evento a ser interpretado, mesmo que virtualmente? Isso inclui aspectos como a escolha de roupas, acessórios, cabelo, uso ou não de maquiagem etc.



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

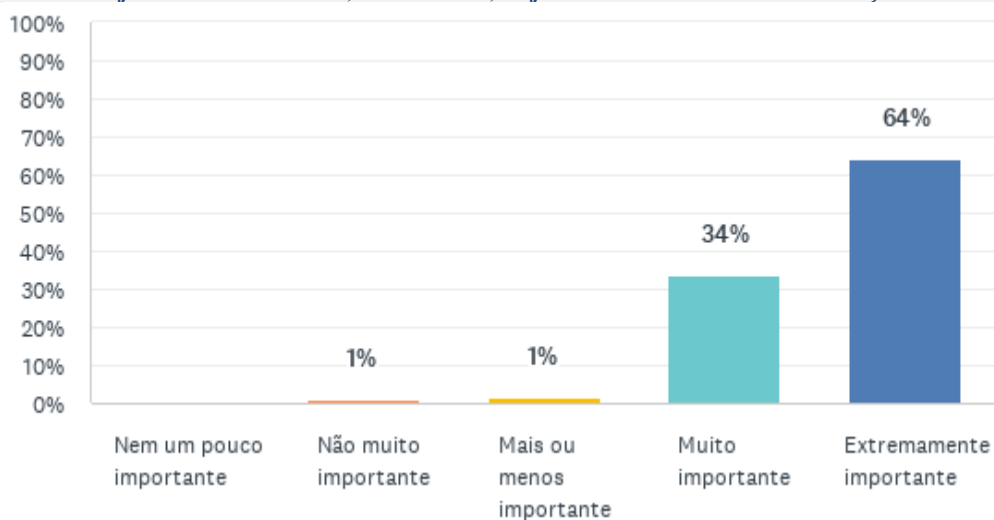
Os dados sugerem que, em cada dez intérpretes, pelo menos nove consideram a apresentação visual do profissional como um quesito de grande impacto. Os aspectos mencionados foram avaliados como *muito importante* por 41% dos respondentes e *extremamente importante* por 52% dos respondentes, totalizando 93% de avaliações positivas. Assim, pode-se concluir que há uma nítida tendência à concordância de que o intérprete reproduza o nível de formalidade do evento a ser interpretado, mesmo que virtualmente.

6.3.10 Neutralidade do fundo de trabalho

De maneira ainda mais acentuada, 98% dos intérpretes consideram *muito importante* ou *extremamente importante* que o seu fundo de trabalho (parede ou *chroma key*) seja de cor neutra/lisa, sem móveis, objetos e/ou materiais de decoração. Nenhum participante considerou este elemento como *nem um pouco importante*.

Gráfico 17 - Neutralidade do fundo de trabalho

P16: Até que ponto é importante que o seu fundo de trabalho (parede ou *chroma key*) seja de cor neutra/lisa, sem móveis, objetos e/ou materiais de decoração?



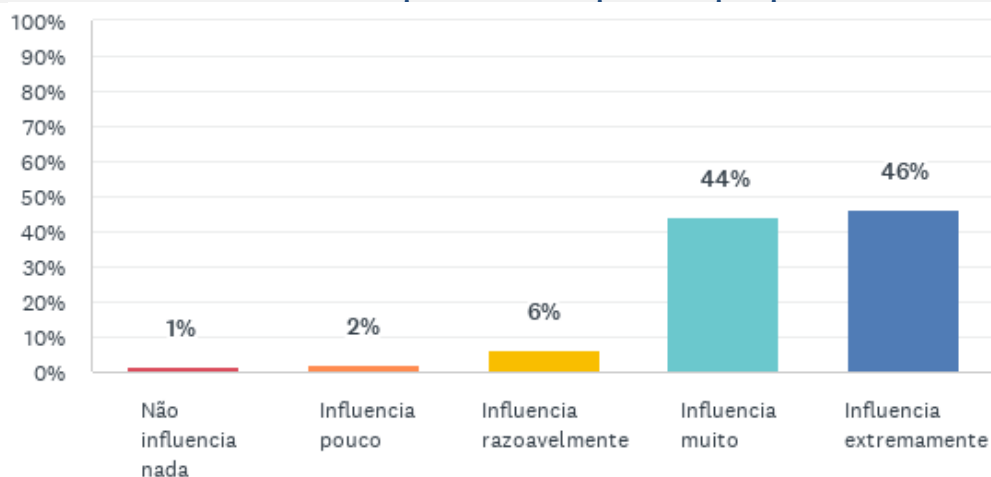
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Neste tópico, a importância da neutralidade do cenário, ou fundo de trabalho do intérprete de línguas de sinais, parece se configurar como ponto comum entre os profissionais. Este é reforçado nas respostas de outras questões, como a aquisição e adaptação do local de trabalho e a percepção de profissionalismo pelo público.

6.3.11 Fundo de trabalho e percepção de profissionalismo

Em seguida, questionamos se a adequação (ou não) do fundo de trabalho do intérprete interferiria na percepção de profissionalismo por parte do público. Neste quesito, 90% dos intérpretes consideram que *influencia muito* ou *influencia extremamente*.

Gráfico 18 - Fundo de trabalho e percepção de profissionalismo
P17: Até que ponto você considera que o fundo de trabalho do intérprete influencia no nível de profissionalismo percebido pelo público?



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

De forma geral, os dados sugerem uma percepção compartilhada pela maioria dos respondentes de que o cenário que serve como pano de fundo durante as interações virtuais não é apenas um elemento secundário; ele se integra à percepção de profissionalismo.

A disposição e a estética desse espaço podem, de fato, reforçar ou comprometer a imagem de profissionalidade do intérprete. Mesmo diante de uma apresentação pessoal adequada, com vestimenta apropriada à interpretação em cada contexto de atuação, um fundo desorganizado pode ser contraproducente, desviando a atenção do público, afetando a comunicação visual e desfavorecendo a percepção de profissionalismo.

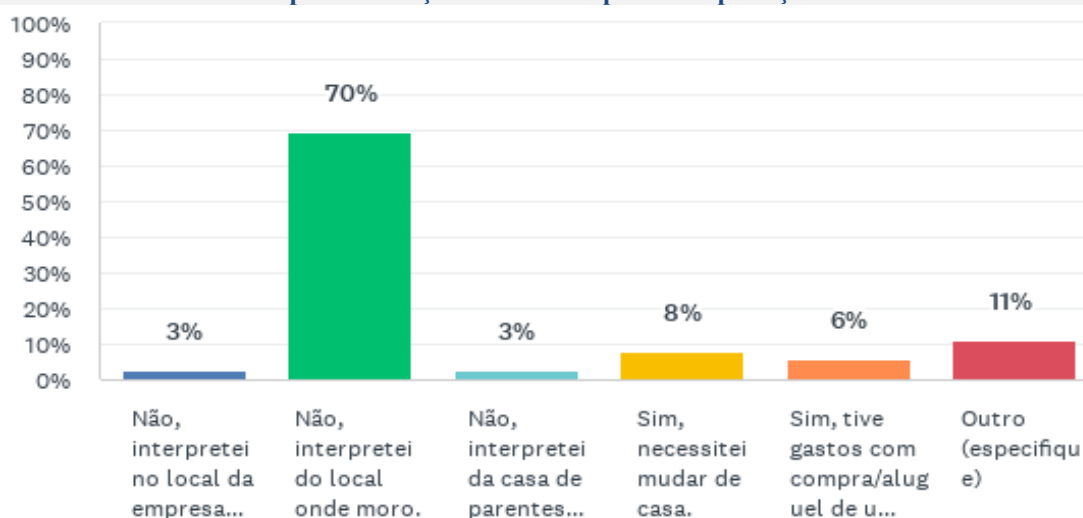
É importante ressaltar que cada indivíduo tem o direito (e até o dever) de ser autêntico, ou seja, de ser fiel a si mesmo em sua essência. No entanto, na esfera profissional, sobretudo em ocasiões que demandam interação em Libras, é fundamental que possamos ser a melhor versão de nós mesmos, condizente com o contexto e com o respeito à acessibilidade comunicativa e em coerência com os preceitos estabelecidos coletivamente no Código de Ética que rege a profissão.

No mundo digital, a apresentação visual inclui não só a própria pessoa, mas também o cenário, de forma que a percepção dos elementos visuais se dá de forma conjunta, como um todo. Isto é, na interpretação remota, o fundo passa a fazer parte da aparência do intérprete, o que pode fazer com que pareça mais ou menos profissional.

6.3.12 Investimento em local para atuação remota

No que se refere ao local de interpretação e a necessidade de investimento para realização do trabalho remoto, obtivemos os seguintes dados:

Gráfico 19 - Investimento em local para atuação remota
P18: Você precisou investir financeiramente uma quantia adicional para utilização de um local para interpretação?



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Os dados indicam que a grande maioria dos intérpretes, 70%, realizou suas interpretações a partir de suas próprias residências, sem necessidade de investimento adicional em outro local específico para o trabalho. Além disso, a opção pelo trabalho realizado a partir da própria residência se deve grandemente às restrições de isolamento social típicas da pandemia.

Uma parcela dos respondentes relatou a necessidade de mudar de casa (8%), enquanto outros relataram gastos com compra/aluguel de um local/ escritório / estúdio (6%). Apenas uma pequena parcela realizou a interpretação no local da empresa onde trabalham (3%) ou da casa de parentes ou amigos (3%). Na opção *outros*, selecionada por 11% dos participantes, identificamos as seguintes tendências:

1. **Investimentos Moderados:** alguns intérpretes mencionaram investimentos específicos como a compra de equipamentos, *chroma key*, ou pequenas adaptações em mobiliário e tecnologia;

2. **Reformas Significativas:** outros relataram investimentos mais substanciais, como reformas completas em quartos para transformá-los em estúdios, adaptações em escritório, gastos com pintura, móveis e mão de obra. Alguns intérpretes mencionaram a compra ou reforma de imóveis com objetivo de criar um ambiente de trabalho remoto mais adequado;
3. **Trabalho Flexível:** várias respostas indicaram uma flexibilidade no local de trabalho, variando entre casa, escolas e empresas. Nesses casos, os intérpretes se adaptaram às circunstâncias, utilizando recursos disponíveis como notebooks e internet fornecidos pela escola ou empresa;
4. **Adaptações Pessoais e Familiares:** algumas respostas refletiram mudanças pessoais e familiares, como a adaptação de quartos de filhos ou a realização de pequenas reformas para acomodar as necessidades do trabalho de interpretação.

É importante ressaltar que, no caso da interpretação para Libras, os cenários virtuais oferecidos em muitas das plataformas de videoconferência não são *deaf-friendly*, ou seja, não são favoráveis à comunicação viabilizada por línguas de sinais: o recorte do fundo físico onde o intérprete se encontra é realizado por meios de *software* que constantemente tem dificuldade em diferenciar a pessoa e ambiente de forma precisa. É comum que o *software* exclua da visualização as mãos da pessoa sinalizante, pontos de referências e articulações corporais, ou ainda, que embace a imagem de movimentos, especialmente os que requerem grande acuidade visual, como movimentos de datilologia (soletração manual), que são essenciais para as línguas de sinais.

Neste contexto, torna-se compreensível a percepção de necessidade de investimento na compra de materiais e reformas no ambiente a fim de dispor de um plano de fundo físico neutro (com cor e contraste adequados), em contraposição da simples adoção de planos de fundo virtuais.

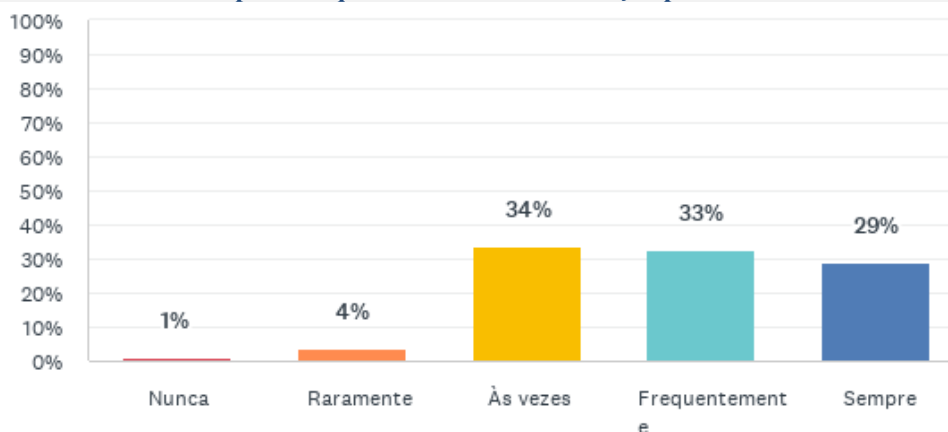
6.3.13 Ambiente x Concentração para IR

Quando questionados se o ambiente residencial lhes permitia ter concentração para realizar trabalhos remotos, observou-se que uma minoria enfrenta desafios mais significativos. Apenas 1% dos profissionais nunca conseguem se concentrar em casa, enquanto 4% raramente

mantêm a concentração. Em geral, o público se dividiu de forma semelhante em três grandes blocos: 34%, indica que consegue se concentrar às vezes, 33% frequentemente, e 29% sempre.

Gráfico 20 - Ambiente x Concentração para IR

P19: O ambiente em casa permite que você tenha concentração para realizar trabalhos remotos?



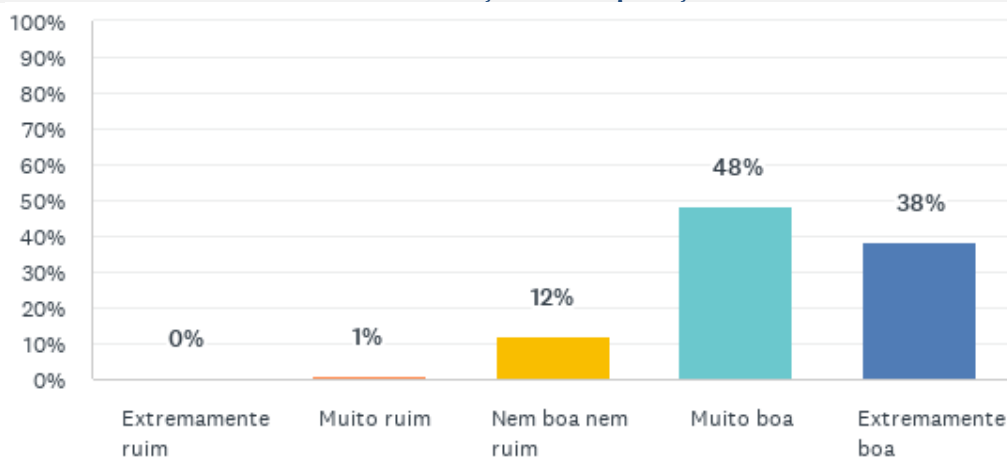
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Em suma, a maioria dos intérpretes avalia positivamente sua capacidade de concentração em seu ambiente domiciliar, totalizando 62% de avaliações positivas.

6.3.14 IR contribui aos interesses profissionais

Em relação ao impacto do estabelecimento da interpretação remota e seus interesses profissionais, os dados mostram que 86% dos intérpretes consideram como um fator positivo: cerca de 48% dos respondentes avaliaram o impacto como “muito bom” e aproximadamente 38% o consideraram “extremamente bom”. Uma fração dos profissionais indica uma percepção neutra em relação aos efeitos da pandemia em seus interesses profissionais, com 12% considerando “nem boa nem ruim” e uma pequena fração dos profissionais percebe o impacto como negativo, com 1% considerando “muito ruim”.

Gráfico 21 - IR contribui aos interesses profissionais
P20: Em relação aos seus interesses profissionais, você considera a contribuição da interpretação REMOTA:



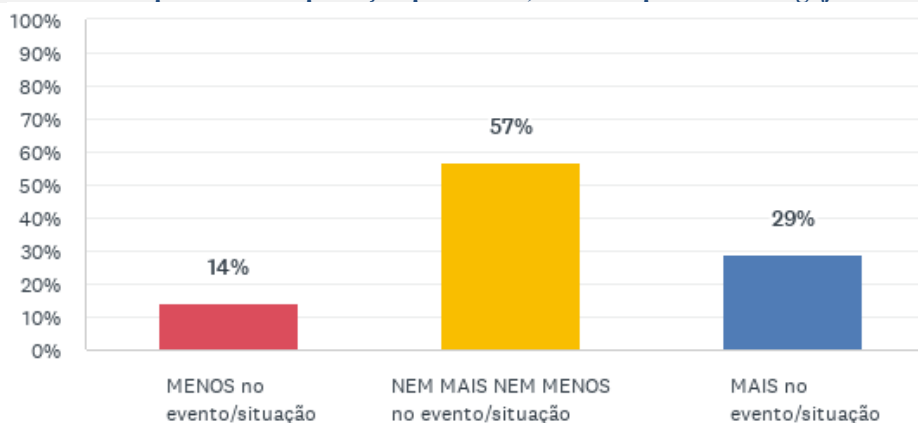
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Essas avaliações positivas indicam um processo de adaptação às circunstâncias impostas pela pandemia, seja por meio do aproveitamento de novas tecnologias, da expansão de habilidades profissionais ou do reconhecimento de novas oportunidades de trabalho remoto.

6.3.15 Nível de engajamento na IR

Quanto à percepção do nível de engajamento em eventos ou situações durante a interpretação remota, em comparação com a interpretação presencial, os resultados mostram que a maioria dos profissionais tendem a uma posição menos polarizada neste tópico, 57% considera o nível de engajamento na interpretação remota como semelhante, “nem mais nem menos”, comparável ao da interpretação presencial. Seguido de 29% que considera que se engajam mais na interpretação remota do que na presencial e 14% dos profissionais relata se engajarem menos na interpretação remota.

Gráfico 22 - Nível de engajamento na IR
P21: Na sua experiência, a interpretação REMOTA, comparada à interpretação presencial, faz com que você se engaje:



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

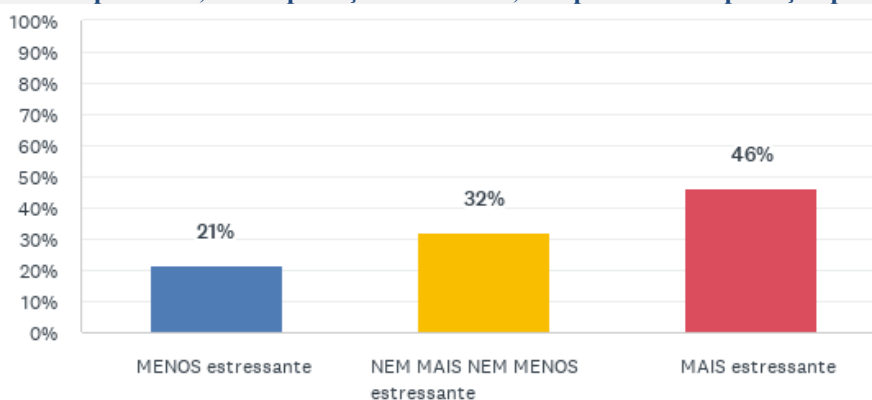
Esses dados indicam que, embora alguns intérpretes enfrentem desafios no engajamento durante a interpretação remota, a maioria considera o nível de engajamento como similar entre as modalidades remota e presencial, aparte disso, uma parcela considerável percebe um aumento no engajamento na interpretação remota.

6.3.16 Estresse na Interpretação Remota

Os participantes também foram convidados a refletir sobre a relação de estresse e a interpretação remota, segundo suas experiências. Os dados revelam que uma proporção significativa, 46%, percebe a interpretação remota como “mais estressante” em comparação com a presencial, seguido de 32%, que considera o nível de estresse como “nem mais nem menos estressante” entre as duas modalidades e finalmente 21%, que avalia a interpretação remota “menos estressante” do que a presencial.

Gráfico 23 - Estresse na Interpretação Remota

P22: Na sua experiência, a interpretação REMOTA, comparada à interpretação presencial, é:



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Esta análise indica que a interpretação remota, embora menos estressante para alguns, representa um aumento no nível de estresse para quase metade dos intérpretes. Essa percepção de maior estresse pode ser atribuída a diversos fatores, como desafios tecnológicos, dificuldades de comunicação em ambientes virtuais ou a natureza intrinsecamente diferente da interpretação remota, como a preocupação com estabilidade de *internet* e eletricidade, iluminação e/ou outras possíveis intercorrências no ambiente domiciliar.

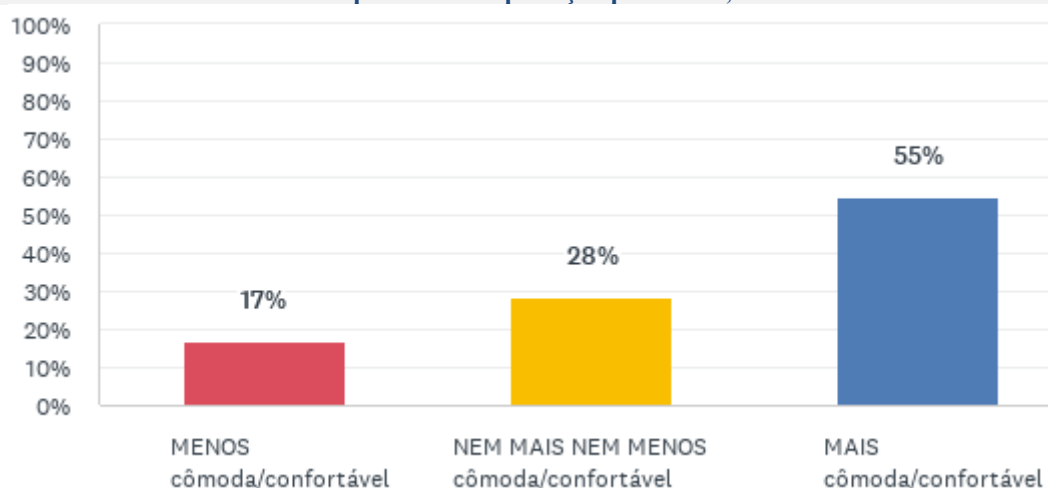
Curiosamente, na pesquisa de Van Nikerk (2023) com intérpretes africanos de línguas vocais-auditivas que atuaram remotamente durante a pandemia, o tópico do estresse na interpretação remota também é abordado: 40% dos participantes relata o sentimento de solidão e 35% relata o sentimento de ansiedade. A solidão relatada pelos entrevistados parece estar associada ao estresse tecnológico da interpretação em si, em que, muitas vezes, os intérpretes precisam enfrentar sozinhos, sem o suporte de técnicos ou colegas. Os sentimentos de “ansiedade”, “pânico” e “frustração” relatados pelos respondentes confirmam as declarações sobre o *technostress* (ou seja, o estresse e a fadiga causada pelo uso excessivo de tecnologia) e outros incômodos causados por microfones não silenciados, má qualidade de som, quedas de energia e a desconexão com técnicos e os participantes do evento a ser interpretado.

Van Nikerk (2023) ainda argumenta a favor de que estudos empíricos específicos sejam feitos para explorar o relato dos entrevistados sobre o desejo de “olhar para uma parede em branco após uma tarefa de interpretação remota”, a fim de determinar a causalidade desse fenômeno, potencialmente devido à necessidade de diminuição de estímulos sensoriais devido a um período de sobrecarga cognitiva, *technostress* ou superexposição ao som.

6.3.17 Comodidade e conforto na Interpretação Remota

Os resultados indicam que a maioria dos intérpretes (55%) percebe a interpretação remota como “mais cômoda/confortável” do que a presencial. Uma parcela de 28% considera a experiência “nem mais nem menos cômoda/confortável”, sugerindo uma equivalência de conforto entre as duas modalidades, enquanto 17% dos profissionais acham a interpretação remota “menos cômoda/confortável” em comparação com a presencial.

Gráfico 24 - Comodidade e conforto na Interpretação Remota
P23: Na sua experiência, a prestação de serviços de interpretação REMOTA, comparada à interpretação presencial, é:



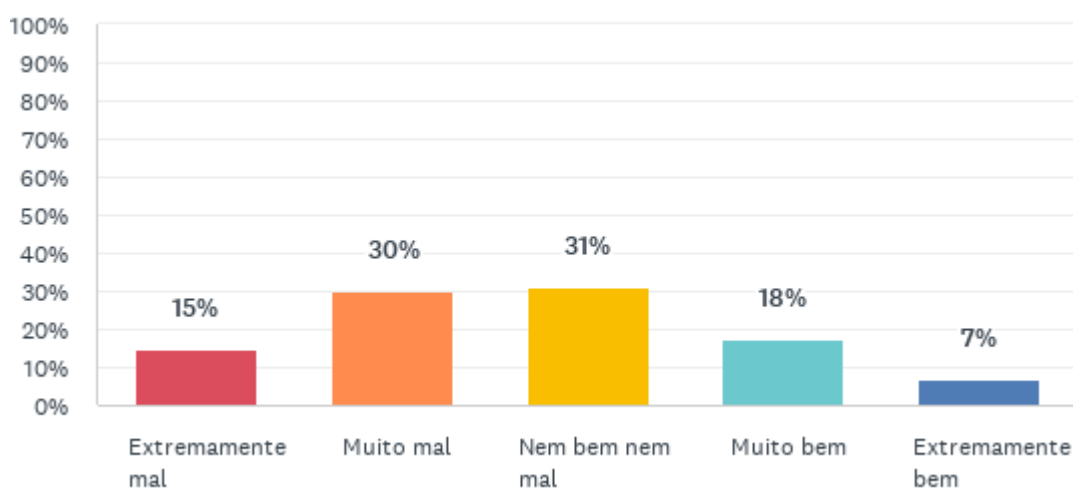
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Estes dados denotam que, para a maioria dos intérpretes, a interpretação remota oferece um nível maior de conforto e comodidade. Apesar de não termos questionado especificamente os principais fatores que influenciam esta percepção, presumimos que questões como a familiaridade do ambiente doméstico, a flexibilidade de horários, a eliminação da necessidade de deslocamento e maiores oportunidades de atuação em diferentes contextos contribuam fortemente para esta avaliação positiva.

6.3.18 Formação para atuação de forma remota

A questão final desta seção pediu aos intérpretes para avaliarem em que nível a formação que obtiveram antes da pandemia teria sido suficiente para capacitá-los a trabalhar remotamente.

Gráfico 25 - Formação para atuação de forma remota
P24: Você considera que a sua formação como intérprete, ANTES da pandemia, o preparou para atuação de forma remota:



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

As respostas apontam para uma preocupação significativa entre os intérpretes sobre a adequação de sua formação para os desafios da interpretação remota. A percepção de insuficiência de formação para atuar no contexto remoto expressa por quase metade dos respondentes (45%) destaca a necessidade de revisar e potencialmente ampliar os currículos de formação para intérpretes, incluindo aspectos como tecnologia e técnicas de comunicação à distância: 15% dos intérpretes sentem que sua formação os preparou “extremamente mal” para o trabalho remoto, enquanto 30% avaliam que foram preparados “muito mal”.

Uma parcela próxima, 31%, considera que sua formação os preparou “nem bem nem mal”, indicando que passaram por processos de formação, mas que os tópicos e práticas abordadas não foram suficientes para suprir os desafios da atuação mediada por tecnologia.

As avaliações positivas somaram somente 25%, sendo 18% de relatos de que sua formação os preparou “muito bem” e 7% “extremamente bem”.

6.3.19 Síntese da Atuação Profissional durante a Pandemia

Ao analisar a atuação dos intérpretes de Libras-português durante a pandemia, notamos tendências marcantes em seu perfil profissional de modo que, se fôssemos sintetizar o conjunto dessas características e tendências em uma única personagem, representativa dos participantes desta pesquisa, teríamos:

- mulher, de 35 anos, ouvinte e residente de uma capital brasileira;
- possui nível superior com pós-graduação concluída;
- possui mais de 10 anos de experiência na área de interpretação de Libras;
- atua principalmente em contextos educacionais, midiáticos e de conferência;
- ampliou possibilidades de prestação de serviços remotos, mas não cobra mais por isso;
- adquiriu equipamentos de iluminação, tripés, câmeras, computadores e fones;
- investiu em um cenário mais neutro, apropriado para interpretação remota de libras;
- aprimorou conhecimentos de tecnologia que já possuía e desenvolveu novos;
- considera que apresentação visual como um todo, incluindo seu vestuário e fundo de trabalho, são essenciais para atuação remota e percepção de profissionalismo pelos usuários de seu trabalho;
- além da jornada de trabalho, também é responsável pelo cuidado de familiares, pessoas que necessitam de algum grau de atenção/suporte na realização de atividades diárias, como crianças e idosos;
- acredita que a interpretação remota lhe cause um pouco mais de estresse, no entanto, é mais cômoda na perspectiva de logística de prestação do serviço em si, por dispensar grandes deslocamentos e oferecer mais flexibilidade de horários e melhor familiaridade com o ambiente domiciliar.

Finalizada a apresentação dos dados que descrevem a atuação profissional dos intérpretes de Libras-português na pandemia, na próxima seção, trataremos das questões que abordaram a variação na percepção das habilidades que compõem a competência do intérprete em períodos pré e pós-pandêmicos.

6.4 PERCEPÇÃO DAS HABILIDADES PROFISSIONAIS PRÉ E PÓS-PANDEMIA

Seguindo os procedimentos elencados no tópico que descreve o método de análise e discussão dos dados,⁶⁷ realizamos testes estatísticos de Wilcoxon para determinação de significância estatística,⁶⁸ seguindo do teste *d* de Cohen para determinação do tamanho do efeito analisado.⁶⁹ No Teste de Wilcoxon, obtivemos os seguintes dados:

Tabela 1 - Teste de Wilcoxon

Número da Questão	Tópico	Soma dos Ranks Positivos	Soma dos Ranks Negativos	P-valor	Significância Estatística
Questão 25	Nível de Português	14280	0	<0.05	Sim
Questão 26	Nível de Libras	15339	930	<0.05	Sim
Questão 27	Processo de preparação	12916	1364	<0.05	Sim
Questão 28	Tecnologia na preparação	12827,5	549,5	<0.05	Sim
Questão 29.1	Estudo de glossários [Anterior]	12661	979	<0.05	Sim
Questão 29.2	Criação/revisão de anotações/ instruções [Anterior]	13733	1282	<0.05	Sim
Questão 29.3	Reunião/conversa com colega, quando em equipe [Anterior]	12236,5	2168,5	<0.05	Sim
Questão 29.4	Reunião/conversa com organizadores/ palestrante do evento [Anterior]	12692	1588	<0.05	Sim
Questão 30	Aproveitamento otimizado do tempo [Anterior]	12853	1676	<0.05	Sim
Questão 31	Conhecimento de tecnologia [Anterior]	19404,5	122,5	<0.05	Sim
Questão 32	Compreensão, transferência e produção	12572	672	<0.05	Sim
Questão 33	Gestão de múltiplos estímulos	13867	785	<0.05	Sim
Questão 34	Medidas de controle de fadiga	14460,5	1589,5	<0.05	Sim
Questão 35	Atuação de apoio	9598	1826	<0.05	Sim
Questão 36.1	Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação [Posterior]	14563	1376	<0.05	Sim
Questão 36.2	Criação/revisão de glossários [Posterior]	13927	1673	<0.05	Sim
Questão 36.3	Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe, para dar/receber feedback [Posterior]	13228,5	1176,5	<0.05	Sim
Questão 36.4	Reunião/conversa com outros participantes/organizadores/palestrante (feedback) [Posterior]	13348,5	1303,5	<0.05	Sim
Questão 36.5	Autoavaliação da interpretação em busca de melhorias [Posterior]	10538,5	885,5	<0.05	Sim
Questão 37	Relação com colegas	8340	1095	<0.05	Sim
Questão 38	Relação com clientes	8404,5	547,5	<0.05	Sim
Questão 39	Trabalho em equipe e colaboração	7848	941	<0.05	Sim
Questão 40	Mediação entre culturas	7401	558	<0.05	Sim
Questão 41	Resistência à pressão e tolerância à frustração	9524	3586	<0.05	Sim
Questão 42	Gestão de estresse e ansiedade na Interpretação Remota [Envolvendo o processo]	10590,5	6811,5	0,076	Não
Questão 43	Responsabilidade, empatia e bom Senso	7057,5	562,5	<0.05	Sim
Questão 44	Condicionamento e bem-estar	14630	2272	<0.05	Sim
Questão 45	Conhecimento de negócio	15423	291	<0.05	Sim

⁶⁷ 5.8 MÉTODO DE ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

⁶⁸ 5.8.2 Significância estatística: Teste de Wilcoxon para Amostras Pareadas

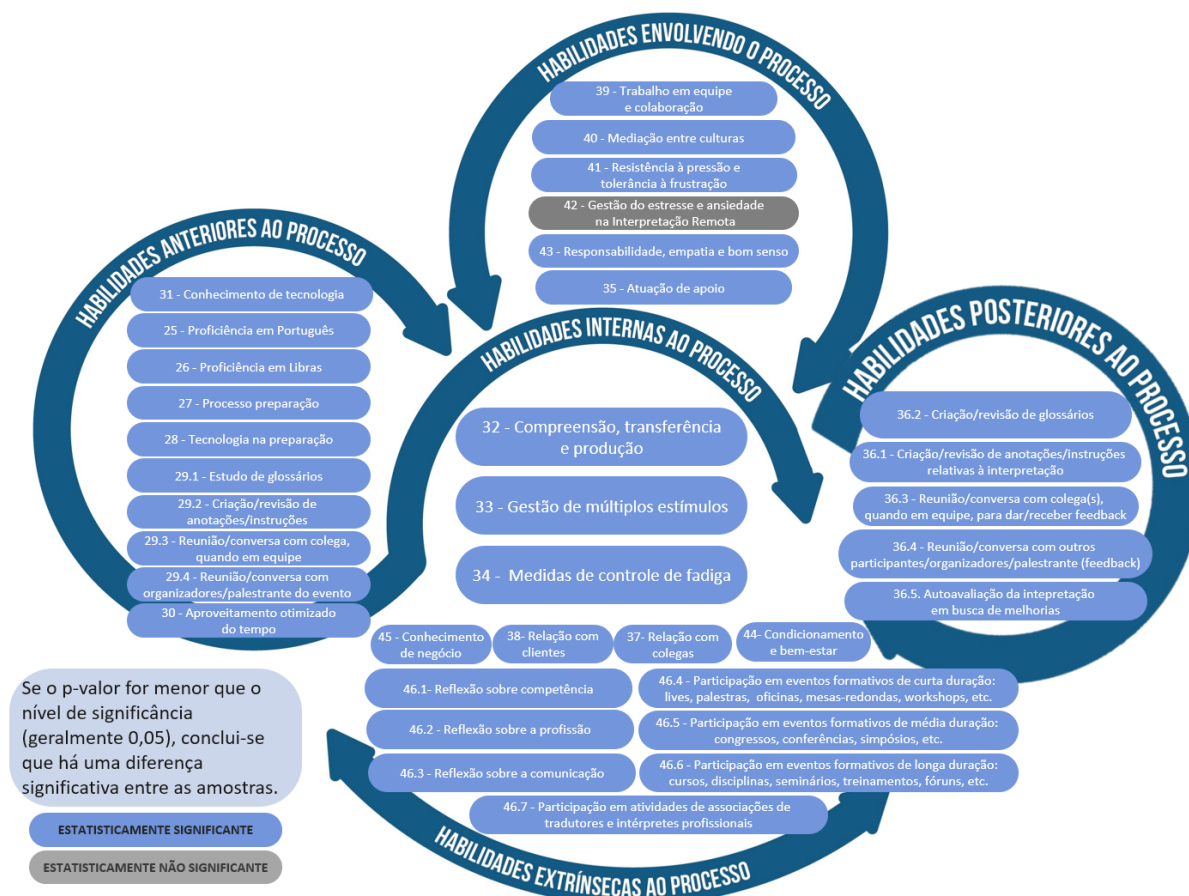
⁶⁹ 5.8.3 Tamanho do efeito: Teste *d* Cohen (Cohen's *d*)

Questão 46.1	Reflexão sobre competência	11482,5	1219,5	<0.05	Sim
Questão 46.2	Reflexão sobre a profissão	12282	693	<0.05	Sim
Questão 46.3	Reflexão sobre a comunicação	12240	324	<0.05	Sim
Questão 46.4	Participação em eventos formativos de curta duração	14413,5	3276,5	<0.05	Sim
Questão 46.5	Participação em eventos formativos de média duração	11906	3921	<0.05	Sim
Questão 46.6	Participação em eventos formativos de longa duração	12017	3697	<0.05	Sim
Questão 46.7	Participação em atividades de associações de tradutores e intérpretes profissionais	11562,5	2717,5	<0.05	Sim

Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Aplicando os resultados do teste de significância estatística ao modelo adaptado com as habilidades representadas em células individuais, obtivemos o seguinte resultado. Nota-se que todas as habilidades apresentam variação que atingiu significância estatística (p -valor < 0,05), à exceção da habilidade que se refere ao controle de “estresse e ansiedade na Interpretação remota”, cujo p -valor foi de 0,076.

Figura 50 - Habilidades do processo em células individuais



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Em seguida, calculamos o tamanho do efeito pelo teste d de Cohen. Obtivemos os seguintes dados:

Tabela 2 - Teste de d de Cohen

Questão	Tópico	Média Antes	Média Depois	Desvio Padrão Combinado	Cohen's d	Tamanho do Efeito
Questão 25	Nível de Português	4,23	4,69	0,60	0,76	Médio
Questão 26	Nível de Libras	4,22	4,71	0,59	0,81	Grande
Questão 27	Processo de preparação	3,69	4,08	0,72	0,55	Médio
Questão 28	Tecnologia na preparação	4,19	4,66	0,73	0,64	Médio
Questão 29.1	Estudo de glossários [Anterior]	3,80	4,27	0,93	0,50	Médio
Questão 29.2	Criação/revisão de anotações/ instruções [Anterior]	3,44	3,95	1,04	0,50	Pequeno
Questão 29.3	Reunião/conversa com colega, quando em equipe [Anterior]	3,68	4,09	0,94	0,44	Pequeno
Questão 29.4	Reunião/conversa com organizadores/ palestrante do evento [Anterior]	3,42	3,91	1,07	0,46	Pequeno
Questão 30	Aproveitamento otimizado do tempo [Anterior]	3,33	3,76	0,91	0,47	Pequeno
Questão 31	Conhecimento de tecnologia [Anterior]	3,18	4,03	0,82	1,04	Grande
Questão 32	Compreensão, transferência e produção	3,69	4,05	0,71	0,51	Médio
Questão 33	Gestão de múltiplos estímulos	3,55	4,01	0,72	0,64	Médio
Questão 34	Medidas de controle de fadiga	2,69	3,28	1,15	0,52	Médio
Questão 35	Atuação de apoio	4,09	4,36	0,86	0,32	Pequeno
Questão 36.1	Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação [Posterior]	2,55	3,16	1,15	0,54	Médio
Questão 36.2	Criação/revisão de glossários [Posterior]	2,70	3,26	1,10	0,51	Médio
Questão 36.3	Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe, para dar/receber feedback [Posterior]	3,15	3,69	1,09	0,49	Pequeno
Questão 36.4	Reunião/conversa com outros participantes/organizadores/palestrante (feedback) [Posterior]	2,90	3,40	1,12	0,45	Pequeno
Questão 36.5	Autoavaliação da interpretação em busca de melhorias [Posterior]	3,89	4,31	0,97	0,43	Pequeno
Questão 37	Relação com colegas	4,03	4,25	0,65	0,33	Pequeno
Questão 38	Relação com clientes	4,01	4,25	0,66	0,36	Pequeno
Questão 39	Trabalho em equipe e colaboração	4,11	4,32	0,62	0,33	Pequeno
Questão 40	Mediação entre culturas	3,93	4,14	0,70	0,29	Pequeno
Questão 41	Resistência à pressão e tolerância à frustração	3,55	3,74	0,70	0,28	Pequeno
Questão 43	Responsabilidade, empatia e bom Senso	4,71	4,91	0,47	0,42	Pequeno
Questão 44	Condicionamento e bem-estar	3,63	4,17	1,00	0,54	Médio
Questão 45	Conhecimento de negócio	3,47	4,14	1,04	0,65	Médio
Questão 46.1	Reflexão sobre competência	4,00	4,38	0,88	0,43	Pequeno
Questão 46.2	Reflexão sobre a profissão	3,86	4,36	0,87	0,58	Médio
Questão 46.3	Reflexão sobre a comunicação	3,76	4,24	0,89	0,53	Médio
Questão 46.4	Participação em eventos formativos de curta duração	3,27	3,81	0,98	0,55	Médio
Questão 46.5	Participação em eventos formativos de média duração	3,13	3,48	1,02	0,34	Pequeno
Questão 46.6	Participação em eventos formativos de longa duração	3,16	3,49	1,09	0,31	Pequeno
Questão 46.7	Participação em atividades de associações de tradutores e intérpretes profissionais	2,62	3,02	1,26	0,32	Pequeno
Questão 42	Gestão de estresse e ansiedade na Interpretação Remota [Envolvendo o processo]	3,73	3,88	1,06	0,13	Pequeno

Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Inicialmente, podemos observar, dentre os 35 tópicos analisados, 2 habilidades que apresentam um tamanho de efeito “grande”, 14 habilidades com um efeito “médio” e 19 habilidades com um efeito “pequeno”.

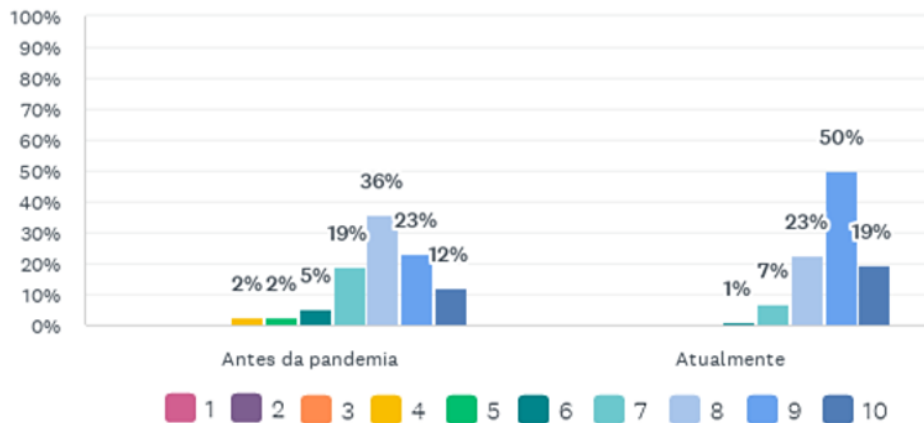
A seguir, analisaremos cada uma das habilidades investigadas de forma mais aprofundada, utilizando recursos gráficos de visualização de dados, como barras empilhadas divergentes, para ilustrar as variações nas avaliações dos intérpretes antes e depois da pandemia. Os dados referentes à percepção das habilidades profissionais pré e pós-pandemia compreendem 35 tópicos, no intervalo da questão 25 até a questão 46 do questionário.

6.4.1 Nível de Português

Na questão 25, que investiga a autoavaliação da proficiência em português, os dados indicam uma variação em direção positiva na autoavaliação de proficiência em português ao comparar os períodos antes (primeiro gráfico) e depois da pandemia (segundo gráfico):

Gráfico 26 - Nível de Português (Gráfico de barras)

P25: Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, como você avaliaria o seu nível de proficiência em LÍNGUA PORTUGUESA?

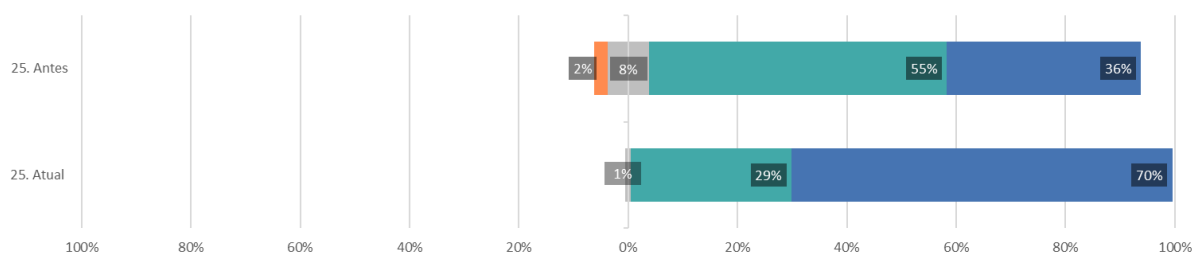


Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Observa-se uma tendência positiva na percepção dos respondentes ao comparar os períodos antes e depois da pandemia. Antes da pandemia, a média das autoavaliações era de 8.02, com um desvio padrão de 1.31, indicando uma boa proficiência em português, mas com uma variação considerável nas respostas. No entanto, no período atual, a média aumentou para 8.81, acompanhada por uma redução no desvio padrão para 0.86. Notadamente, a barra que indica a nota 9 demonstra um aumento de 23% para 50% das respostas. A barra de nota 5 diminuiu de 5% para 1% e as notas inferiores a 5 deixaram de pontuar no segundo à direita.

(atualmente). Em uma outra visualização de dados, no gráfico de divergência, observamos o deslocamento da segunda barra para a direita, indicando uma melhoria na avaliação.

Gráfico 27 - Nível de Português (Gráfico de divergência)



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Também podemos observar um aumento significativo da categoria extrema positiva (em azul), o que indica que o número de intérpretes que se avaliaram com notas 9 e 10 nesse aspecto aumentou consideravelmente, de 36% para 70%. A categoria positiva intermediária, notas 7 e 8, decrescem de 55% para 29%, indicando um esvaziamento das notas inferiores devido ao aumento das avaliações mais positivas.

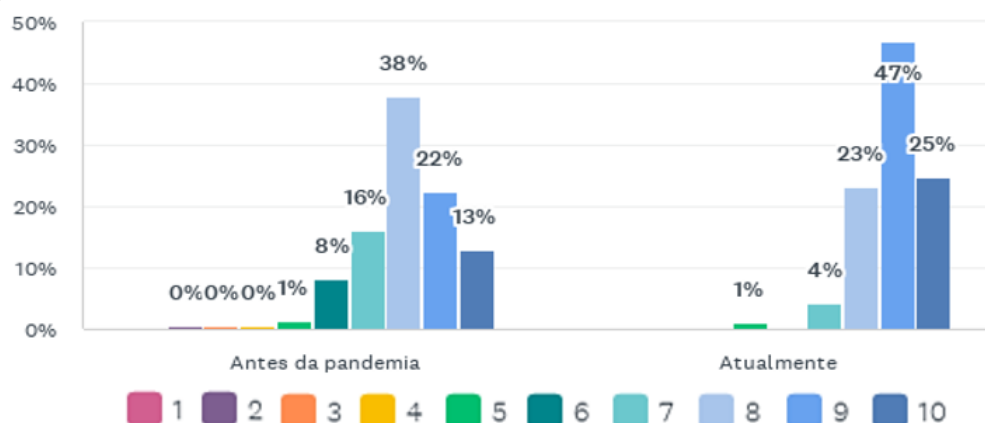
Este aumento na média, juntamente com uma diminuição no desvio padrão, sugere não apenas uma melhoria geral na autoavaliação da proficiência em português, mas também uma maior consistência na autoconfiança nas próprias habilidades linguísticas..

6.4.2 Nível de Libras

Na questão 26, os dados indicam uma evolução positiva na autoavaliação de proficiência em Libras ao comparar os períodos antes e depois da pandemia.

Gráfico 28 - Nível de Libras (Gráfico de barras)

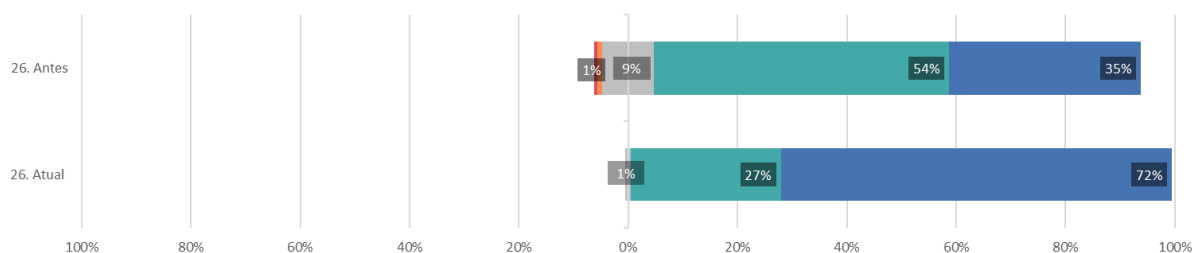
P26: Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, como você avaliaria o seu nível de proficiência em LIBRAS?



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Antes da pandemia, a média das autoavaliações era 8.04, com um desvio padrão de 1.31, refletindo uma boa proficiência em Libras, porém com variação considerável nas respostas. Já no período atual, observa-se um aumento na média para 8.89 e uma redução no desvio padrão para 0.89. Na visualização em gráficos de divergência, também observamos o deslocamento da segunda barra para a direita, indicando uma melhoria na avaliação deste aspecto.

Gráfico 29 - Nível de Libras (Gráfico de divergência)



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Similarmente ao fenômeno observado em português, observa-se um aumento significativo da categoria extrema positiva (em azul), o que indica que o número de intérpretes que se avaliaram com notas 9 e 10 nesse aspecto mais do que dobrou, saindo de 35% para 72%. As avaliações com notas 7 e 8 passaram de 54% para 24%. Também observamos um esvaziamento das notas abaixo de 6.

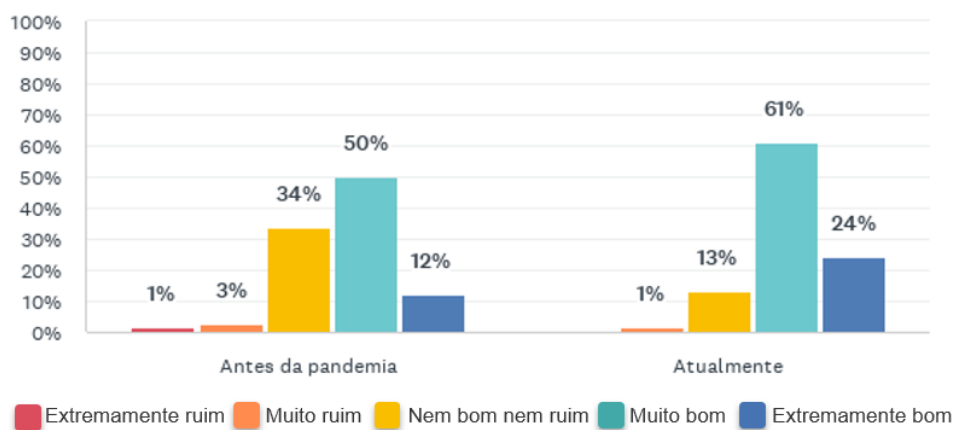
Este aumento na média das respostas e a diminuição no desvio padrão sugerem uma melhoria na percepção dos respondentes sobre sua proficiência em Libras. Esse resultado pode ser interpretado como um indicativo de maior engajamento, mesmo que virtualmente, ou de

oportunidades de aprendizado e prática da Libras em suas variações linguísticas durante a pandemia, já que a interpretação remota facilita que se esteja em contato com diferentes regiões (e suas respectivas variações diatópicas) ao dirimir, por meio da tecnologia, barreiras de tempo e espaço.

6.4.3 Processo de preparação

A análise da questão 27, sobre o nível de eficiência do estudo da temática do evento no processo de preparação, também revela uma variação de direção positiva.

Gráfico 30 - Processo de preparação para interpretação (Gráfico de barra)
P27: Você considera que seu processo de PREPARAÇÃO em relação ao estudo da temática específica do evento é:

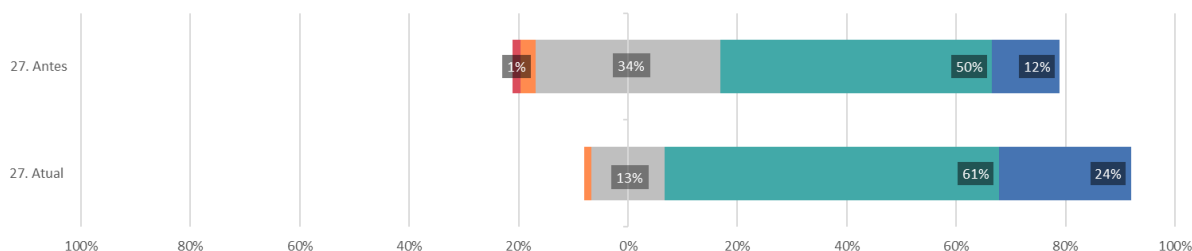


Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Antes da pandemia, a maior proporção dos participantes classificou sua preparação como “muito boa” (50%), seguida por uma expressiva porcentagem que indicou “extremamente bom” (12%). Por outro lado, as categorias “extremamente ruim” e “muito ruim” apresentaram valores baixos, evidenciando uma inclinação positiva na avaliação.

No período atual, a tendência de respostas positivas se intensifica com um aumento significativo na categoria “extremamente bom”, que salta para aproximadamente 24%, dobrando a porcentagem anterior. Enquanto isso, a classificação “muito bom” também cresce para 61%, e as categorias negativas “extremamente ruim” e “muito ruim” se mantêm baixas ou nulas. Na visualização em gráficos de divergência, a diminuição da categoria central “nem bom nem ruim” (em cinza), é evidente.

Gráfico 31 - Processo de preparação para interpretação (Gráfico de divergência)



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

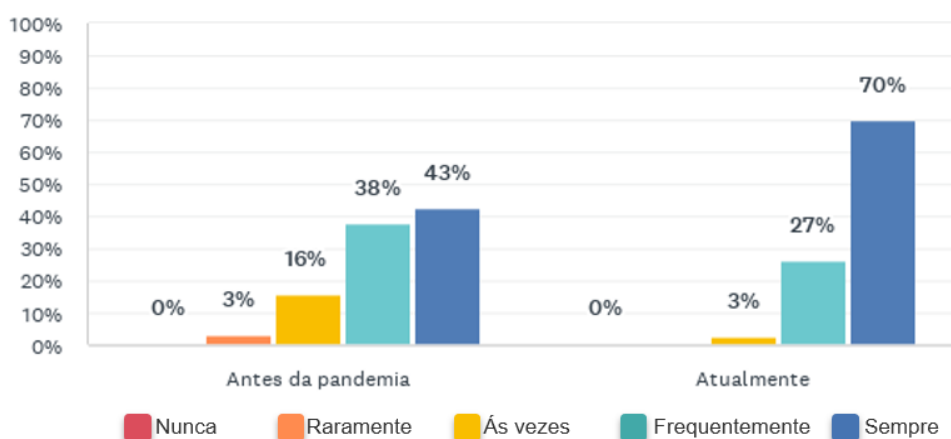
Essa transição pode ser interpretada como um indicativo de que os respondentes adaptaram ou melhoraram suas técnicas de estudo em resposta às circunstâncias impostas pela pandemia, o que resultou em uma autoavaliação mais favorável de sua preparação. A necessidade de ajustar-se a um novo contexto, possivelmente com maior uso de recursos digitais e autonomia no aprendizado, pode ter contribuído para esse cenário mais otimista.

6.4.4 Tecnologia na preparação

A análise da Questão 28 revela uma transformação notável nos hábitos de uso de tecnologia por parte dos respondentes em sua preparação enquanto intérpretes.

Gráfico 32- Uso da tecnologia na preparação enquanto intérpretes (Gráfico de barra)

P28: Ainda durante a PREPARAÇÃO, com que frequência você usa tecnologia (computador, tablet, celular etc.) para realizar buscas rápidas e eficientes sobre um assunto e/ou identificar soluções satisfatórias à sua atuação como intérprete?

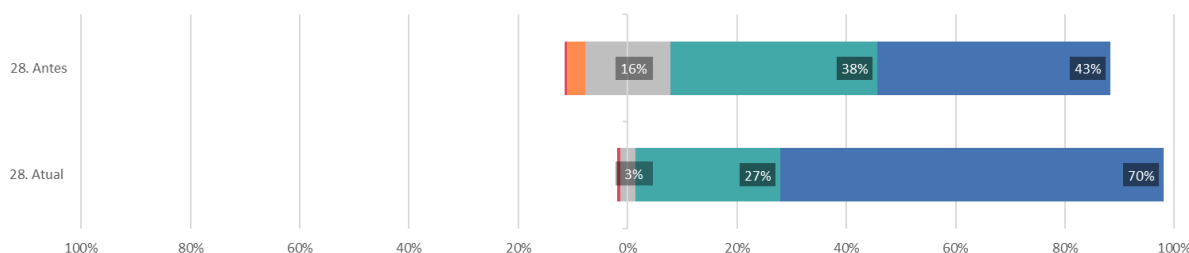


Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

No período anterior à pandemia, 81% dos intérpretes relataram fazer uso de tecnologias como computadores, tablets e celulares para realizar buscas rápidas e eficientes sobre um assunto ou identificar soluções “frequentemente” (43%) ou “sempre” (38%). A categoria “às vezes” foi assinalada por 16% dos respondentes. Apenas uma minoria relatou usá-las “nunca” (0%) ou “raramente” (3%).

Na situação atual, depois da pandemia, onde observa-se um aumento significativo das categorias positivas, de 81% para 97% dos intérpretes, impulsionado principalmente pelo expressivo aumento na categoria “sempre” de 43% para 70%, apontando para uma adesão quase integral da tecnologia na preparação. Nota-se também uma diminuição nos que a utilizam “às vezes” (de 16% para 3%) e continua não havendo relatos de uso “nunca” ou “raramente”.

Gráfico 33 - Uso da tecnologia na preparação (Gráfico de divergência)



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

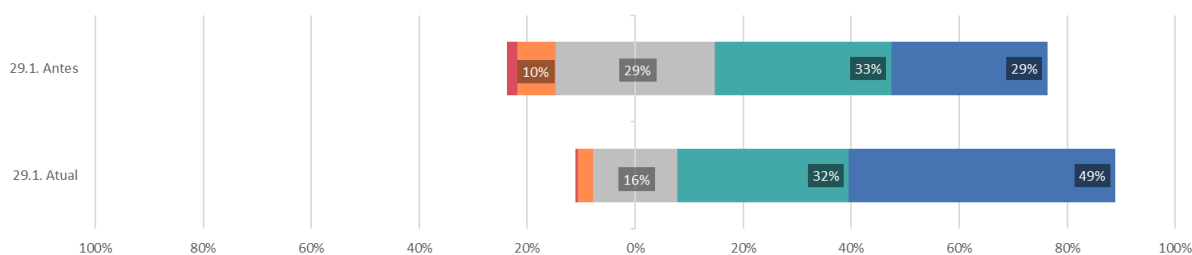
Essa mudança dramática pode ser atribuída à necessidade de acessar informações rapidamente e a distância pode ter impulsionado os intérpretes a integrarem mais profundamente as ferramentas tecnológicas em suas rotinas de trabalho. Isso também reflete uma adaptação ao ambiente digital, o qual se tornou essencial para o desempenho eficiente na profissão.

6.4.5 Estudo de glossários [Anterior]

Na questão 29, perguntamos aos respondentes com qual frequência realizam um conjunto de atividades relativas ao processo de preparação para a interpretação. Assim, esta questão é composta por 4 tópicos.

No tópico 29.1, sobre estudo de glossários, ao comparar os períodos antes da pandemia e atualmente, notamos uma mudança significativa nos hábitos dos intérpretes.

Gráfico 34 - Estudo de glossários [Anterior]



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

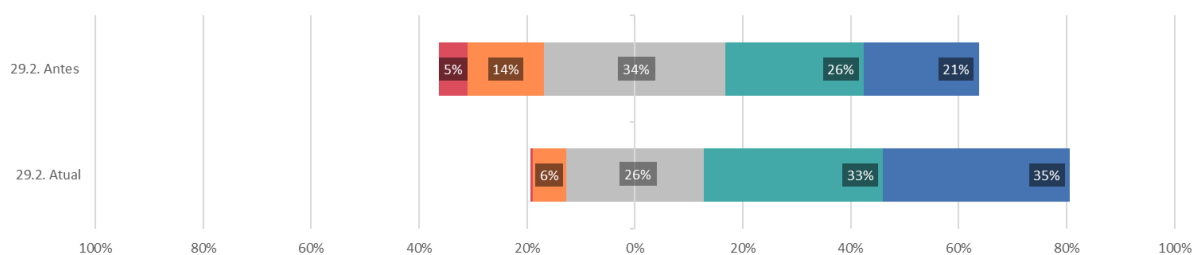
Antes da pandemia, a prática de estudar glossários mostrava-se distribuída de forma mais homogênea entre as frequências, com a maioria dos respondentes estudando glossários “frequentemente” (33%) e um número comparável fazendo isso “sempre” (29%), ou “às vezes” (também com 29%). Apenas uma pequena fração relatou “raramente” (7%) ou “nunca” (2%) estudar glossários.

Atualmente, há um aumento substancial na proporção de respondentes que estudam glossários “sempre”, resposta de quase metade dos participantes (49%). A categoria “frequentemente” também mantém um número expressivo de respostas (32%), enquanto a frequência “às vezes” diminuiu para 16%. Aqueles que relatam “raramente” estudar glossários caem para 3% e não há mais nenhum respondente que relata nunca realizar essa atividade.

6.4.6 Criação/revisão de anotações/instruções [Anterior]

No tópico 29.2, sobre a atividade de criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação, percebe-se uma evolução no comportamento dos intérpretes entre o período antes da pandemia e o atual. Inicialmente, a prática era realizada por 56% dos intérpretes e atualmente 68% dos intérpretes a relatam, sendo que “sempre” passou de 21% para 35% e “frequentemente” de 26% para 33%.

Gráfico 35 - Criação/revisão de anotações/instruções [Anterior]



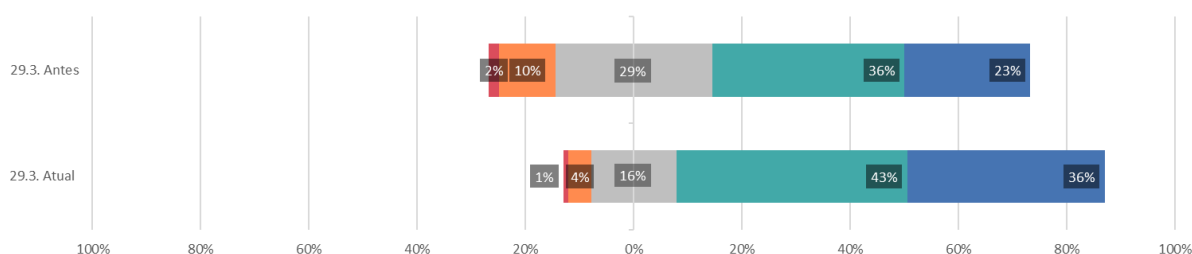
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Observa-se também uma redução significativa na categoria “às vezes”, que passou de 34% para 26% e uma diminuição nas categorias “raramente” e “nunca”, indicando uma adesão mais ampla à prática regular dessa atividade. O aumento de reuniões e eventos virtuais pode ter estimulado os intérpretes a investir mais no desenvolvimento e revisão de anotações e instruções.

6.4.7 Reunião/conversa com colega, quando em equipe [Anterior]

No tópico 29.3, “Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe (antes da interpretação)”, observamos que, antes da pandemia, a frequência com que os intérpretes se engajavam nessa atividade era relativamente balanceada.

Gráfico 36 - Reunião/conversa com colega(s), antes da interpretação



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Um percentual significativo relatava realizar reuniões ou conversas com colegas “sempre” (23%) ou “frequentemente” (36%), o que indica uma prática comum de colaboração e troca de informações entre colegas. A categoria “às vezes” foi selecionada por 29% dos respondentes. Uma quantidade de intérpretes relatava “raramente” se envolver nessas reuniões (10%) e uma minoria indicava “nunca” participar (2%).

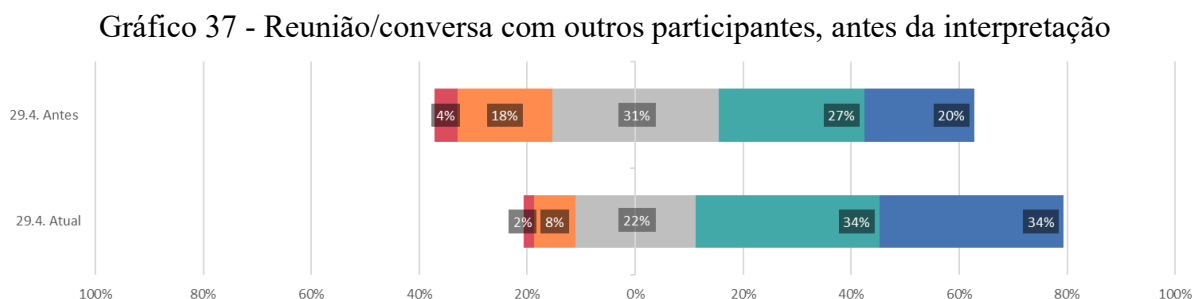
Comparando com o período atual, notamos mudanças consideráveis: há um aumento na categoria “sempre”, onde 36% dos intérpretes agora se reúnem ou conversam constantemente com colegas quando em equipe. A opção “frequentemente” também vê um crescimento para 43%, reforçando a ideia de que as reuniões regulares e a comunicação entre colegas tornaram-se mais prevalentes.

Esses dados sugerem que o ambiente atual pode ter impulsionado uma maior colaboração entre os membros da equipe, talvez devido a uma necessidade de coordenação mais assertiva em um ambiente de trabalho que pode ter sido afetado por restrições de contato presencial devido à pandemia. Além disso, o contato mediado por tecnologia requer um senso

de intencionalidade maior, isto é, diferentemente do que pode se suceder em uma interação presencial, quando os colegas podem se encontrar de forma mais “fortuita” por estarem fisicamente no mesmo local, a atuação virtual requer que seus participantes se organizem para participarem de reuniões de forma mais estruturada, com uma hora, duração e uma sala virtual intencionalmente programada e destinadas ao momento de preparação.

6.4.8 Reunião/conversa com organizadores/palestrante antes do evento [Anterior]

Em relação ao tópico 29.4, “Reunião/conversa com organizadores/palestrante do evento (antes da interpretação)”, verifica-se uma mudança nos padrões de interação dos intérpretes com os *stakeholders* dos eventos. Antes da pandemia, essas reuniões eram realizadas “frequentemente” por 27% dos profissionais, enquanto “às vezes” e “sempre” eram relatados por 31% e 20%, respectivamente. Isso indica que a maioria dos intérpretes já tinha um certo nível de envolvimento com os organizadores ou palestrantes como parte de sua preparação e entendimento do evento.



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Atualmente, observa-se um aumento das categorias positivas (de 47% para 79%) em detrimento das categorias negativas (diminuição de 22% para 9%). Houve um aumento significativo na categoria “sempre”, de 20% para 34% e “frequentemente” de 27% para 34%. Por outro lado, a categoria “às vezes” diminuiu de 31% para 22%. As respostas para “raramente” caíram de 18% para 8%, e “nunca” de 4% para 2%.

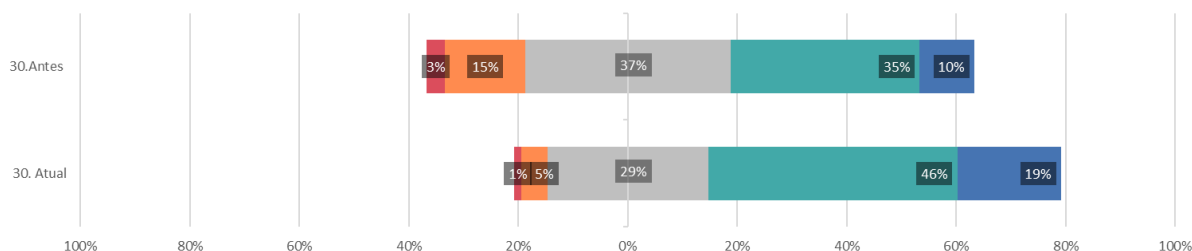
As alterações observadas podem sugerir que a pandemia levou a uma ênfase maior na necessidade de alinhamento e clareza entre os intérpretes e os demais participantes do evento. Isso pode ser devido a uma série de fatores, incluindo a complexidade adicional de eventos virtuais ou híbridos, a necessidade de garantir a compreensão de questões técnicas ou específicas do evento, e o desejo de assegurar a eficácia da comunicação em um contexto onde

os detalhes operacionais e de conteúdo podem ser mais dinâmicos e sujeitos a mudanças frequentes.

6.4.9 Aproveitamento otimizado do tempo [Anterior]

A análise do “aproveitamento do tempo disponível para o estudo do material enviado pelo cliente, facilitador ou palestrante” revela uma melhoria perceptível no período atual em comparação com o cenário antes da pandemia. Antes da pandemia, a categoria “extremamente bom” compunha 10% e “muito bom” correspondia a 35% das respostas e a avaliação “nem bom nem ruim”, 37%. Os que consideravam o aproveitamento “muito ruim” ou “extremamente ruim” somavam juntos aproximadamente 18%.

Gráfico 38 - Análise do aproveitamento otimizado do tempo [Anterior]
P30: Seu aproveitamento do tempo disponível para realizar o estudo do material quando enviado pelo cliente/ facilitador/ palestrante etc. é:



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

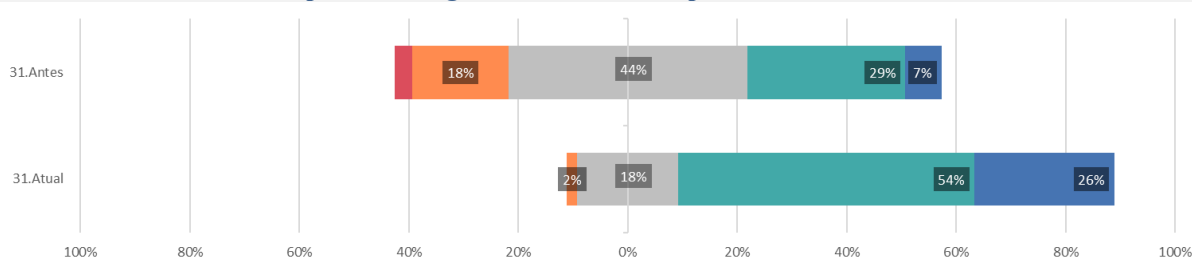
No contexto atual, observa-se um aumento significativo na percepção positiva do uso do tempo, com 19% como “extremamente bom” e 46% classificando-o como “muito bom”, indicando que quase dois terços dos intérpretes agora têm uma visão favorável de seu aproveitamento do tempo. Isso sugere uma melhoria na gestão e na eficácia do estudo do material fornecido. Ademais, houve uma redução na proporção de respostas “nem bom nem ruim” de 37% para 29% e as avaliações negativas também caíram, com “muito ruim” e “extremamente ruim” recebendo juntas 6% das respostas.

Essa mudança na autopercepção do aproveitamento do tempo de estudo sugere que, diante dos desafios impostos pela pandemia, os profissionais podem ter desenvolvido melhores estratégias de gerenciamento do tempo e de estudo autônomo, talvez devido à necessidade de trabalhar de forma mais isolada ou com maior familiaridade no uso de recursos digitais.

6.4.10 Conhecimento de tecnologia [Anterior]

A comparação do conhecimento dos intérpretes em lidar com equipamentos tecnológicos para a entrega do serviço de interpretação remota antes da pandemia e atualmente mostra um avanço significativo. Antes da pandemia, uma parcela considerável dos intérpretes (21%) classificava seu conhecimento como “extremamente ruim” (3%) ou “muito ruim” (18%). A maioria (44%) avaliava seu conhecimento como mediano, indicado pela categoria “nem bom nem ruim” e um total de 36% classificava seu conhecimento como “muito bom” (29%) ou “extremamente bom” (7%).

Gráfico 39 - Comparação do conhecimento de tecnologia dos intérpretes [Anterior]
P31: Seu conhecimento para lidar com equipamentos tecnológicos para a entrega do serviço de interpretação remota é:

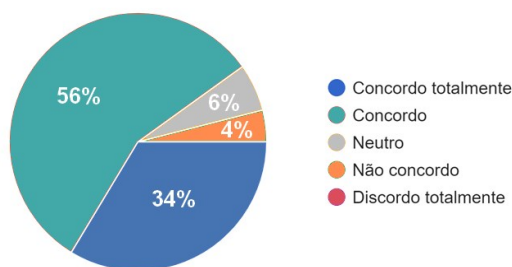


Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Atualmente, a proficiência dos intérpretes com a tecnologia melhorou consideravelmente, representado pelo aumento de 36% para 80% dos respondentes que classificaram seu conhecimento como “muito bom” (54%) ou “extremamente bom” (26%). Nenhum intérprete se avaliou na categoria “extremamente ruim”. Apenas 2% consideram seu conhecimento “muito ruim” e a categoria “nem bom nem ruim” diminuiu de 44% para 18%.

Os dados indicam que a transição para a interpretação remota exigiu um aprimoramento rápido das habilidades tecnológicas, o que está alinhado com os apontamentos de Nogueira (no prelo), que indagou os intérpretes sobre o nível de domínio da tecnologia para a execução da interpretação remota.

Gráfico 40 - Nível de domínio da tecnologia na interpretação remota
101 respostas



Fonte: Nogueira (no prelo)

Nos dados de Nogueira (no prelo), é possível observar que a maioria dos intérpretes se sentem capacitados no manejo de equipamentos tecnológicos aplicados à interpretação remota. Especificamente, 56% dos entrevistados expressaram concordância total com a afirmação, enquanto 34% também concordaram, embora não de maneira tão enfática. Apenas uma minoria de 6% manifestou discordância e 4% posicionaram-se de forma neutra. Não se registrou nenhum percentual para a categoria de discordância total, o que pode sugerir uma autoavaliação positiva acerca da competência tecnológica entre os profissionais da área.

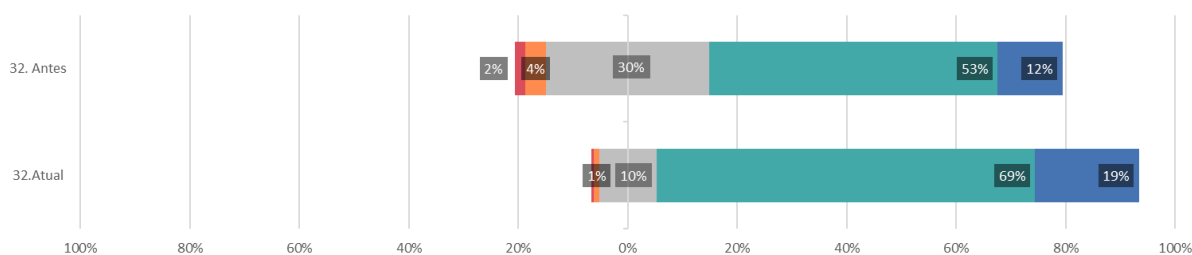
6.4.11 Compreensão, transferência e produção

A questão 32, que promove uma autoavaliação das habilidades específicas dos intérpretes em interpretação simultânea/consecutiva, mostra uma melhoria na percepção de suas próprias competências ao longo do tempo.

Antes da pandemia, a maioria dos respondentes (64%) já classificavam suas habilidades de compreensão, transferência e produção em tempo real de forma favorável: 53% classificando suas habilidades como “muito boas” e um segmento menor, 12%, como “extremamente boas”. Aproximadamente, um terço (30%) considerava suas habilidades “nem boas nem ruins”. Curiosamente, mesmo tendo como perfil de participação intérpretes com mais de 4 anos de experiência, uma pequena porcentagem percebia suas habilidades como “muito ruins” (4%) ou “extremamente ruins” (2%), o que, em vias práticas, poderiam ser consideradas como níveis que tornariam a interpretação remota impraticável.

Gráfico 41 - Compreensão, transferência e produção

P32: Suas habilidades específicas para interpretação simultânea/consecutiva (compreender, transferir/reformular e produzir fala) em línguas diferentes em tempo real, são:



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

No período pós-pandemia, houve um aumento na autoconfiança dos participantes nas habilidades de compreensão, transferência e produção na interpretação simultânea, agora com 88% de avaliações positivas: 69% avaliando suas habilidades como “muito boas” e uma porcentagem maior, 19%, as avaliando como “extremamente boas”. Notavelmente, houve uma redução significativa na categoria “nem boas nem ruins” de 30% para 10% e quase nenhuma resposta nas categorias negativas, com “muito ruins” caindo para 1% e “extremamente ruins” desaparecendo por completo.

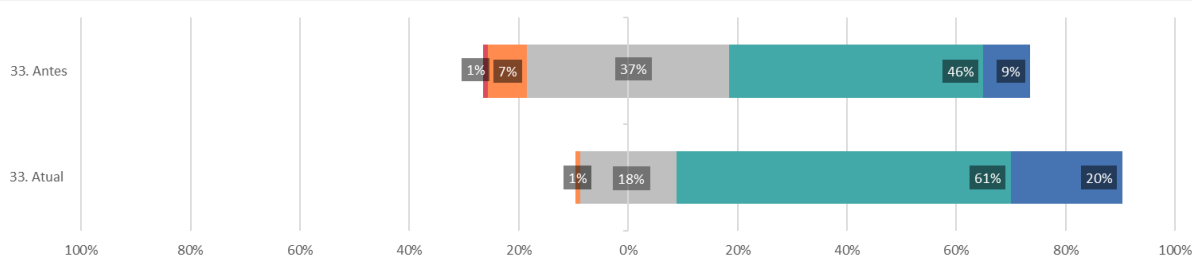
6.4.12 Gestão de múltiplos estímulos

A questão 33 trata sobre a habilidade dos intérpretes em lidar e coordenar uma variedade de estímulos durante a interpretação, como feedbacks variados, interrupções físicas e ruídos ambientais, como o feedback vindo do público, do técnico, do coordenador do evento, do cliente, ou colega de interpretação etc.

Antes da pandemia, as avaliações negativas se somavam 8%: sendo ou “muito ruim” (7%) e “extremamente ruim” (1%). Atualmente, apenas 1% a considera “muito ruim” e não há intérpretes que considerem sua habilidade como “extremamente ruim”.

Gráfico 42 - Gestão de múltiplos estímulos durante a interpretação

P33: Sua habilidade de lidar/coordenar uma variedade de estímulos (feedback vindo do colega, do público, do técnico, do cliente/coordenador do evento) durante a interpretação é:



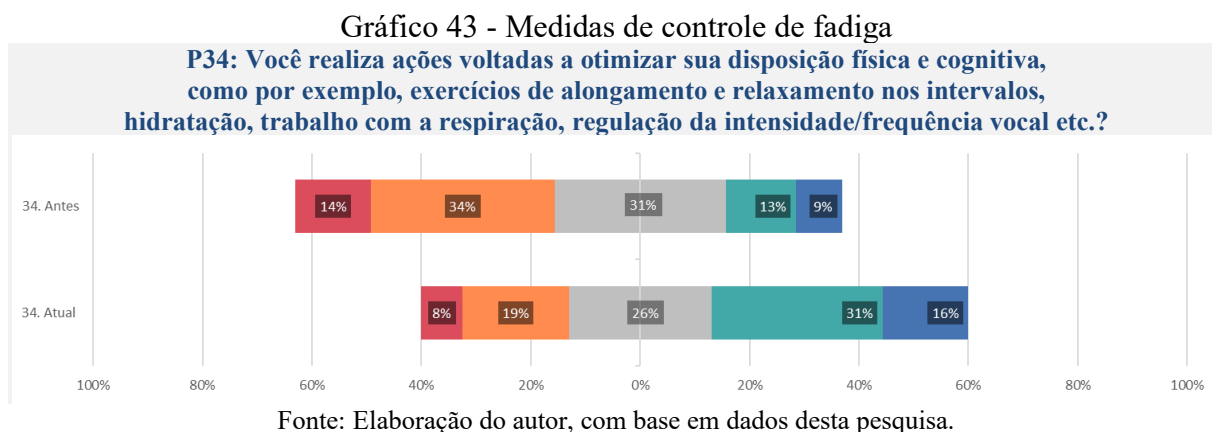
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

A categoria “nem boa nem ruim” viu uma diminuição de 37% para 18%, enquanto uma maioria dos respondentes continua a avaliar sua habilidade de gestão de múltiplos estímulos como “muito boa” (apesar do aumento de 46% para 61%). Aqueles que a consideram “extremamente boa” mais do que dobraram, saindo de 9% para 20%.

Esses dados sugerem que os intérpretes não só estão se adaptando como também aprimorando suas capacidades de gestão de estímulos, especialmente na interpretação remota realizada do ambiente domiciliar, com suas possíveis intercorrências, a habilidade de gestão de múltiplos estímulos se torna ponto fundamental para a realização do serviço.

6.4.13 Medidas de controle de fadiga

A questão 34 propõe uma análise dos dados sobre as ações voltadas para otimizar a disposição física e cognitiva dos intérpretes como, por exemplo, exercícios de alongamento e relaxamento nos intervalos, hidratação, trabalho com a respiração, regulação da intensidade/frequência vocal etc. Os dados demonstram uma tendência positiva na adoção dessas práticas.

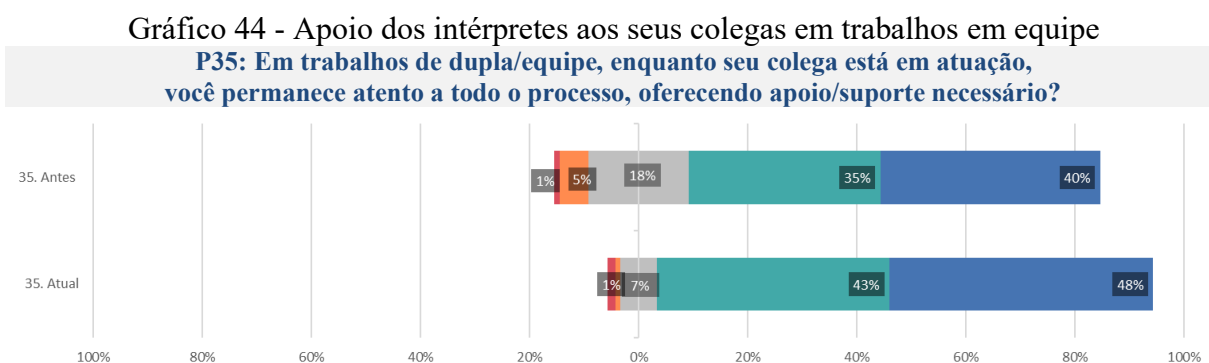


Comparativamente, no cenário atual, há um incremento na regularidade com que os intérpretes se engajam nas práticas mencionadas. As categorias que refletem uma frequência positiva tiveram um crescimento de 22% para 47%, com a opção “sempre” subindo de 9% para 16% e “frequentemente” de 13% para 31%. A categoria “às vezes” manteve-se estável em 31%. As respostas que indicam uma frequência menor dessas práticas apresentaram uma queda de 48% para 27%, com “raramente” reduzindo de 34% para 19% e “nunca” de 14% para 8%.

Esse aumento na frequência de ações de autocuidado sugere uma maior conscientização sobre a importância da saúde e do bem-estar no desempenho profissional, especialmente em um contexto desafiador imposto pela pandemia, onde a necessidade de resiliência física e mental se tornou mais evidente. A adaptação a rotinas de trabalho possivelmente mais sedentárias ou a um maior número de horas em frente a telas durante a interpretação remota pode ter incentivado os profissionais a integrarem mais ativamente práticas de cuidado com o corpo e a mente em suas rotinas.

6.4.14 Atuação de apoio

Na questão 35, os dados apresentados mostram uma evolução na frequência com que os intérpretes apoiam seus colegas em trabalhos em equipe, permanecendo atentos a todo o processo, oferecendo apoio/suporte necessário.



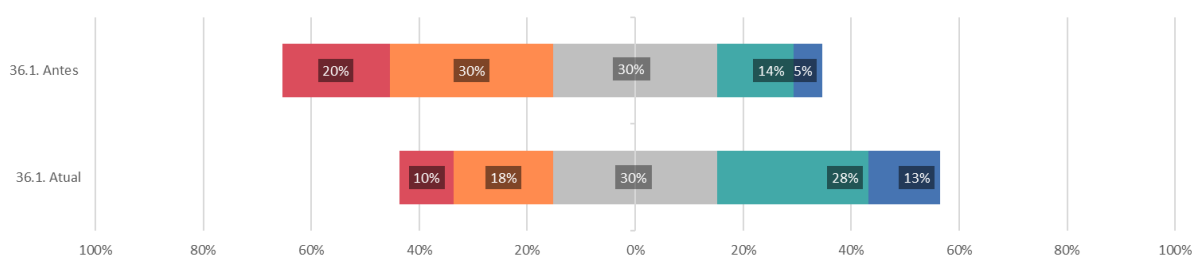
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

No contexto atual, nota-se um reforço no compromisso dos intérpretes em oferecer suporte constante aos colegas. Antes da pandemia, 75% já demonstravam alta frequência de apoio, com 40% “sempre” e 35% “frequentemente” engajados. Atualmente, este grupo aumentou para 91%, com “sempre” subindo para 48% e “frequentemente” para 43%. A categoria “às vezes” sofreu uma queda significativa, de 18% para 7%. Os índices de envolvimento menos frequente, “raramente” ou “nunca”, se mantêm baixos e estáveis, em torno de 1%, evidenciando uma tendência positiva de maior colaboração e suporte contínuo entre os profissionais. Esta tendência reforça a importância da colaboração em trabalhos de interpretação, especialmente em tempos de mudança e adaptação às circunstâncias pós-pandêmicas.

6.4.15 Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação [Posterior]

Na questão 36, perguntamos aos respondentes com qual frequência realizam um conjunto de atividades posteriormente à interpretação. Esta questão é composta por cinco tópicos. O tópico 36.1 trata sobre a “criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação”. Com base nos dados fornecidos, também se percebe uma mudança no comportamento dos intérpretes em relação a essa atividade.

Gráfico 45 - Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

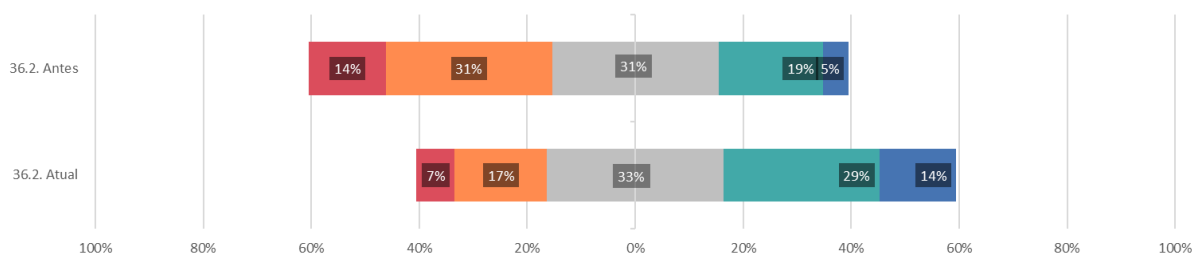
Atualmente, houve um aumento de 14% para 28% dos respondentes realizam essa atividade “frequentemente” e de 5% para 13% “sempre”. Isso demonstra um aumento considerável na regularidade dessa prática. Além disso, a proporção de respondentes que realizam “raramente” a criação ou revisão de anotações/instruções reduziu de 30% para 18% e dos que “nunca” realizam diminuiu de 20% antes da pandemia para 10% no período atual.

Esses dados sugerem que, após o início da pandemia, os intérpretes tornaram-se mais ativos na preparação e revisão de seus materiais de trabalho; no entanto, os dados também sugerem que estas atividades ainda precisam ser melhor desenvolvidas. A implementação e o aprimoramento no manejo de ferramentas colaborativas de trabalho, especialmente em ambientes de equipe, poderiam ser proveitosos, bem como a utilização de diários de interpretação para documentar vocabulários específicos e situações pertinentes à prática interpretativa.

6.4.16 Criação/revisão de glossários [Posterior]

No tópico 36.2, sobre a atividade de criação/revisão de glossários (depois da interpretação), há uma tendência positiva entre os respondentes.

Gráfico 46 - Criação/revisão de glossários (depois da interpretação)



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

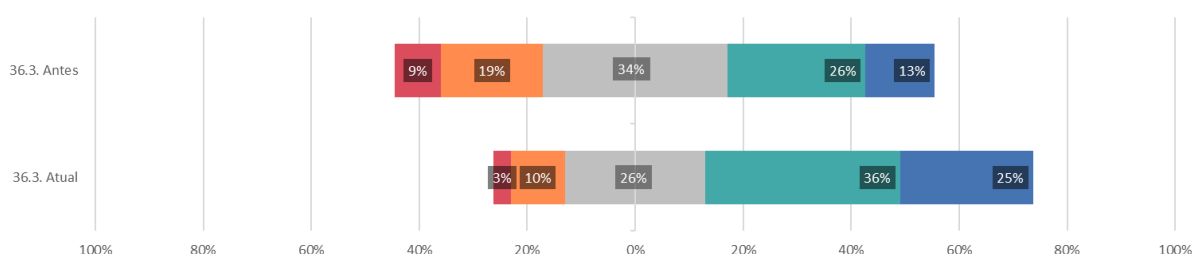
Observa-se um aumento na frequência com que os respondentes se dedicam à criação ou revisão de glossários em relação ao período antes da pandemia. As categorias que indicam uma maior frequência, “frequentemente” e “sempre”, apresentaram um crescimento agregado de 24% para 43%, com “frequentemente” aumentando de 19% para 29% e “sempre” de 5% para 14%. A categoria central demonstrou mudança sutil de 31% para 33%. Por outro lado, as categorias que refletem uma menor frequência de envolvimento nessa tarefa, “nunca” e “raramente”, mostraram uma diminuição significativa, caindo de 45% para 24%, com “nunca” reduzindo de 14% para 7% e “raramente” de 31% para 17%.

Isso sugere uma maior adesão à prática de manter e atualizar glossários; apesar disso, semelhantemente às atividades de criação e revisão de anotações/instruções relativas à interpretação, ainda se constituem como pontos de desafio aos intérpretes. Uma maior ênfase à terminologia especializada pode contribuir na qualidade de sua prestação de serviço. No entanto, a redução significativa nos que nunca ou raramente realizam essa atividade já demonstra uma tendência positiva em direção à adoção dessa prática profissional.

6.4.17 Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe, para dar/receber feedback [Posterior]

O tópico 36.3, que trata sobre reunião/conversa com colega(s), quando em equipe, para dar/receber feedback (após da interpretação) demonstra um aumento na frequência destas reuniões.

Gráfico 47 - Reunião/conversa com colega(s), para feedback (após a interpretação)



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

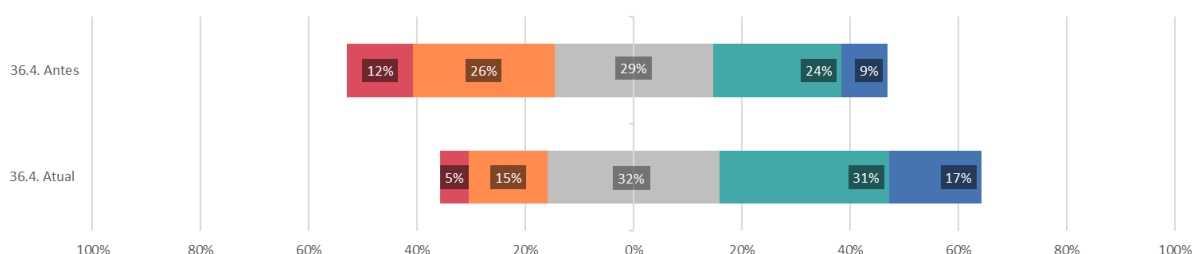
As categorias que indicam uma frequência mais elevada, “frequentemente” e “sempre”, tiveram um crescimento conjunto de 39% para 61%, com “frequentemente” subindo de 26% para 36% e “sempre” de 13% para 25%. A categoria “às vezes” apresentou uma diminuição de 34% para 26%. As categorias que denotam menor frequência reduziram de 28% para 13%, com “raramente” diminuindo de 19% para 10% e “nunca” de 9% para 3%.

Este aumento na frequência de reuniões de *feedback* com colegas sugere um reconhecimento maior da importância da comunicação e do suporte mútuo dentro das equipes de interpretação. O aumento na frequência desses tipos de interação pode indicar que os intérpretes desenvolveram uma maior conscientização da importância do *feedback* e do fator intencionalidade nas interações virtuais, pois caso o profissional não procure de forma deliberada receber retorno sobre seu trabalho, muito provavelmente, somente o receberá em casos extremos, e possivelmente negativos.

6.4.18 Reunião/conversa com outros participantes/organizadores/palestrante (feedback) [Posterior]

No tópico 36.4, nota-se um aumento na frequência com que os respondentes participam de reuniões/conversas com outros participantes/organizadores/palestrantes para dar ou receber *feedback*.

Gráfico 48 - Reuniões/conversas com outros participantes para feedback.



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

As categorias que indicam uma participação mais ativa, “frequentemente” e “sempre”, mostraram um crescimento conjunto de 33% para 48%, com “frequentemente” subindo de 24% para 31% e “sempre” de 9% para 17%. Novamente, a categoria central “às vezes” se manteve estável, com leve aumento de 29% para 32%. As categorias que refletem uma menor frequência de participação apresentaram uma diminuição significativa, caindo de 38% para 20%, com “nunca” reduzindo de 12% para 5% e “raramente” de 26% para 15%.

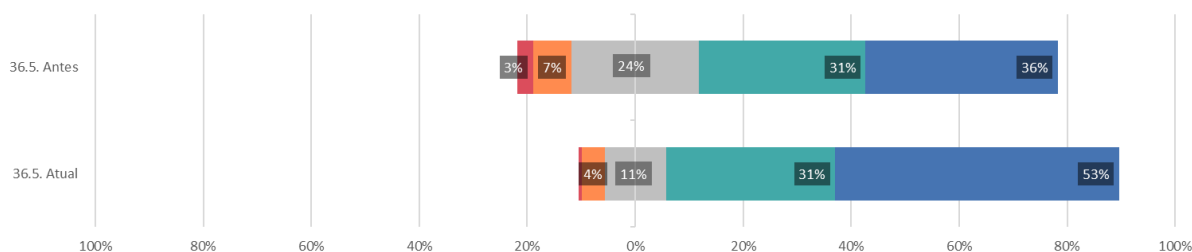
Esses dados indicam que os profissionais estão se engajando mais em conversas pós-evento com *stakeholders*. Isso pode ser em parte uma resposta à maior necessidade de comunicação clara e efetiva em um ambiente que foi significativamente impactado pela pandemia. Em muitos casos, a interação remota pode exigir um esforço adicional para garantir que todos os participantes tenham uma compreensão comum e que o *feedback* seja trocado para melhorar futuras colaborações.

O aumento na frequência de *feedback*, especialmente na categoria “sempre”, sugere um maior reconhecimento da importância dessas interações como parte essencial do processo profissional no campo da interpretação.

6.4.19 Autoavaliação da interpretação em busca de melhorias [Posterior]

A análise do tópico 36.5, autoavaliação da interpretação em busca de melhorias, mostra um aumento na frequência com que os intérpretes realizam essa atividade.

Gráfico 49 - Autoavaliação da interpretação em busca de melhorias



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

As categorias positivas exibem um crescimento de 67% para 84%, com “sempre” aumentando de 36% para 53% e “frequentemente” mantendo-se em 31%. A categoria central “às vezes” apresentou uma diminuição, passando de 24% para 11%. Por outro lado, as categorias negativas, “raramente” e “nunca”, mostraram uma redução notável, caindo de um total de 10% para apenas 4%.

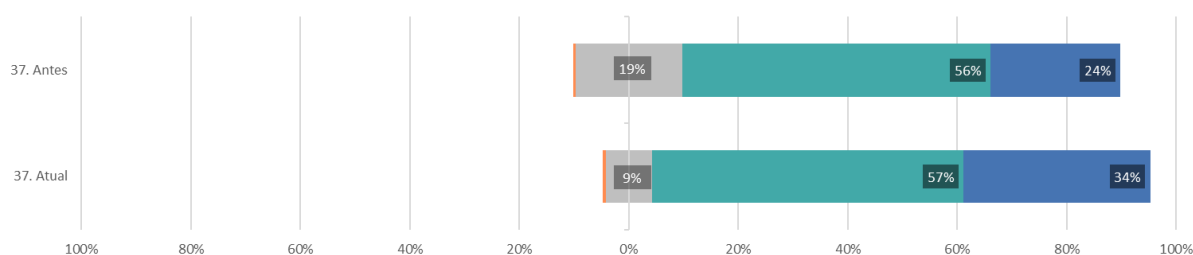
Esses dados sugerem uma tendência entre os intérpretes em se comprometerem mais profundamente com o aprimoramento contínuo de suas habilidades. A eliminação da categoria “nunca” sugere que a reflexão sobre a própria prática tornou-se uma atividade com ampla adesão entre os profissionais, indicando um compromisso com a melhoria contínua.

6.4.20 Relação com colegas

Na questão 37, a análise da relação dos intérpretes com seus colegas mostra uma melhoria notável no período atual em comparação com antes da pandemia. Inicialmente, a maioria (56%) classificou a sua relação como “muito boa”, enquanto um segmento considerável (24%) descreveu como “extremamente boa”. As respostas para “nem boa, nem ruim” foram representadas por 19% dos intérpretes e não houve registros para as categorias “muito ruim” ou “extremamente ruim”.

Gráfico 50 - Relação dos intérpretes com seus colegas intérpretes

P37: Sua relação com seus colegas intérpretes é:



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Observa-se um aumento na percepção positiva das relações profissionais, de 80% para 91%, sendo que 57% dos intérpretes avaliam a sua relação com seus colegas como “muito boa” e 34% consideram “extremamente boa”. Além disso, houve uma redução significativa na categoria “nem boa, nem ruim”, de 19% para 9%. Continua a não haver registros de relações classificadas como “muito ruim” ou “extremamente ruim”.

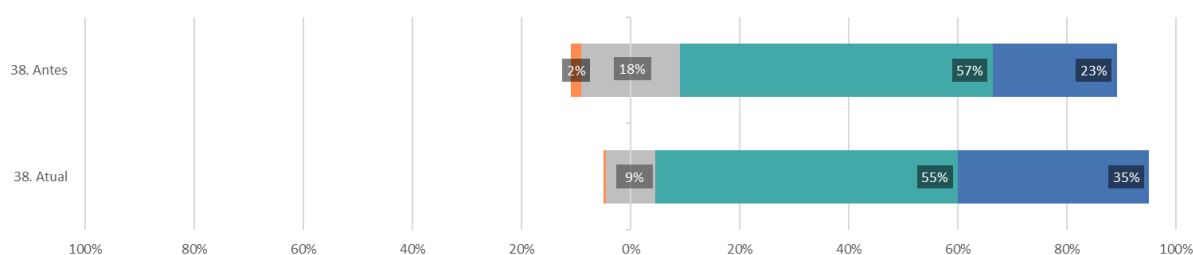
As informações apontam para uma estabilidade acompanhada de uma sutil melhoria (considerando que já existia pouco espaço para avanços), evidenciando uma marcante inclinação para uma percepção positiva na relação entre os colegas de profissão, que, por sua vez, também pode denotar a idealização superestimada destas relações, o que também explicaria o tópico seguinte.

6.4.21 Relação com clientes

A questão 38 avalia a relação dos intérpretes com seus clientes e, de forma semelhante à relação com os colegas, mostra uma tendência positiva no período atual em relação ao período antes da pandemia.

Gráfico 51 - Relação com seus clientes

P38: Sua relação com seus clientes é:



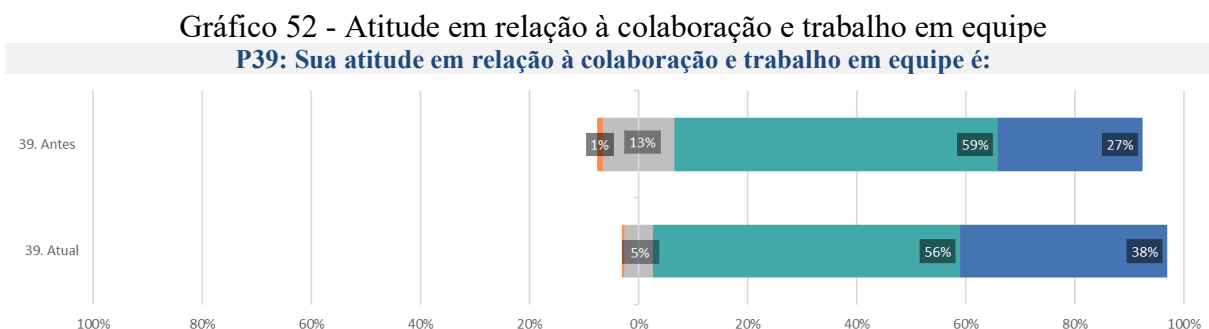
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

As categorias positivas apresentaram um aumento conjunto de 80% para 90%, com “muito boa” mantendo-se quase estável em 55% (com uma ligeira diminuição de 2%) e “extremamente boa” subindo significativamente de 23% para 35% (incremento de 12%). A categoria intermediária “nem boa, nem ruim” teve uma redução significativa de 18% para 9%. Notavelmente, continua a não haver respostas nas categorias negativas “extremamente ruim” ou “muito ruim”, indicando uma ausência consistente de percepções extremamente negativas sobre a relação com os clientes tanto no período anterior quanto no atual.

De forma geral, os relacionamentos interpessoais, seja com os colegas intérpretes ou com os clientes, parecem se espelhar nos dois momentos, ou variações mínimas de avaliação entre 1-2%, ou seja, refletem uma estabilidade no polo positivo, com uma leve tendência a melhora em ambos os casos.

6.4.22 Trabalho em equipe e colaboração

Na questão 39, investigamos a atitude dos respondentes em relação à colaboração e trabalho em equipe, tanto antes da pandemia quanto no momento atual.



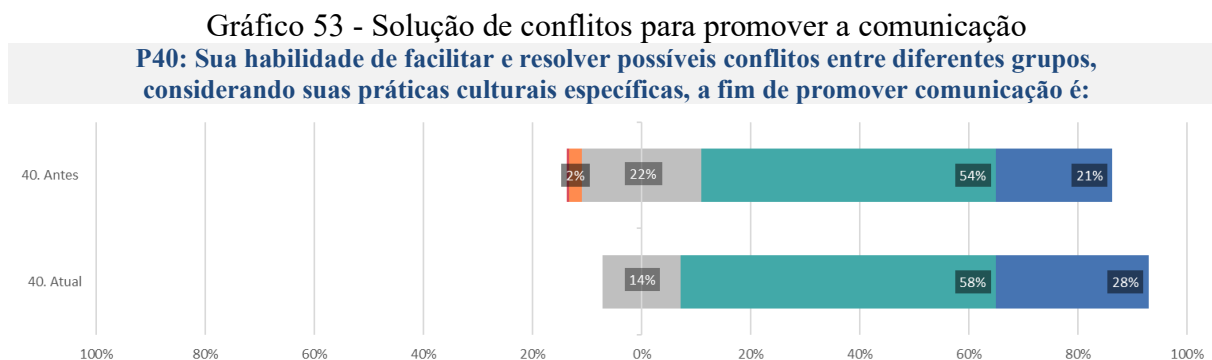
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Percebe-se um reforço na avaliação positiva dos respondentes sobre sua atitude em relação ao trabalho em equipe: as categorias positivas registraram um crescimento conjunto de 86% para 94%, com “muito boa” apresentando uma leve redução de 59% para 56%, mas “extremamente boa” aumentando significativamente de 27% para 38%. A categoria intermediária “nem boa, nem ruim” obteve uma diminuição considerável de 13% para 5%.

Notavelmente, há raros registros nas categorias negativas “extremamente ruim” e “muito ruim”, mantendo a consistência com a ausência de percepções desfavoráveis sobre a colaboração e trabalho em equipe tanto no período anterior quanto no atual.

6.4.23 Mediação entre culturas

Na questão 40, que trata da habilidade dos respondentes em facilitar e resolver conflitos considerando práticas culturais específicas para promover a comunicação, parece ter havido uma evolução sutil.



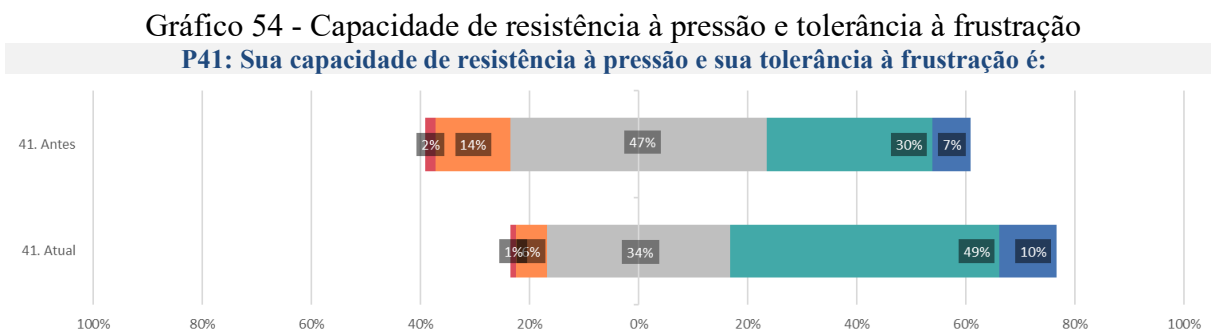
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

As categorias positivas mostraram um crescimento de 75% para 86%, com a categoria “muito boa” subindo de 54% para 58% e “extremamente boa” de 21% para 28%. A categoria intermediária “nem boa, nem ruim” registrou uma diminuição de 22% para 14%. Importante destacar que as categorias negativas “muito ruim” e “extremamente ruim” somaram apenas 2% antes da pandemia e não pontuaram no período pós-pandêmico.

De forma geral, podemos dizer que as habilidades de facilitar e resolver conflitos e promover a comunicação se mantiveram estáveis e concentradas nos polos positivos de avaliação.

6.4.24 Resistência à pressão e tolerância à frustração

Na questão 41, os dados refletem a autoavaliação dos respondentes sobre sua capacidade de resistência à pressão e tolerância à frustração de forma geral.



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Há uma tendência de aumento na autoconfiança dos respondentes em relação à sua capacidade e tolerância para lidar com pressão e frustração. As categorias positivas apresentaram um crescimento de 37% para 59%, com “muito alta” aumentando de 30% para 49% e “extremamente alta” de 7% para 10%. A categoria intermediária “nem alta nem baixa” registrou uma diminuição de 47% para 34%. As categorias negativas apresentaram uma redução conjunta de 16% para 7%, com “muito baixa” diminuindo de 14% para 6% e “extremamente baixa” caindo de 2% para 1%.

Este aumento na capacidade percebida de resistência à pressão e tolerância à frustração pode ser um reflexo da necessidade de desenvolvimento pessoal e da prática da resiliência durante a pandemia. Os desafios impostos por esse período podem ter estimulado os profissionais a desenvolverem estratégias mais eficazes para lidar com situações estressantes e frustrantes, melhorando sua percepção de habilidade de tolerância à pressão.

6.4.25 Estresse e ansiedade na Interpretação Remota

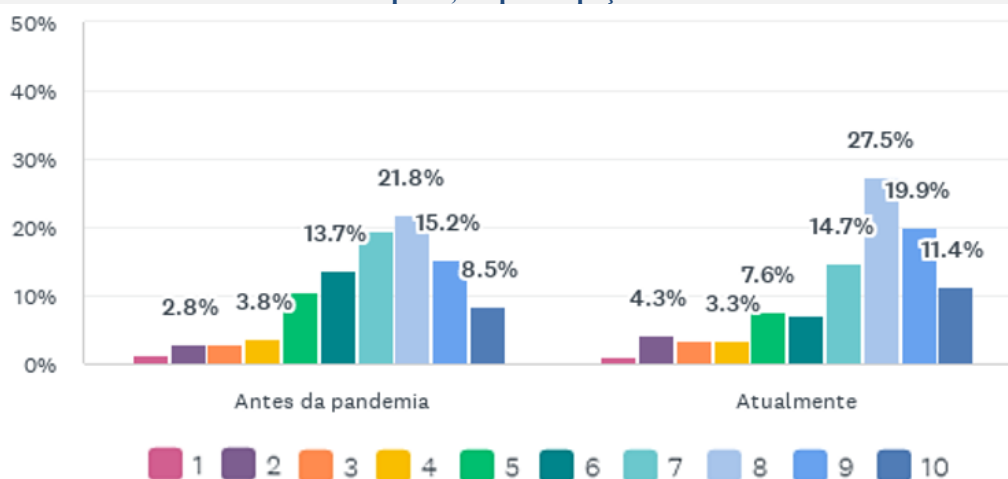
A questão 42 fornece dados sobre como os respondentes avaliam seu nível de estresse e ansiedade em relação à atividade de interpretação, incluindo aspectos como o receio sobre a possibilidade de imprevistos, insegurança sobre suas habilidades como intérprete ou preocupação sobre eventuais erros cometidos.

O gráfico a seguir representa os valores selecionados numa escala de 1 a 10, onde 10 representa o nível máximo.

Gráfico 55 - Estresse e ansiedade em relação à atividade de IR (Gráfico de barra)

P42: Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, como você avalia o seu nível de estresse e ansiedade em relação à atividade de interpretação?

Isso pode incluir aspectos como o receio sobre a possibilidade de imprevistos, insegurança sobre suas habilidades como intérprete, ou preocupação sobre eventuais erros cometidos.



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

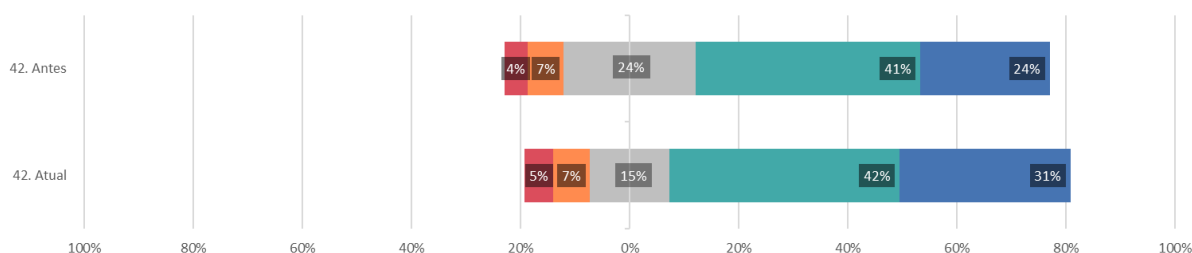
Analisando os dados fornecidos, observa-se uma tendência de aumento no nível de estresse e ansiedade entre os intérpretes em relação à atividade de interpretação no período pós-pandemia. Antes da pandemia, os níveis de estresse mais elevados (7 e 8) somavam 41% das respostas, com 19% no nível 7 e 22% no nível 8. Havia também uma parcela considerável de respondentes com altos níveis de estresse (9 e 10), totalizando 24%.

No contexto atual, a porcentagem para o nível 8 de estresse aumentou para 27%, tornando-se o mais relatado. O nível 7 agora compõe 15% das respostas. Notavelmente, houve um acréscimo no nível máximo de estresse (10), que passou a representar 11% das respostas. Os dados indicam uma diminuição na proporção de níveis baixos a moderados de estresse (1 a 5), sugerindo que uma proporção maior de profissionais está experimentando níveis mais altos de estresse e ansiedade relacionados à sua profissão.

No entanto, é importante observar que o gráfico que representa o estado pós-pandêmico não apresenta uma distribuição gaussiana de normalidade dos dados. De fato, observa-se flutuações em diferentes níveis, especialmente nos níveis inferiores a 5. Esta divergência nas respostas pode se dar por diversos motivos, podendo por exemplo ser um reflexo de percepções diversificadas em relação a diferentes estágios da pandemia.

Na visualização por gráficos divergentes, há uma aparente estabilização dos dados:

Gráfico 56 - Estresse e ansiedade em relação à atividade de IR (Gráfico de divergência)



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

A prevalência de valores mais altos da escala indica que, embora os intérpretes estejam adaptando-se às mudanças, isso pode estar ocorrendo com um custo emocional aumentado, dado que sentimentos de estresse e ansiedade podem ser engatilhados por uma série de fatores, inclusive externos à interpretação em si.

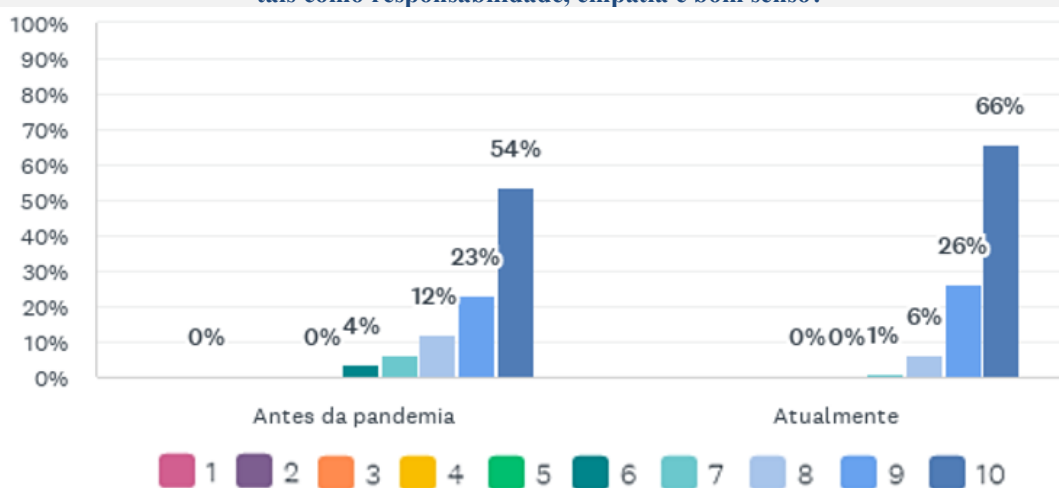
Uma pesquisa realizada por Van Niekerk (2023) com intérpretes na África indicou que, durante o primeiro ano da pandemia, os intérpretes acharam a interpretação remota extremamente estressante por diversos fatores: o *technostress*, a falta de um técnico presencial, frequentes quedas de energia, falhas na conexão de internet e qualidade sonora ruim por parte dos oradores e participantes. Contudo, no segundo ano, muitos intérpretes se familiarizaram mais com os problemas técnicos e suas soluções, o que reduziu o estresse. No entanto, a qualidade do som e o comportamento dos participantes em reuniões virtuais continuaram pontos causadores de estresse.

6.4.26 Responsabilidade, empatia e bom Senso

Na questão 43, que pergunta sobre o conhecimento e o comprometimento dos respondentes com valores éticos, como responsabilidade, empatia e bom senso, em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, obtivemos os seguintes dados:

Gráfico 57 - Valores éticos (Gráfico de barra)

P43: Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, qual seria a sua avaliação em relação ao seu conhecimento e comprometimento com valores éticos, tais como responsabilidade, empatia e bom senso?



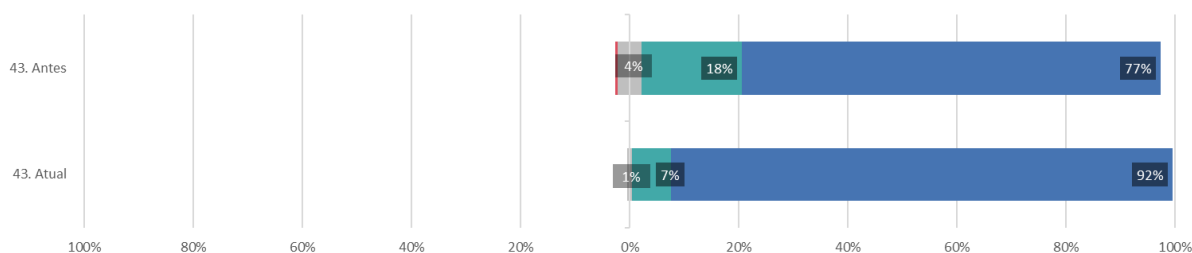
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Antes da pandemia, os respondentes demonstravam já um alto grau de autoavaliação em relação a esses valores, com 54% deles avaliando-se no nível máximo (10). Outros níveis de autoavaliação positiva, como 9 (23%) e 8 (12%). Apenas uma pequena fração dos respondentes deu-se notas mais baixas, no nível 7 (1%) e no nível 6 (4%).

Atualmente, percebe-se um aumento ainda mais expressivo na autoavaliação positiva, com um significativo 66% dos respondentes avaliando-se no nível máximo (10) de conhecimento e compromisso com valores éticos, representando um aumento de 12%. As avaliações no nível 9 aumentaram de 23% para 26% e as no nível 8 diminuíram pela metade, de 12% para 6%, o que indica a migração para notas superiores. Além disso, não há respostas abaixo de 6 na escala atual, o que indica uma forte convicção entre os respondentes sobre seu alinhamento com valores éticos em sua atuação profissional.

Na visualização por gráficos divergentes, há uma concentração quase que absoluta nos polos positivos, sendo que antes da pandemia, a soma das categorias positivas pontuava 95% e, depois, 99%.

Gráfico 58 - Valores éticos (Gráfico de divergência)



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Este aumento pode refletir uma consciência ampliada sobre a importância da ética e do profissionalismo, no entanto, precisamos ponderar o potencial viés de desejabilidade social inerente a este tipo de autoavaliação, como uma inclinação para apresentar uma imagem profissional positiva.

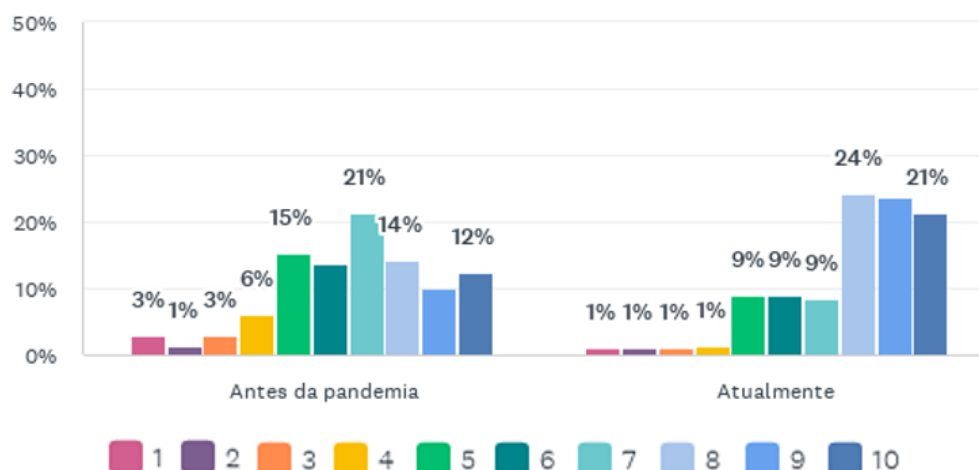
A ausência de autoavaliações inferiores no pós-pandemia reforça a possibilidade de que os intérpretes, cientes da importância ética de sua profissão, podem ter se sentido compelidos a fornecer respostas que alinham com as expectativas de atuação ética, mesmo que esta avaliação possa não ser uma representação fidedigna de suas práticas reais, sendo fruto de uma percepção idealizada da própria atuação.

6.4.27 Condicionamento e bem-estar

A questão 44 aborda o autocuidado dos respondentes com seu bem-estar geral, fora do contexto de interpretação, incluindo aspectos como sua respiração, hidratação, descanso, preparo físico e psíquico etc. Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 59 - Condicionamento e bem-estar geral (Gráfico de barra)

P44: Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, de maneira geral (FORA DO CONTEXTO DE INTERPRETAÇÃO), você cuida do seu bem-estar, incluindo aspectos como sua respiração, hidratação, descanso, preparo físico e psíquico etc.?



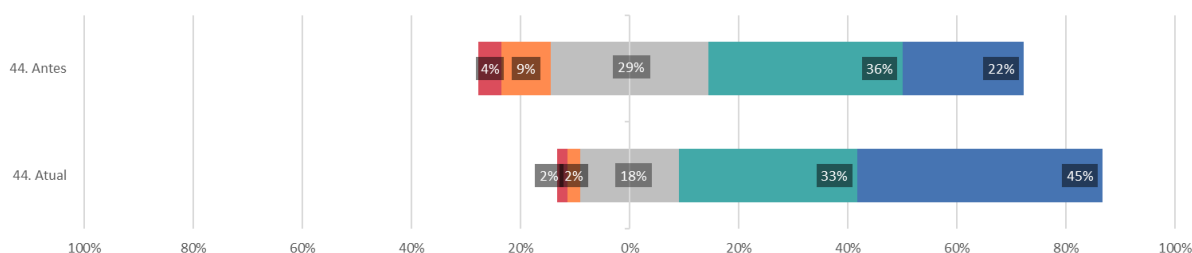
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Antes da pandemia, a maior parte dos respondentes tinha uma pontuação média-alta no cuidado com o próprio bem-estar, com as maiores porcentagens concentradas nos níveis 7 (21%) e 8 (14%). Uma parcela considerável relatou níveis altos de autocuidado, no nível 9 (10%) e no nível 10 (12%). Os níveis mais baixos de autocuidado (1 a 5) tinham uma distribuição relativamente baixa de respostas, variando de 1% a 6%.

Atualmente, há uma mudança notável na distribuição das respostas, com um aumento significativo nos níveis mais altos de autocuidado: o nível 10 aumentou consideravelmente, passando de 12% para 21%. Os níveis 8 e 9 foram selecionados por 24% dos respondentes e os níveis 5, 6 e 7 mantêm proporções semelhantes, com 9% cada. Os níveis de 1 a 4 representam de 1% cada.

No gráfico de barras divergentes, também é possível observar um aumento na priorização do bem-estar pessoal, as notas mais altas (9-10) mais do que dobraram percentualmente, um aumento de 22% para 45%. As notas positivas intermediárias se mantiveram estáveis, com uma sutil oscilação de 3%, enquanto as categorias negativas que antes somavam 13%, passaram a pontuar 4% de forma combinada.

Gráfico 60 - Condicionamento e bem-estar geral (Gráfico de divergência)



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

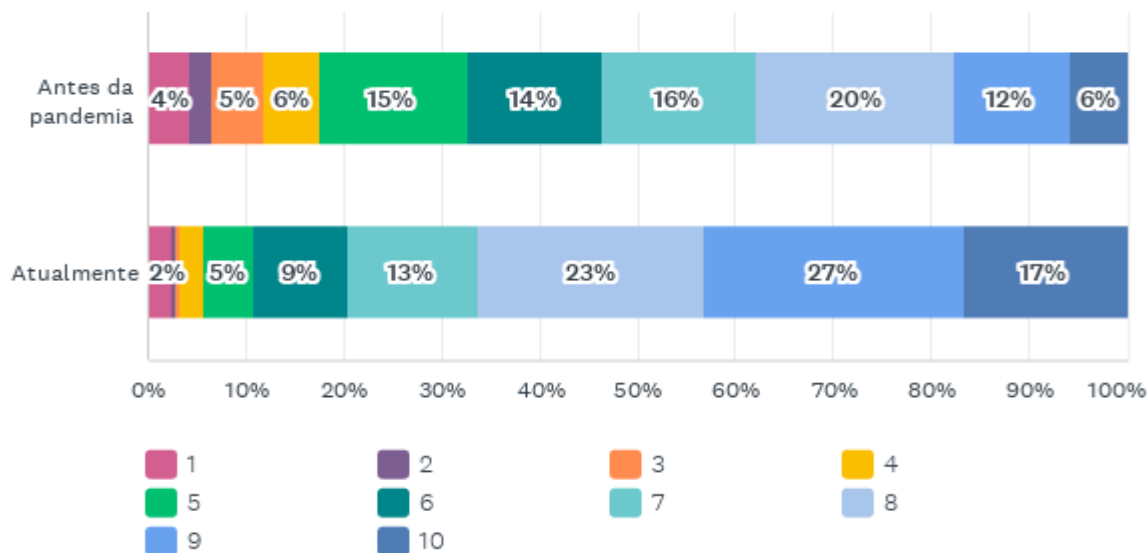
Este aumento nos níveis mais altos de autocuidado pode refletir uma maior conscientização sobre a importância do bem-estar físico e mental bem como a adesão a mais atividades de cuidado pessoal, como exercícios, descanso adequado, como parte de uma rotina voltada ao melhoramento da saúde física e mental.

6.4.28 Conhecimento de negócio

Na questão 45, a respeito das habilidades dos respondentes em negociar com clientes em relação a valores, condições de trabalho e elaboração de orçamentos/contratos, os respondentes avaliaram suas habilidades em uma escala de 1 a 10, onde 10 é o nível máximo, conforme o gráfico:

Gráfico 61 - Conhecimento de negócio (Gráfico de barras)

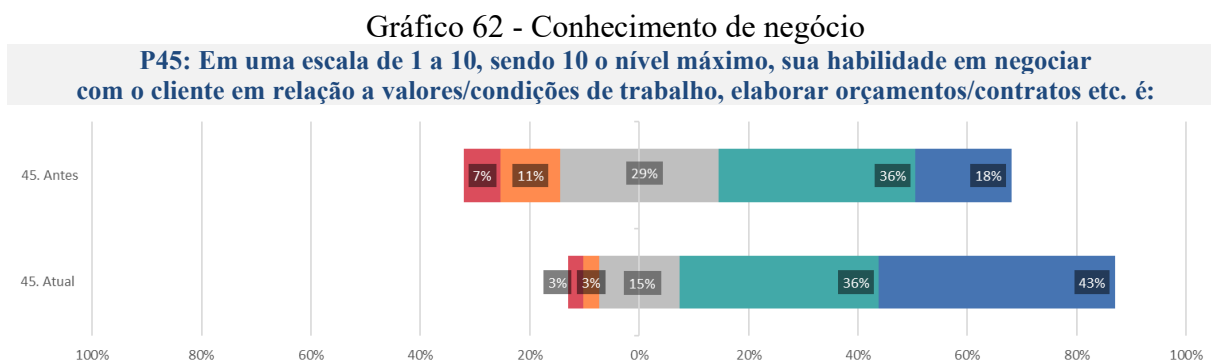
P45: Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, como você avaliaria sua habilidade em negociar com o cliente em relação a valores/condições de trabalho, elaborar orçamentos/contratos etc.?



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Verifica-se uma mudança notável na autoavaliação de habilidades de negociação dos respondentes. Observa-se um aumento significativo nas avaliações mais altas: a proporção de respondentes na nota 9 subiu de 12% para 27% e no nível 10 de 6% para 17%. Em termos de avaliações intermediárias, houve uma variação sutil na nota 7, para 16% para 13% das respostas, e na nota 8 de 20% para 23%. Os níveis mais baixos de habilidade (1 a 5) apresentam uma diminuição na sua representação, agora variando de 0% a 5%, evidenciando uma tendência geral de autoavaliações mais elevadas e uma percepção de melhoria nas habilidades de negociação.

No gráfico de barras empilhadas divergentes, observamos o deslocamento da segunda barra em direção ao polo positivo, principalmente impulsionado pelo aumento significativo das avaliações mais positivas (notas 9 e 10, em azul), que aumentaram de 18% para 43%. As notas positivas intermediárias 7 e 8 se mantiveram estáveis em 36%, enquanto as notas do polo negativo (de 1 a 2, em vermelho e 3 a 4, em laranja), que antes somavam 18%, agora somam apenas 6%.



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

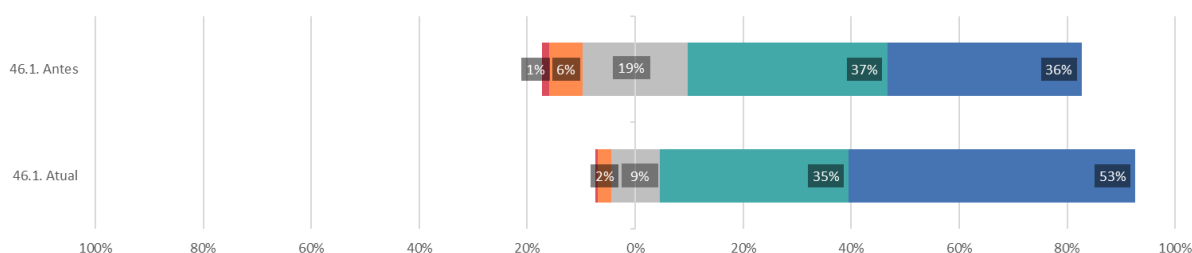
Durante a pandemia, muitos profissionais, especialmente “freelancers” tiveram que se adaptar a novos desafios do mercado e complexidades emergentes, como a negociação direta com contratantes. No caso dos intérpretes, a habilidade de conhecimento de negócio foi relatada como aumentada depois da pandemia, o que significa uma melhor lida com questões como a precificação de serviços e elaboração de orçamentos e contratos. No entanto, acreditamos que a habilidade de planejar viagens, embora reconhecida como parte do conhecimento de negócio, foi menos utilizada devido às restrições de contato social.

6.4.29 Reflexão sobre competência

Na questão 46, perguntamos aos respondentes com qual frequência realizam um conjunto de atividades extrínsecas ao processo, as quais compreendem todas as fases do trabalho do intérprete, extrapolando o momento de realização da interpretação em si. A referida questão é composta por sete tópicos.

No tópico 46.1, relativo à reflexão sobre sua própria competência, observa-se uma mudança moderada na frequência com que os respondentes refletem sobre sua competência após o início da pandemia.

Gráfico 63 - Reflexão sobre a própria competência



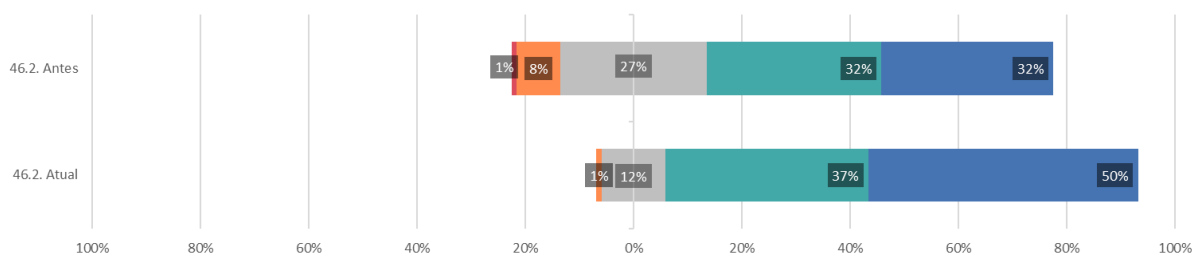
Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

No momento atual, observamos um aumento na frequência com que os respondentes realizam reflexão sobre a própria competência. As categorias positivas subiram significativamente, com “sempre” passando de 36% para 53% e “frequentemente” mantendo-se próximo ao valor anterior, com uma leve redução de 37% para 35%. A categoria intermediária “às vezes” viu uma redução de 19% para 9%. Quanto às categorias menos afirmativas, houve um declínio marcante, com “raramente” decrescendo de 6% para 2% e a categoria “nunca” caindo para 0%.

6.4.30 Reflexão sobre a profissão

No tópico 46.2, “Reflexão sobre a profissão em geral”, os dados demonstram uma mudança na frequência com que os respondentes se engajam nessa atividade antes e pós-pandemia.

Gráfico 64 - Reflexão sobre a profissão em geral



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

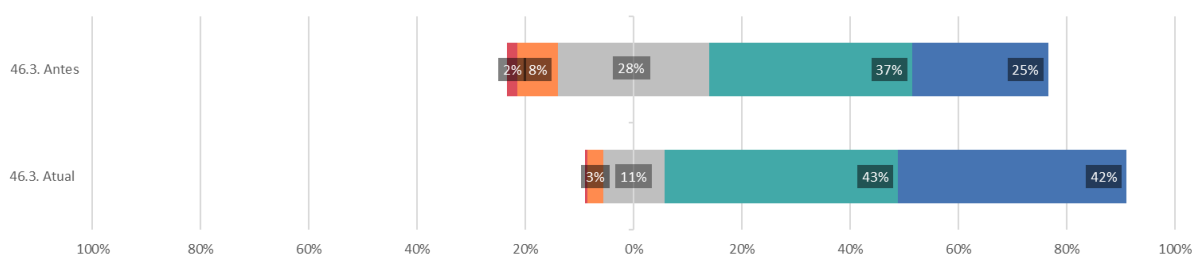
Observamos um aumento moderado na regularidade da reflexão sobre a profissão entre os respondentes. As categorias que indicam uma frequência positiva aumentaram de 64% para 87%, com “sempre” crescendo de 32% para 50% e “frequentemente” de 32% para 37%. A categoria intermediária “às vezes” diminuiu de 27% para 12%. Em contrapartida, as categorias que sinalizam uma frequência negativa diminuíram de 9% para 1%, com “raramente” decrescendo de 8% para 1% e a categoria “nunca” desaparecendo completamente.

O aumento na frequência com que os participantes refletem sobre a própria profissão pode ter sido impulsionada pelo sentimento de precarização decorrente da implementação da interpretação remota de forma abrupta, o que se desdobrou em uma série de desafios profissionais diante das novas condições de trabalho. Além disso, a situação de crise/desastre pode ter levado a uma avaliação mais profunda sobre o significado e o impacto de suas profissões em um contexto social mais amplo.

6.4.31 Reflexão sobre a comunicação

No tópico 46.3, “Reflexão sobre a comunicação e seus diferentes objetivos”, os dados indicam uma tendência de aumento na frequência dessa reflexão entre os respondentes, comparando o período antes da pandemia com o atual.

Gráfico 65 - Reflexão sobre a comunicação e seus diferentes objetivos



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

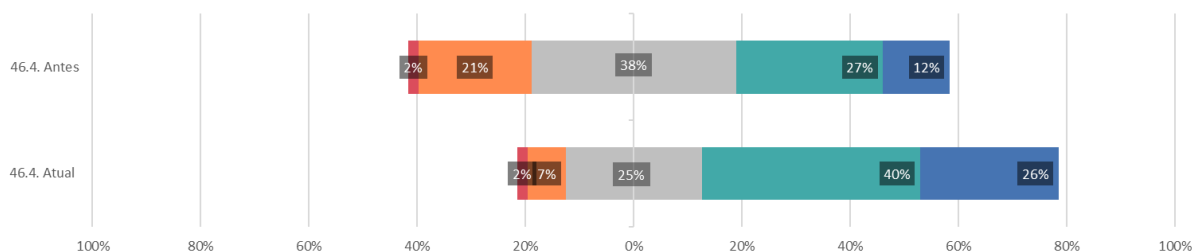
No cenário atual, identifica-se um incremento na frequência com que os respondentes se dedicam à reflexão sobre a comunicação. As categorias positivas apresentam um aumento de 62% para 85%, com a categoria “sempre” subindo de 25% para 42% e “frequentemente” de 37% para 43%. Em contrapartida, a categoria intermediária “às vezes” diminuiu de 28% para 11%. As categorias negativas, “raramente” e “nunca”, que anteriormente somavam 12%, reduziram para 3%.

O aumento moderado da reflexão sobre a comunicação e seus diferentes usos e escopos pode estar relacionado à diversidade de contextos em que o intérprete pode estar envolvido em um curso espaço de tempo, o que demanda que se ajuste rapidamente ao novo contexto e objetivo comunicativo, pois, a depender da demanda de interpretação, não é incomum que os intérpretes se engajem em eventos consecutivos, sem um intervalo mínimo que seria obrigatório caso envolvesse o deslocamento, típico do contexto presencial.

6.4.32 Participação em eventos formativos de curta duração

No tópico 46.4, referente à participação em eventos de curta duração, como *lives*, palestras, oficinas, mesas-redondas, *workshops*, etc., os dados revelam uma evolução na frequência de participação dessas atividades pelos respondentes antes e depois do início da pandemia.

Gráfico 66 - Participação em eventos formativos de curta duração



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Atualmente, observa-se uma mudança significativa na frequência de participação em eventos de curta duração, comparada ao período pré-pandêmico. A categoria “sempre” teve um aumento expressivo, de 12% para 26%, enquanto a “frequentemente” aumentou de 27% para 40% de participação. Por outro lado, a opção central “às vezes” diminuiu de 40% para 25%. A

frequência de participação “raramente” também caiu em 2/3, de 21% para 7% e não há mais registros de respondentes que nunca participam desses eventos, antes eram 2%.

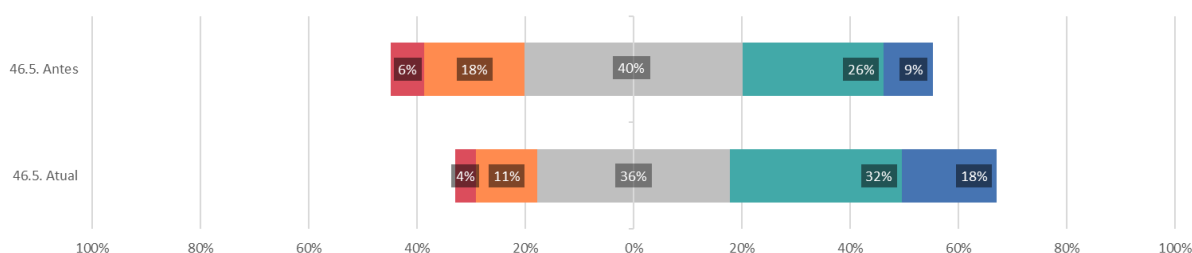
Essa mudança pode ser interpretada como uma adaptação ao ambiente imposto pela pandemia, que acelerou a transição para o formato virtual e aumentou a oferta e a acessibilidade de eventos *on-line*. A participação mais frequente nesses eventos reflete possivelmente a busca por desenvolvimento contínuo, *networking* e a necessidade de se manter atualizado com as tendências e discussões atuais, que se tornaram mais relevantes em um contexto profissional em rápida evolução.

O aumento das categorias positivas “sempre” e “frequentemente” de 39% para 66%, além da eliminação da categoria “nunca” sugere que o engajamento com a aprendizagem e o desenvolvimento profissional se tornou uma prática com adesão de praticamente todos os respondentes.

6.4.33 Participação em eventos formativos de média duração

No tópico 46.5, “Participação em eventos de média duração, como congressos, conferências, simpósios etc.”, os dados indicam uma mudança na frequência de participação nesses eventos.

Gráfico 67 - Participação em eventos formativos de média duração



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Observa-se um aumento na frequência com que os respondentes participam nestes tipos de evento. Agrupando as categorias positivas, há um crescimento de 40% para 54%, com “sempre” subindo de 14% para 18% e “frequentemente” aumentando de 26% para 36%. A categoria “às vezes” apresentou uma diminuição de 40% para 32%. Por outro lado, as categorias negativas tiveram uma queda de 15% para 9%, com “raramente” reduzindo de 11% para 7% e “nunca” de 4% para 2%.

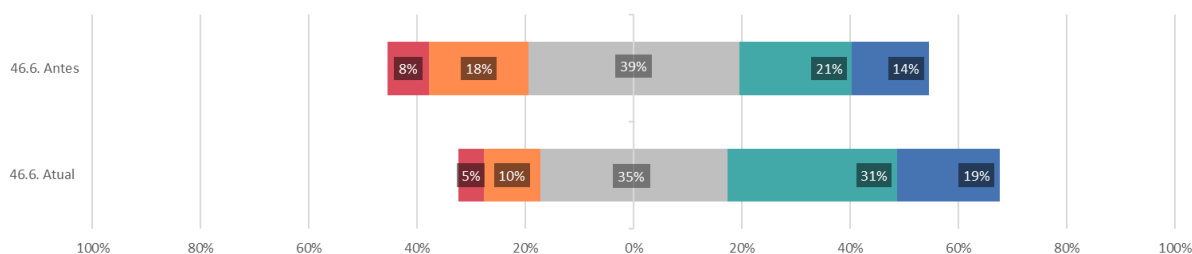
Esta mudança pode refletir um ajuste dos profissionais às novas oportunidades de desenvolvimento profissional que emergiram durante a pandemia, especialmente com a realização mais frequente de eventos virtuais. A maior acessibilidade desses eventos, sem a necessidade de deslocamento físico, pode ter facilitado um maior envolvimento.

A redução nas categorias negativas sugere que o acesso remoto permitiu a mais profissionais aproveitar as oportunidades para se atualizar e se conectar com colegas e especialistas da área, mesmo em face de restrições de viagens ou orçamentárias que normalmente eventos presenciais impõem.

6.4.34 Participação em eventos formativos de longa duração

No tópico 46.6, “Participação em eventos de longa duração, como cursos, disciplinas, seminários, treinamentos, grupos de estudo, fóruns”, a análise dos dados revela uma variação no comportamento dos respondentes antes e durante a pandemia.

Gráfico 68 - Participação em eventos formativos de longa duração



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

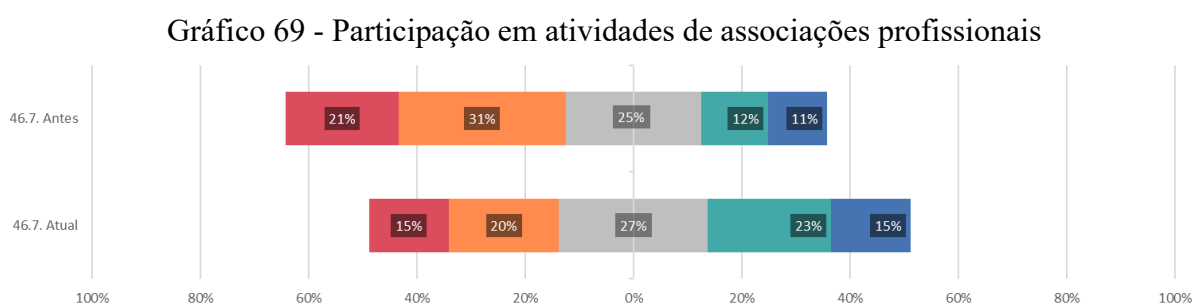
Comparativamente, no momento atual, observamos um aumento na frequência com que os respondentes participam desses eventos. Houve um aumento das categorias positivas de 35% para 50%, sendo que “sempre” aumentou de 14% para 19% e “frequentemente” de 21% para 31%. A categoria intermediária “às vezes” apresenta uma leve redução de 39% para 35%. Por fim, as categorias negativas diminuíram de 26% para 15%, tendo “raramente” diminuído de 18% para 10% e “nunca”, de 8% para 5%.

Esta tendência de aumento na participação frequente aponta para um foco intensificado no desenvolvimento profissional contínuo, uma vez que a pandemia pode ter acelerado a transição para o aprendizado *on-line* e a necessidade de adaptação às rápidas mudanças no mercado de trabalho.

Novamente, a diminuição nas categorias negativas sugere que mais profissionais estão buscando ativamente oportunidades para melhorar suas habilidades e conhecimentos, possivelmente em resposta às demandas de um ambiente de trabalho que se tornou mais digitalizado e interconectado.

6.4.35 Participação em atividades de associações de tradutores e intérpretes profissionais

No tópico 46.7, “Participação em atividades de associações de tradutores e intérpretes profissionais”, observamos os seguintes dados:

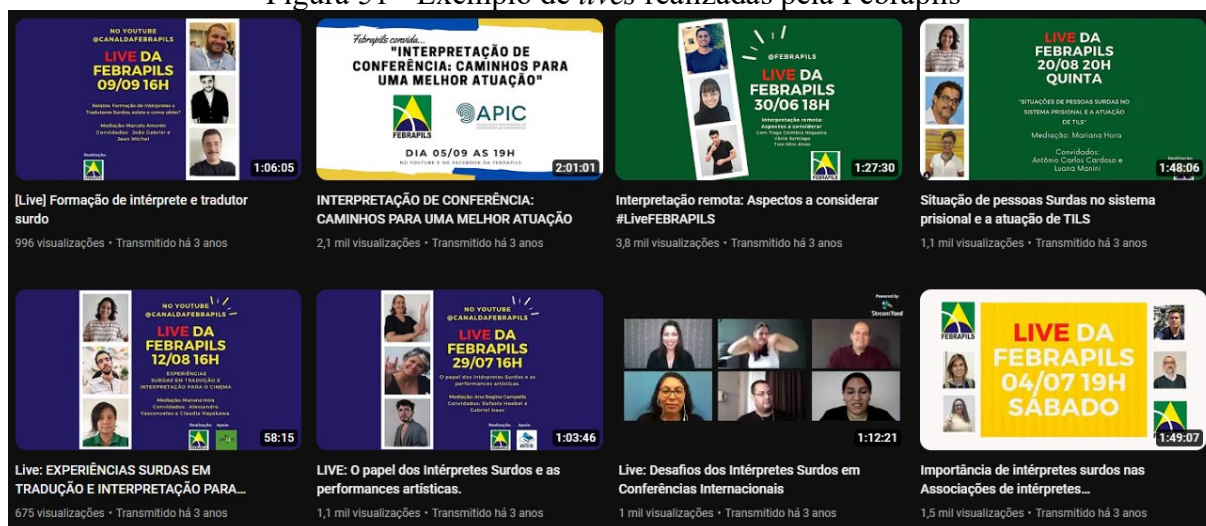


Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Comparando o período anterior com o atual, há uma mudança notável na frequência de participação. A proporção dos que participam “frequentemente” subiu de 12% para 23%, enquanto o número de participantes “sempre” aumentou de 11% para 15%. O percentual de respondentes que participam “às vezes” apresentou um leve aumento de 25% para 27%. Nota-se uma redução na categoria “raramente”, de 31% para 20% e “nunca”, que diminuiu de 21% para 15%. Embora tenha ocorrido uma melhoria, essa questão continua sendo um aspecto vulnerável entre os profissionais, possuindo um considerável espaço para aprimoramento.

Notavelmente, nos últimos anos o movimento associativo tem aderido ao processo de virtualização na relação com seus associados e com o público em geral. Durante a pandemia, muitas associações de intérpretes promoveram momentos de formação, frequentemente abertos ao público (não-sócios), para discutir e orientar a atuação dos profissionais.

A Febrapils, por exemplo, realizou uma série de *lives* com tópicos como: a formação do intérprete e tradutor surdo, interpretação de conferência (esta, em parceria com a APIC), aspectos da interpretação remota e atuação em diversos contextos, como o prisional, artístico, e de conferências internacionais, para citar alguns exemplos.

Figura 51 - Exemplo de *lives* realizadas pela Febrapils

Fonte: Canal da Febrapils no Youtube (2022)⁷⁰

A adesão do público aos momentos formativos de forma remota foi satisfatória, com uma média superior a mil visualizações em cada vídeo. No entanto, os dados ainda sugerem uma baixa adesão dos profissionais às associações locais de TILS, ou àquelas de abrangência nacional ou internacional que englobam também tradutores e intérpretes de pares de línguas vocais-auditivas.

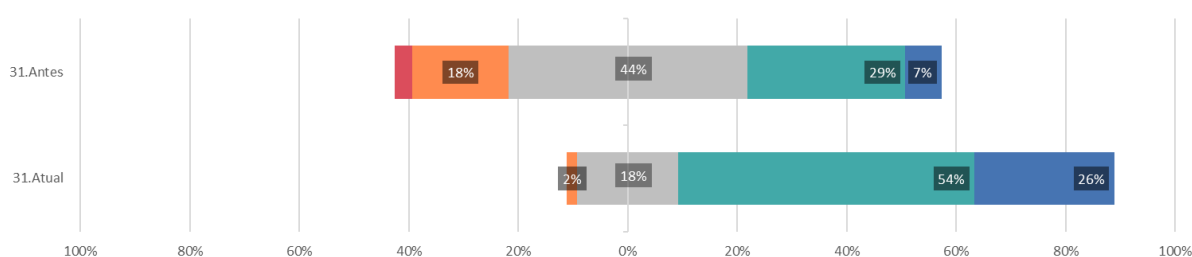
⁷⁰ <https://www.youtube.com/channel/UCJCTBdPNLg-izYyCl1qpXjA>

6.4.36 Síntese da percepção das habilidades profissionais pré e pós-pandemia

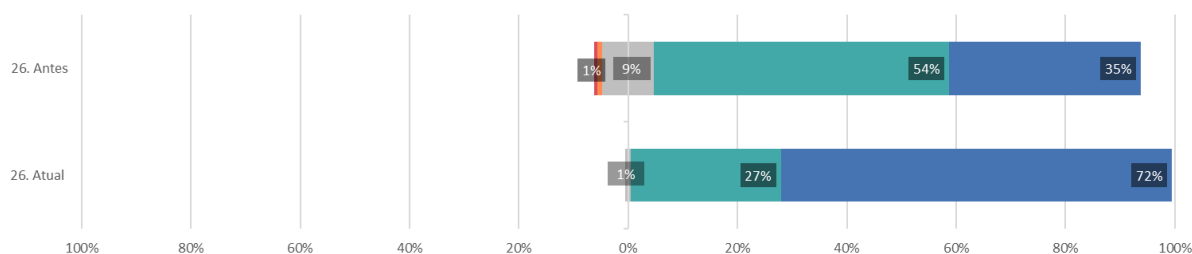
As habilidades de interpretação apresentaram variações significativas segundo a percepção dos respondentes, possivelmente devido à necessidade de se adaptar a novos métodos e práticas durante e após a pandemia. A seguir, destacamos alguns *insights* que podem ser úteis ao entendimento do fenômeno de forma geral.

Dentre todas das habilidades, os três pontos que apresentaram **maior** variação foram:

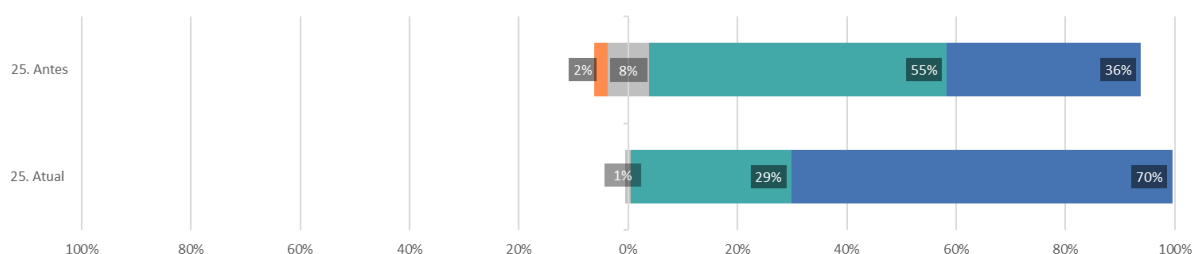
1. **Conhecimento de tecnologia aplicada à interpretação remota:** Teste *d* de Cohen = 1,0375



2. **Nível de Libras:** Teste *d* de Cohen = 0,8134



3. **Nível de Português:** Teste *d* de Cohen = 0,7639

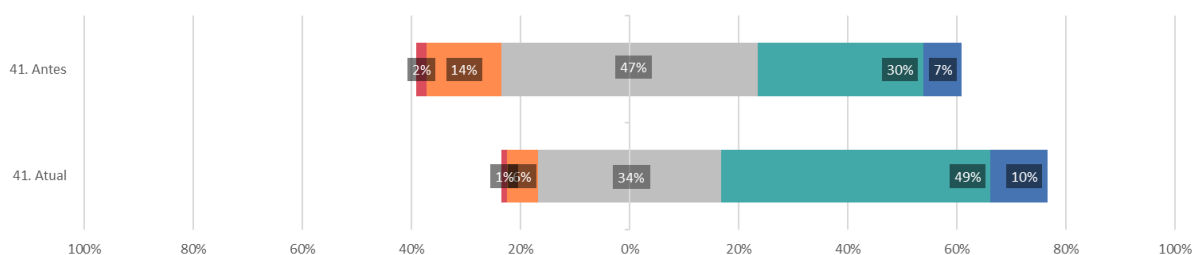


Conforme demonstrado pelos gráficos de divergência, podemos observar que esta variação se dá de forma diferente no primeiro tópico, em relação aos dois tópicos subsequentes. No primeiro tópico, grande parte da variação se dá pela migração de percepções em categorias centrais ou negativas, para categorias positivas no momento pós-pandemia, o que é evidenciado por um deslocamento considerável do segundo gráfico de barra divergente para a direita (polo positivo).

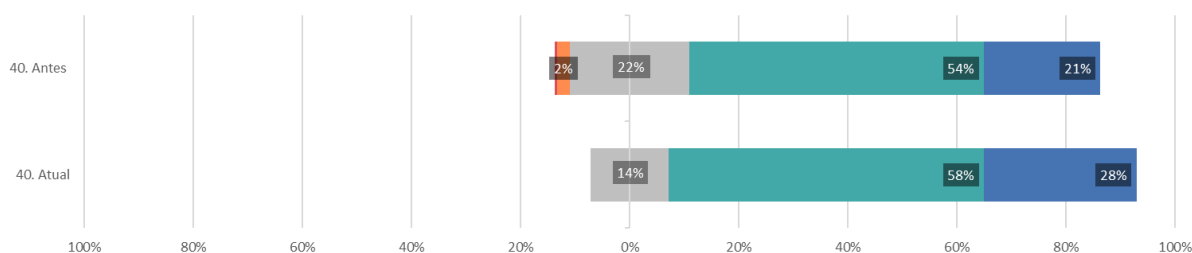
Nos dois tópicos subsequentes, ambos relacionados ao nível de proficiência linguística, a variação não se dá pelo esvaziamento das percepções negativas (dado que já era raro percepções nestas categorias), o que é naturalmente compreensível, tendo em vista que intérpretes são profissionais da linguagem, espera-se que seus níveis de expertise linguística sejam realmente altos. Assim, nestes tópicos, a variação se dá pelo aumento considerável das categorias máximas de avaliação, que são expressas no gráfico pela cor azul, enquanto as categorias positivas intermediárias em verde sofrem uma diminuição drástica. As categorias centrais e negativas praticamente desaparecem.

Dentre todas das habilidades, os três pontos que apresentaram **menor** variação foram:

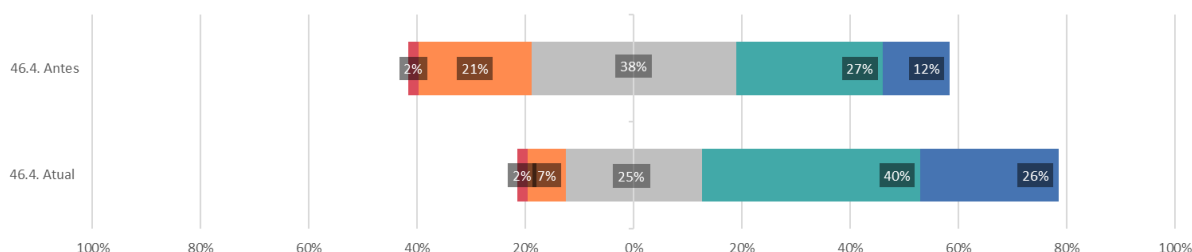
1. Resistência à pressão e tolerância à frustração: Teste d de Cohen = 0,2795



2. Mediação entre culturas: Teste d de Cohen = 0,2923



3. Participação em eventos formativos de longa duração (cursos, disciplinas, seminários, treinamentos, fóruns): Teste d de Cohen = 0,3088



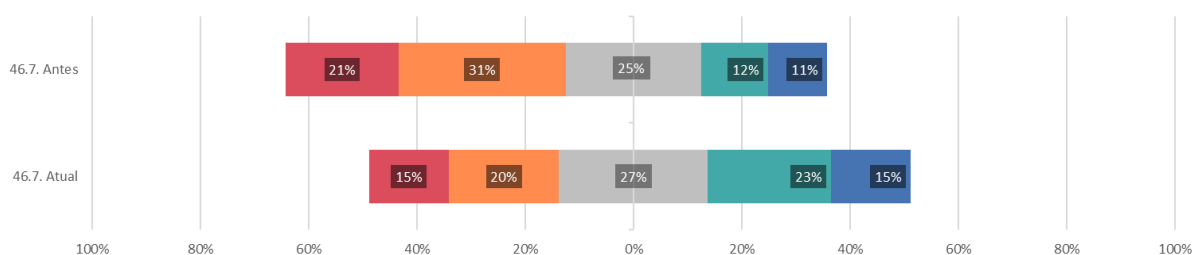
Neste segundo grupo de habilidades, conforme demonstrado pelos gráficos de divergência, podemos observar que a variação se dá de forma muito sutil, havendo uma relativa estabilidade dentre as proporções das categorias apresentadas especialmente nos dois primeiros

tópicos abordados, que tratam de habilidades intra e interpessoais, como a resistência à pressão, tolerância à pressão e a mediação entre culturas. No terceiro tópico, relativo à participação de formações de longa duração, um pouco menos estável que os anteriores, observamos uma redução na categoria negativa “raramente”, em laranja, com o aumento da categoria positiva “frequentemente”, em verde e de “sempre” em azul.

Dentre todas as habilidades, os três pontos que se apresentam como **maiores oportunidades de melhoria** são:

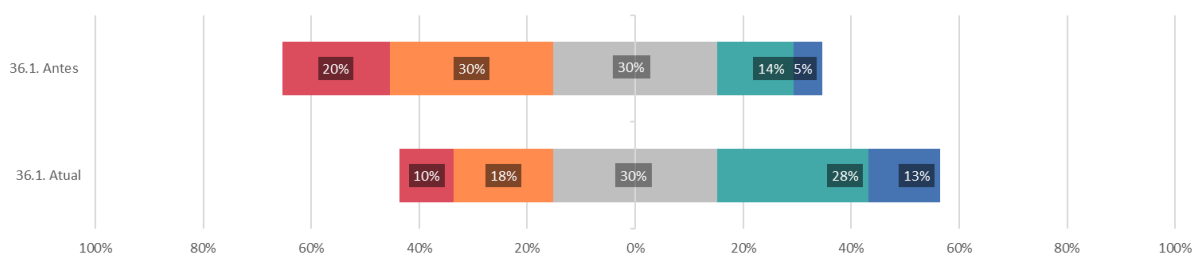
1. Participação em atividades de associações de tradutores e intérpretes profissionais:

Média Antes= 2,6161 | Média Depois = 3,0236

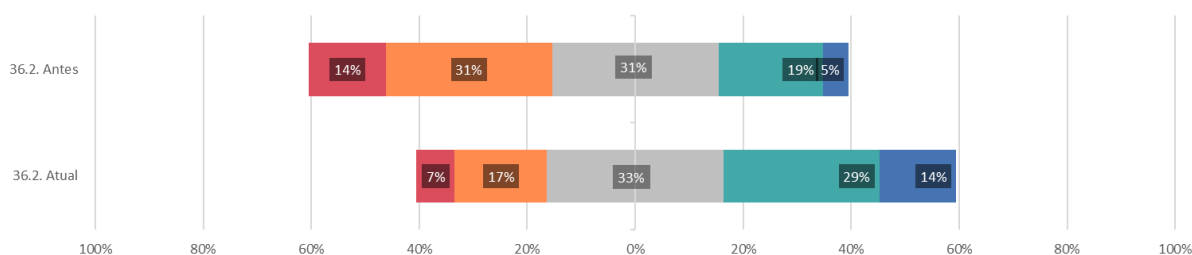


2. Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação [Posterior]:

Média Antes = 2,545 | Média Depois = 3,1611



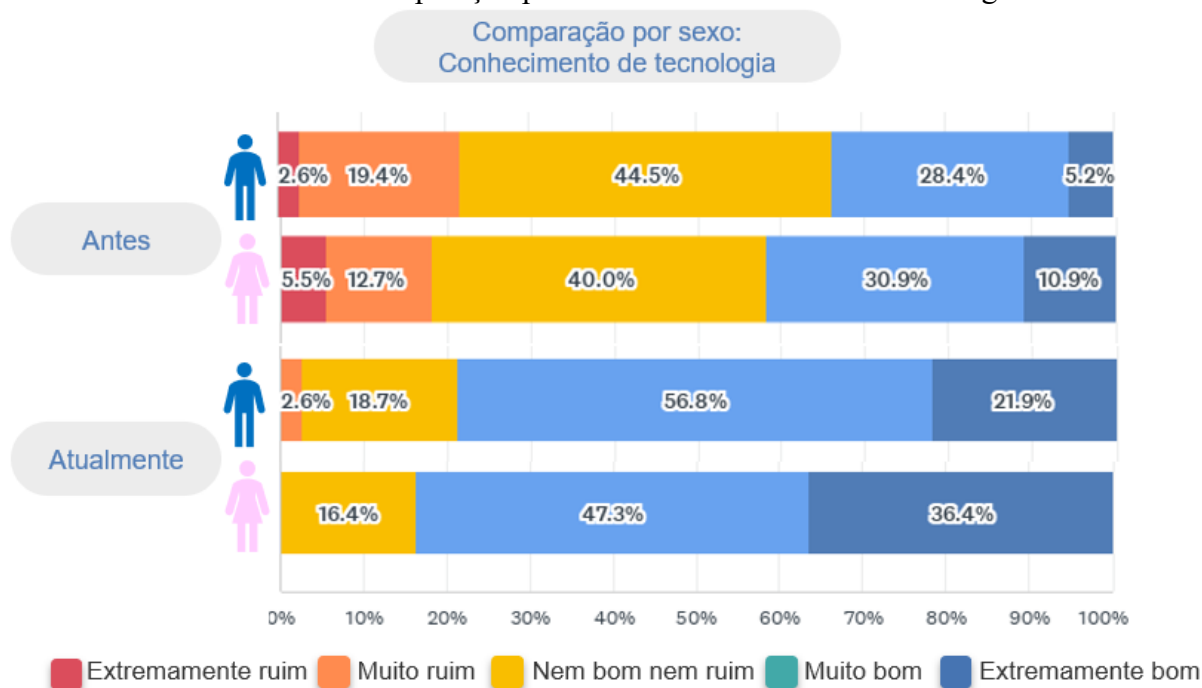
3. Criação/revisão de glossários [Posterior]: Média Antes = 2,696 | Média Depois = 3,2606



Isso significa que, mesmo depois da pandemia, esses tópicos foram os que ainda apresentam uma considerável margem para melhoria, com muitos de seus respondentes declarando estar em fora das categorias positivas de avaliação, o que na maioria dos casos evidencia uma tendência às categorias centrais ou negativas de avaliação. Portanto, dentro o contexto geral das habilidades investigadas, a participação nas associações de intérpretes e as atividades relativas à gestão terminológica e de material de consulta constam como potencialidades ainda subdesenvolvidas.

Outro ponto interessante levantado nesta pesquisa foi o fato de que pudemos identificar algumas diferenças correlacionando o gênero dos participantes e a percepção de suas habilidades. Por exemplo, homens aparentam ter avaliado suas próprias habilidades de forma superior, especialmente nos tópicos relacionados ao domínio da tecnologia.

Gráfico 70 - Comparação por sexo e conhecimento de tecnologia



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

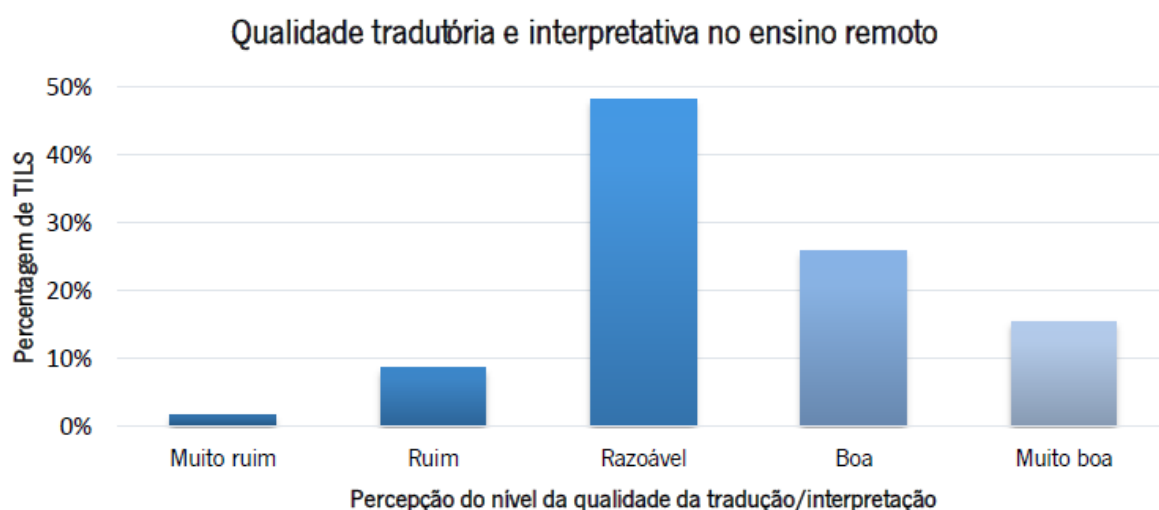
Em vista da revisão de literatura na área, nota-se que um dos temas recorrentes em pesquisas de levantamento com intérpretes é a percepção de qualidade de seus serviços, ou seja, a percepção do “produto” de sua atuação como intérprete.

Pöchhacker (2004) ressalta que, quando entrevistados, intérpretes relatam que fazer interpretação remota os deixa mais estressados, menos confortáveis fisicamente e prejudica a qualidade do seu trabalho. Estes relatos se alinham com o que intérpretes que trabalharam

remotamente para a ONU disseram em um teste em 2001. No entanto, as pessoas que usam os serviços de interpretação não perceberam uma queda significativa de qualidade.

Sansão e Cruz-Santos (2022) relatam que, segundo a autopercepção dos TILS brasileiros acerca do nível de qualidade da tradução e interpretação no ensino remoto, a maioria das respostas se concentra na categoria “razoável”, sendo a categoria “boa” a segunda mais votada, no entanto por cerca de 1/4 das respostas.

Gráfico 71 - Percepção do nível da tradução/interpretação



Fonte: Sansão e Cruz-Santos, 2022, p. 13

Os autores apontaram que diversos fatores contribuem para a limitação da qualidade no ensino remoto, incluindo a excessiva carga de trabalho, as condições inadequadas no ambiente laboral, os custos com equipamentos e energia, as dificuldades de conexão à *internet*, problemas estruturais e técnicos, a falta de interação entre alunos surdos e professores, a perda de identidade do papel de apoio do TILS, impactos negativos na saúde relacionados ao trabalho remoto, que afetam tanto a saúde mental quanto o bem-estar ergonômico, e a falta de *feedback* por parte dos alunos surdos (Sansão; Cruz-Santos, 2022).

Na presente pesquisa, decidiu-se não investigar a qualidade da interpretação em si, baseando-se na compreensão de que, para avaliar esse aspecto de maneira adequada, além da autoavaliação dos intérpretes sobre a qualidade de seu trabalho, seria fundamental conduzir uma pesquisa com uma metodologia específica focada na percepção e avaliação dos usuários finais dos serviços de interpretação. No próximo capítulo, abordamos a mobilização das habilidades que compõem a competência do intérprete de Libras-português em atuação remota.

7 A MOBILIZAÇÃO DA COMPETÊNCIA DO INTÉRPRETE DE LIBRAS EM ATUAÇÃO REMOTA

Mar calmo nunca fez bom marinheiro.

Provérbio popular

Avançando com os procedimentos descritos no tópico que descreve o método de análise e discussão dos dados, elaboramos um mapa de calor a partir do modelo de competência do intérprete proposto por Cavallo (2022). Para isto, aplicamos uma escala de cores sequencial, do tipo verde, amarela e vermelha, para indicar intensidades pequenas, médias e grandes, respectivamente, de acordo com os limiares adotados para o teste de tamanho do efeito (d de Cohen). A habilidade que não atingiu significância estatística está representada em cinza. O resultado é demonstrado pela figura a seguir:

Figura 52 - Mapa de calor ilustrando o efeito de variação nos conjuntos de habilidades que compõem a competência do intérprete



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

No entanto, antes de discorrer sobre os resultados gerais, abordaremos os conjuntos de habilidades que compõem a competência do intérprete de forma agrupada. A seguir, discorreremos sobre as habilidades anteriores ao processo, habilidades internas ao processo, habilidades posteriores ao processo, habilidades envolvendo o processo e, por fim, as habilidades extrínsecas ao processo.

7.3 HABILIDADES ANTERIORES AO PROCESSO

A dimensão de “Habilidades Anteriores ao Processo” é composta pelos seguintes itens:

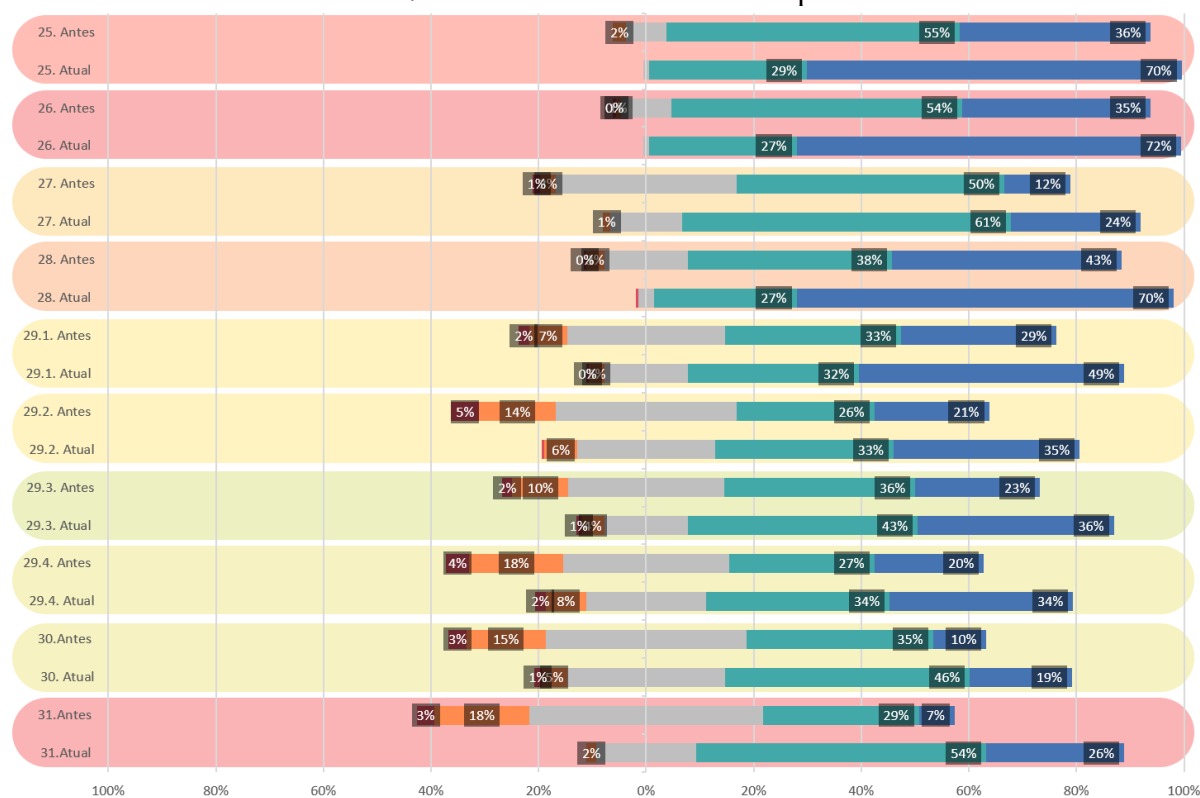
Quadro 29 - Habilidades Anteriores ao Processo

Item	Tópico
Questão 25	Nível de Português
Questão 26	Nível de Libras
Questão 27	Processo de preparação
Questão 28	Tecnologia na preparação
Questão 29.1	Estudo de glossários [Anterior]
Questão 29.2	Criação/revisão de anotações/instruções [Anterior]
Questão 29.3	Reunião/conversa com colega, quando em equipe [Anterior]
Questão 29.4	Reunião/conversa com organizadores/palestrante do evento [Anterior]
Questão 30	Aproveitamento otimizado do tempo [Anterior]
Questão 31	Conhecimento de tecnologia [Anterior]

Fonte: Elaboração do autor, com base no modelo de competência do intérprete (Cavallo, 2022)

Ao agrupar os tópicos que compõem a referida dimensão em um conjunto de gráficos de barras divergentes, obtivemos a seguinte representação visual:

Gráfico 72 - Habilidades anteriores ao processo



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Analisando o grupo de “Habilidades Anteriores ao Processo” de interpretação, percebe-se que este conjunto de habilidades foi o mais impactado tendo em vista o modelo de competência do intérprete de conferência. Essas habilidades, essenciais para o preparo e a execução eficaz da interpretação, mostraram um desenvolvimento significativo, especialmente em resposta às mudanças trazidas pela pandemia. A seguir, podemos observar uma hierarquia interessante no que tange ao impacto e desenvolvimento das habilidades dos intérpretes.

Nítidamente, as habilidades relacionadas à tecnologia foram mais impactadas dentro do modelo como um todo, a saber, o “Conhecimento de tecnologia” que, antes da pandemia, possuía uma das percepções mais negativas dentro o modelo e, depois da pandemia, transicionou quase que completamente para avaliações nas categorias do polo positivo, juntamente com a habilidade de “Uso da tecnologia na preparação” que obteve adesão quase integral da categoria. Certamente, esta tendência à adoção da tecnologia é fruto de um conjunto de fatores que se intensificaram principalmente em decorrência do isolamento social, período em que a interpretação remota ganhou prevalência e a tecnologia se tornou um componente indispensável no exercício da profissão, de forma que o manejo de ferramentas de pesquisa *on-*

line e a própria entrega do serviço de interpretação se tornam essenciais, como mencionados anteriormente.⁷¹

Em segundo lugar, situam-se as habilidades relacionadas à proficiência linguística.⁷² Neste aspecto, houve um aumento significativo na autoavaliação dos intérpretes, tanto em português quanto em Libras, com ênfase especial na língua de sinais. Este aumento na auto percepção da proficiência nas línguas de trabalho não se restringe apenas ao aprimoramento das competências linguísticas em si, que, naturalmente, com a prática deliberada e formação específica, tendem à melhoria no decorrer do tempo, mas também pode refletir um aumento na autoconfiança dos profissionais em relação ao desempenho linguístico.

Em terceiro lugar, as questões relacionadas ao processo de preparação demonstraram uma tendência positiva. As atividades de “Estudo de glossários e criação/revisão de anotações/instruções”, essenciais para a qualidade da interpretação, experimentaram um aumento considerável, o que sugere um engajamento maior dos intérpretes com o material de preparação para interpretação e um desempenho mais eficaz no uso do tempo disponível para tal.

Finalmente, observamos que, embora as reuniões com colegas intérpretes sejam realizadas com frequência, percebe-se que a interação com outros participantes do evento, como organizadores e palestrantes, ainda apresenta margem para melhoria. Esta interação prévia pode refletir diretamente na eficácia da interpretação, especialmente em eventos esporádicos, não recorrentes, como palestras, *lives*, onde a atuação do intérprete não é habitual.

7.4 HABILIDADES INTERNAS AO PROCESSO

A dimensão de “Habilidades Internas ao Processo” é composta pelos seguintes itens:

Quadro 30 - Habilidades Internas ao Processo

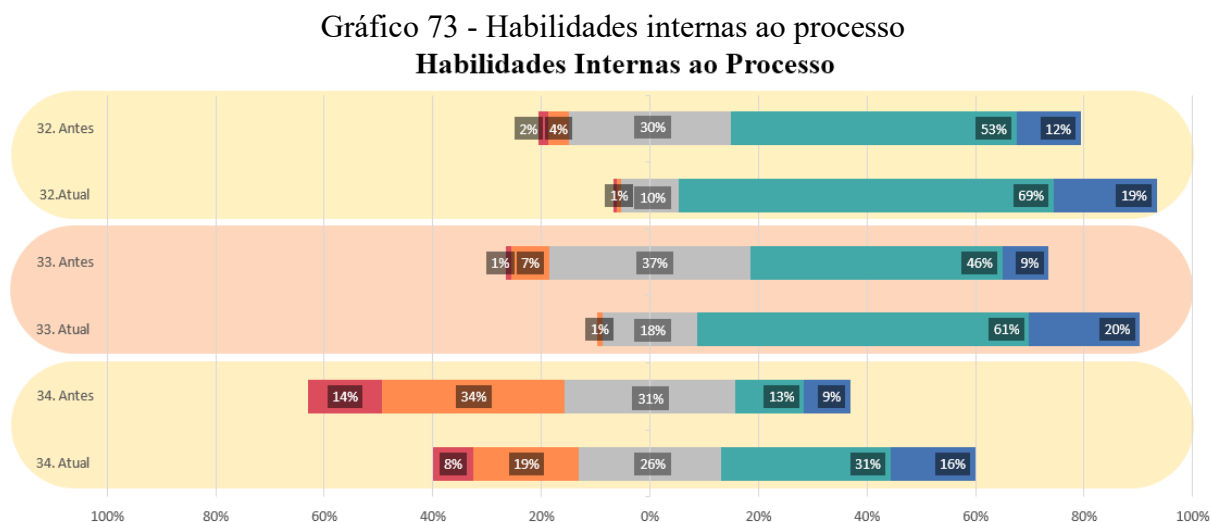
Item	Tópico
Questão 32	Compreensão, transferência e produção
Questão 33	Gestão de múltiplos estímulos
Questão 34	Medidas de controle de fadiga

Fonte: Elaboração do autor, com base no modelo de competência do intérprete (Cavallo, 2022)

⁷¹ Os resultados deste item podem ser encontrados na seção **6.3.8 Ações e uso da tecnologia**.

⁷² Os resultados mais detalhados podem ser encontrados nas seções **6.4.1 Nível de Português** e **6.4.2 Nível de Libras**

Ao agrupar os tópicos que compõem a referida dimensão em um conjunto de gráficos de barras divergentes, obtivemos a seguinte representação visual:



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Dentro do grupo de “Habilidades Internas ao Processo”, a habilidade que parece ter sido mais impactada é a “Gestão de múltiplos estímulos”. Os dados mostram uma melhoria substancial na autoavaliação dos intérpretes em relação à sua habilidade de gerir múltiplos estímulos. Por “estímulo” nos referimos à variedade de informações (advindas do público, do técnico, do coordenador do evento, do cliente, ou colega de interpretação), interrupções físicas, ruídos ambientais etc. Estas mudanças indicam não só uma adaptação, mas também um aprimoramento considerável nesta habilidade, provavelmente impulsionado pela prática da interpretação remota desde o ambiente domiciliar, o que implica em um desafio duplo: o profissional deve gerenciar tanto os aspectos intrínsecos à sua atuação como intérprete e possíveis intercorrências da dinâmica residencial/familiar.

As duas outras habilidades que compõem o grupo parecem ter um comportamento similar, uma tendência à melhoria. Apesar disso, quando examinamos mais detalhadamente, podemos observar que a habilidade de “Compreensão, transferência e produção” foi menos impactada, especialmente por já ter uma alta concentração de percepções positivas.

Em relação à fadiga, assim como evidenciado por Gile (2009), em seu Modelo dos Esforços, este é um componente crítico da interpretação simultânea, especialmente no contexto remoto, em que é comum que se fique longas horas em frente a telas e se tenha menos oportunidades para movimento físico. Observamos que muitos intérpretes não tem o hábito de implementar regularmente medidas de controle de fadiga e, apesar de uma mudança no sentido

de uma tendência positiva no controle da fadiga física e mental (nota-se que a maioria antes posicionada nas categorias negativas transiciona para as positivas), neste grupo, esta é a habilidade com mais espaço para melhoria, pois ainda contabiliza uma quantidade considerável de relatos de não adesão às medidas de controle de fadiga.

Cavallo (2022, p. 34) ressalta que “o intérprete, consciente dos limites do próprio corpo e das necessidades impostas pela situação comunicativa em que se encontra, deveria colocar em prática uma série de ações voltadas a não sobrecarregar as suas capacidades físicas e cognitivas”, o que inclui a orientação por profissionais da saúde para conhecimento e realização de exercícios corporais e vocais como alongamento e relaxamento, hidratação adequada, trabalho com a respiração, regulação vocal, dentre outros.

7.5 HABILIDADES POSTERIORES AO PROCESSO

A dimensão de “Habilidades Posteriores ao Processo” é composta pelos seguintes itens:

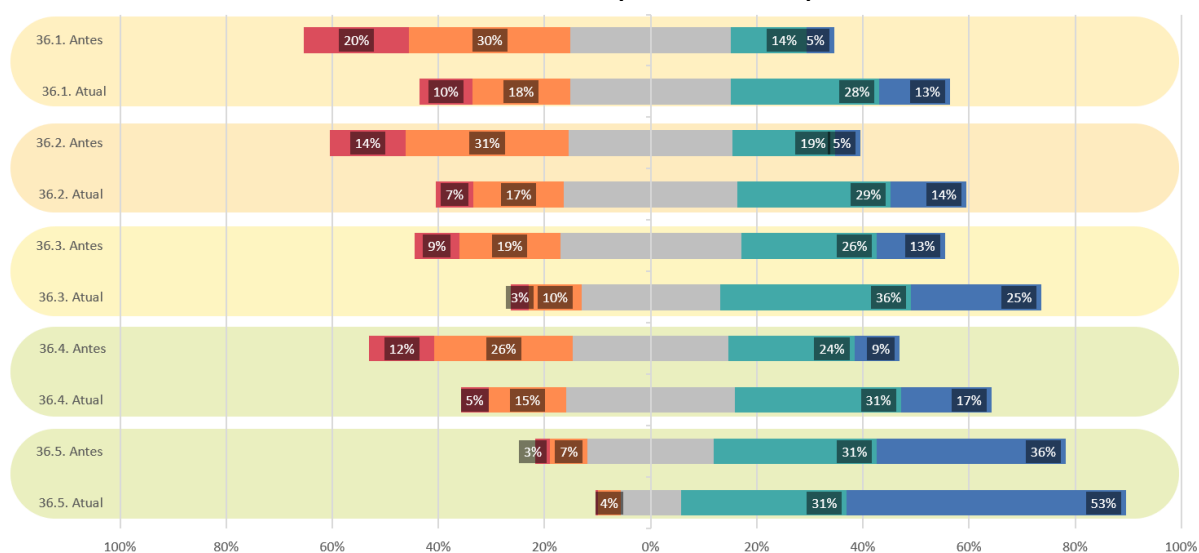
Quadro 31 - Habilidades Posteriores ao Processo

Item	Tópico
Questão 36.1	Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação [Posterior]
Questão 36.2	Criação/revisão de glossários [Posterior]
Questão 36.3	Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe, para dar/receber feedback
Questão 36.4	Reunião/conversa com outros participantes/organizadores/palestrante (feedback)
Questão 36.5	Autoavaliação da interpretação em busca de melhorias

Fonte: Elaboração do autor, com base no modelo de competência do intérprete (Cavallo, 2022)

Ao agrupar os tópicos que compõem a referida dimensão em um conjunto de gráficos de barras divergentes, obtivemos a seguinte representação visual:

Gráfico 74 - Habilidades posteriores ao processo



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

No grupo de habilidades de “Habilidades Posteriores ao Processo”, podemos observar algumas tendências interessantes. Primeiramente, observamos que a atividade de maior adesão após a interpretação é a “autoavaliação da interpretação em busca de melhorias”, o que indica que os intérpretes estão investindo mais na análise crítica de seu próprio trabalho mesmo após a conclusão dos eventos de interpretação. Obviamente, por questões de sigilo e privacidade, ou da própria natureza evanescente da interpretação (que, diferentemente da tradução, prescinde a criação de um produto), provavelmente se dá pela reflexão retrospectiva da interpretação realizada, a menos que esta tenha sido gravada por qualquer motivo.

Outra tendência identificada é a busca por *feedback* especializado, curiosamente, observamos uma priorização de *feedback* interno da equipe (entre os próprios colegas intérpretes), em detrimento de possíveis *feedbacks* de outros participantes, organizadores ou palestrantes (normalmente não especializados na área de interpretação), o que pode indicar uma valorização da expertise dos colegas, como sendo mais relevante ou construtiva para o aprimoramento técnico. Isto corresponde à visão de Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993), segundo os quais, sem *feedback* apropriado, o processo de aprendizado eficaz torna-se inviável, resultando em avanços limitados, mesmo entre indivíduos altamente motivados, isto é, a repetição de uma atividade por si só não garante aprimoramento, especialmente e no que diz respeito à exatidão na execução da tarefa, o que enfatiza a importância da prática deliberada.

Por último, observamos uma baixa adesão às atividades de gestão terminológica e de criação ou revisão de instruções relativas à interpretação. Os dados indicam que, embora haja uma tendência positiva na criação e revisão de glossários pós-evento, ainda existe uma considerável margem para melhoria, o que indica que muitos intérpretes podem não estar dedicando tempo suficiente para a gestão de terminologia. Isso pode se dar por uma série de questões, desde a priorização de outras atividades pertinentes, ou pela inabilidade ou desconhecimento de como criar e gerir esses tipos de informações.

7.6 HABILIDADES ENVOLVENDO O PROCESSO

A dimensão de “Habilidades Envolvendo o Processo” é composta pelos seguintes itens:

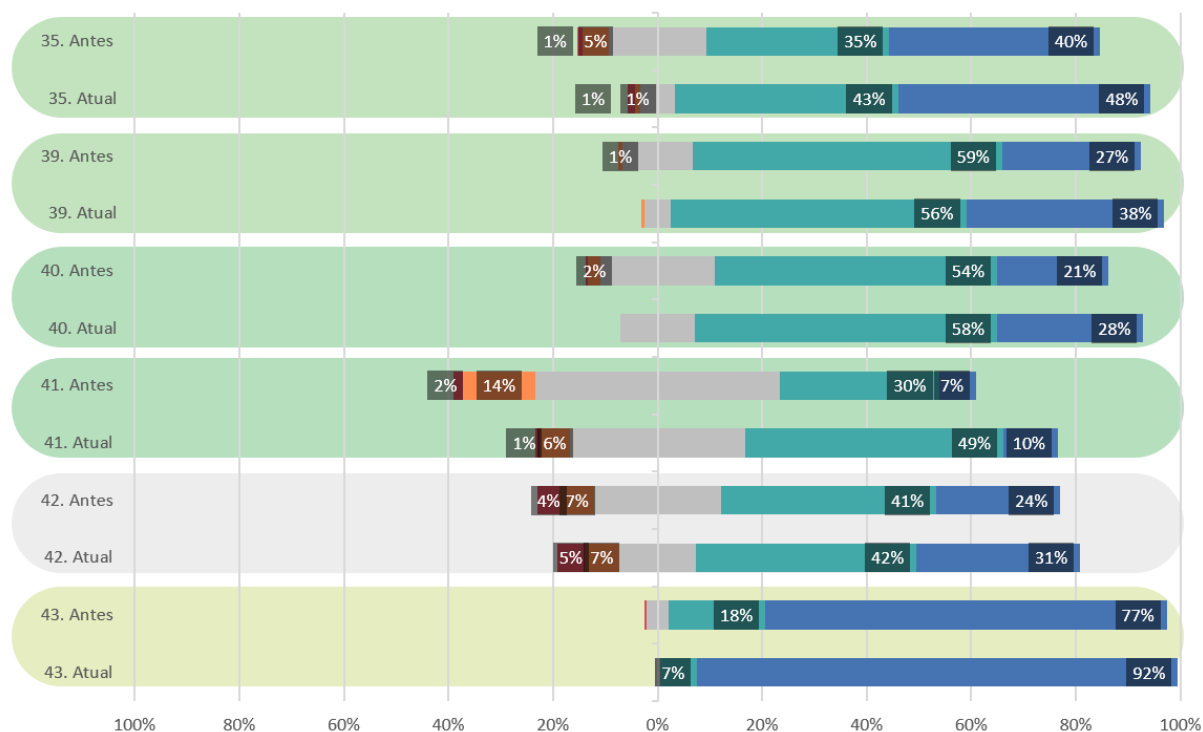
Quadro 32 - Habilidades Envolvendo o Processo

Item	Tópico
Questão 35	Atuação de apoio
Questão 39	Trabalho em equipe e colaboração
Questão 40	Mediação entre culturas
Questão 41	Resistência à pressão e tolerância à frustração
Questão 42	Estresse e ansiedade na Interpretação Remota
Questão 43	Responsabilidade, empatia e bom senso

Fonte: Elaboração do autor, com base no modelo de competência do intérprete (Cavallo, 2022)

Ao agrupar os tópicos que compõem a referida dimensão em um conjunto de gráficos de barras divergentes, obtivemos a seguinte representação visual:

Gráfico 75 - Habilidades envolvendo o processo



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

No grupo de habilidades de “Habilidades Envolvendo o Processo”, a habilidade percebida como mais desenvolvida foi a relacionada aos valores éticos de “Responsabilidade,

Empatia e Bom Senso”, tendo uma adesão quase integral à categoria que representa o nível máximo. Em suma, essa habilidade parece ter se mantido fortemente positiva.

A habilidade relacionada ao controle de “Estresse e Ansiedade na Interpretação Remota” parece ser a menos desenvolvida dentro do grupo analisado. No entanto, é importante ressaltar que este item não obteve significância estatística no teste de Wilcoxon, o que restringe a validade de quaisquer asserções. A segunda habilidade menos desenvolvida neste grupo é a relacionada com “Resistência à pressão e tolerância à frustração”, que apesar de apresentar uma melhoria, ainda é um ponto de dor entre os profissionais.

De forma geral, as outras habilidades “Trabalho em Equipe e Colaboração”, “Mediação entre Culturas” e “Atuação de Apoio” são relacionadas fortemente às relações interpessoais que permeiam a interpretação. Nestes aspectos, os participantes relataram um estágio avançado de desenvolvimento, evidenciando concentração das avaliações nos polos positivos (à direita): isso sugere uma percepção bastante otimista sobre as próprias habilidades interpessoais, essenciais na atuação no âmbito da interpretação.

7.7 HABILIDADES EXTRÍNSECAS AO PROCESSO

A dimensão de “Habilidades Extrínsecas ao Processo” é composta pelos seguintes itens:

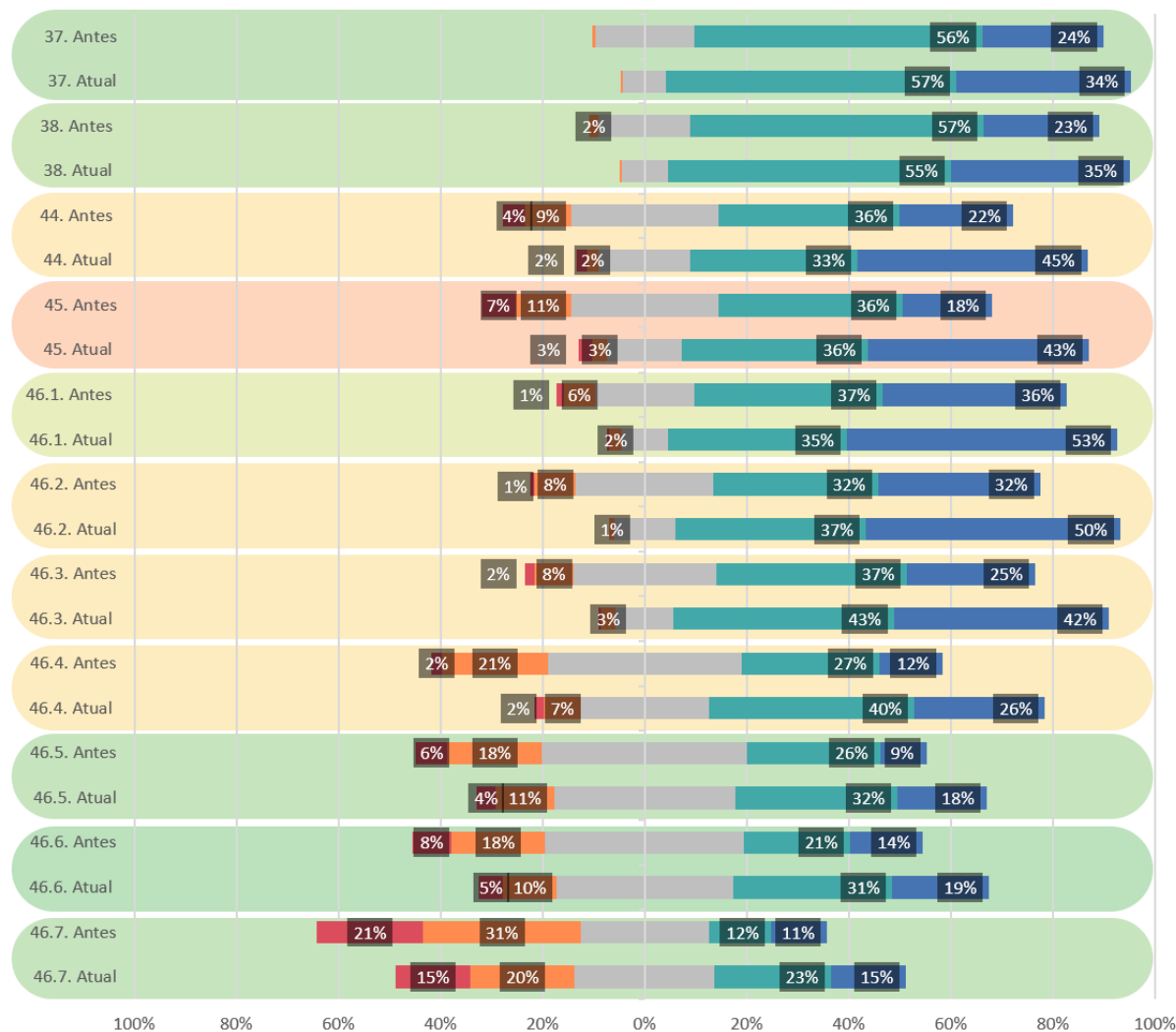
Quadro 33 - Habilidades Extrínsecas ao Processo

Item	Tópico
Questão 37	Relação com colegas
Questão 38	Relação com clientes
Questão 44	Condicionamento e bem-estar
Questão 45	Conhecimento de negócio
Questão 46.1	Reflexão sobre competência
Questão 46.2	Reflexão sobre a profissão
Questão 46.3	Reflexão sobre a comunicação
Questão 46.4	Participação em eventos formativos de curta duração (<i>lives</i> , palestras, oficinas, mesas-redondas, <i>workshops</i> , etc.).
Questão 46.5	Participação em eventos formativos de média duração (congressos, conferências, simpósios, etc.)
Questão 46.6	Participação em eventos formativos de longa duração (cursos, disciplinas, seminários, treinamentos, fóruns, etc.)
Questão 46.7	Participação em atividades de associações de tradutores e intérpretes profissionais

Fonte: Elaboração do autor, com base no modelo de competência do intérprete (Cavallo, 2022)

Ao agrupar os tópicos que compõem a referida dimensão em um conjunto de gráficos de barras divergentes, obtivemos a seguinte representação visual:

Gráfico 76 - Habilidades extrínsecas ao processo



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Dentro do escopo de “Habilidades Extrínsecas ao Processo” de interpretação, podemos perceber padrões distintos e indicativos de desenvolvimento profissional não apenas sob as perspectivas linguística e interpretativa, mas também das competências intrínsecas ao negócio.

Novamente, à semelhança dos dados apresentados nas habilidades que envolvem o processo, as relações interpessoais, como a “Relação com colegas” e a “Relação com clientes” mantêm um grau elevado de percepção positiva, com um ligeiro incremento no período pós-pandemia, mas com estabilidade massiva no polo positivo.

Observamos um aumento na frequência de atividades de capacitação de curta duração, como a participação em *lives*, palestras, oficinas, mesas-redondas e *workshops*. Esta tendência

sugere uma inclinação dos profissionais para privilegiar as opções de desenvolvimento profissional de imediata aplicabilidade e retorno, muitas vezes referidas metaforicamente como *low-hanging fruits*.⁷³ Contudo, a longo prazo, essa preferência pode suscitar preocupações quanto à profundidade e abrangência da formação contínua. Em congruência com este fenômeno, registramos uma menor adesão a eventos que requerem um maior grau de comprometimento temporal e investimento, tais como congressos, conferências e simpósios (atividades de média duração), bem como cursos, disciplinas, seminários, treinamentos e fóruns (atividades de longa duração). Tal postura também pode ser reflexo da situação de crise vivenciada na pandemia, o que pode ter impactado negativamente na disponibilidade dos intérpretes para engajamento em processos formativos mais extensos.

Por fim, houve um aumento significativo na regularidade com que os intérpretes realizam “Reflexão sobre a profissão”, indicando um aprofundamento no entendimento de seu papel e uma busca por aperfeiçoamento contínuo. No entanto, neste grupo, a habilidade mais impactada foi a de “Conhecimento de Negócio”: o incremento na autoavaliação dessa competência sugere que os intérpretes, ao longo da pandemia, foram impelidos a adaptar-se aos novos desafios do mercado e às complexidades emergentes, especialmente tendo que lidar diretamente com contratantes, o que demanda prática de negociação de valores, precificação de serviços, elaboração de orçamentos/contratos etc. Acreditamos que apesar de citada como um dos exemplos de “conhecimento de negócio”, a habilidade de “planejar viagens” não tenha sido implementada com frequência no período pandêmico, justamente pelas restrições de contato social, a diminuição de eventos presenciais e o impulsionamento de atividades remotas.

⁷³ No contexto de negócios, *“low-hanging fruits”* é uma metáfora que se refere às oportunidades que são fáceis de alcançar, não requerem muitos esforços para serem aproveitadas e oferecem resultados rápidos. A ideia é semelhante à de colher “as frutas que estão penduradas nos galhos mais baixos” de uma árvore, acessíveis e fáceis de pegar, em comparação com as que estão nos galhos mais altos, que exigiriam mais tempo, esforço e recursos para serem alcançadas.

7.8 SÍNTESE DA MOBILIZAÇÃO DA COMPETÊNCIA DO INTÉRPRETE DE LIBRAS-PORTUGUÊS NA PANDEMIA

Em seguida, apresentamos uma análise comparativa entre as várias dimensões ou conjuntos de habilidades. Esta síntese visa proporcionar uma visão mais clara do impacto relativo de cada grupo em comparação com os outros e com o modelo de competência do intérprete como um todo. A seguir, retomamos o Mapa de Calor (verde-amarelo-vermelho) que indica o tamanho do efeito (pequeno-médio-grande) em que essas habilidades foram impactadas:

Figura 53 - Mapa de Calor aplicado ao Modelo de Competência do Intérprete



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

Em ordem decrescente de tamanho do efeito seguindo o teste *d* de Cohen, observamos:

1. O grupo de “Habilidades Anteriores ao Processo” foi a mais impactada no modelo. Especialmente as habilidades relacionadas ao uso da tecnologia e à proficiência linguística. Atividades de preparação mais autônomas, como a criação e estudo de glossários, anotações e instruções são frequentemente relatadas enquanto atividades que dependem de terceiros, como reuniões de alinhamento, e, portanto, se impõem como desafios.
2. Em segundo lugar, o grupo de “Habilidades Internas ao Processo”. A habilidade de compreensão, transferência e produção já era avaliada positivamente. Medidas de controle de fadiga continuam sendo um ponto fraco e a gestão de múltiplos estímulos parece ter sido a mais impactada do grupo.
3. O grupo de “Habilidades Extrínsecas ao Processo”, com mais itens de análise, teve um impacto moderado, de tamanho de efeito pequeno/médio. A habilidade impactada mais fortemente foi a de conhecimento de negócio. Habilidades relacionadas à saúde, condicionamento físico e reflexão sobre tópicos pertinentes à atuação tiveram impacto moderado. O nível de engajamento nas atividades das associações profissionais requer atenção, apresentando uma margem considerável de melhoria.
4. Em quarto lugar, as “Habilidades Posteriores ao Processo” tiveram impacto pequeno/médio em sua maior parte. A gestão terminológica pós-evento, embora tenha melhorado, ainda apresenta espaço para desenvolvimento, indicando a necessidade de maior dedicação a essa área.
5. As “Habilidades Envolvendo o Processo” foram menos impactadas. Isso se deve aos relatos do alto nível de adesão a questões interpessoais, como trabalho em equipe, atuação em apoio, mediação entre culturas e valores éticos. No entanto, a resistência à pressão e tolerância à frustração ainda é um ponto que deve ser melhor trabalhado.

Realizadas as descrições e análises das habilidades de forma individualizada, em grupo de habilidades (dimensões) e, finalmente, em relação ao modelo como um todo, podemos prosseguir para a seção de conclusão desta pesquisa.

8 CONCLUSÃO

Depois da tempestade vem a bonança.

Provérbio popular

No capítulo conclusivo desta tese, expomos os principais resultados da pesquisa e delineamos as conclusões em resposta aos principais objetivos que orientaram este estudo. Ademais, abordamos as limitações inerentes à pesquisa realizada, bem como sugestões para futuros trabalhos acadêmicos na área e reflexões finais acerca dos *insights* proporcionados pelo estudo.

8.1 RESPOSTAS AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

Tendo como objetivo principal do estudo investigar como se deu, a partir do ponto de vista dos próprios profissionais, o processo de mobilização da competência demandada para a atuação em interpretação simultânea remota de/para Libras, durante a pandemia da covid-19, a seguir, respondemos aos objetivos propostos no início deste estudo.

Objetivo 1: Identificar os atributos que compõem o perfil dos intérpretes de Libras-português que atuaram remotamente em contexto pandêmico.

Conclusão 1: O perfil dos intérpretes de Libras-português que atuaram remotamente durante o contexto pandêmico pode ser delineado a partir de várias dimensões demográficas e profissionais. A seguir, apresentamos uma síntese das características mais relevantes com base nos dados desta pesquisa:

1. **sexo:** cerca de 75% dos intérpretes são do sexo feminino, enquanto apenas 25% são do sexo masculino. Houve somente um relato de uma pessoa “Bigênero (ele/ela)”;
2. **localização:** há uma distribuição geográfica significativa, com uma concentração maior na região Nordeste (38%) e Sudeste (31%). A maioria dos intérpretes reside em capitais (43%) e regiões metropolitanas (20%);
3. **idade:** o grupo mais expressivo de intérpretes tem entre 30 e 40 anos (58%), seguido por aqueles entre 21 e 29 anos (20%) e 41 a 52 anos (19%). A média de idade foi calculada em 35,7 anos;

4. **status auditivo:** todos os participantes se identificaram como pessoas ouvintes;
5. **experiência:** a maioria dos profissionais respondentes (62%) possui mais de 10 anos de experiência, indicando uma trajetória profissional de longo prazo;
6. **escolaridade:** a maioria possui especialização concluída (60%), seguida por graduação completa (16%). Um número significativo também possui mestrado (10%) e doutorado (3%);
7. **formação contínua:** durante a pandemia, houve uma forte inclinação para o aprimoramento contínuo. 94% dos intérpretes realizaram algum tipo de formação profissional específica, predominantemente em cursos livres *on-line* na área de Tradução ou Interpretação;
8. **papel de pessoa cuidadora:** uma proporção significativa de intérpretes assumiu o papel de cuidadores durante a pandemia, especialmente entre as mulheres.

Este perfil evidencia um grupo predominantemente feminino, geograficamente concentrado nas regiões mais urbanizadas, com faixa etária de 35 anos, ouvintes e com uma tendência marcada para a formação contínua e especialização na área de Libras. Além disso, muitos destes profissionais equilibram suas carreiras com responsabilidades de cuidado, um aspecto intensificado durante a pandemia, especialmente as mulheres.

Objetivo 2: Descrever a atuação e a percepção dos efeitos da pandemia nos serviços de interpretação de Libras-português prestados de forma remota.

Conclusão 2: Os dados demonstram um processo de adaptação intencional no sentido de aprimoramento e oferta de serviços de interpretação remota durante a pandemia. Ressaltando a adaptação às formas e contextos de demandas, o investimento em equipamento e ambientação adequada e atitudes favoráveis em relação ao trabalho remoto.

1. **Adaptabilidade e intencionalidade:** Com o aumento na demanda por trabalho remoto⁷⁴, especialmente em contextos como educação, mídia e conferências,⁷⁵ uma grande proporção dos intérpretes (96%) investiu em equipamentos para trabalho remoto,

⁷⁴ 6.3.3 Demanda por atuação remota a partir da pandemia

⁷⁵ 6.3.1 Contextos de Atuação

com ênfase em iluminação, tripés e fundos *chroma key*,⁷⁶ mostrando uma adaptação ativa e intencional às necessidades do mercado, inclusive com relatos da necessidade de intervenções maiores, como mudança de residência, e/ou reformas de imóveis para criar um ambiente de trabalho remoto mais adequado.⁷⁷

2. **Atitudes e percepções em relação ao trabalho remoto:** Mais da metade dos intérpretes considerou a interpretação remota mais cômoda e confortável,⁷⁸ refletindo uma atitude positiva em relação a essa modalidade de trabalho. A apresentação visual foi vista como um aspecto muito importante por 93% dos intérpretes,⁷⁹ indicando uma consciência profissional sobre a importância da imagem no contexto digital.⁸⁰ Um contingente significativo (45%) sentiu que sua formação inicial não os preparou adequadamente para o trabalho remoto, apontando para uma lacuna na formação tradicional de intérpretes e a necessidade de atualização contínua.⁸¹

Objetivo 3: Analisar as percepções que intérpretes de Libras-português possuem sobre a mobilização dos conjuntos de habilidades que compõem a competência do intérprete frente às demandas de interpretação remota associadas ao isolamento social imposto pela pandemia da covid-19.

Conclusão 3: A pandemia se impôs como um desastre de grande escala, afetando profundamente as estruturas sociais e econômicas. Em resposta a essa crise sanitária, medidas de distanciamento social foram adotadas, restringindo interações presenciais e impulsionando uma transição abrupta para ambientes virtuais. Essa mudança emergencial teve um impacto direto no campo da interpretação, exigindo uma adaptação dos profissionais a novos formatos de trabalho, especialmente de modo remoto.

⁷⁶ 6.3.5 Aquisição de Equipamento Tecnológico

⁷⁷ 6.3.12 Investimento em local para atuação remota

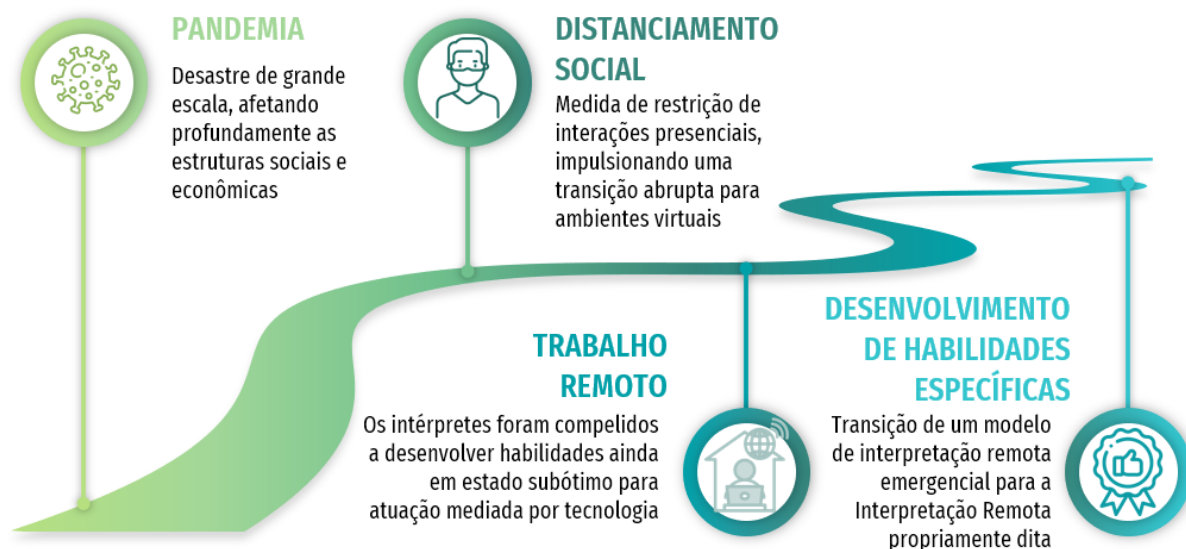
⁷⁸ 6.3.17 Comodidade e conforto na Interpretação Remota

⁷⁹ 6.3.10 Neutralidade do fundo de trabalho

⁸⁰ 6.3.11 Fundo de trabalho e percepção de profissionalismo

⁸¹ 6.3.18 Formação para atuação de forma remota

Figura 54 - Percurso dos TILS na pandemia



Fonte: Elaboração do autor, com base em dados desta pesquisa.

O trabalho remoto, adotado como uma estratégia para manter as medidas de distanciamento social, apresentou-se como um novo desafio para muitos dos intérpretes, que tiveram a demanda por esta modalidade significativamente aumentada.⁸² Neste contexto, os profissionais necessitaram desenvolver ou aprimorar habilidades específicas, especialmente as “habilidades anteriores ao processo de interpretação”,⁸³ como o conhecimento de tecnologia aplicada à interpretação remota⁸⁴ e o nível de proficiência das línguas de trabalho: Libras⁸⁵ e Português⁸⁶. Isso se mostra pertinente considerando que a tecnologia possibilita a superação das barreiras temporais e espaciais, característicos de demandas presenciais. Assim, a atuação remota pode ter oportunizado aos profissionais acessar uma gama mais ampla de temas e tipos de variações linguísticas, tais como aquelas de natureza diatópica (regionais), diastrática (sociais) e diafásica (estilísticas), que não estariam ao alcance caso sua modalidade de atuação fosse estritamente presencial.

Essa transição para o trabalho remoto não apenas desafiou os intérpretes a se adaptarem tecnologicamente, mas também a repensarem suas práticas profissionais. Complementando as habilidades já citadas, outras habilidades impactadas mais diretamente foram as de conhecimento de negócio: precificação de serviços, negociações de condições de trabalho,

⁸² 6.3.3 Demanda por atuação remota a partir da pandemia

⁸³ 6.4.36 Síntese da percepção das habilidades profissionais pré e pós-pandemia

⁸⁴ 6.4.10 Conhecimento de tecnologia [Anterior]

⁸⁵ 6.4.2 Nível de Libras

⁸⁶ 6.4.1 Nível de Português

elaboração de contratos e orçamentos; gestão de múltiplos estímulos: capacidade de lidar, considerar ou suprimir uma variedade de informações, interrupções físicas, ruídos ambientais etc. de modo a manter a interpretação em curso; e reflexões em relação à profissão,⁸⁷ comunicação,⁸⁸ e a própria competência,⁸⁹ que se tornaram mais frequentes, o que pode ser indicativo de uma maior consciência de sua atuação profissional como intérprete e um autoconhecimento mais aprofundado.

Além disso, a interpretação remota trouxe à tona questões que ainda precisam ser melhor desenvolvidas entre os profissionais da categoria, como a adoção de medidas de controle da fadiga causada pela interpretação simultânea;⁹⁰ o condicionamento físico e mental de maneira geral, fora do contexto de interpretação;⁹¹ e questões relacionadas à gestão de terminologia, preparação e estudo de glossários,⁹² e criação/revisão de anotações relativas à interpretação.⁹³

Portanto, embora a pandemia em si não tenha sido a responsável direta pelo desenvolvimento de habilidades nos intérpretes, as condições por ela impostas, especialmente o distanciamento social, funcionaram como catalizadores para a evolução e adaptação profissional. O que pode ser considerado como um efeito colateral interessante aos profissionais.⁹⁴ Este processo evidencia a capacidade de resiliência e adaptação dos intérpretes diante de cenários adversos e a importância da flexibilidade e do aprendizado contínuo na manutenção da eficácia profissional em tempos de crise, apesar de não terem recebido formação específica suficiente para atuar remotamente.⁹⁵

8.2 SÍNTESE FINAL: MODELOS E APONTAMENTOS DA PESQUISA

Como mencionamos anteriormente, assim como a Segunda Guerra Mundial marcou a mudança da sociedade e cultura a nível mundial, a pandemia da covid-19 acelerou algumas mudanças, criou novas tendências, ocasionando uma transformação marcante na prática da interpretação como conhecemos atualmente.

⁸⁷ 6.4.30 Reflexão sobre a profissão

⁸⁸ 6.4.31 Reflexão sobre a comunicação

⁸⁹ 6.4.29 Reflexão sobre competência

⁹⁰ 6.4.13 Medidas de controle de fadiga

⁹¹ 6.4.27 Condicionamento e bem-estar

⁹² 6.4.5 Estudo de glossários [Anterior]

⁹³ 6.4.6 Criação/revisão de anotações/instruções [Anterior]

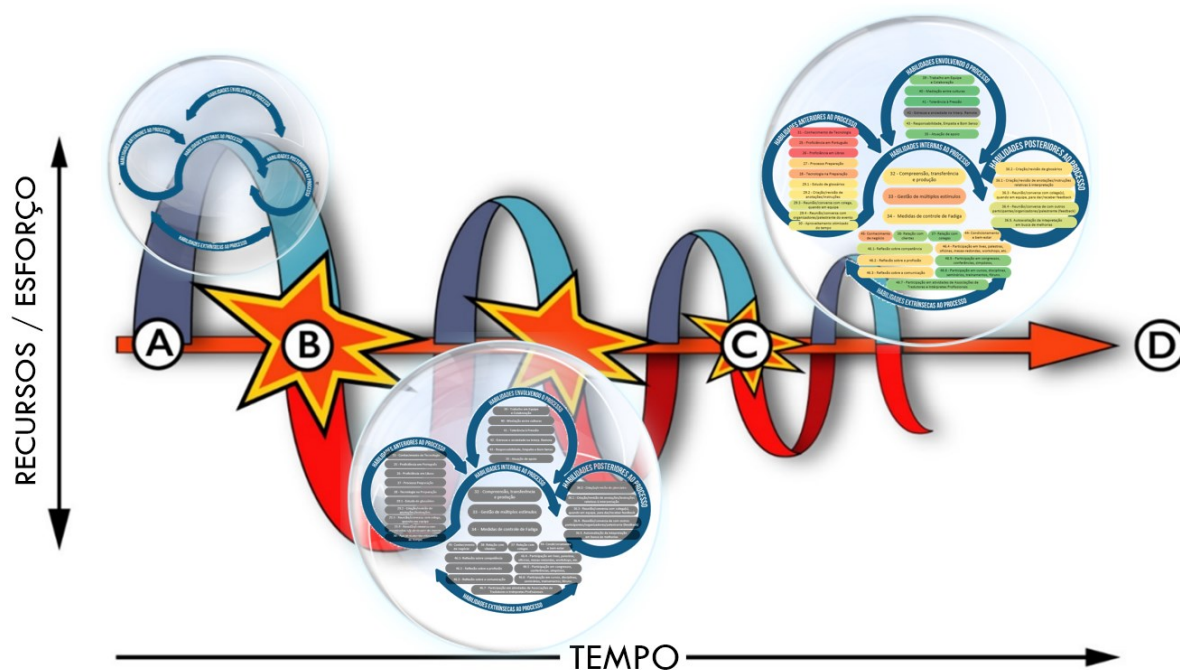
⁹⁴ 6.3.14 IR contribui aos interesses profissionais

⁹⁵ 6.3.18 Formação para atuação de forma remota

Se traçarmos um paralelo sob diferentes perspectivas epistemológicas, podemos observar semelhanças entre os dois cenários de crise. Sob a perspectiva da História, a Segunda Guerra Mundial foi um conflito armado que redefiniu geopoliticamente o mundo, enquanto a pandemia marca a maior crise sanitária do século XXI. Geograficamente, a pandemia se espalhou globalmente, afetando regiões de maneira desigual, semelhante às mudanças territoriais e movimentos de população durante a Segunda Guerra. No âmbito da Sociologia, ambos os eventos causaram impactos sociais profundos, como o aumento de desigualdades socioeconômicas, desemprego, perda de renda, além de tensionar questões relativas aos direitos humanos, como o direito à vida e o direito à informação. Na Psicologia, tanto a guerra quanto a pandemia puseram à prova a saúde mental da população, incluindo sentimentos de medo, luto e distúrbios psicológicos como pânico, ansiedade, estresse pós-traumático etc. Em suma, podemos afirmar que ambos os eventos tiveram um impacto global, causando uma redefinição de práticas e valores sociais que permanecem mesmo desaparecendo os efeitos de causalidade mais visíveis e imediatos.

Retomando as proposições da hélice de redução de riscos de Boshier, Chmutina e Van Niekerk (2021) e do modelo de competência do intérprete de Cavallo (2022), agora em interface com os dados desta pesquisa, podemos concluir que:

Figura 55 - Modificação da competência do intérprete frente ao contexto de crise



Fonte: Elaboração baseada em Boshier, Chmutina e Van Niekerk (2021), Cavallo (2022) e os dados da pesquisa

1. Em um primeiro momento, no ponto (A), que se localiza anteriormente ao evento desastroso, a competência do intérprete de Libras-português se encontra em relativa estabilidade, caracterizada por um contínuo aprimoramento profissional, fruto da experiência acumulada e do tempo de atuação, embora não influenciada por um fator específico ou um evento de impacto global.
2. O ponto (B) representa o impacto inicial da covid-19 no Brasil, por volta de março de 2020. A evolução da pandemia, nesse momento, levou a uma realização das atividades presenciais de forma intermitente, conforme a volatilidade de decisões acerca da suspensão (ou não) das atividades presenciais.
3. No período que se segue após o impacto da primeira onda da pandemia, as medidas de distanciamento social foram adotadas. As atividades híbridas, que combinavam presencial e a distância e as totalmente remotas foram priorizadas.
4. Por conseguinte, o distanciamento social impulsionou a adoção de uma série de medidas adaptativas para o trabalho remoto emergencial, assim, os intérpretes foram compelidos a desenvolver habilidades ainda em estado subótimo para atuação mediada por tecnologia (neste momento de instabilidade, representadas na cor cinza).
5. O terceiro momento, marcado pelo término da hélice após o ponto (C), indica o período de recuperação dos impactos decorrentes da pandemia. A competência do intérprete é ilustrada por habilidades de múltiplas cores, refletindo o tamanho do efeito da aquisição e/ou desenvolvimento das habilidades exigidas durante a pandemia.
6. O processo de profissionalização da oferta de serviços remotos juntamente com a aquisição e aprimoramento das habilidades específicas apontam para uma transição de um modelo de interpretação remota emergencial (fortemente ligada ao contexto pandêmico), para a interpretação remota propriamente dita (com parâmetros e práticas bem estabelecidas).

Ressaltamos que, como no modelo de redução de riscos, o eixo horizontal representa a passagem do tempo como um componente “relativo” e não uma medida absoluta; assim, a representação de cada volta da hélice não pretende refletir o período exato em que cada onda da pandemia aconteceu.

Na ilustração final da competência do intérprete, o impacto nas habilidades é representado por uma escala de cores, que vão do verde (efeito pequeno), passam pelo amarelo (efeito médio) e finalizam em vermelho (efeito grande). Outros aspectos gráficos, como a disposição ou o tamanho das células das habilidades, não possuem relevância significativa da interpretação dos dados.

8.3 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

8.3.1 Natureza retrospectiva da investigação do contexto pandêmico

Idealmente, caso tivesse sido possível saber de antemão a natureza, a severidade, a duração e os impactos que a pandemia de covid-19 causaria no mundo inteiro, reconhecemos que a metodologia mais adequada para o acompanhamento do fenômeno seria um estudo longitudinal, no qual poderíamos levantar dados antes, durante e depois do período pandêmico e analisá-los à medida em que o fenômeno observado se desenvolveria. Entretanto, a pandemia se sucedeu de maneira inesperada, acarretando consequências inimagináveis. Diante dessas circunstâncias, propomos um estudo que lança um olhar retrospectivo da questão investigada, em um recorte temporal ainda próximo ao fenômeno, tendo em vista que somente em maio de 2023 a OMS declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à covid-19.

8.3.2 Validade Ecológica

Nessa pesquisa, os participantes são selecionados com base em sua disponibilidade e acessibilidade. É uma metodologia bastante utilizada em pesquisas quantitativas, qualitativas, estudos exploratórios etc. Contudo, considerando a natureza facultativa e voluntária da participação na pesquisa, os intérpretes que responderam são aqueles que demonstraram interesse no assunto, e possivelmente desejassem expressar uma opinião particular.

Intérpretes em diferentes estágios de expertise podem ter percepções e experiências variadas quanto à sua competência, práticas de trabalho e desafios enfrentados. Por exemplo, intérpretes com mais experiência podem ter uma compreensão mais aprofundada de aspectos práticos e éticos da profissão, enquanto os menos experientes podem enfrentar desafios distintos, especialmente em um cenário, em constante evolução tecnológica e metodológica, como o cenário de desastre em pauta na pesquisa.

A pluralidade de experiências e níveis de expertise pode influenciar a forma como os participantes avaliam aspectos de sua competência e prática profissional, o que requer cautela na interpretação dos dados e na formulação de generalizações a partir dos resultados obtidos.

8.3.3 Questões de subjetividade e vieses

Nesta pesquisa, as habilidades são relatadas a partir da percepção, ou seja, da análise subjetiva dos sujeitos, em níveis de qualidade, e até mesmo tópicos observáveis de forma mais objetiva, como a frequência de determinado acontecimento, também passam pela percepção do respondente, no sentido que não se pode afirmar que todas as pessoas entendem termos como “raramente” ou “frequentemente” da mesma forma.

Como mencionamos anteriormente, concordamos com a visão de Kaczmarek (2010) de que muitas das habilidades dos intérpretes não podem ser julgadas de forma objetiva e binária (ou seja, não podem ser reduzidas a somente duas possibilidades: possuí-las ou não), neste sentido, o uso de escalas Likert e a visualização em barras de divergência são especialmente úteis para denotar tendências de percepções como um todo e evitar incorrer em asserções absolutas, como por exemplo “antes não se observava determinado fenômeno em nenhum nível, mas agora é completamente observável em todas as respostas”.

Além disso, outro fator que pode influenciar as respostas de forma geral são tendências cognitivas como o viés de otimismo, em que um indivíduo pode acreditar que está melhorando com o tempo, o que pode fazer com que os participantes superestimem seu progresso ou desenvolvimento ao longo do tempo. No entanto, o principal interesse deste estudo não reside em mensurar de forma absoluta cada habilidade, e sim de identificar tendências gerais e oportunidades de pontos de melhoria nas habilidades que compõem a competência do intérprete.

8.3.4 Limitações metodológicas

No contexto das limitações metodológicas desta pesquisa, também é necessário considerar as possíveis restrições advindas do próprio modelo de competência do intérprete adotado como base inicial do estudo, o qual não foi desenhado para fins de servir como matriz avaliativa de qualquer natureza, podendo ainda haver aspectos da competência do intérprete que permanecem inexplorados ou são difíceis de quantificar. Ademais, há limitações intrínsecas ao uso de escalas Likert que, embora forneçam um meio quantificável de capturar percepções, podem não refletir com precisão a complexidade e a nuance das experiências e atitudes dos

intérpretes. E, finalmente, é importante lembrar as ressalvas inerentes à própria investigação científica, particularmente a ideia de que a interação com os participantes e a observação dos dados pode, em si, influenciar os resultados.

8.4 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Finalmente, as contribuições desta pesquisa não apenas avançam no entendimento do impacto da pandemia na competência do intérprete, mas também oferecem implicações práticas para a formação de intérpretes, além de recomendações para profissionais já atuantes. Enfatizando a natureza inovadora desta pesquisa, destacamos as seguintes contribuições à área:

1. exploramos uma interface pouco explorada no Brasil, dos Estudos da Interpretação com os Estudos do Desastre, descrevendo o processo de implementação da interpretação remota emergencial no contexto brasileiro;
2. levantamos características gerais e tendências a partir dos dados demográficos dos TILS que atuaram durante a pandemia;
3. realizamos uma análise das percepções (o conhecimento de plataformas de comunicação, a lida com a tecnologia, nível de estresse e ansiedade) e das atitudes tomadas pelos intérpretes de Libras-português em um contexto de emergência: a aquisição de equipamentos, os contextos de atuação, a precificação, apresentação visual e busca pelo oferecimento de fundo de trabalho adequado à interpretação remota;
4. registramos, sob a ótica dos próprios profissionais da área, uma potencial mudança de paradigma relacionada às práticas de interpretação remota, ressaltando uma evolução significativa na prática profissional;
5. identificamos pontos de aprimoramento para futuras formações de intérpretes, com base na detecção de habilidades específicas que foram exigidas durante a pandemia, mas que não haviam sido suficientemente desenvolvidas anteriormente.

Implicações para a formação de intérpretes: Com base nos dados da pesquisa, identificamos os seguintes pontos de atenção a serem considerados na formação de intérpretes, visando prepará-los de maneira abrangente para os desafios do campo profissional.

1. **Domínio da tecnologia para prestação da interpretação remota:** Torna-se essencial que a formação de novos intérpretes inclua uma maior ênfase no domínio de ferramentas e tecnologias necessárias para a prestação de serviços remotos. Por conseguinte, é fundamental que as instituições adquiram equipamentos adequados à prática destas atividades para que os intérpretes em formação adquiram a experiência necessária. Enfatiza-se a importância do contato direto com aplicativos e plataformas de videoconferência, conhecimento básico de soluções de conectividade à internet, o manejo de equipamentos de iluminação, de captura de vídeo/som e a realização de atividades práticas, a fim de garantir uma atuação efetiva e profissional em ambientes virtuais.
2. **Aprimoramento em gestão terminológica:** Outro ponto de atenção a ser incorporado à formação de novos intérpretes é a questão da gestão terminológica, incluindo o treinamento na criação e manutenção de glossários atualizados e na utilização de ferramentas tecnológicas para gestão terminológica em línguas de sinais.
3. **Desenvolvimento de tolerância à pressão:** Os dados apontam que os cursos de formação devem incluir atividades que preparem os intérpretes para trabalhar sob pressão, além da gestão de múltiplas informações e estímulos (*feedbacks*, ruídos, interrupções etc.) durante a interpretação. Sugere-se a realização de estudos direcionados ao tema, simulações de cenários de alta pressão e complexidade (como em contextos de tensão ou negociação de conflitos) e práticas deliberadas de técnicas de gerenciamento de estresse e esforço cognitivo.

Recomendações para intérpretes já atuantes: Ainda com base nos dados da pesquisa, trazemos algumas recomendações a serem considerados pela categoria já atuante, no sentido de manter a excelência profissional no contexto atual.

1. **investimento em equipamentos para interpretação remota:** considerando que a interpretação remota se estabeleceu como uma tendência crescente, é fundamental

que os intérpretes já atuantes invistam em equipamentos de qualidade. Considerando que a pandemia acelerou um processo de transição para o digital, é improvável que o mercado retorne às práticas exclusivamente presenciais, tornando este investimento uma necessidade a longo prazo para os profissionais da área, impactando questões de diferenciação e competitividade profissional.

2. **valorização do trabalho:** dado o investimento em equipamentos tecnológicos e adaptação física necessária ao trabalho remoto, os intérpretes atuantes devem considerar uma revisão de suas tarifas para refletir esses novos custos e a complexidade aumentada do trabalho remoto.
3. **enfoque em controle de fadiga, condicionamento e bem-estar:** profissionais já atuantes devem implementar práticas para gerenciar a fadiga proveniente da interpretação e promover o bem-estar físico e mental, incluindo técnicas de relaxamento, exercícios físicos regulares e o estabelecimento de uma rotina de trabalho que incorpore intervalos adequados (o que, novamente, reitera a importância da valorização do trabalho para que se tenha tempo e condições favoráveis à adoção destas medidas).
4. **engajamento no movimento associativo:** é essencial que os intérpretes se engajem mais ativamente em associações profissionais. Isso não só beneficia a categoria através da troca de conhecimentos, experiências e a criação de vínculos entre profissionais de diversos níveis de expertise, mas também fortalece a comunidade surda em geral, promovendo seu desenvolvimento e visibilidade social.

Pesquisas como esta podem servir não só ao momento atual, ao explorar questões importantes para compreensão da atividade interpretativa, mas também como forma de explicitar fenômenos implícitos experienciados pelos profissionais que, ao entender melhor seu passado e presente, podem indicar possibilidades de caminhos para o futuro da profissão.

Por fim, considero que, com esta pesquisa, tive a oportunidade de materializar minhas percepções como professor, intérprete, pesquisador e, agora, ex-presidente da Febrapils, as quais serviram de insumos para a construção de uma perspectiva que posso compartilhar com a categoria de TILS e GIs e demais colegas. E é a partir dessa perspectiva que lançamos, coletivamente, um olhar retrospectivo sobre o processo de crise e recuperação da pandemia, analisamos alguns dos impactos diretos e indiretos na categoria profissional e, finalmente, vislumbramos perspectivas e possibilidades de futuro(s).

REFERÊNCIAS

- AGUAYO, Alexis Pier. **O intérprete de Língua de Sinais Brasileira - LIBRAS: uma proposta de modelo de competência para atuação na TV Câmara**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – UnB - Universidade de Brasília, Brasília, 2021.
- AIIC. **Taskforce on Distance Interpreting**, 2019. Disponível em <https://aiic.org/site/TFDI> Acesso em: 01 jul. 2021.
- ALBL-MIKASA, Michaela. **The importance of being not too earnest: a process-and experience-based model of interpreter competence**. Dolmetschqualität in Praxis, Lehre und Forschung: Festschrift für Sylvia Kalina, p. 59, 2012.
- AL-DAHASH, HAJER; THAYAPARAN, MENAHA; KULATUNGA, UDAYANGANI. **Understanding the Terminologies: Disaster, Crisis and Emergency**. 32nd Annual ARCOM Conference, Manchester, UK. Volume: 2, 2016.
- AMATO, Amalia et al. **Handbook of Remote Interpreting - SHIFT in Orality**. Alma Mater Studiorum - Università di Bologna, Bologna, p. 1-169, 2018. Alma Mater Studiorum - Università di Bologna. <http://dx.doi.org/10.6092/UNIBO/AMSACTA/5955>.
- BONTEMPO, Karen; NAPIER, Jemina. Evaluating emotional stability as a predictor of interpreter competence and aptitude for interpreting. In: PÖCHHACKER, Franz; LIU, Minhua (Ed.). **Aptitude for Interpreting**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., (Benjamins Current Topics, ISSN 1874-0081; v. 68), 2015. p. 87 - 106
- BOSHER, Lee; CHMUTINA, Ksenia. **Disaster Risk Reduction for the Built Environment**, Wiley, London, 2017.
- BOSHER, Lee; CHMUTINA, Ksenia; VAN NIEKERK, Dewald. **Stop going around in circles: towards a reconceptualisation of disaster risk management phases**. Disaster Prevention and Management: An International Journal, [S.L.], v. 30, n. 4/5, p. 525-537, 2021. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/dpm-03-2021-0071>.
- BRASIL. JUSTIÇA FEDERAL - Tribunal Regional Federal da 3ª região. **Covid-19: masculino ou feminino?** 2020. Disponível em: <https://www.trf3.jus.br/emag/emagconecta/conexaoemag-lingua-portuguesa/covid-19>. Acesso em: 16 jan. 2021.
- BRAUN, Sabine (2015a): **“Remote interpreting”**, F. Pöchhacker (ed.), Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies. London/New York: Routledge, 346-348.
- BRAUN, Sabine (2015b): **“Videoconference interpreting”**, F. Pöchhacker (ed.), Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies. London/New York: Routledge, 436-438.
- BRITO, Isabella Maria de Oliveira. **A atuação do intérprete de libras em lives musicais durante a pandemia de covid-19: realidades e perspectivas**. 2021. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) / Língua Portuguesa, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), São Carlos, 2021.

CAMARGO, Priscila Grazielle. **Competência em interpretação – um breve estudo da interpretação em língua B. Tradterm** [s.l.], v. 23, p. 13-33, 15 out. 2014. Universidade de São Paulo, Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBiUSP.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CAVALLO, Patrizia. **Competência do intérprete ou Competência em interpretação? Revisão do modelo de competência do intérprete de conferências**. Tradução em Revista, Rio de Janeiro, v. 2022, n. 32, p. 20-42, 27 jun. 2022. Faculdades Católicas. <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.tradrev.59663>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/59663/59663.PDF> Acesso em: 01 jul. 2022.

CAVALLO, Patrizia. **Reelaboração de um modelo de competência do intérprete de conferências**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2019.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

CLEVELAND, William S. **The Elements of Graphing Data**. Monterey, CA: Wadsworth Advanced Books and Software, 1985.

COHEN, Jacob. **Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences**. 2nd ed. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.

CONSTABLE, A. **Distance Interpreting: A Nuremberg Moment for our Time**. In: AIIC 2015 Assembly Day 3: Debate on Remote, 18 January, 2015. Disponível em: <https://aiic.ch/wp-content/uploads/2020/05/di-a-nuremberg-moment-for-our-timeandrewconstable-01182015.pdf> Acesso em: 06 de maio 2020.

CRESWELL, John W. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. 2nd edn. Thousand Oaks/London/New Delhi: Sage, 2023

DILLMAN, Don A. **Mail and Internet Surveys: The Tailored Design Method**. 2ª edição. Wiley, 2007.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. **O oral como texto: como construir um objeto de ensino?**. In: SCHNEUWLY B. & DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

ERICSSON, K. Anders; KRAMPE, Ralf Th.; TESCH-ROMER, Clemens. **The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance**. Psychological Review, v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.

FEBRAPILS. **Carta Aberta aos Tradutores, Intérpretes, e Guia-intérpretes de todo o país a respeito da COVID-19: o novo Coronavírus**, 2020. www.febrapils.org.br/documentos

FEBRAPILS. **Nota Técnica Nº 04/2020 – Nota Técnica sobre Interpretação Simultânea Remota para Língua Brasileira de Sinais**; 2020. www.febrapils.org.br/documentos

FEDERICI, Federico; O'HAGAN, Minako; O'BRIEN, Sharon; CADWELL, Patrick. (2019). **Crisis Translation: Training Challenges Arising from New Contexts of Translation**. Routledge, London and New York, 2019.

FELIPE, Tanya A.; MONTEIRO, Myrna S. **Libras em Contexto: curso básico**, livro do professor instrutor. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FOWLER, Floyd J. Jr. **Survey Research Methods**. 5th ed. Thousand Oaks/London/New Delhi: Sage, 2014.

FRITZ, Charles E. **Disaster: Institute for Defense Analyses**, Weapons Systems Evaluation Division, 1961.

GALDINO, Thuanny Sá. **Interpretação Intermodal Remota: configurações e desafios atuais para intérpretes de línguas de sinais**. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras Libras, Florianópolis, 2020.

GILE, Daniel. **Basic concepts and models for interpreter and translator training**. 2. ed. Philadelphia and Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2009.

GILE, Daniel. **Observational studies and experimental studies in the investigation of conference interpreting**. *Target* 10 (1): 69–93, 1998. doi: 10.1075/target.10.1.04gil

GÜNTHER, Hartmut. **Como Elaborar um Questionário?** Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, Nº 01. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003.

HEALY, Kieran. **Data Visualization: A Practical Introduction**. Princeton University Press, 2019.

HURTADO ALBIR, Amparo. **A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos**. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2005, pp.19-57.

HYMES, Dell H. **On Communicative Competence**. In: Pride and Holmes (Eds) *Sociolinguistics: Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin, 1972. p. 269-293.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

KACZMAREK, Lukasz. **Modelling competence in community interpreting**. Expectancies, impressions and implications for accreditation. 2010. Tese (PhD in Humanities) - Faculty of Humanities, School of Languages, Linguistics and Cultures, University of Manchester, Manchester, 2010.

KALINA, Sylvia. Interpreting competences as a basis and a goal for teaching. *The Interpreters' Newsletter*, Trieste, n. 10, p. 3-32, 2000. Disponível em: <https://www.openstarts.units.it/bitstream/10077/2440/1/01.pdf> . Acesso em: 10 de abril 2022.

KALINA, Sylvia. Quality in interpreting and its prerequisites – a framework for a comprehensive view”. In: GARZONE, Giuliana; VIEZZI, Maurizio (org.). **Interpreting in the 21st Century: Challenges and opportunities**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 121-130.

KELLY, Dorothy A. (2002). **Un modelo de competencia traductora: bases para el diseño curricular**, Puentes, 1, p. 9-20. Disponível em: <<http://wpd.ugr.es/~greti/revista-puentes/pub1/02-Kelly.pdf>>. Acesso em 07 set. 2022

KRASHEN, Stephen. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Pergamon Press, 1982.

KUSMARYONO, Imam; WIJAYANTI, Dyana; RISQI, Hevy. Number of Response Options, Reliability, Validity, and Potential Bias in the Use of the Likert Scale Education and Social Science Research: a literature review. *International Journal of Educational Methodology*, [S.L.], v. 8, n. 4, p. 625-637, 15 nov. 2022. Eurasian Society of Educational Research. <http://dx.doi.org/10.12973/ijem.8.4.625>.

KUTZ, Wladimir. **Dolmetschkompetenz: Was muss der Dolmetscherwissen und können?** Band 1. Berlin: Europäischer Universitätsverlag, 2010.

LIU, Minhua. **Methodology in interpreting studies**. *Advances In Interpreting Research*, p. 85-120, John Benjamins Publishing Company, 2011 <http://dx.doi.org/10.1075/btl.99.08liu>

MANZINI, Eduardo José. **Análise de Entrevista**. Marília - SP. ABPEE, 2020.

MARQUES, Raphael Freire. **Interpretação Remota em Contexto de Pandemia**. 2020. TCC (Graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de Letras Libras - Bacharelado, Florianópolis, 2020.

MEIER, Richard. P. **Why different, why the same?** explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech. In: MEIER, R. P; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MOSER-MERCER, Barbara. Remote interpreting. In: GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc (Eds.). **Handbook Of Translation Studies**. [s.l.]: John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 131-134. <http://dx.doi.org/10.1075/hts.2.rem1>

MOSER-MERCER, Barbara. **Remote Interpreting: Issues of Multi-Sensory Integration in a Multilingual Task**. *Meta*, v. 50, n. 2, p. 727–738, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/011014ar> Acesso em: 09 maio. 2022.

NAPIER, Jemina. Interpreting omissions: A new perspective. In: **Interpreting: International Journal of Research and Practice in Interpreting**, [s.l.], v. 4, n. 1, p. 33-55. 2002.

NASCIMENTO, Vinicius; NOGUEIRA, Tiago Coimbra. **Interpretação simultânea remota de libras-português em conferências durante a pandemia de Covid-19: dimensões de uma prática emergente**. *Fórum Linguístico*, [S.L.], v. 18, n. 4, p. 7006-7028, 29 dez. 2021. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e81143>

NASCIMENTO, Vinícius; NOGUEIRA, Tiago Coimbra. **Tradução audiovisual e o direito à cultura:** o caso da comunidade surda. *Percursos Linguísticos: Dossiê: Tradução e Transformação Social*, Vitória, v. 9, n. 21, p. 105-132, ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/issue/view/1076> Acesso em: 01 jul. 2022.

NASCIMENTO, Vinícius; OLIVEIRA, Gustavo Nunes de; SANTOS, Lara Ferreira dos; SOUZA, Joyce Cristina; FORNARI, Rodrigo Vecchio. **Tradução e interpretação de Português-Libras na rede Informa-SUS-UFSCar:** Direito à informação para surdos em tempos de covid-19. *Cadernos de Tradução*, Instituto de Letras - UFRGS, p. 61-86, jul. 2020. Número Especial: Traduzir a Pandemia. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdetraducao/issue/view/4161> Acesso em: 01 jul. 2022.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra. **A mobilização da competência interpretativa na atuação de conferências:** uma reflexão a partir do modelo do PACTE. *Belas Infieis*, Brasília, Brasil, v. 8, n. 1, p. 189–209, 2019. DOI: 10.26512/belasinfieis.v8.n1.2019.22636. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/22636> Acesso em: 31 maio. 2022.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra. **Intérpretes de Libras-português no contexto de conferência:** uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. 2016. 211 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra. **Remote interpreting: a study on how Libras interpreters perceive teamwork during the covid-19 pandemic** (no prelo).

NOGUEIRA, Tiago Coimbra; NASCIMENTO, Vinicius. **Formas de apoio no trabalho em equipe durante a interpretação remota de português-libras em conferências.** Tradução em Revista, UFRGS, v. 2022, n. 33, p. 112-143, 28 nov. 2022. Faculdades Católicas. <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.tradrev.61347>

O'BRIEN, Sharon; FEDERICI, Federico. **Translating Crisis**. Bloomsbury, 2022.

PACTE. **Building a translation competence model**. In: ALVES, F. (Ed.). *Triangulating translation: perspectives in process-oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, pp.43-66, 2003.

PACTE. **Researching Translation Competence**. John Benjamins, 2017.

PARENTE JR., Fernando de C. **Cognição e desempenho na interpretação simultânea da Libras:** Um estudo sobre a memória de trabalho e a produção de semelhança interpretativa por intérpretes expertos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

PÖCHHACKER, Franz. **Introducing Interpreting Studies**. Routledge: London, 2004.

PÖCHHACKER, Franz; LIU, Minhua (Ed.). **Aptitude for Interpreting**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., (Benjamins Current Topics, ISSN 1874-0081; v. 68), 2015.

PYM, Anthony **Redefining Translation Competence in an Electronic Age**. In *Defense of a Minimalist approach*. *Meta: Translators' Journal*, v. 48, n. 4, pp. 481-497, 2003

QUARANTELLI, Enrico L. (Ed.) **What Is a Disaster? A Dozen Perspectives on the Question**. Routledge, New York, 1998.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: Efeitos de modalidade e processos inferenciais**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **Competência em Tradução e Línguas de Sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, [S.L.], v. 57, n. 1, p. 287-318, abr. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/010318138651578353081>.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade direta**. *Revista da Anpoll* v. 1, nº 44, p. 111-129, Florianópolis, Jan./Abr. 2018.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. **Os Estudos da Tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente?** *Cadernos de Tradução*, [S.L.], v. 35, n. 2, p. 17-45, 5 out. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p17>

SANCHEZ, Pauini Barcellos. **A atuação do TILS na pandemia: Levantamento e análise de lives sobre interpretação remota**. TCC (Graduação) - Curso de Letras Bacharelado Tradutor e Intérprete de Libras-Português e Português-Libras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. **Análise das percepções de TILS quanto à atuação no ensino remoto**. *Scielo Preprints*, p. 1-28, 1 nov. 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/scielopreprints.4933>

SANTOS, Silvana Aguiar dos. **Tradução/Interpretação de Língua de Sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. 2013. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/122677>.

SILVA, Suyene Pereira da. **A Saúde Mental do Intérprete de Libras em sua atuação no Contexto Remoto em tempos de pandemia**. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras / Língua Portuguesa., Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, 2022.

SPINOLO, Nicoletta. **Nuove tecnologie e modalità di interpretazione: osservazione del mercato emiliano-romagnolo**, Paper presented at Oraliter Conference. Forlì, December 4, 2014.

TAXWEILER, Natalia Roth da Silva; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. **Questionário on-line como instrumento de coleta de dados em pesquisa em secretariado: desenho, refinamento, pré-testagem e versão final**. *Revista Expectativa*, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 147-168, 23 maio 2022. Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. <http://dx.doi.org/10.48075/revex.v21i1.28178>.

VAN NIEKERK, Leonor da Conceição. **Perception vs Reality: How first-hand experience during the Covid-19 pandemic has influenced spoken-language conference interpreters' attitudes towards Remote Simultaneous Interpreting in Africa.** 2023. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Master in Translation (Interpreting), Faculty Of Humanities, University Of Witwatersrand, Johannesburg, 2023. Disponível em <https://wiredspace.wits.ac.za/items/242b0c7f-8fa9-4d74-9f1d-428c5c8a0a64> Acesso em: 10 dez. 2023

VEASYT: **Remote Interpreting Services: Future or present?** Results of a market survey in Italy, Spain and United Kingdom 2018 <https://www.shiftinorality.eu/en/resources>

VILAÇA-CRUZ, Renata Cristina. **Mercado de trabalho de interpretação e de tradução Libras-português e suas implicações para a formação.** 2023. 275 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Traducción y Estudios Interculturales da Facultad de Traducción e Interpretación da Universidad Autònoma de Barcelona, em cotutela com o Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina, Barcelona/Florianópolis, 2023.

WILCOXON, Frank. **Individual Comparisons by Ranking Methods.** Biometrics Bulletin, [s.l.], v. 1, n. 6, p. 80-83, 1945.

APÊNDICES

APÊNDICE 01: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA**

Título da pesquisa: interpretação remota de/para Libras: um estudo sobre a mobilização da competência do intérprete em atuação mediada por plataforma digital (título temporário)

Pesquisador responsável: Fernando de Carvalho Parente Junior

Pesquisador orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa: **interpretação remota de/para Libras: um estudo sobre a mobilização da competência do intérprete em atuação mediada por plataforma digital**, realizada pelo doutorando Fernando de Carvalho Parente Junior, aluno regular do curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET (UFSC), orientado pelo Professor Doutor Carlos Henrique Rodrigues. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos. Se você aceitar participar, peço que leia este consentimento e, se concordar com as informações aqui apresentadas, assine onde indicado.

Caso concorde em participar, solicitaremos a gentileza de responder um questionário e participar de uma entrevista, que investigarão as questões pertinentes à mobilização da competência do intérprete de Libras-português em atuação remota antes e depois da pandemia de covid-19. Ressaltamos que você tem seu direito garantido de não responder qualquer

questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, não há perguntas obrigatórias, você terá sua privacidade respeitada; e qualquer informação pessoal ou gerada pelo relatório terá garantida a confidencialidade.

Esta pesquisa tem por objetivo elucidar como a natureza da interpretação remota mobiliza as competências do intérprete de Libras-português em atuação mediada por plataforma digital. Na conclusão do estudo, acreditamos que os resultados dessa pesquisa possam contribuir para as atuais discussões frente às demandas do mundo pós-pandemia, principalmente no que se diz respeito a atuação dos intérpretes profissionais em meio digital, e os possíveis desdobramentos para novas gerações de profissionais, principalmente no que se diz respeito à sua formação profissional.

Esses dados não serão usados para outros fins, salvo a produção da Tese de Doutorado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e demais produções acadêmicas relacionadas à tese.

A pesquisa apresenta o risco de eventual quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional, assim como de eventuais desconfortos que podem ocorrer durante o preenchimento de um questionário e/ou durante a realização de entrevistas sobre suas competências profissionais – a saber: a competência do intérprete. Se alguma destas atividades gerar desconforto ou constrangimento, você não será obrigado a executá-las. Isso não o penalizará nem o impedirá de continuar participando da pesquisa. Você terá liberdade de se recusar a participar da pesquisa a qualquer momento e, também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. A sua participação na pesquisa será de fundamental importância para que possam ser atingidos os objetivos do estudo, colaborando com a análise dos dados. Será garantido seu anonimato, ou seja, o seu nome ou qualquer outro identificador não serão revelados no decorrer da análise do estudo.

Vale salientar que essa pesquisa não lhe oferecerá nenhum tipo de benefício financeiro (pagamento ou bens materiais) e que você não terá nenhuma despesa ou custo ao participar. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido nos termos da lei. No caso de algum eventual dano material ou imaterial decorrente da pesquisa, você poderá solicitar a indenização, conforme a legislação vigente.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) deve ser assinado digitalmente por você e pela pesquisadora. Uma via será arquivada pela pesquisadora e a outra ficará com você para que, caso queira, possa consultar os contatos e seus direitos ao participar desta pesquisa.

Após a conclusão do estudo, os pesquisadores se comprometem em garantir que você tenha acesso aos resultados da pesquisa, podendo disponibilizar uma via do estudo, se houver interesse.

Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH). O CEPSH é um órgão interdisciplinar, deliberativo e educativo, vinculado a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tem como objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, a fim de contribuir no desenvolvimento da pesquisa normatizada pelos padrões éticos.

O pesquisador responsável por esta pesquisa, Fernando de C. Parente Jr, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução CNS 510/16, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, bem como os requisitos da lei Geral de Proteção de Dados (Lei Nº13.709/2018), que dispõe sobre o tratamento de dados pessoais e dados sensíveis que serão utilizados para execução do presente projeto de pesquisa, além do Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, que traz orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual.

O participante, _____, concorda em participar, nos termos acima descritos, da pesquisa **interpretação remota de/para Libras: um estudo sobre a mobilização da competência do intérprete em atuação mediada por plataforma digital** (título temporário) do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, realizada pelo Doutorando Fernando de Carvalho Parente Junior, e orientação do Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues. Portanto, assina este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias, que serão assinadas também pelo pesquisador responsável pelo projeto, sendo que uma via se destina ao participante, e a outra aos pesquisadores.

Local e data

Assinaturas:

Assinatura do(a) participante

Pesquisador Responsável

Doutorando Fernando de Carvalho Parente Jr – (85) 988484001 / fernando@delles.ufc.br

Professor Doutor Carlos Rodrigues – (48) 99948-5725 / carlos.rodrigues@ufsc.br

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) – (48) 3721-6647 / secpget@gmail.com - Campus Reitor João David Ferreira Lima, CCE – Prédio B, Sala 301. Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88040-900

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CESPH) – 48 3721-6094 / cep.propesq@contato.ufsc.br - Prédio Reitoria II, 7º andar, sala 701, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis/SC.

Pró-reitora de Pesquisa, Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, 222, Sala 701, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400

APÊNDICE 02: QUESTIONÁRIO DE LEVANTAMENTO

Pesquisa de doutorado - Fernando Parente Jr

Termo de Consentimento

Prezado Intérprete de Libras-Português,

Você está sendo convidado para participar da pesquisa "Interpretação Remota de/para Libras: Um estudo sobre a mobilização da competência do intérprete em atuação mediada por plataforma digital", associada ao Projeto de Doutorado do pesquisador Fernando de Carvalho Parente Jr, aluno do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues.

A pesquisa envolve a aplicação de um questionário para investigar, a partir do ponto de vista dos próprios profissionais, como se deu o processo de mobilização da Competência do Intérprete nos profissionais que atuaram em interpretação simultânea remota do par linguístico Libras-Português no contexto de conferências, durante a pandemia da covid-19 (especificamente, no recorte temporal de março de 2020 a março de 2023).

Esses dados não serão usados para outros fins, salvo a produção da Tese de Doutorado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, além de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e demais produções acadêmicas relacionadas à Tese.

Seus dados pessoais serão preservados em todas as apresentações dos resultados do estudo. A pesquisa apresenta o risco de eventuais desconfortos que podem ocorrer durante o preenchimento de questionários: desgaste físico e cognitivo. No entanto, caso a sua participação provoque algum tipo de mal-estar, desconforto, constrangimento, sofrimento ou aborrecimento, pedimos que pare imediatamente de responder o questionário. Você pode se recusar a participar da pesquisa, retirar o seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou prejuízo.

Os benefícios da pesquisa estão relacionados com o desenvolvimento dos Estudos da Interpretação de Línguas de Sinais, no sentido de registrar o processo de reestruturação da Competência do Intérprete de Libras/Português, além de proporcionar uma oportunidade de autoavaliação e metarreflexão sobre suas práticas e habilidades. A pesquisa poderá servir como referência do ponto de vista histórico, ou ainda, ao identificar pontos a serem incorporadas em futuras formações de intérpretes.


Vale salientar que essa pesquisa não lhe oferecerá nenhum tipo de benefício financeiro (pagamento ou bens materiais) e que você não terá nenhuma despesa ou custo ao participar. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido nos termos da lei. No caso de algum eventual dano material ou imaterial decorrente da pesquisa, você poderá solicitar a indenização, conforme a legislação vigente.

Após a conclusão do estudo, os pesquisadores se comprometem em garantir que você tenha acesso aos resultados da pesquisa, podendo disponibilizar uma cópia do estudo.

Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH). O CEPSH é um órgão interdisciplinar, deliberativo e educativo, vinculado a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tem como objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, a fim de contribuir no desenvolvimento da pesquisa normatizada pelos padrões éticos.

Doutorando Fernando de Carvalho Parente Jr - fernando@delles.ufc.br

Professor Dr. Carlos Henrique Rodrigues - carlos.rodrigues@ufsc.br

* 1. CONSENTIMENTO: Diante das informações dadas pelos pesquisadores, estou ciente do que a pesquisa trata e de como será realizada e, também, de que ela não oferece nenhum risco além daqueles desconfortos comuns que podem ocorrer enquanto se responde a um questionário ou se participa de uma entrevista: desgaste físico e cognitivo. Os pesquisadores também deixaram claro que tenho assegurada minha privacidade, a manutenção do sigilo dos dados confidenciais fornecidos, a garantia de quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa, antes e durante o seu curso, e a liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, bastando comunicar minha decisão a eles. 

- Sim, eu aceito participar da pesquisa "Interpretação Remota de/para Libras" do doutorando Fernando de Carvalho Parente Jr. Estou ciente de que não receberei nenhuma remuneração e não terei qualquer ônus financeiro (despesa) em função do meu consentimento espontâneo em participar. Portanto, assino este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado também pelo pesquisador responsável pelo projeto.
- Eu me recuso a participar desta pesquisa.



Anter.

Próx.

Pesquisa de doutorado - Fernando Parente Jr

Informações iniciais

Para começar, poderia nos fornecer algumas informações gerais sobre você?

* 2. Em que estado brasileiro você mora? 

* 3. Você reside: 


- Na capital do estado
- Na região metropolitana (cidades próximas à capital)
- No interior do estado

* 4. Há quantos anos você trabalha com interpretação de Libras-português? 

- Menos de 3 anos
- Entre 4 e 6 anos
- Entre 7 e 9 anos
- Entre 10 e 12 anos
- Entre 13 e 15 anos
- Entre 16 e 18 anos
- Há mais de 18 anos

* 5. Qual é seu nível de escolaridade? 

- Ensino Médio concluído
- Graduação concluída
- Especialização concluída
- Mestrado concluído
- Doutorado concluído

* 6. Qual(is) tipo(s) de curso(s) você participou, mesmo que não tenha finalizado, nos últimos 3 anos?
*Excluem-se cursos de Libras e similares que não incluam tradução e/ou interpretação. 

- Cursos livres presenciais na área de Tradução ou Interpretação
- Cursos livres on-line na área de Tradução ou Interpretação
- Cursos de extensão universitária na área de Tradução ou Interpretação
- Graduação na área de Tradução ou Interpretação
- Especialização na área de Tradução ou Interpretação

- Mestrado na área de Tradução ou Interpretação ou afins
- Doutorado na área de Tradução ou Interpretação ou afins
- Pós-doutorado na área de Tradução ou Interpretação ou afins
- Outro (especifique)


- Nenhuma das anteriores



Pesquisa de doutorado - Fernando Parente Jr

Sobre sua atuação profissional durante a pandemia

As próximas perguntas se referem à sua experiência como intérprete de Libras em relação à pandemia. Importante: Considere "ANTES da pandemia" como o período ANTES a março de 2020, e "DEPOIS da pandemia", como DEPOIS de março de 2023.

* 7. Em relação aos diferentes contextos de atuação de interpretação, indique a frequência em que você atuou DURANTE a pandemia: 

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre ou quase sempre
Contextos Educacionais (ensino fundamental e médio)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contextos Educacionais (ensino superior)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contextos de Saúde (consultas, hospitais etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contextos Midiáticos (lives, jornais televisivos etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contextos Jurídicos e Policiais (delegacias, audiências etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contextos Publicitários (propagandas, campanhas etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contextos Artísticos (teatro, shows, eventos de arte etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contextos Empresariais (entrevistas de emprego, reuniões, treinamentos etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contextos de Conferências (congressos, palestras, workshops etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contextos Religiosos (celebrações, reuniões etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contextos Familiares (encontros de família, conversas etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contextos de Lazer e Turismo (passeios, excursões, locais de visita etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 8. Em relação às configurações do seu trabalho remoto com interpretação de Libras-português, indique a frequência: 

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Como intérprete individual (sozinho)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Como intérprete em equipe (dois ou mais intérpretes), cada um de local DIFERENTE	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Como intérprete em equipe (dois ou mais intérpretes), compartilhando o MESMO local	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 9. Comparando sua jornada de trabalho remoto anterior à pandemia com o contexto atual, a quantidade de horas em atuação REMOTA: 

- Diminuiu
- Não diminuiu nem aumentou
- Aumentou

* 10. Em geral, o valor cobrado para atuação remota é diferente do valor da atuação presencial? 

- O valor para interpretação remota é MENOR
- O valor para interpretação remota NÃO É MENOR NEM MAIOR
- O valor para interpretação remota é MAIOR

* 11. Você adquiriu alguma tecnologia ou equipamento relacionado à sua atuação remota? 

- Notebook/Computador
- Componente computacional (como memória, placa de vídeo, etc.)
- Monitor/Tela adicional
- Mouse
- Teclado
- Celular adicional
- Tablet
- Câmera/Webcam
- Microfone
- Fone de ouvido com cabo

- Fone de ouvido bluetooth, sem cabo
- Headset (conjunto de fone e microfone)
- Iluminação direcionada ao intérprete (ring-light, refletores, softbox e/ou similares)
- Tripé (para sustentação de câmeras, luz, etc.)
- Iluminação do ambiente
- Fundo em croma-key (geralmente verde ou azul)
- Cadeira
- Mesa
- Apoio de mãos
- Apoio de pés
- Roteador de internet
- Cabos de conexão à internet
- Serviços de internet ou aumento velocidade de acesso
- Outro (especifique)
-
- Nenhuma das anteriores

* 12. Você precisou comprar/baixar/instalar algum programa (software) ou aplicativo relacionado a sua atuação como intérprete? 


- Sim
- Não

* 13. Você conhece/usa as seguintes plataformas de videoconferência? 


	Não conheço	Conheço pouco/quase nunca usei	Já conhecia/usava ANTES da pandemia	Conheci/usei DURANTE a pandemia	Passel a conhecer/usar DEPOIS a pandemia
Zoom	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Microsoft Teams	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Google HangOut	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
StreamYard	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Skype	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
WebConf	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
WhereBy	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
WhatsApp	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 14. Qual seu nível de familiaridade com as seguintes ações antes e depois da pandemia? 

	Não sei fazer	Já sabia fazer ANTES da pandemia	Aprendi DURANTE a pandemia	Aprendi DEPOIS a pandemia
Acessar plataformas/logar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Controlar/ativar/desativar áudio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Controlar/ativar/desativar vídeo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ajustar enquadramento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Interagir via chat	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comunicação/feedback escrito durante a interpretação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comunicação/feedback visual durante a interpretação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Organização/disposição dos elementos na tela	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Acesso à internet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Captação de imagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 15. Em relação à apresentação visual, até que ponto é importante que o intérprete reproduza o nível de formalidade das outras pessoas que frequentam o espaço/evento a ser interpretado, mesmo que virtualmente? Isso inclui aspectos como a escolha de roupas, acessórios, cabelo, uso ou não de maquiagem etc. 


- Nem um pouco importante
- Não muito importante
- Mais ou menos importante
- Muito importante
- Extremamente importante

* 16. Até que ponto é importante que o seu fundo de trabalho (parede ou chroma key) seja de cor neutra/lisa, sem móveis, objetos e/ou materiais de decoração? 

- Nem um pouco importante
- Não muito importante
- Mais ou menos importante
- Muito importante
- Extremamente importante

* 17. Até que ponto você considera que o fundo de trabalho do intérprete influencia no nível de profissionalismo percebido pelo público? 

- Não influencia nada
- Influencia pouco
- Influencia razoavelmente
- Influencia muito
- Influencia extremamente

* 18. Você precisou investir financeiramente uma quantia adicional para utilização de um local para interpretação? 

- Não, interpretei no local da empresa onde trabalho.
- Não, interpretei do local onde moro.
- Não, interpretei da casa de parentes/amigos etc.
- Sim, necessitei mudar de casa.
- Sim, tive gastos com compra/aluguel de um local/ escritório / estúdio.
- Outro (especifique)

* 19. O ambiente em casa permite que você tenha concentração para realizar trabalhos remotos? 

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Frequentemente
- Sempre

* 20. Em relação aos seus interesses profissionais, você considera a contribuição da interpretação REMOTA 


- Extremamente ruim
- Muito ruim
- Nem boa nem ruim
- Muito boa
- Extremamente boa

* 21. Na sua experiência, a interpretação REMOTA, comparada à interpretação presencial, faz com que você se engaje: 


- MENOS no evento/situação
- NEM MAIS NEM MENOS no evento/situação
- MAIS no evento/situação

* 22. Na sua experiência, a interpretação REMOTA, comparada à interpretação presencial, é: 

- MENOS estressante
- NEM MAIS NEM MENOS estressante
- MAIS estressante

* 23. Na sua experiência, a prestação de serviços de interpretação REMOTA, comparada à interpretação presencial, é: 

- MENOS cômoda/confortável
- NEM MAIS NEM MENOS cômoda/confortável
- MAIS cômoda/confortável

* 24. Você considera que a sua formação como intérprete, ANTES da pandemia, o preparou para atuação de forma remota: 

- Extremamente mal
- Muito mal
- Nem bem nem mal
- Muito bem
- Extremamente bem



Anter.

Próx.

Pesquisa de doutorado - Fernando Parente Jr

Percepção do intérprete sobre suas habilidades

Nesta seção, você responderá questões a partir da sua percepção sobre suas próprias habilidades como intérprete. É importante que você reflita bem sobre cada item. Novamente, considere "ANTES da pandemia" como o período ANTES de março de 2020, e "DEPOIS da pandemia", como DEPOIS de março de 2023.

* 25. Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, como você avaliaria o seu nível de proficiência em LÍNGUA PORTUGUESA? 

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 26. Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, como você avaliaria o seu nível de proficiência em LIBRAS? 

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 27. Você considera que seu processo de PREPARAÇÃO em relação ao estudo da temática específica do evento é: 

	Extremamente ruim	Muito ruim	Nem bom nem ruim	Muito bom	Extremamente bom
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 28. Ainda durante a PREPARAÇÃO, com que frequência você usa tecnologia (computador, tablet, celular, etc.) para realizar buscas rápidas e eficientes sobre um assunto e/ou identificar soluções satisfatórias à sua atuação como intérprete? 

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 29. ANTES de interpretar, quais atividades você costuma/costumava realizar? 


	Antes da pandemia	Atualmente
Estudo de glossários	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Reunião/conversa com organizadores/palestrante do evento	<input type="text"/>	<input type="text"/>

* 30. Seu aproveitamento do tempo disponível para realizar o estudo do material quando enviado pelo cliente/ facilitador/ palestrante etc. é: 

	Extremamente ruim	Muito ruim	Nem bom nem ruim	Muito bom	Extremamente bom
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 31. Seu conhecimento para lidar com equipamentos tecnológicos para a entrega do serviço de interpretação remota é: 


	Extremamente ruim	Muito ruim	Nem bom nem ruim	Muito bom	Extremamente bom
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 32. Suas habilidades específicas para interpretação simultânea/consecutiva (compreender, transferir/reformular e produzir fala) em línguas diferentes em tempo real, são: 


	Extremamente ruins	Muito ruins	Nem boas nem ruins	Muito boas	Extremamente boas
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 33. Sua habilidade de lidar/coordenar uma variedade de estímulos (feedback vindo do colega, do público, do técnico, do cliente/coordenador do evento) durante a interpretação é: 

	Extremamente ruim	Muito ruim	Nem boa nem ruim	Muito boa	Extremamente boa
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 34. Você realiza ações voltadas a otimizar sua disposição física e cognitiva, como por exemplo, exercícios de alongamento e relaxamento nos intervalos, hidratação, trabalho com a respiração, regulação da intensidade/frequência vocal etc.? 

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 35. Em trabalhos de dupla/equipe, enquanto seu colega está em atuação, você permanece atento a todo o processo, oferecendo apoio/suporte necessário? 

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 36. DEPOIS DA INTERPRETAÇÃO, quais atividades você costuma/costumava realizar? 

	Antes da pandemia	Atualmente
Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Criação/revisão de glossários	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe, para dar/receber feedback	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Reunião/conversa de com outros participantes/organizadores/palestrante (feedback)	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Autoavaliação da interpretação em busca de pontos de melhoria	<input type="text"/>	<input type="text"/>

* 37. Sua relação com seus colegas intérpretes é: 


	Extremamente ruim	Muito ruim	Nem boa, nem ruim	Muito boa	Extremamente boa
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 38. Sua relação com seus clientes é: 

	Extremamente ruim	Muito ruim	Nem boa, nem ruim	Muito boa	Extremamente boa
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 39. Sua atitude em relação à colaboração e trabalho em equipe é: 

	Extremamente ruim	Muito ruim	Nem boa, nem ruim	Muito boa	Extremamente boa
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 40. Sua habilidade de facilitar e resolver possíveis conflitos entre diferentes grupos, considerando suas práticas culturais específicas, a fim de promover comunicação é: 

	Extremamente ruim	Muito ruim	Nem boa, nem ruim	Muito boa	Extremamente boa
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 41. Sua capacidade de resistência à pressão e sua tolerância à frustração é: 

	Extremamente baixa	Muito baixa	Nem alta, nem baixa	Muito alta	Extremamente alta
Antes da pandemia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 46. Em geral, quais atividades você costuma/costumava realizar? 

	Antes da pandemia	Atualmente
Reflexão sobre sua própria competência	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Reflexão sobre a profissão em geral	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Reflexão sobre a comunicação e seus diferentes objetivos	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Participação em eventos de curta duração, como lives, palestras, oficinas, mesas-redondas, workshops, etc.	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Participação em eventos de média duração, como congressos, conferências, simpósios, etc.	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Participação em eventos de longa duração, curso, disciplinas, seminários, treinamentos, grupos de estudo, fóruns de discussão, etc.	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Participação em atividades de associações profissionais	<input type="text"/>	<input type="text"/>



Anter.

Próx.

Pesquisa de doutorado - Fernando Parente Jr

Para finalizar...

Por favor, poderia nos fornecer alguns detalhes adicionais sobre você?


* 47. Você é 

- Surdo
 Ouvinte

* 48. Qual é a sua idade? 

* 49. Qual é o seu sexo? 

- Feminino
 Masculino
 Outro (especifique)

* 50. Você é/foi responsável pelos cuidados de alguém em situação de vulnerabilidade? Isto é, você fornece/forneceu assistência ou cuidados a alguém que necessita de algum grau de atenção/suporte na realização de atividades diárias (como crianças, idosos etc.)? 

- Não, em momento nenhum
 Sim, desde ANTES da pandemia
 Sim, ocasionalmente, em algum momento DURANTE a pandemia
 Sim, DURANTE a pandemia até os dias de hoje
 Sim, mas comecei somente APÓS a pandemia

51. Caso deseje, deixe seu e-mail para receber uma cópia desse estudo quando finalizado. (Opcional)



Anter.

Concluído

APÊNDICE 03: TABELA DE EQUIVALÊNCIA DAS PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO E SEUS RESPECTIVOS DESCRITORES

Categorias de Habilidades	Habilidades (Como em Cavallo, 2022)	Definições (Reformuladas a partir de Cavallo 2019; 2022)	Itens do questionário elaborado para a pesquisa
Habilidades Anteriores ao Processo de Interpretação	Elevado domínio das línguas de trabalho, das modalidades da interpretação e das novas tecnologias	Envolve conhecimentos implícitos e explícitos sobre os sistemas linguísticos das línguas de trabalho, além dos gêneros, tipos textuais, marcas discursivas de textos e interações nas línguas de trabalho; conhecimento das diferentes modalidades de interpretação (como interpretação consecutiva, simultânea etc.); e domínio de ferramentas de tecnologia, como equipamento, programas e aplicativos inerentes ou auxiliares ao serviço de interpretação.	25. Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, como você avaliaria o seu nível de proficiência em LÍNGUA PORTUGUESA?
			26. Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, como você avaliaria o seu nível de proficiência em LIBRAS?
			31. Seu conhecimento para lidar com equipamentos tecnológicos para a entrega do serviço de interpretação remota é:
	Estudo temático e generalista	Estudar em profundidade a temática específica do evento, além de saber pesquisar e se atualizar sobre questões de cunho generalista, como geografia e acontecimentos sociopolíticos.	27. Você considera que seu processo de PREPARAÇÃO em relação ao estudo da temática específica do evento é:
Gestão da terminologia	Construção de glossários, busca de equivalentes, memorização e consulta durante o trabalho, entre outras atividades relativas à	28. Ainda durante a PREPARAÇÃO, com que frequência você usa tecnologia (computador, tablet, celular, etc.) para realizar buscas rápidas e eficientes sobre um assunto e/ou identificar soluções satisfatórias à sua atuação como intérprete?	

		gestão terminológica (uso do computador sendo imprescindível, ou de outros dispositivos como tablet e celular).	29.1. Estudo de glossários (ANTES de interpretar)
	Preparação otimizada	Realizar o estudo do material que foi enviado pelo cliente/palestrantes no tempo que o intérprete tem à sua disposição.	29.2. Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação (ANTES de interpretar)
			30. Seu aproveitamento do tempo disponível para realizar o estudo do material quando enviado pelo cliente/facilitador/ palestrante etc. é:
			29.4. Reunião/conversa com organizadores/palestrante do evento (ANTES de interpretar)
Habilidades Internas ao Processo de Interpretação	Compreensão, transferência e produção	Não detalha as habilidades específicas necessárias para compreensão, transferência e produção, uma vez que são inúmeras (análise deliberada, contextualização, concentração, desverbalização, utilização de táticas específicas [GILE, 2009, p. 200-201], adaptação e modulação do discurso etc.).	32. Suas habilidades específicas para interpretação simultânea/consecutiva (compreender, transferir/reformular e produzir fala) em línguas diferentes em tempo real, são:
	Gestão eficaz de múltiplos estímulos auditivos, táteis e visuoespaciais	Alguns exemplos desses estímulos são: o feedback vindo do público, do técnico, do coordenador do evento ou do cliente; o toque no braço ou no ombro do colega na cabine, no palco ou em outro lugar dependendo do contexto da interpretação; o ruído do ambiente etc.	33. Sua habilidade de lidar/coordenar uma variedade de estímulos (feedback vindo do colega, do público, do técnico, do cliente/coordenador do evento) durante a interpretação é:

	Medidas de controle da fadiga corporal e vocal	A prática de uma série de ações voltadas a não sobrecarregar as suas capacidades físicas e cognitivas. Exercícios de alongamento e relaxamento nos intervalos, hidratação, trabalho com a respiração, regulação da intensidade e frequência vocais, entre outros.	34. Você realiza ações voltadas a otimizar sua disposição física e cognitiva, como por exemplo, exercícios de alongamento e relaxamento nos intervalos, hidratação, trabalho com a respiração, regulação da intensidade/frequência vocal etc.?
Habilidades Posteriores ao Processo de Interpretação	Revisão terminológica	Atualização de glossários com base no uso específico de alguns termos feito por especialistas durante o evento ou, ainda, organização gráfica, entre outros.	36.2. Criação/revisão de glossários (DEPOIS de interpretar)
	Controle de qualidade	Senso crítico, medidas de correção de vícios da fala ou de problemas técnicos, após ter ouvido, por exemplo, a própria interpretação gravada; o controle de qualidade também inclui o feedback, vindo tanto de colegas quanto de clientes, organizadores do evento etc.	36.1. Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação (DEPOIS de interpretar)
			36.3. Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe, para dar/receber feedback
36.4. Reunião/conversa com outros participantes/organizadores/palestrante (feedback)			
	Trabalho em equipe e colaboração	Atitude colaborativa em relação aos colegas e aos clientes em todos os aspectos, desde os técnicos até os terminológicos, como troca de glossários etc.	29.3. Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe (ANTES da interpretação)
			35. Em trabalhos de dupla/equipe, enquanto seu colega está em atuação, você permanece atento a todo o processo, oferecendo apoio/suporte necessário?
			37. Sua relação com seus colegas intérpretes é:
			39. Sua atitude em relação à colaboração e trabalho em equipe é:

Habilidades Envolvendo ao Processo de Interpretação	Mediação entre culturas	Conhecimento profundo do universo sociocultural dos países cujas línguas fazem parte da combinação linguística do intérprete, sabendo mediar e solucionar eventuais conflitos, se necessário, entre diversas partes cujas práticas socioculturais específicas poderiam obstaculizar a comunicação sem uma mediação eficaz.	40. Sua habilidade de facilitar e resolver possíveis conflitos entre diferentes grupos, considerando suas práticas culturais específicas, a fim de promover comunicação é:
	Responsabilidade, empatia e bom senso	Responsabilidade: conhecimento de si mesmo e das funções que deve cumprir. Empatia: sensibilidade e entendimento das “vozes” e dos posicionamentos dos outros. Bom senso: capacidade de avaliar realisticamente a situação comunicativa e o próprio desempenho.	43. Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, qual seria a sua avaliação em relação ao seu comprometimento e compromisso com valores éticos, tais como responsabilidade, empatia e bom senso?
	Resistência à pressão e tolerância à frustração	Gestão eficaz do estresse e da ansiedade, enfocando os meios de preveni-los e combatê-los; capacidade de lidar com a frustração que pode derivar, por exemplo, da consciência de eventuais erros cometidos.	41. Sua capacidade de resistência à pressão e sua tolerância à frustração é: 42. Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, como você avalia o seu nível de estresse e ansiedade em relação à atividade de interpretação? Isso pode incluir aspectos como o receio sobre a possibilidade de imprevistos, insegurança sobre suas habilidades como intérprete, ou preocupação sobre eventuais erros cometidos.
Habilidades Extrínsecos ao Processo de Interpretação	Condicionamento corporal e vocal	Inclui, entre outros, trabalho com a respiração, hidratação e descanso adequados, aquecimento e desaquecimento da voz, e provavelmente outros aspectos específicos no caso de	44. Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, de maneira geral (FORA DO CONTEXTO DE INTERPRETAÇÃO), você cuida do seu bem-estar, incluindo aspectos como sua respiração, hidratação, descanso, preparo físico e psíquico etc.?

	quem trabalha com línguas de sinais.	
Know-how de negócios, relacionamento com clientes e padrões profissionais	Elaborar orçamentos, planejar viagens, estar em contato com os clientes, conhecer e respeitar padrões éticos sugeridos pelas associações profissionais, entre outros.	38. Sua relação com seus clientes é:
		45. Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o nível máximo, sua habilidade em negociar com o cliente em relação a valores/condições de trabalho, elaborar orçamentos/contratos etc.?
Metarreflexão	Saber refletir sobre a comunicação e seus escopos, bem como acerca da própria competência e da profissão em geral.	46.1. Reflexão sobre sua própria competência
		46.2. Reflexão sobre a profissão em geral
		46.3. Reflexão sobre a comunicação e seus diferentes objetivos
Formação continuada	Todas as iniciativas concretamente tomadas para a atualização e aprimoramento das próprias habilidades.	46.4 - Participação em eventos formativos de curta duração, como lives, palestras, oficinas, mesas-redondas, workshops etc.
		46.5. Participação em eventos formativos de média duração, como congressos, conferências, simpósios etc.
		46.6. Participação em eventos formativos de longa duração, curso, disciplinas, seminários, treinamentos, grupos de estudo, fóruns de discussão etc.
		46.7. Participação em atividades de associações profissionais

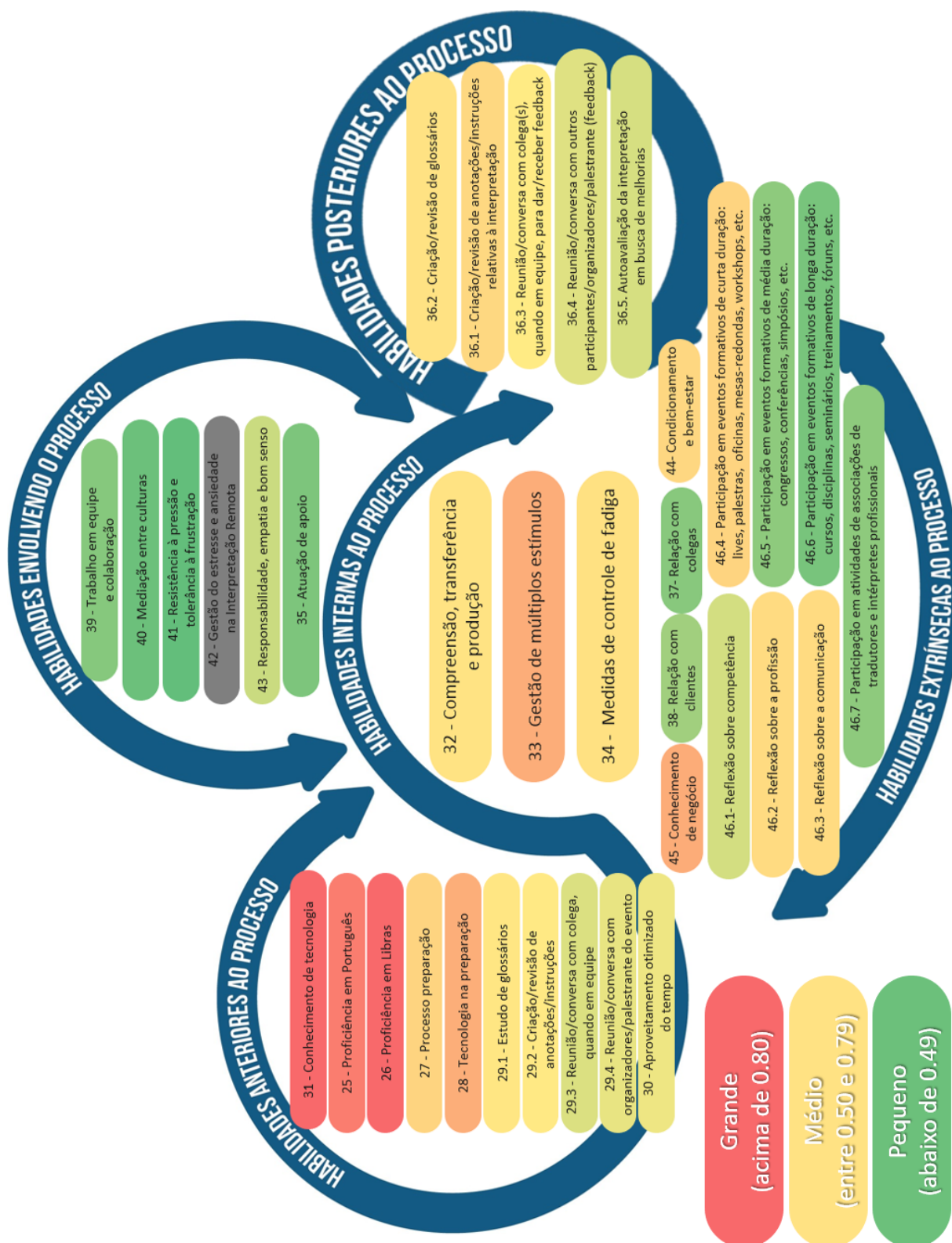
APÊNDICE 04: RESULTADOS DA DETERMINAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA ESTATÍSTICA (TESTE DE WILCOXON)

Número da Questão	Tópico	Soma dos Ranks Positivos	Soma dos Ranks Negativos	P-valor	Significância Estatística
Questão 25	Nível de Português	14280	0	<0.05	Sim
Questão 26	Nível de Libras	15339	930	<0.05	Sim
Questão 27	Processo de preparação	12916	1364	<0.05	Sim
Questão 28	Tecnologia na preparação	12827,5	549,5	<0.05	Sim
Questão 29.1	Estudo de glossários [Anterior]	12661	979	<0.05	Sim
Questão 29.2	Criação/revisão de anotações/ instruções [Anterior]	13733	1282	<0.05	Sim
Questão 29.3	Reunião/conversa com colega, quando em equipe [Anterior]	12236,5	2168,5	<0.05	Sim
Questão 29.4	Reunião/conversa com organizadores/ palestrante do evento [Anterior]	12692	1588	<0.05	Sim
Questão 30	Aproveitamento otimizado do tempo [Anterior]	12853	1676	<0.05	Sim
Questão 31	Conhecimento de tecnologia [Anterior]	19404,5	122,5	<0.05	Sim
Questão 32	Compreensão, transferência e produção	12572	672	<0.05	Sim
Questão 33	Gestão de múltiplos estímulos	13867	785	<0.05	Sim
Questão 34	Medidas de controle de fadiga	14460,5	1589,5	<0.05	Sim
Questão 35	Atuação de apoio	9598	1826	<0.05	Sim
Questão 36.1	Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação [Posterior]	14563	1376	<0.05	Sim
Questão 36.2	Criação/revisão de glossários [Posterior]	13927	1673	<0.05	Sim
Questão 36.3	Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe, para dar/receber feedback [Posterior]	13228,5	1176,5	<0.05	Sim
Questão 36.4	Reunião/conversa com outros participantes/organizadores/palestrante (feedback) [Posterior]	13348,5	1303,5	<0.05	Sim
Questão 36.5	Autoavaliação da interpretação em busca de melhorias [Posterior]	10538,5	885,5	<0.05	Sim
Questão 37	Relação com colegas	8340	1095	<0.05	Sim
Questão 38	Relação com clientes	8404,5	547,5	<0.05	Sim
Questão 39	Trabalho em equipe e colaboração	7848	941	<0.05	Sim
Questão 40	Mediação entre culturas	7401	558	<0.05	Sim
Questão 41	Resistência à pressão e tolerância à frustração	9524	3586	<0.05	Sim
Questão 42	Gestão de estresse e ansiedade na Interpretação Remota [Envolvendo o processo]	10590,5	6811,5	0,076	Não
Questão 43	Responsabilidade, empatia e bom Senso	7057,5	562,5	<0.05	Sim
Questão 44	Condicionamento e bem-estar	14630	2272	<0.05	Sim
Questão 45	Conhecimento de negócio	15423	291	<0.05	Sim
Questão 46.1	Reflexão sobre competência	11482,5	1219,5	<0.05	Sim
Questão 46.2	Reflexão sobre a profissão	12282	693	<0.05	Sim
Questão 46.3	Reflexão sobre a comunicação	12240	324	<0.05	Sim
Questão 46.4	Participação em eventos formativos de curta duração	14413,5	3276,5	<0.05	Sim
Questão 46.5	Participação em eventos formativos de média duração	11906	3921	<0.05	Sim
Questão 46.6	Participação em eventos formativos de longa duração	12017	3697	<0.05	Sim
Questão 46.7	Participação em atividades de associações de tradutores e intérpretes profissionais	11562,5	2717,5	<0.05	Sim

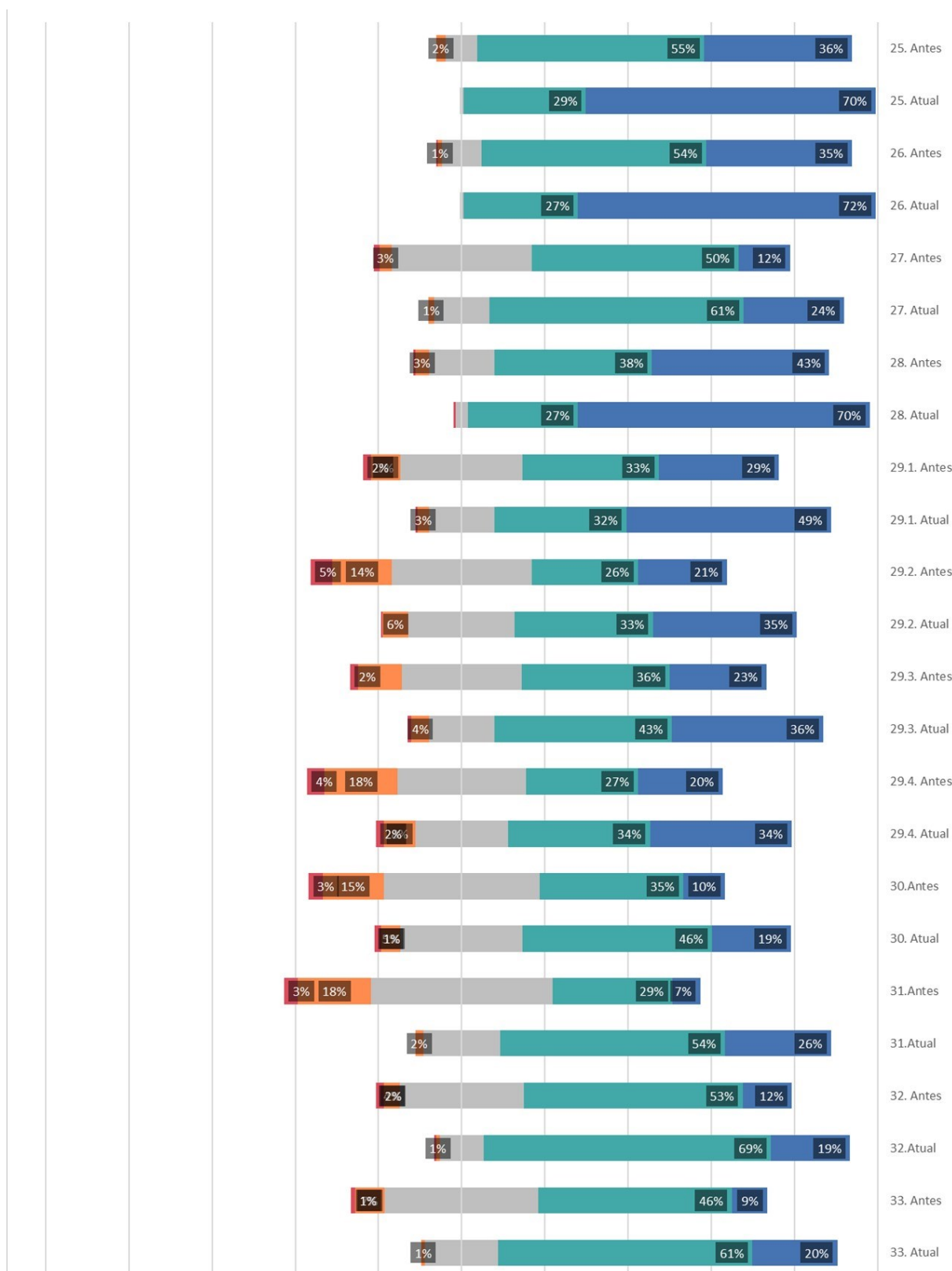
APÊNDICE 05: RESULTADOS DA DETERMINAÇÃO DO TAMANHO DO EFEITO (TESTE D DE COHEN)

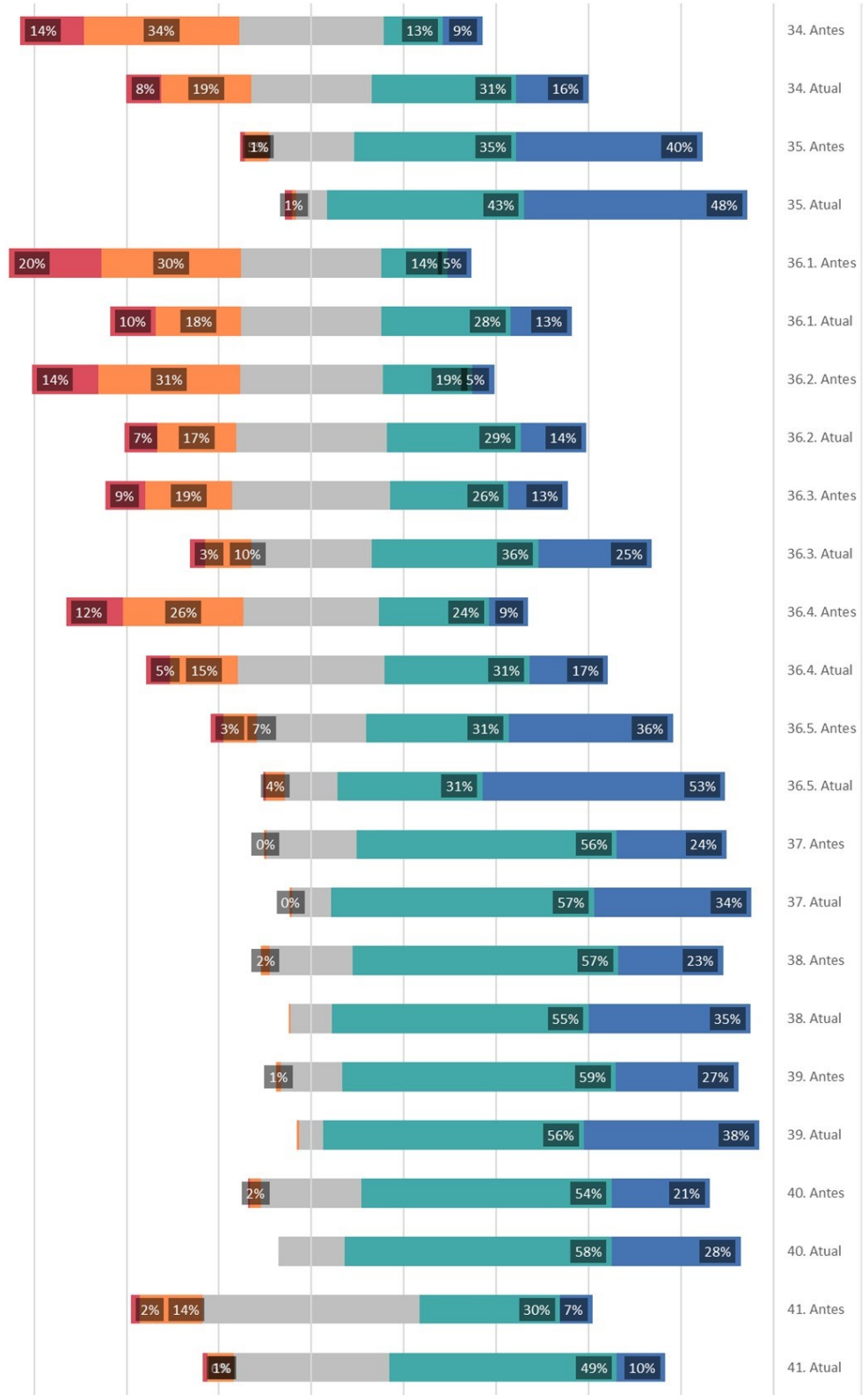
Questão	Tópico	Média Antes	Média Depois	Desvio Padrão Combinado	Cohen's d	Tamanho do Efeito
Questão 25	Nível de Português	4,23	4,69	0,60	0,76	Médio
Questão 26	Nível de Libras	4,22	4,71	0,59	0,81	Grande
Questão 27	Processo de preparação	3,69	4,08	0,72	0,55	Médio
Questão 28	Tecnologia na preparação	4,19	4,66	0,73	0,64	Médio
Questão 29.1	Estudo de glossários [Anterior]	3,80	4,27	0,93	0,50	Médio
Questão 29.2	Criação/revisão de anotações/ instruções [Anterior]	3,44	3,95	1,04	0,50	Pequeno
Questão 29.3	Reunião/conversa com colega, quando em equipe [Anterior]	3,68	4,09	0,94	0,44	Pequeno
Questão 29.4	Reunião/conversa com organizadores/ palestrante do evento [Anterior]	3,42	3,91	1,07	0,46	Pequeno
Questão 30	Aproveitamento otimizado do tempo [Anterior]	3,33	3,76	0,91	0,47	Pequeno
Questão 31	Conhecimento de tecnologia [Anterior]	3,18	4,03	0,82	1,04	Grande
Questão 32	Compreensão, transferência e produção	3,69	4,05	0,71	0,51	Médio
Questão 33	Gestão de múltiplos estímulos	3,55	4,01	0,72	0,64	Médio
Questão 34	Medidas de controle de fadiga	2,69	3,28	1,15	0,52	Médio
Questão 35	Atuação de apoio	4,09	4,36	0,86	0,32	Pequeno
Questão 36.1	Criação/revisão de anotações/instruções relativas à interpretação [Posterior]	2,55	3,16	1,15	0,54	Médio
Questão 36.2	Criação/revisão de glossários [Posterior]	2,70	3,26	1,10	0,51	Médio
Questão 36.3	Reunião/conversa com colega(s), quando em equipe, para dar/receber feedback [Posterior]	3,15	3,69	1,09	0,49	Pequeno
Questão 36.4	Reunião/conversa com outros participantes/organizadores/palestrante (feedback) [Posterior]	2,90	3,40	1,12	0,45	Pequeno
Questão 36.5	Autoavaliação da interpretação em busca de melhorias [Posterior]	3,89	4,31	0,97	0,43	Pequeno
Questão 37	Relação com colegas	4,03	4,25	0,65	0,33	Pequeno
Questão 38	Relação com clientes	4,01	4,25	0,66	0,36	Pequeno
Questão 39	Trabalho em equipe e colaboração	4,11	4,32	0,62	0,33	Pequeno
Questão 40	Mediação entre culturas	3,93	4,14	0,70	0,29	Pequeno
Questão 41	Resistência à pressão e tolerância à frustração	3,55	3,74	0,70	0,28	Pequeno
Questão 43	Responsabilidade, empatia e bom Senso	4,71	4,91	0,47	0,42	Pequeno
Questão 44	Condicionamento e bem-estar	3,63	4,17	1,00	0,54	Médio
Questão 45	Conhecimento de negócio	3,47	4,14	1,04	0,65	Médio
Questão 46.1	Reflexão sobre competência	4,00	4,38	0,88	0,43	Pequeno
Questão 46.2	Reflexão sobre a profissão	3,86	4,36	0,87	0,58	Médio
Questão 46.3	Reflexão sobre a comunicação	3,76	4,24	0,89	0,53	Médio
Questão 46.4	Participação em eventos formativos de curta duração	3,27	3,81	0,98	0,55	Médio
Questão 46.5	Participação em eventos formativos de média duração	3,13	3,48	1,02	0,34	Pequeno
Questão 46.6	Participação em eventos formativos de longa duração	3,16	3,49	1,09	0,31	Pequeno
Questão 46.7	Participação em atividades de associações de tradutores e intérpretes profissionais	2,62	3,02	1,26	0,32	Pequeno
Questão 42	Gestão de estresse e ansiedade na Interpretação Remota [Envolvendo o processo]	3,73	3,88	1,06	0,13	Pequeno

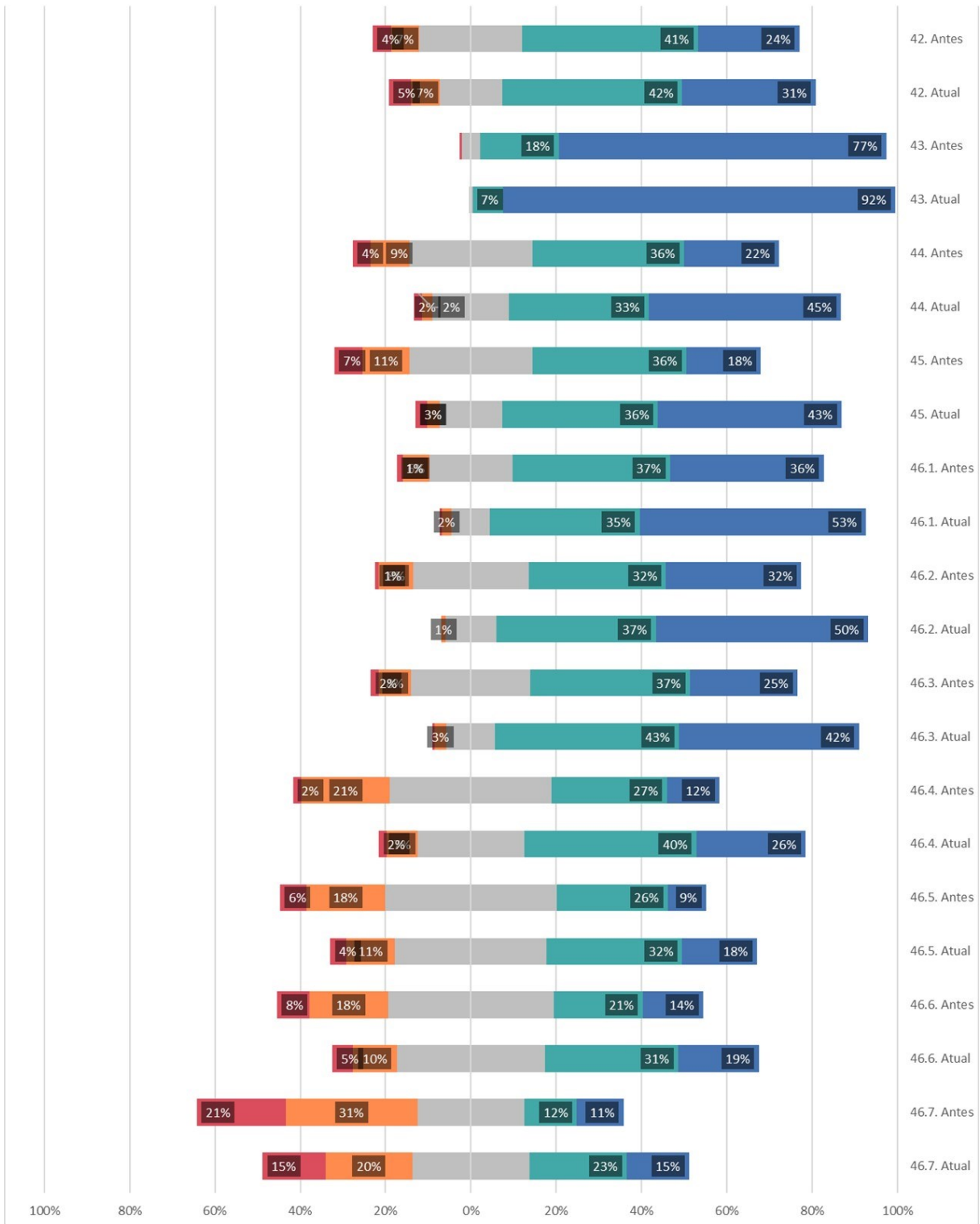
APÊNDICE 06: MAPA DE CALOR INDICA A VARIAÇÃO NA PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA DO INTÉRPRETE DE LIBRAS ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA



APÊNDICE 07: MAPEAMENTO DAS HABILIDADES EM GRÁFICOS DE DIVERGÊNCIA







ANEXOS

ANEXO 01: FEBRAPILS - CARTA ABERTA SOBRE CORONAVIRUS



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**
Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters
Fundada em 22 de Setembro de 2008
CNPJ 19.407.091/0001-02

CARTA ABERTA

Brasil, 18 de março de 2020

**Aos Tradutores, Intérpretes, e Guia-intérpretes de todo o país a respeito da COVID-19
– novo Coronavírus.**

Prezados e prezadas,

A Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais – Febrapils – é uma entidade profissional autônoma, sem fins lucrativos ou econômicos, fundada em 22 de setembro de 2008. Temos a função de orientar, apoiar e consolidar as Associações de Tradutores, Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais (APILS), buscando realizar um trabalho de parceria em defesa dos interesses da categoria de tradutores, intérpretes e guia-intérpretes de língua de sinais (TILS). Portanto, tendo em vista:

1. A recomendação do boletim Epidemiológico nº05 do Ministério da Saúde que trata da classificação para Pandemia e dá outras orientações;
2. O Boletim epidemiológico V.51 Nº4 Conselho Nacional das Secretarias municipais de saúde, que orienta sobre o novo Coronavírus;
3. A recomendação da Anvisa, por meio do site do Ministério da Saúde sobre prevenção e cuidados diante do novo Coronavírus;
4. Recomendações em conformidade com a Legislação em Segurança do Trabalho - NR6 - Norma Regulamentadora 06;
5. Os relatórios da Organização Mundial de Saúde – OMS e do Ministério da Saúde .

A Febrapils, juntamente com as instituições signatárias deste documento, solicita que sejam feitos o máximo de esforços no sentido de viabilizar, sempre que possível, as seguintes orientações. Assim, recomendamos que:

1. Os serviços de **interpretação** sejam prestados por **videoconferência** através de softwares de vídeo-chamada, ou ainda, por aplicativos de dispositivos móveis com acesso à internet.
2. Nos casos em que o **atendimento presencial for imprescindível**, que haja diminuição do efetivo, através de uma escala e revezamento de pessoal, evitando a exposição desnecessária dos profissionais à ambientes/pessoas potencialmente contaminados.



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

3. Aos profissionais que estiverem em situação de interpretação/tradução **fora de seus domicílios**, recomendamos que, antes de iniciar e ao final da sua produção em língua de sinais, **higienizem suas mãos** lavando-as com água e sabão, ou caso não seja possível, com álcool em gel 70%, principalmente, em situações de guia-interpretação.
4. Durante a produção em língua de sinais, **evitem** tocar com as mãos em pontos de articulação localizados nas regiões da face. Mas que, preferencialmente, **desloquem** os sinais para que sejam realizados em pontos de articulação próximos, mas sem o contato direto com a boca, nariz, testa, ou a região dos olhos.
5. Aos profissionais tradutores Português/Libras da **área midiática**, recomendamos que, em comum acordo com as empresas contratantes, realizem a preparação para interpretação ou tradução (estudo prévio dos textos e vídeos) **em seus domicílios**, via sistema, sendo necessário o deslocamento apenas para gravação do conteúdo, **reduzindo assim o tempo de exposição** a ambientes de estúdios ou similares. Ressaltamos ainda a importância da negociação na autorização da empresa contratante e formalização do contrato de confidencialidade.
6. Aos profissionais que estiverem em situação de **interpretação em unidades de saúde/hospitais**, reiteramos que torna-se imprescindível a higienização com lavagem das mãos, utilizando sabão, antes de iniciar sua produção em língua de sinais e posteriormente, ao término da produção, evitar tocar com as mãos na região da face, como boca, nariz, ou a região dos olhos, bem como evitar tocar superfícies como mobiliários hospitalares, papéis, ou aparelhos.
7. **Em ambientes hospitalares**, cabe a instituição fornecer ao TILS ou GI os mesmos Equipamentos de Proteção Individual – EPIs ofertados aos profissionais da saúde, em conformidade com a NR6¹: máscaras, luvas, óculos. No caso da medição linguística com pessoas com surdocegueira, faz-se necessário o uso do avental ou capote, visto a presença de contato físico direto, a exposição à gotículas de saliva, e outros fluidos corpóreos.
8. Em relação à **guia-interpretação**, recomenda-se uma atenção especial na higienização das mãos, sendo realizado sempre que possível com a pessoa com surdocegueira, guia-intérprete, e apoio. A bengala utilizada por surdocegos também deve ser constantemente higienizada.
9. Dependendo da forma de comunicação, recomendamos que tanto o **guia-intérprete** quanto a pessoa com **surdocegueira**, utilizem **máscaras e luvas** e que, se possível,

¹ NR6.1: Para os fins de aplicação desta Norma Regulamentadora - NR, considera-se Equipamento de Proteção Individual - EPI, todo dispositivo ou produto, de uso individual utilizado pelo trabalhador, destinado à proteção de riscos suscetíveis de ameaçar a segurança e a saúde no trabalho.



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**
Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters
Fundada em 22 de Setembro de 2008
CNPJ 19.407.091/0001-02

evitem o toque no braço, antebraço e mãos da pessoa com surdocegueira, adotando outras estratégias de comunicação.

10. Se possível, evite realizar sinais táteis no rosto da pessoa com surdocegueira, e/ou do próprio guia-intérprete, recomendamos o uso de estratégias de interpretação, por exemplo: **substituição** da cabeça do sinalizante pela mão em configuração semelhante à letra “B”, e/ou a **redução articulatória**.

Figura 1: Sinal de MULHER com substituição do ponto de articulação



Fonte: Elaboração própria

Figura 2: Sinal de MENTIRA com redução articulatória



Fonte: Elaboração própria



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

11. No caso de comunicação em **campo reduzido**, recomenda-se uma distância de, no mínimo, um a dois metros da pessoa com surdocegueira, dependendo da necessidade de comunicação dos usuários.
12. Uma das **responsabilidades do guia-intérprete**, é comunicar a pessoa surdocega, a aproximação de uma outra pessoa, ou o ambiente que está sendo inserido. Ressaltamos a importância das informações e descrições pessoais, se o indivíduo está espirrando, com coriza ou tossindo. Essas informações podem ser transmitidas, de uma forma discreta, por meio da **Comunicação Social Háptica** (para aquelas pessoas que conhecem alguns toques e sinais).

Atenção: Visando a saúde e bem estar de todos, a Febrapils vem alertar aos Tradutores, Intérpretes e Guia-intérpretes a respeito dos relatórios da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde, que, até o momento, as formas mais graves da doença têm se manifestado em populações já reconhecidamente vulneráveis à Covid-19, são eles: **idosos, diabéticos, hipertensos, pessoas com insuficiência renal crônica, pessoas com doença respiratória crônica, imunodeprimidas.**

Por último, a Febrapils reitera que torna-se fundamental que os TILS e GIs, conscientes de sua **responsabilidade social**, contribuam para o **esclarecimento** da Comunidade Surda, através da Língua de Sinais, munidos de informações de **fontes confiáveis** sobre como evitar o contágio e reduzir os prejuízos trazidos pela COVID-19, o Coronavírus.

Atenciosamente,



febrapils.dialogos@gmail.com



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**
Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters
Fundada em 22 de Setembro de 2008
CNPJ 19.407.091/0001-02

COLABORARAM NA PRODUÇÃO DESTE DOCUMENTO:

Fernando de C. Parente Jr. - Tradutor, Intérprete e Professor. Presidente da Febrapils.

Lenildo Souza - Tradutor, Intérprete. Presidente da AGITE-RJ. Diretor da Febrapils: Região Sudeste.

Regiane Pereira - Tradutora, Intérprete, e Guia-Intérprete. Diretora Adjunta da Febrapils: Região Sudeste.

Tiago Batista - Tradutor, Intérprete. Membro da AGITE-RJ.

Emanoela Bezerra de Araújo - Enfermeira, Intérprete - Especialista em Enfermagem do Trabalho, Enfermeira/Intérprete voluntária da CBDS - Confederação Brasileira de Desportos de Surdos .

REFERÊNCIAS:

Boletim Epidemiológico Ministério da Saúde:

http://maismedicos.gov.br/images/PDF/2020_03_13_Boletim-Epidemiologico-05.pdf

Organização Mundial de Saúde/ Brasil:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:folha-informativa-novo-coronavirus-2019-ncov&Itemid=875

Portal do Governo federal - <https://coronavirus.saude.gov.br/>

Portal da Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ - <https://portal.fiocruz.br/noticia>

Portal da Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ- <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-acompanha-situacao-do-novo-coronavirus-no-brasil>

Portal da Secretaria do estado de Saúde de São Paulo:

<http://www.saude.sp.gov.br/ses/perfil/cidadao/homepage/destaques/perguntas-e-respostas-tire-suas-duvidas-sobre-o-novo-coronavirus>

Recomendações em conformidade a Legislação em Segurança do Trabalho - NR6 Norma Regulamentadora 06 - https://enit.trabalho.gov.br/portal/images/Arquivos_SST/SST_NR/NR-06.pdf



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**
Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters
Fundada em 22 de Setembro de 2008
CNPJ 19.407.091/0001-02

APOIO:



AGITE-RJ

*Associação de Tradutores Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais do
Estado do Rio de Janeiro*



APILCE



**ANEXO 02: FEBRAPILS - NOTA TÉCNICA N° 004/2020 - SOBRE INTERPRETAÇÃO
SIMULTÂNEA REMOTA**



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS
Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters
Fundada em 22 de setembro de 2008
CNPJ 19.407.091/0001-02

NOTA TÉCNICA Nº 004/2020

27 de maio de 2020

Interessados: Empresas de tradução, interpretação e profissionais autônomos que oferecem o serviço de interpretação de Libras/Português.

Assunto: Nota Técnica sobre interpretação simultânea remota para a Língua Brasileira de Sinais.

Introdução

1. Devido à situação de pandemia causada pela COVID-19, buscas por novas possibilidades para a prática da interpretação para as línguas de sinais se apresentam, a necessidade de pensar em soluções para prosseguir com atividades de trabalho por meio do contato remoto, *home office* (teletrabalho) e apresentações virtuais, são soluções que se apresentam para lidar com os desafios dessa nova realidade.
2. Assim como já devem ocorrer em situações presenciais, todas as atividades (pronunciamentos oficiais de órgãos do governo na esfera federal, estadual e municipal; reuniões de trabalho, treinamentos, seminários, palestras e informativos institucionais; e atividades culturais de todos os tipos) devem ser apresentados com a disponibilização dos serviços de interpretação para a língua de sinais conforme legislação vigente sobre acessibilidade e inclusão, garantindo às pessoas surdas o seu direito linguístico e cultural, e participação efetiva nessas atividades. (Lei 10.098/00; Lei 10.436/02; Lei 13.146)
3. A acessibilidade em meios audiovisuais já conta com algumas normas estabelecidas na Lei Brasileira de Inclusão, 13.146/15 e em NBRs, assim como a **Nota Técnica Nº 01/2017** e **Nota Técnica Nº 02/2017** emitidas pela Febrapils. Assim, o intuito deste documento é fornecer orientações complementares e efetivas



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
 TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS
 Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters
 Fundada em 22 de setembro de 2008
 CNPJ 19.407.091/0001-02

a interpretação remota para a Língua Brasileira de Sinais-Libras, com exibição em uma *janela de Libras* a partir do uso de ferramentas e plataformas de interação virtual.

4. Esse documento apresenta orientações para interessados na prestação de serviço de interpretação remota, a saber, empresas de tradução e interpretação e profissionais autônomos. Salientamos que não seria cabível a aplicação dessas exigências para profissionais contratados especificamente para o trabalho presencial, pois esses podem não dispor de estruturas mínimas e adequadas em sua residência para realização da atividade de interpretação simultânea remotamente.
5. A CLT prevê o trabalho remoto, por meio do artigo 6º, como aquele executado na residência do empregado, desde que fosse caracterizada a relação de trabalho entre os entes. A Lei 12.551/2011 alterou este dispositivo para considerar os meios telemáticos e informatizados como meios diretos de comando, controle e supervisão. Já em 2017 com a aprovação da lei 13.467 o trabalho remoto foi abordado com mais detalhe, ajustando a relação entre empregado e empregador e estabelecendo regras contratuais e de organização para esta atividade.
6. A interpretação simultânea é a mais frequentemente utilizada em contextos de trabalho remoto. Essa modalidade de interpretação exige do profissional grande esforço cognitivo que envolve atenção, concentração e memória. Nesse sentido, a condição de ouvir/ver bem os participantes da interação comunicativa, sem ruídos ou distrações, se torna essencial. Com esse objetivo de orientar a oferta de serviço remoto, elencamos alguns tópicos essenciais para garantir que o processo de interpretação seja possível.
7. Para fins deste documento, consideramos duas principais situações nesse cenário de interpretação remota:

Situação 1: Videoconferências com a interpretação somente para a direção língua de sinais, como seminários, palestras, pronunciamentos e similares transmitidos ao vivo e via *streaming*. Nessa modalidade de videoconferência não há muitas



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
 TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS
 Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters
 Fundada em 22 de setembro de 2008
 CNPJ 19.407.091/0001-02

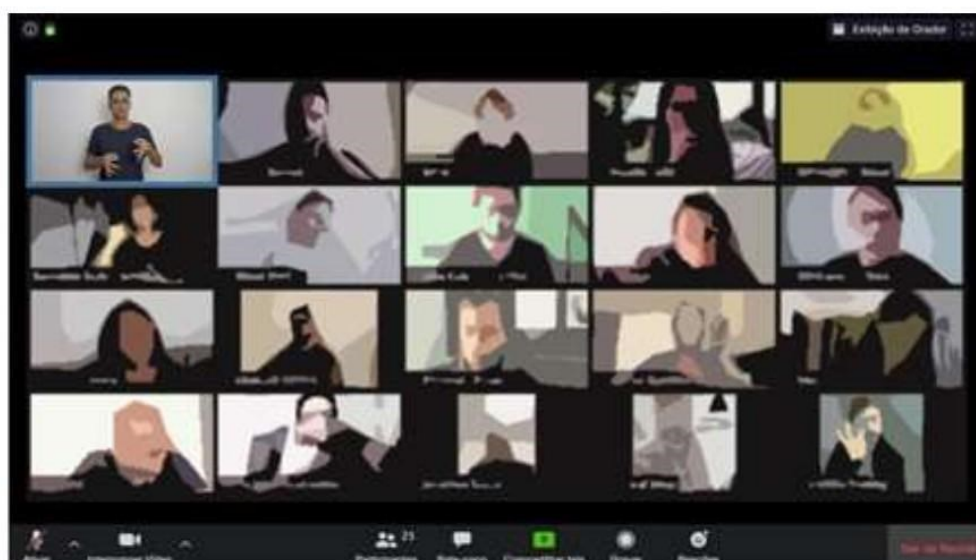
interações diretas entre os participantes, e normalmente o *chat* com o uso do texto escrito é a forma de comunicação entre o conferencista e os interlocutores.

Imagem 1: Videoconferência situação 1



Situação 2: Videoconferências com menor número de participantes que exigem a interpretação nas duas direções, língua de sinais e língua vocal, ou seja, reuniões, atividades culturais, treinamento, assembleias, e similares, realizadas por meio de plataformas digitais de comunicação, situação em que normalmente há interações frequentes entre todos os participantes.

Imagem 2: Videoconferência situação 2





FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS
Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters
Fundada em 22 de setembro de 2008
CNPJ 19.407.091/0001-02

8. As orientações foram organizadas em cinco tópicos, que integram aspectos essenciais para o oferecimento do trabalho remoto. São eles: I. Local para a realização do trabalho, II. Conectividade e equipamentos, III. Enquadramento e interpretação, IV. Trabalho em equipe e V. Confidencialidade.

I - Local para a realização do trabalho

9. Mesmo trabalhando de casa (*home office*), é necessário escolher um ambiente mais reservado, se possível um cômodo que não transite pessoas ou animais de estimação. Nesse ambiente é necessária uma parede ou fundo de, no mínimo, 2 (dois) metros de largura, de cor neutra/lisa, sem móveis, plantas ou materiais de decoração.
10. A iluminação deve ser suficiente para que a visualização da sinalização seja possível. Orientamos que se tenha uma iluminação no ambiente, uma iluminação frontal direcionada para o rosto e mãos do intérprete, ou dois pontos de iluminação em diagonal (um de cada lado), observando sempre para que as sombras não atrapalhem na reprodução da imagem. Nesse sentido, uma luz mais difusa é recomendada evitando pontos de luzes mais claros e outros muito escuros.
11. A câmera deve estar com um distanciamento que permita realizar e visualizar a interpretação de forma adequada. No tópico 3, exploraremos mais sobre esses aspectos específicos ao enquadramento.
12. As condições de áudio também são essenciais, esse ambiente deve ser o menos ruidoso possível, visto que é necessário ouvir bem para realizar a atividade de interpretação. Distrações visuais também interferem diretamente na concentração e conseqüentemente no processo de interpretação, por esse motivo, caso haja outras pessoas na residência, é importante que as comunique do período previsto



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
 TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS
 Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters
 Fundada em 22 de setembro de 2008
 CNPJ 19.407.091/0001-02

para o trabalho e que nesse momento você está realizando uma interpretação, a fim de evitar a ocorrência de interrupções.

13. Alguns programas não permitem que a captura e reprodução de áudio seja por dispositivos diferentes, uma forma de resolver esse problema é usar um *headset* que possui fone e microfone juntos.
14. O intérprete deve considerar desligar sempre seu áudio quando não estiver interpretando para a língua oral e ligar somente quando for necessário interpretar para a língua oral ou se comunicar com os participantes. Esse procedimento possibilita que nenhum ruído da residência possa interferir durante o evento interpretativo. Além disso, contribui para que o fluxo de dados da transmissão seja mais leve.

II - Conectividade e equipamentos

15. Para que ocorra a interpretação com tranquilidade desde o primeiro minuto de transmissão/videoconferência, orientamos que a equipe de interpretação sempre realize testes de conexão e ajustes do uso das plataformas e enquadramento com antecedência. Importante que a equipe de intérpretes entre em contato com a equipe técnica que gerencia a transmissão ou a conectividade entre os participantes para acertar todos os detalhes, inclusive tempo que devem estar disponíveis antes do início da programação que será interpretada.
16. É de responsabilidade do contratante/ organizador do evento, o gerenciamento da videoconferência, disponibilizando os links de acesso às ferramentas ou plataformas de interação virtual com antecedência, incluindo técnico responsável que mantenha contato com a equipe de intérpretes para alternar a visualização da janela da interpretação a cada troca de turno, conforme o caso.
17. É de responsabilidade da equipe de interpretação contratada possuir conexão à internet de qualidade que suporte a transmissão de dados de áudio e vídeo e equipamentos para participar da videoconferência com qualidade de visualização e captação de áudio e vídeo. Recomendamos que a velocidade contratada seja



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
 TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS
 Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters
 Fundada em 22 de setembro de 2008
 CNPJ 19.407.091/0001-02

- de no mínimo 10 megas, uma velocidade inferior pode comprometer a qualidade da transmissão.
18. No caso de videoconferências de grande porte retransmitidas ao vivo via *streaming* (situação 1) e que conectam nos bastidores vários canais de informação, incluindo interpretação de línguas vocais (inglês, espanhol, etc.) é necessária uma sala exclusiva para a interpretação de língua de sinais dentro do *backstage* do evento. *Backstage*, nesse contexto, nomeia os ambientes virtuais de interação de áudio/vídeo/texto que não são transmitidas para o público em geral. Nesse canal, é importante que a imagem dos dois intérpretes esteja disponível 100% do tempo, para que possam se ver e trabalhar em equipe. Na indisponibilidade da sala exclusiva para a interpretação de língua de sinais, a equipe de intérpretes pode utilizar de outras ferramentas/ aplicativos de comunicação, paralelos ao evento, para sua interação via áudio e vídeo.
 19. No caso de videoconferências onde temos interação direta com a interpretação da conversa de participantes surdos e ouvintes, ou seja, interpretação de e para a língua de sinais. É necessário que os intérpretes possam visualizar todos os participantes e que a visualização das pessoas surdas participantes seja prioritária, o que possibilita a esses participantes a tomada de turno e participação efetiva com a interpretação para o português de forma imediata, assim como acontece na direção contrária. Na situação do tipo 2, é importante a orientação aos surdos participantes de quando acontecerá a troca de interpretação para que eles possam fixar na sua tela a imagem do intérprete em atuação.
 20. Reiteramos que, numa situação de interpretação remota, torna-se indispensável que haja visualização apropriada do máximo de elementos que compõem o evento, tais como: seus participantes, as produções e intervenções em línguas de sinais, a leitura de dados presentes em slides, ou acompanhamento de material visual por compartilhamento de telas.
 21. Deste modo, recomendamos o uso de laptops, ou ainda, caso seja possível, monitores auxiliares e/ou TVs de tamanho suficiente a possibilitar a visualização



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
 TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS
 Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters
 Fundada em 22 de setembro de 2008
 CNPJ 19.407.091/0001-02

de todos os elementos mencionados, o uso desses recursos pode contribuir de forma positiva a qualidade e realização da interpretação. Além de oferecer uma melhor ergonomia ao propiciar mais conforto na visualização e evitar que o profissional precise se aproximar da tela constantemente para visualizar algo, prejudicando assim, o próprio enquadramento de sua sinalização.

Imagem 3: Opção de uso de monitores maiores para visualização.



22. Especialmente em contextos complexos, deve-se evitar a utilização de aparelhos celulares, pois pela limitação do tamanho da tela, torna-se inviável a visualização dos elementos mencionados, além de que, muitos dos softwares utilizados em sua versão *mobile* limitam automaticamente a quantidade de elementos na tela – sendo possível a visualização somente de um participante por vez.

III - Enquadramento e interpretação

23. O enquadramento do intérprete é um ponto fundamental da interpretação simultânea remota para a Libras. Pensando na visualidade da língua de sinais e na complementação às orientações dos tópicos 1 e 2, trataremos neste tópico exclusivamente de pontos relacionados ao enquadramento e da exibição da janela de interpretação.
24. A atividade do intérprete em material audiovisual deve seguir as orientações da **Nota Técnica Nº 01/ 2017**, no que refere à captação de imagem; edição da



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
 TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS
 Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters
 Fundada em 22 de setembro de 2008
 CNPJ 19.407.091/0001-02

janela; fundo cores e contrastes; recorte ou *wipe*; edição e exibição da janela de Libras.

25. No entanto, hoje se faz necessário considerar as diferentes configurações e possibilidades de cada ferramenta de transmissão ou plataforma de interação, em cada caso o intérprete deve organizar o ambiente de forma que a exposição da sua imagem seja visível por completo, para tanto, o ajuste no enquadramento no momento da captação em relação a cada tipo de ferramenta ou plataforma é essencial. Recomendamos que o enquadramento seja do topo da cabeça ao nível do cotovelo.
26. É recomendado que a câmera que captura a imagem do intérprete esteja em posição fixa, se possível com um uso de um tripé. Caso seja utilizado um celular que ele esteja na horizontal, modo paisagem. A altura da câmera deve estar entre os olhos e o queixo do intérprete.
27. Sobre o distanciamento do intérprete e da câmera é importante considerar o equipamento que se está utilizando. Se a imagem está sendo capturada por uma *webcam* é importante analisar o distanciamento que o equipamento permite para foco, normalmente é um metro, no entanto, se está sendo usada outra câmera como uma DSLR o distanciamento sugerido é de, no mínimo, um metro e meio.
28. O estilo de linguagem também oferece alguns desafios, na grande parte das situações de interpretação remota o espaço para sinalização é restrito. Portanto, além de considerar a sua capacidade de conectividade à internet. Orientamos que a sinalização seja mais restrita com movimentos menos alongados evitando sair do enquadramento, assim como cuidados com a velocidade na sinalização em relação à qualidade de captação de imagem ou de transmissão de dados.
29. No caso de videoconferências da situação 2, com muitas janelas e interação direta entre os participantes, sempre que houver a troca de turno entre os oradores, é essencial que o intérprete indique nominalmente (se possível) ou demonstre a alternância entre os falantes, pois nessa configuração o participante



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS
Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters
Fundada em 22 de setembro de 2008
CNPJ 19.407.091/0001-02

surdo na maior parte do tempo mantém a atenção fixa no intérprete e não tem condição favorável para perceber a alternância do turno de fala entre os participantes.

IV - Trabalho em equipe

30. Na situação de interpretação remota as orientações sobre trabalho em equipe seguem as mesmas recomendações do trabalho presencial, ou seja, deve ser previsto no mínimo 2 (dois) intérpretes para videoconferências com duração maior que uma hora de trabalho.
31. Porém, a condição de interpretação remota, reforça-se ainda mais a necessidade de uma equipe, pois as condições de trabalho exigem do profissional a atenção a outros aspectos, tecnológicos, que não são da sua responsabilidade na situação de interpretação presencial. Nesse sentido, recomendamos que o trabalho remoto seja sempre realizado em equipe, ou seja, com no mínimo 2 (dois) intérpretes.
32. Na situação remota, problemas de conexão ou técnicos podem prejudicar a atuação ou a visualização do intérprete, dessa forma, o colega da equipe deve assumir imediatamente a interpretação sem prejuízo para os demais participantes. Em casos em que a atuação é realizada por apenas um profissional, caso ocorra algum problema técnico a continuidade da atividade interpretada pode ser inviabilizada.
33. Algumas combinações entre a equipe de intérpretes são necessárias, principalmente para que a troca de turno se realize de forma discreta e não prejudique o andamento da atividade que está sendo interpretada. Algumas plataformas permitem o envio de mensagens privadas, essa pode ser uma possibilidade de comunicação entre os intérpretes e a equipe técnica. O colega que não está na função de apoio pode avisar que vai ocorrer a troca de turno de interpretação por meio de uma mensagem de texto privada pelo chat da plataforma de interação, ou também realizar uma ligação ou chamada de áudio no celular do intérprete em ação apenas para indicar que está no momento de troca de funções de turno e apoio.



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
 TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS
 Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters
 Fundada em 22 de setembro de 2008
 CNPJ 19.407.091/0001-02

34. A equipe de intérpretes pode utilizar de outras ferramentas/ aplicativos de comunicação, paralelos ao evento, para sua interação via áudio e vídeo. Importante que comuniquem aos participantes e utilizem esse espaço exclusivamente para a comunicação entre a equipe e uso de estratégias de apoio.
35. Outras combinações devem ser realizadas pela equipe de trabalho, principalmente analisando os fluxos e direções da interpretação. Em alguns contextos uma divisão da equipe quanto à direção da interpretação pode ser produtiva, nesse caso, alguns membros da equipe de intérpretes se concentra na interpretação para a língua de sinais e outros na língua vocal.

V - Confidencialidade

36. Na atividade de interpretação simultânea remota o profissional deve manter os mesmos princípios da atividade presencial conforme o **Código de Ética – Febrapils**.
37. Em ambiente residencial, as questões de confidencialidade devem ser observadas com bastante atenção, pois ali circulam pessoas que não estão autorizadas ao acesso às informações relacionadas ao trabalho. Essa atenção diz respeito à circulação de documentos escritos, material audiovisual e ao reconhecimento de pessoas participantes das videoconferências interpretadas.
38. Nesse sentido, a atenção aos aspectos éticos e de confidencialidade deve ser redobrada e a conduta ética se estende às pessoas que inevitavelmente compartilham o ambiente de trabalho de *home office*.
39. É comum nessa situação de trabalho remoto a solicitação de assinatura de um termo de confidencialidade, a fim de garantir às partes o sigilo referente às informações disponibilizadas via texto escrito, áudio e vídeo.



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS
Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters
Fundada em 22 de setembro de 2008
CNPJ 19.407.091/0001-02

Conclusão

40. Por fim, conforme exposto, aspectos relacionados ao local para a realização do trabalho, conectividade, equipamentos adequados, atenção para o enquadramento e visualização da interpretação, trabalho em equipe e confidencialidade são itens essenciais para a realização da interpretação em contexto remoto. A atenção para as recomendações apresentadas nesse documento pode cooperar para realização de uma atividade de interpretação adequada.

Essa nota técnica foi construída a cargo da Diretoria de articulação política da Febrapils, com a colaboração de:

Me. Tiago Coimbra Nogueira- Febrapils/ UFRGS

Me. Vânia de Aquino Albres Santiago- PUC-SP

Bel. Tom Mim Alves- IFSC

Me. Fernando de Carvalho Parente Jr. Febrapils/UFC

Me. Raphael Pereira dos Anjos Febrapils/UNB

ANEXO 03: FEBRAPILS - LIBRAS NA TV: CAMPANHA PELOS DIREITOS LINGUÍSTICOS DOS SURDOS NAS MÍDIAS TELEVISIVAS E VIRTUAIS



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

**#LIBRASNATV Campanha pelos Direitos Linguísticos dos Surdos nas
Mídias Televisivas e Virtuais**

Em um momento tão delicado como o que temos passado em virtude da pandemia do COVID-19, a Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais – FEBRAPILS em parceria com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, visando a luta pelos direitos linguísticos dos cidadãos surdos de todo o Brasil, adota total apoio e incentivo a campanha #LibrasnaTV que visa denunciar a falta de informação e conteúdo em Libras nas TVs abertas, Tvs fechadas e em demais mídias virtuais.

A Organização das Nações Unidas (ONU) coloca que o direito à informação e à comunicação é essencial para o exercício da cidadania. A informação é um direito imprescindível e deve ser oferecida igualmente para todos. Informação é poder, é uma forma de exercer a humanidade, de permitir a participação, a produção de discurso e opinião.

A Declaração Sobre os Direitos das Pessoas Pertencentes a Minorias Nacionais ou Étnicas, Religiosas e Linguísticas de 1992 preconiza o:

- Direito de gozar de sua própria cultura, de professar e praticar sua própria religião e utilizar sua própria língua em lugares públicos e particulares livremente e sem ingerência nem discriminação alguma.
- Direito de participar da vida cultural, religiosa, social, econômica e pública.
- Direito de tomar parte efetiva em nível nacional nos casos que são interessados.

Há uma hegemonia da língua portuguesa em todos os meios de comunicação e as comunidades surdas ficam completamente à deriva de qualquer acesso. No cenário atual, as poucas iniciativas demonstram o interesse de toda população em ter a Libras agregada nas diversas esferas sociais, em especial as comunidades surdas, que anseiam poder participar com dignidade daquilo que circula aos olhos de todos.



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

A falta de acesso de informação em língua de sinais na mídia já foi pontuada em documento publicado pela FEBRAPILS em março de 2020: [Ofício às Emissoras de Telecomunicação sobre ausência de Acessibilidade em Libras em transmissões sobre o Coronavírus](#). No texto solicitamos a tomada de providências no que diz respeito à transmissão de conteúdos informativos também em Libras (por meio da alocação de intérpretes, por exemplo), com intuito que transmissões e programas televisivos sejam acessíveis à comunidade surda brasileira.

Esse documento foi encaminhado para as redes televisivas de diversas emissoras regionais a fim de informar e orientar sobre a necessidade fundamental de se promover acesso de informação e conteúdo em Libras, atendendo significativa parcela da sociedade que necessita dessa atividade. Infelizmente a tentativa de comunicação não obteve sucesso.

Nesse contexto inicia-se assim uma ação voluntária da comunidade surda brasileira e da categoria de profissionais em reivindicar o acesso à informação e demais conteúdos nas redes televisivas e na mídia, por meio da campanha #LibrasnaTv que tem sido protagonizada por surdos, surdas e intérpretes de todas as regiões do país. A campanha consiste em tirar uma foto com a #LibrasnaTv questionando a falta de acessibilidade por parte das emissoras e demais produtores de conteúdo.

Informações salvam vidas! Onde está o direito dos surdos?





**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

Intérpretes voluntários que traduzem vídeos e reportagens, como o grupo Central em Libras Covid-19, tem forte atuação na tradução e disseminação de informação sobre a pandemia em Libras, um trabalho essencial que nasce do compromisso ético em contribuir com conteúdos de fontes seguras. Fortalecendo a campanha os tilsp voluntários colocam nos vídeos de suas traduções a #LibrasnaTV com diversas frases de reivindicação.

Infelizmente há pouquíssimos meios que fornecem acesso em Libras, o que é extremamente prejudicial aos surdos que ficam desamparados e desassistidos pela mídia. O não acesso a conteúdos tão importantes e essenciais, ainda mais no momento crítico que vivemos, fere os direitos linguísticos dos surdos que têm a Libras como seu meio de comunicação e expressão reconhecida pela Lei 10.436/2002. Além disso, a indisponibilidade de conteúdos em Libras se configura como “barreiras de comunicações e na informação”, conforme disposto no artigo 2º, parágrafo 2º, item “d” da Lei 10.098/2000 – Lei de Acesso à Informação.



Apoiadora – Minas Gerais e Sara Campos – Pará



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

A Federação conta com o apoio de todos da comunidade surda, categoria de profissionais tradutores intérpretes de Libras, familiares e amigos de surdos, assim como aprendizes de Libras, para participar da campanha #LibrasnaTV. O objetivo é chamar a atenção do poder público quanto ao descumprimento da viabilidade de acesso a informação para as pessoas surdas e atenção das redes de TV, assim como demais mídias, para a necessidade de cumprir um mínimo de conteúdo em Libras, resguardando os direitos linguísticos das comunidades surdas ao acesso à informação em sua língua.



Isabelle Dias – Paraná e Murilo Rocha – Bahia

Para o cientista da comunicação Joan Ferrés é mais fácil enganar uma pessoa desinformada do que uma pessoa com alguma informação porque a sem informação não possui dados para orientar suas decisões. O pesquisador Dr. Wolney Gomes Almeida abordando o tema sobre “a televisão e a comunidade surda” explica que tratar desse assunto que diz respeito ao acesso à informação e, conseqüentemente, à construção das imagens sociais oportunizadas aos Surdos para que estes tenham decisões conscientes, e não excludentes no meio social. Conforme ainda aponta Wolney, se os Surdos dispõem de uma língua completa e legitimada com direitos garantidos, espera-se que esse público exerça seu direito à informação e ao lazer de forma real.



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**
Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters
Fundada em 22 de Setembro de 2008
CNPJ 19.407.091/0001-02

Assim, entendemos que o acesso à informação é para todos e que a não garantia dos direitos linguísticos dos surdos pode acarretar prejuízos e danos irreparáveis para toda a sociedade. Esperamos que no coletivo possamos nos mobilizar para que essa pauta seja atendida e assim mais um passo seja dado nas conquistas de toda comunidade surda.



**ANEXO 04: FEBRAPILS - AUSÊNCIA DE TILS EM AULAS EAD NAS REDES
PÚBLICAS DE ENSINO**



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA-INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

Brasil, 13 de abril de 2020.

NOTA PÚBLICA SOBRE A AUSÊNCIA DE TRADUTORES E/OU INTÉRPRETES DE LIBRAS EM AULAS EAD NAS REDES PÚBLICAS DE ENSINO

A Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais – Febrapils – é uma entidade profissional autônoma, sem fins lucrativos ou econômicos, fundada em 22 de setembro de 2008. Temos a função de orientar, apoiar e consolidar as Associações de Tradutores, Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais (APILS), buscando realizar um trabalho de parceria em defesa dos interesses da categoria de tradutores, intérpretes e guia-intérpretes de língua de sinais (TILS).

Nossa Federação tem como norte de trabalho três eixos: a formação inicial e continuada dos Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) e Guia-intérpretes (GI); a profissionalização para refletir sobre a atuação dos TILS e GI à luz do código de conduta e ética e o engajamento político dos TILS e GI para construir uma consciência coletiva. Esta federação tem uma parceria firmada com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) e trabalham juntas para promover, esclarecer e defender ações de acessibilidade linguística e cultural oferecida às pessoas surdas e surdocegas.

Nos posicionamos em defesa dos direitos das pessoas surdas e surdocegas, especialmente em relação à garantia de seus direitos linguísticos, de acessibilidade e de acesso à educação. Para tanto, elaboramos esta nota no intuito de ressaltar as garantias fundamentais das pessoas surdas para que a sua educação seja assegurada em igualdade com os demais cidadãos brasileiros.

O descumprimento de normas de acessibilidade por parte do sistema educacional da rede pública resulta no desrespeito **aos direitos linguísticos de estudantes surdos ao não prover tradutores e/ou intérpretes de Libras para as aulas EAD disponibilizadas em canais virtuais.**



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

Em relação a acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência, a partir da Constituição Federal Brasileira, diversas têm sido as legislações e normativas implementadas em prol da proteção individual e coletiva, da garantia de direitos, da igualdade e da não discriminação destas pessoas.

Um dos mais importantes instrumentos na defesa de direitos das pessoas com deficiência, incluindo pessoas surdas e surdocegas, é a Lei Federal nº 13.146/2015, que consiste na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Em seu artigo 3º, inciso IV, esta Lei estabelece como **barreiras**:

qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que **limite ou impeça a participação social da pessoa**, bem como **o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade**, [...] entre outros.

Ainda, no mesmo artigo, em seu inciso V, tem-se como **comunicação**:

forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, **inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras)** [...].

Além disso, conforme disposto na mesma Lei, em seu artigo 8º:

É dever do Estado, da **sociedade** e da **família** assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, **a efetivação dos direitos referentes** à vida, à saúde, [...] **à educação**, [...] à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico.

É fato que surdos e surdocegos brasileiros se deparam com diversas barreiras em diferentes espaços da sociedade. Considerando que a maior parte desta população têm a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como seu “meio legal de comunicação e expressão”, reconhecida pelo artigo 1º da Lei Federal nº 10.436/2002, entendemos que os obstáculos enfrentados, principalmente pela privação linguística e barreiras comunicacionais, são contrários ao gozo, fruição e devida efetivação de seus direitos fundamentais elencados pela Constituição Federal, complementada, com status de emenda constitucional, pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Decreto nº 6.949/2009).

Neste sentido, destacamos que, sendo a **Educação** um dos **Direitos Fundamentais** previstos pela Constituição, e em consonância com o excerto da Lei nº 13.146/2015 exposto acima, reforçamos que cabe ao poder público garantir a promoção deste direito às pessoas



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

surdas, em igualdade com os demais, **removendo quaisquer barreiras que possam ser impostas**, seja na modalidade de educação presencial ou à distância.

Tendo em vista as barreiras enfrentadas pelos estudantes surdos e surdocegos, entendemos que o profissional tradutor e/ou o intérprete, cuja profissão é regulamentada pela Lei Federal nº 12.319/2010, se configura como um dos meios de **garantir a acessibilidade**, promovendo o acesso à educação. Portanto, compreendemos que a ausência de TILS e GI no âmbito educacional, em qualquer nível ou modalidade que seja, limita a plena participação dos surdos e surdocegos na sua formação escolar acadêmica, **violando direitos humanos e fundamentais**, ao não garantir tratamento igualitário a estes educandos.

Com bases nos argumentos e previsões legais expostas acima, esta Federação recomenda:

1. Aos organizadores das aulas EAD das Secretarias de Educação, que insiram tradutores e/ou intérpretes de Libras em todas as gravações veiculadas nos canais dispostos pela instituição.
2. Que planejem com antecedência questões de acessibilidade, incluindo previsão de recursos e/ou parcerias que garantam serviço de tradução, interpretação. No caso de estudantes surdocegos com baixa visão, que seja discutida com os profissionais sobre ampliação de tela.
3. Que as Secretarias de Educação forneçam canal(is) de comunicação acessível(is) para o atendimento de pessoas surdas que irão participar das aulas e classes à distância, assegurando os meios e recursos para tal efetivação.
4. Que a equipe de profissionais TILS e/ou GI contratados tenha a oportunidade de planejar prévia e adequadamente sua tradução para a Libras, tendo acesso ao conteúdo a ser traduzido com tempo hábil para preparação e estudo.
5. Que se dê preferência a tradutores com experiência em interpretação EAD e, se possível, a contratação de tradutores surdos para auxiliar nas interpretações e revisão dos materiais de aula a serem traduzidos.
6. Que o tamanho da janela de inserção assim como a iluminação siga as normas da Norma Brasileira (NBR) 15.2901 e a Nota Técnica N° 01/2017 da FEBRAPILS que dispõe sobre a [“Atuação do Tradutor, Intérprete e Guia-intérprete de Libras e Língua Portuguesa em materiais audiovisuais, televisivos e virtuais”](#).



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

7. Que as Escolas Bilíngues para Surdos tenham seu espaço garantido na produção de aula EAD e a veiculação em canais de acesso, no sentido de garantir material adequado que contemple a **língua de sinais** e a ludicidade da **pedagogia visual** para surdos.

A Febrapils se coloca à disposição para dialogar, prestar mais esclarecimentos, ou, ainda, colaborar no que for necessário.

Atenciosamente,



febrapils.dialogos@gmail.com

dirsul.febrapils@gmail.com

Atuaram na produção deste documento:

Hanna Beer Furtado - Tradutora, intérprete. Diretora Regional Sul - Febrapils

Jonatas Rodrigues Medeiros - Tradutor, intérprete. Diretor Regional Sul Adjunto -Febrapils

**ANEXO 05: DIRETRIZES PARA A PROMOÇÃO DO ACESSO À INFORMAÇÃO
SOBRE SAÚDE PÚBLICA NA(S) LÍNGUA(S) DE SINAIS NACIONAL(IS)
DURANTE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS**



Legal Seat – Helsinki, Finland

**WORLD FEDERATION OF THE DEAF
WORLD ASSOCIATION OF SIGN LANGUAGE INTERPRETERS**

An International Non-Governmental Organisation in official liaison with ECOSOC, UNESCO, ILO, WHO and the Council of Europe. WFD was established in Rome in 1951.

PO Box 65, 00401 Helsinki, FINLAND

www.wfdeaf.org

Diretrizes para a promoção do acesso à informação sobre saúde pública na(s) língua(s) de sinais nacional(is) durante a Pandemia do Coronavírus¹

Mais de 70 milhões de surdos em todo o mundo têm direito a acessar informações sobre a pandemia do Coronavírus em sua(s) língua(s) de sinais nacional(is)

Pontos principais:

- Faz-se necessário, em todas as situações, que sejam contratados **intérpretes ou tradutores de línguas de sinais** qualificados a nível nacional.
- **Informações deverão ser disponibilizadas em todos os canais midiáticos e em todas as plataformas.** Se a versão em língua de sinais estiver disponível somente em alguns canais (por exemplo, televisão a cabo), ou somente em plataformas virtuais, corre-se o risco de que os surdos percam atualizações importantes em momentos críticos.

Neste documento, delineamos as melhores práticas para a promoção do acesso em língua(s) de sinais em diferentes contextos.

¹ Tradução para o português realizada por Hanna Beer Furtado - tradutora, intérprete. Diretora da Febrapils: Região Sul.

Coletivas de imprensa nacionais ou transmissão de informações emergenciais com a presença de intérprete²:

1. O intérprete de língua de sinais deverá estar fisicamente presente (sempre que possível) e se posicionar ao lado do locutor, de frente para o público e devidamente enquadrado na imagem. Isso assegura o acesso visual ao intérprete em múltiplos canais e plataformas.
2. O intérprete deverá aparecer na imagem em tela cheia a todo tempo, sem que seja coberto por textos ou imagens.
3. As transmissões poderão ser multiplataforma, mas sempre deverão ser transmitidas nos principais canais de TV aberta, a fim de garantir amplo acesso por parte do público.



Transmissão de notícias (especiais) ao vivo com intérprete em estúdio:

1. Posicionamento e tamanho do intérprete:
 - a. Preferencialmente: intérprete na tela (usando chroma-key/fundo verde); o tamanho do intérprete deverá corresponder a pelo menos metade da tela.
 - b. Alternativa: intérprete em janela, correspondendo a 25% da tela, mas separado da real imagem na tela.
2. Transmissões poderão ser multiplataforma, mas sempre deverá haver transmissão nos principais canais de TV aberta, a fim de garantir amplo acesso ao público.



² Image 1: South Korea. Image 2: Costa Rica. Image 3: UK. Image 4: Austria.

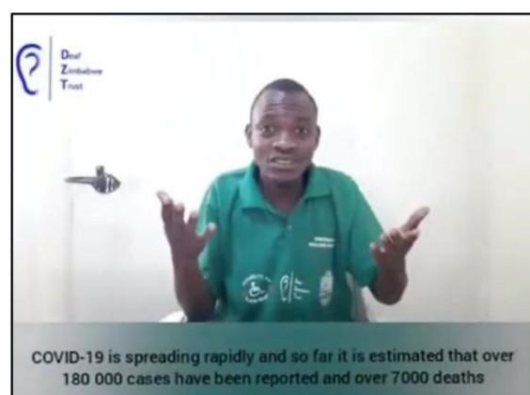
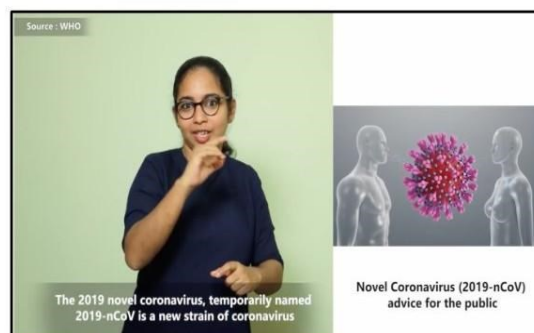
Declarações ministeriais ao vivo³:

Intérpretes de línguas de sinais não costumam estar presentes nos órgãos governamentais quando há pronunciamentos dos Ministros sobre informações atualizadas. Neste caso, as diretrizes para transmissão de notícias ao vivo deverão ser seguidas, com o intérprete sendo transmitido também ao vivo na mesma tela, juntamente com o locutor. Isso é frequentemente transmitido por meio de plataforma virtual governamental.



Vídeos informativos sobre segurança pública:

1. É da responsabilidade das autoridades públicas assegurar que as informações acerca do coronavírus sejam disponibilizadas diretamente na(s) língua(s) de sinais nacional(is) do país, sendo preferencialmente elaborados nessa(s) língua(s) - e não a tradução de um texto escrito ou falado.
2. Associações nacionais de surdos devem ser contactadas a fim de contribuírem com sua expertise e para guiarem o desenvolvimento destes vídeos.
3. Uma boa prática é que seja um apresentador surdo a informar sobre o vírus e sobre as medidas de segurança, de modo que a informação seja passada por um nativo da língua de sinais nacional. Organizações de saúde voltadas para surdos também podem aconselhar sobre essa questão (acompanhe wfdeaf.org/coronavirus para informações atualizadas sobre vídeos em diferentes países).



³ Image Images 5 & 6: UK. 7: India. Image 8: Zimbabwe. Links to all image references can be found at www.wfdeaf.org/coronavirus

4. Estes vídeos deverão ser publicados em websites nacionais e de saúde pública, juntamente com outras informações sobre o coronavírus.
5. Os vídeos também deverão ser legendados na(s) língua(s) nacional(is) do país.
6. Imagens visuais deverão ser usadas sempre que possível para apoiar a informação transmitida.
7. Deverão ser adicionadas informações sobre como os surdos podem acionar as autoridades de saúde locais ou nacionais diretamente em língua de sinais ou por meio de serviços de interpretação emergenciais *online*, caso haja dúvidas.

Mais informações sobre Boas Práticas poderão ser encontradas em:

- [WFD Position Paper on Accessibility: Sign Language Interpreting and translation and technological developments](#) (Posicionamento da WFD sobre acessibilidade: interpretação e tradução de línguas de sinais e desenvolvimento tecnológico).
- [WASLI and WFD Guidelines: Communication during natural disasters and other mass emergencies](#) (Diretrizes da WASLI e WFD: Comunicação durante desastres naturais e emergências em massa).
- [WFD-WASLI Joint Statement on Access to Health Services & Interpreter Occupational Health During the Coronavirus \(COVID 19\) Containment Efforts](#) (Declaração Conjunta da WFD e da WASLI sobre o acesso a serviços de saúde e a saúde ocupacional dos intérpretes durante os esforços de contenção do coronavírus (COVID 19)).

Para mais notícias atualizadas, consulte www.wfdeaf.org/coronavirus .

Acknowledgements. These Guidelines were compiled by Maya de Wit, Jemina Napier, and Joseph Murray with input from Alexandre Bloxs and Christopher Stone. Thanks to Maya de Wit, Jemina Napier and Alda Batory for assistance with sourcing the images used in this document.

**ANEXO 06: DECLARAÇÃO CONJUNTA DA WFD E DA WASLI SOBRE O ACESSO
A SERVIÇOS DE SAÚDE, E SOBRE A SAÚDE OCUPACIONAL DOS
INTÉRPRETES DURANTE OS ESFORÇOS DE CONTENÇÃO DO
CORONAVÍRUS**



DECLARAÇÃO CONJUNTA DA WFD E DA WASLI SOBRE O ACESSO A SERVIÇOS DE SAÚDE E SOBRE A SAÚDE OCUPACIONAL DOS INTÉRPRETES DURANTE OS ESFORÇOS DE CONTENÇÃO DO CORONAVÍRUS (COVID-19)

¹O recente surto do coronavírus (Covid-19) é motivo de preocupação tanto para as autoridades da Saúde quanto para os cidadãos. Frente a isso, a resposta dos governantes deve considerar todos os membros da população, incluindo os surdos que se comunicam por meio da língua de sinais. A WFD e a WASLI lembram a todos os governos do compromisso que firmaram na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD), que visa assegurar o pleno acesso à informação, bem como aos serviços dispostos nos artigos 9 e 21 da CDPD.

Faz-se imprescindível que todas as campanhas de saúde de caráter governamental contem com a(s) língua(s) de sinais do país. Anúncios televisivos (sejam eles ao vivo ou gravados) relacionados ao coronavírus deverão ser interpretados para a(s) língua(s) de sinais em tempo real, de modo que o intérprete apareça de forma clara e visível na tela durante toda a transmissão.

A WFD e a WASLI se unem às associações nacionais de surdos em todo o mundo para exigir o acesso a conteúdos informativos relacionados ao coronavírus diretamente em língua(s) de sinais. Informações divulgadas ao público por organizações de saúde e entidades governamentais deverão ser oferecidas na(s) língua(s) de sinais nacional(is). Conforme as boas práticas previstas pelo artigo 21 da CDPD, entidades governamentais têm a obrigação de prover informações diretamente em línguas de sinais, não dependendo somente de sua tradução. Entidades globais de saúde também devem fornecer seus conteúdos de informação geral e de educação ao público diretamente em Sinais Internacionais e, caso tratem de algum contexto nacional específico, na(s) principal(is) língua(s) de sinais nacional(is).

A WASLI e a WFD levam a sério a saúde e a segurança dos intérpretes de línguas de sinais e se comprometem a promover padrões de trabalho em todas as esferas de atuação profissional. A atual situação do coronavírus nos lembra da necessidade de garantir boas práticas tanto no acesso à interpretação

¹ Tradução para o português realizada por Hanna Beer Furtado - tradutora, intérprete. Diretora da Febrapils: Região Sul.

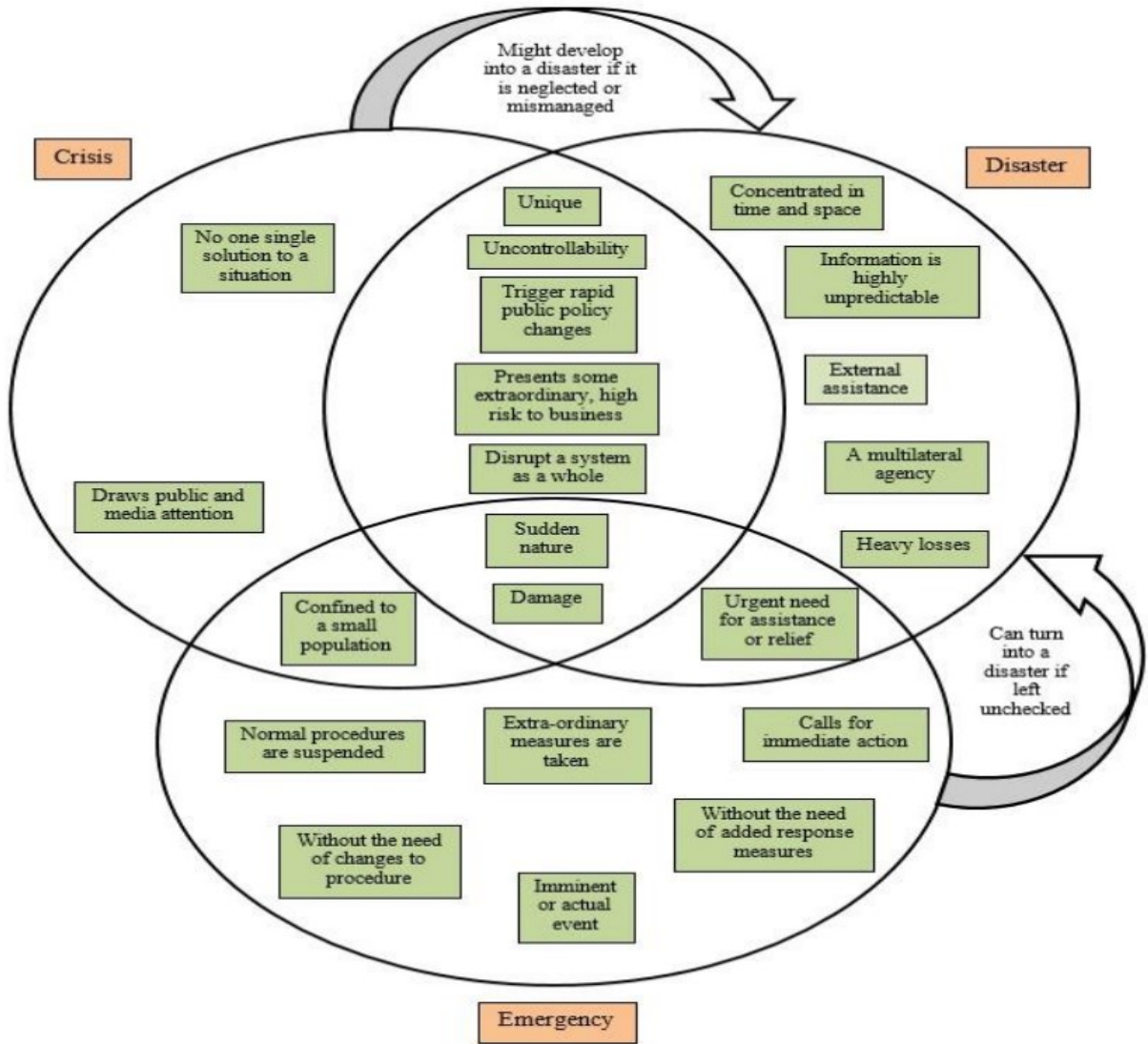
de línguas de sinais quanto na saúde e na segurança dos intérpretes de línguas de sinais que integram e atuam nos sistemas de saúde em todo o globo.

A WASLI e a WFD incentivam os intérpretes de línguas de sinais e os surdos a trabalhem juntos em busca de soluções que garantam um efetivo acesso à informação e aos sistemas de saúde, sem que os intérpretes e os recursos de interpretação (muitas vezes limitados) sejam colocados em risco. Intérpretes de línguas de sinais que trabalhem em contextos de emergência e de saúde deverão receber as mesmas proteções de segurança e de saúde que os demais profissionais que lidam com o Covid-19. Poderá haver alternativas adequadas à visualidade, tais como o uso de máscaras transparentes pelo intérprete ou sua separação por meio de uma tela transparente, de modo que suas expressões faciais e o movimento labial permaneçam visíveis, visto que constituem elementos gramaticais importantes das línguas de sinais. Caso seja favorável ao surdo e esteja em consonância com as práticas estabelecidas pelo *WFD Position Paper on Accessibility: Sign Language Interpreting and translation and technological developments* (Posicionamento da WFD sobre acessibilidade: interpretação e tradução de línguas de sinais e desenvolvimento tecnológico), poderá ser realizada interpretação remota/à distância.

Para mais informações sobre as boas práticas para o acesso à interpretação, favor consultar o *WFD Position Paper on Accessibility: Sign Language Interpreting and translation and technological developments* (Posicionamento da WFD sobre acessibilidade: interpretação e tradução de línguas de sinais e desenvolvimento tecnológico).

A WFD e a WASLI seguirão monitorando esta situação e, caso necessário, emitirão orientações adicionais.

ANEXO 07: DIAGRAM FOR DISASTER, CRISIS AND EMERGENCY



Fonte: Al-Dahash et al. (2016, p. 1197)

ANEXO 08: SURVEYS IN INTERPRETING STUDIES

Study	Methodology	Cases/Constructs	Data collection methods	Forms of data	Data analysis
Bischoff & Loutan (2004)	survey	<ul style="list-style-type: none"> healthcare interpreting use of interpreting service 	<ul style="list-style-type: none"> sampling: all internal medicine; all psychiatry questionnaire 	questionnaire item scores	descriptive statistics
Russo (2005)	survey	<ul style="list-style-type: none"> film interpreting user preference & evaluation of interpreting 	(from 2 previous studies) <ul style="list-style-type: none"> questionnaire 	questionnaire item scores	descriptive statistics
Shaw & Hughes (2006)	survey	<ul style="list-style-type: none"> sign language interpreting student & faculty perception of success in interpreter training 	questionnaire	questionnaire item scores	descriptive statistics
Lee (2007)	survey	<ul style="list-style-type: none"> telephone interpreting interpreter perception of profession 	phone interviews	researcher notes of participant responses	<ul style="list-style-type: none"> descriptive statistics coding
Lee (2009)	survey	<ul style="list-style-type: none"> court interpreting role of interpreter quality of interpreting 	questionnaire	questionnaire item scores	descriptive statistics
Xiao & Yu (2009)	survey	status of sign language interpreting	<ul style="list-style-type: none"> questionnaires interviews (face-to-face; phone) 	questionnaire item scores	descriptive statistics

Fonte: Liu (2011, p. 116 e 117)